

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

SILVANA SOBREIRA DE MATOS

**A BEATA CHIARA LUCE E AS TRANSFORMAÇÕES E/OU
ATUALIZAÇÕES NA SANTIDADE CATÓLICA**

**RECIFE
2014**

SILVANA SOBREIRA DE MATOS

**A BEATA CHIARA LUCE E AS TRANSFORMAÇÕES E/OU ATUALIZAÇÕES NA
SANTIDADE CATÓLICA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roberta Bivar Carneiro Campos

**RECIFE
2014**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

M433b Matos, Silvana Sobreira de.

A beata Chiara Luce e as transformações e/ou atualizações na santidade católica / Silvana Sobreira de Matos. – 2014.

243 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Roberta Bivar Carneiro Campos.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em Antropologia, 2014.

Inclui referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Catolicismo. 3. Santidade. 4. Juventude. I. Campos, Roberta Bivar Carneiro (Orientadora). II Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-201)

SILVANA SOBREIRA DE MATOS

**A BEATA CHIARA LUCE E AS TRANSFORMAÇÕES E/OU ATUALIZAÇÕES NA
SANTIDADE CATÓLICA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado no
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
da Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do título de
Doutora em Antropologia.

Aprovada em 25 / 02 / 2015

Banca Examinadora

Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos
Orientadora
Universidade Federal de Pernambuco

Dra. Misia Lins Reesink
Universidade Federal de Pernambuco
Examinador Interno

Dr. Bartolomeu Tito Figuerôa de Medeiros
Universidade Federal de Pernambuco
Examinador Interno

Dra. Maristela Oliveira de Andrade
Universidade Federal da Paraíba
Examinador Externo

Dra. Cecília Loreto Mariz
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas para agradecer! Mas de início digo a todos, muito obrigado, sem a ajuda de vocês tudo seria muito mais difícil. Primeiramente gostaria de agradecer a minha família, sem a ajuda preciosa de meus pais Maria Zélia Sobreira de Matos e Francisco José Pereira de Matos, e dos meus irmãos Luciana Sobreira de Matos e Francisco José Sobreira de Matos este doutorado não seria possível.

Meu agradecimento especial a minha orientadora Roberta Bivar Campos, que me ajudou não somente com as questões teóricas e metodológicas da tese, mais também com as questões cotidianas da vida e da existência. Te tenho hoje como uma grande amiga. Sem sua paciência e encorajamento nada disso seria possível. Muito obrigada! Não menos importante foi a contribuição da professora Misia Lins Reesink que fez parte não somente da banca de projeto como está agora na minha defesa de tese. Agradeço todas as conversas e ajuda desde o início dessa jornada.

Este agradecimento se estende também aos demais componentes de minha banca de doutorado, a professora Cecília Loreto Mariz, que mais uma vez está comigo numa nova defesa, ao professor Bartolomeu Tito Figueiroa de Medeiros e a professora Maristela Oliveira de Andrade. Agradeço ainda ao meu co-orientador em Roma, o professor Roberto Cipriani, que me ajudou imensamente tanto nas questões teóricas como práticas do trabalho de campo. Igualmente agradeço aos professores e interlocutores do Master in Sociologia na Roma Tre que me ajudaram imensamente com esta tese, são eles: Alesssandro Faasanella, Massimo Rosati, Marina D'Amato, Alessandro Ferrara, Maurizio Bonilis, Vittorio Cotesta, Michel Maffesoli e principalmente a Cecilia Costa. Agradeço também ao Movimento dos Focolares no Brasil e em Roma e a todos os entrevistados. Aos amigos que me acolheram em Roma (Roberto Falvo, Alessandro Falvo, Chabana Bagas, Mariana Mirable, Giusi Orabanona, Elisa Allen, Sara Massarini, Simona Parisi. Aos amigos do NERP, a Lúcio Mustafá, Frederico Feitosa.

Ao PPGA, alunos, coordenadores, professores e técnicos. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de pesquisa e ao Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) que concedeu a bolsa de estudos em Roma. Meu muito obrigado a todos!

“Será que alguém já viu um santo alegre?” (Émile Cioran)

RESUMO

Esta tese se insere na perspectiva já iniciada por alguns autores sobre a análise propriamente dita dos santos e beatos católicos e como estes são usados como exemplos para se falar das novas perspectivas ou reatualizações dos modelos de santidade propostos pelo Vaticano. Dentre estas perspectivas, iremos priorizar aquela que trata das beatificações e canonizações dos jovens. Desta forma temos como objeto de estudo a análise da beatificação de uma jovem italiana chamada Chiara Luce. A ideia de analisar a sua beatificação surgiu quando em trabalho de campo com membros do Movimento dos Focolares, seu nome era sempre lembrado como exemplo que a santidade é possível para os jovens. Aprofundado o interesse por Chiara Luce, descobrimos diversas informações sobre sua biografia através de livros, inúmeros sites e redes de relacionamento. Estas biografias partem de contextos distintos sobre a santidade de Chiara. Para alguns, Chiara teve uma vida normal e começou a dar sinais de santidade quando descobriu que estava com um câncer raro. Para outros biógrafos, a santidade de Chiara começou a se apresentar já em sua infância. Tendo Chiara como ponto de partida, esta tese faz ainda um apanhando histórico sobre a regulamentação da santidade através dos tempos, ou seja, desde a sua forma mais espontânea, passando pelo começo de sua rotinização e burocratização com a criação da Congregação dos Ritos em 1588 pelo papa Sisto V (1585-1590) enfocando ainda as mudanças ocorridas com o Código de Direito Canônico de 1917, com o Concílio Vaticano II, até chegar as normas atuais advindas do papado de João Paulo II (1978-2005) e que foram atualizadas por Bento XVI (2005-2012). Com as mudanças operadas por João Paulo II, no que diz respeito as regras de beatificação e canonização, e que são seguidas por Bento XVI, cresce exponencialmente o número de santos e há por assim dizer uma diversidade maior de candidatos, tanto geograficamente como nos diversos estados de vida(casado, solteiro,clérigo);é analisado por nós em um capítulo a parte. Dentre estas mudanças, estão o número cada vez maior de santos e beatos jovens, sejam eles mártires ou confessores, havendo ainda um esforço sistemático por parte destes dois papas na santificação juvenil; que também é analisado em outro capítulo. Por fim, dentre estes diversos jovens, escolhemos Chiara Luce para analisar de forma mais sistemática como é construída a santidade, buscando ainda analisar os novos modelos e/ou reatualizações da santidade propostos pelo Vaticano atualmente.

Palavras-chave: Catolicismo. Santidade. Juventude

ABSTRACT

This thesis fits into perspective already initiated by some authors on the actual examination of the saints and beatified Catholics and how these are used as examples to talk about the new prospects or updates models of holiness proposed by the Vatican. Among these perspectives, we will prioritize that which deals with the beatification and canonization of young people. Thus, we have as a central object of study to analyze the beatification of an Italian girl named Chiara Luce. The idea of examining his beatification came when on fieldwork with members of the Focolares Movement, her name was always remembered as an example that holiness is possible not only for the young . In deepening interest in Chiara Luce, we found various information about her biography through books, numerous websites and social networks. These biographies depart from different contexts about the sanctity of Chiara. For some, Chiara had a normal life and began to show signs of holiness when she knew she had a rare cancer. For other biographers, the sanctity of Chiara began to present itself in her infancy. Taking Chiara as a starting point, this thesis also makes a historic gathering on the regulation of holiness through time , that it's , from the most spontaneous way, crossing the threshold of their routinization and bureaucratization with the creation of the Congregation of Rites in 1588 by Pope Sixtus V (1585-1590) still focusing on the changes of the Code of Canon Law of 1917 , with Vatican II , until the current standards coming from the papacy of John Paul II (1978-2005) and were updated by Benedict XVI (2005-2012). With the changes produced by John Paul II as regards the rules for the beatification and canonization, which are followed by Benedict XVI , exponentially growing number of saints and there is as it were a greater diversity of candidates, both geographically and in different states of life that are analyzed by us in a separate chapter. Among these changes are the increasing number of young saints and beatified, whether martyrs or confessors, and there a systematic effort on the part of these two popes in juvenile sanctification which is discussed in another chapter. Finally, among many young people, we chose Chiara Luce to examine in a more systematic way her constructed holiness, still trying to analyze the new models and/or updates of holiness proposed by the Vatican today.

Keywords: Catholicism. Holiness. Youth.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem de Beatificações entre 1903 e 2013.....	62
Gráfico 2- Descrição por Estado de Vida (1978-2013).....	99
Gráfico 3 - Gênero das beatificações e canonizações (1978- 2013).....	100
Gráfico 4 -Continente dos Beatos e Santos (1978-2013).....	102
Gráfico 5 -Divisão entre Mártires e Confessores (1978-2013).....	109
Gráfico 6 -Beatificações e Canonizações de Leigos Mártires (1978-2013).....	114
Gráfico 7 - Beatificações e canonizações singulares e coletivas de leigos mártires (1978- 2013)	115
Gráfico 8 - Beatificações e Canonizações de leigos confessores (1978-2013) Total: 51.....	119
Gráfico 9 - Gênero das Beatificações e Canonizações de leigos confessores (1978- 2013)...	120
Gráfico 10 - Nacionalidade dos Beatos e Santos leigos confessores: Total 51.....	122
Gráfico 11- Confessores e mártires jovens (1978-2013).....	153
Gráfico 12- Século em que viveram os beatos e santos jovens (1978-2013).....	154
Gráfico 13 - Faixa etária dos beatos e santos jovens (1978-2013).....	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Processos de canonização ordenados e efetuados entre 1198 – 1431.....	41
Tabela 2 - Processos de canonização efetuados entre os séculos XVI e XVIII.....	49
Tabela 3 - Número de beatificações entre 1903-2013.....	59
Tabela 4 - Intervalo entre a morte do candidato e sua Beatificação.....	60
Tabela 5 - Número de Canonizações entre 1592 e 2013.....	61
Tabela 6 -Intervalo entre a morte do candidato e sua Canonização.....	63
Tabela 7 - Canonizações e Beatificações dos papas do CDC de 1917.....	75
Tabela 8 - Locais das cerimônias de Beatificação e Canonização de João Paulo II.....	101
Tabela 9 - Beatificações de João Paulo II (1978- 2005).....	244
Tabela 10 - Canonizações de João Paulo II (1978-2005).....	245
Tabela 11 - Beatificações de Bento XVI (2005-2013).....	246
Tabela 12 - Canonizações de Bento XVI (2005-2013).....	247

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	15
3	CATOLICISMO, JUVENTUDE E SANTIDADE.....	19
3.1	A santidade através dos tempos.....	26
4	SURGIMENTO E BUROCRATIZAÇÃO DAS CANONIZAÇÕES: DO SÉCULO V A PROMULGAÇÃO DO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO DE 1917.....	30
4.1	Procedimentos de canonização entre os séculos V e X: a época dos mártires.....	31
4.2	O início do controle do papado sobre as canonizações entre os séculos XI e XV.....	35
4.3	Os procedimentos de canonização entre os séculos XVI e XVIII e o controle absoluto do papado.	42
4.4	Beatificação e canonização no Código de Direito Canônico de 1917.....	49
4.4.1	Os atores do processo ordinário e apostólico.....	52
4.4.2	O postulante e/ou requerente da causa	52
4.4.3	Relatores e promotores da fé	53
4.4.4	Notários e advogados de defesa	53
4.5	As regras dos processos de beatificação e canonização no CDC de 1917.....	54
4.5.1	O processo ordinário: a fase diocesana	54
4.5.2	O processo apostólico: a fase romana.....	55
5	CONCÍLIO VATICANO II E SUA INFLUÊNCIA NAS REGRAS ATUAIS DE CANONIZAÇÃO.....	67
5.1	O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da igreja.....	67
5.2	Paulo VI e a Criação da Congregação para as Causas dos Santo.....	71
5.3	Procedimentos atuais relativos à legislação para as causas dos beatos e santos.....	77
5.3.1	Documentos de João Paulo II relativos à legislação para as causas dos beatos e santos.....	77
5.3.2	Como se faz um santo e beato a partir da legislação de João Paulo II.....	80
5.4	Breve explanação sobre a liturgia nas celebrações de beatos e santos.....	87
6	A POLÍTICA DE CANONIZAÇÃO E BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II E	

	BENTO XVI	95
6.1	Notas sobre as fontes	95
6.2	Análise comparativa entre as beatificações e canonizações de João Paulo II e Bento XV	97
6.2.1	Dados gerais	97
6.2.2	Gênero da santidade	99
6.2.3	Geografia da santidade	101
6.2.4	Os mártires	107
6.2.5	Os leigos	110
6.2.5.1	<i>Os leigos mártires</i>	113
6.2.5.2	<i>Os leigos confessores</i>	116
6.3	Algumas considerações sobre as canonizações e beatificações em João Paulo II e Bento XVI	124
7	JUVENTUDE E SANTIDADE	129
7.1	Os jovens no centro da Igreja Católica: evangelização e pedagogia da santidade	132
7.2	O chamado universal a santidade: quem são as exemplaridades juvenis?	143
7.3	Dados gerais sobre beatos e santos jovens nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI	152
7.4	Modelos de santidade juvenis nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI	155
7.4.1	A Exemplaridade dos jovens mártires	155
7.4.2	A exemplaridade dos jovens confessores	174
8	A BEATA CHIARA LUCE COMO MODELO DE SANTIDADE JUVENIL	183
8.1	Breve biografia de Chiara Luce	184
8.2	A construção da santidade de Chiara Luce	193
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
	REFERÊNCIAS	217
	APÊNDICE A - TABELAS	228
	ANEXO A - FOTOGRAFIAS	232

1 INTRODUÇÃO

Muito se têm comentado sobre o retorno/recomposição do religioso nas sociedades atuais.

Após longos anos, nos quais a tendência dominante nas ciências sociais era de observar a religião a partir de um processo que findava necessariamente em secularização, muitos autores têm se questionado se vivemos de fato num mundo desencantado.

Na perspectiva da secularização a religião apareceria como um “revival” e/ou “sobrevivências”. Tais experiências religiosas emergiriam, desta forma, na sociedade contemporânea nos espaços ainda não ocupados pela racionalização moderna, ou ainda como um “retorno do recalcado” que aconteceria em períodos alternados nos quais os projetos de uma sociedade moderna teriam fracassado.

Contudo, a perspectiva acima mencionada de pensar a secularização como processo irreversível ou ainda como “sobrevivências” está sendo atualmente questionada quando observamos inúmeros fatos que estão no coração do debate público como o uso do véu das jovens muçulmanas, o aumento progressivo de instituições religiosas no espaço público, ou ainda quando controvérsias sobre o ensino religioso no Brasil se fazem presentes.

Para alguns autores, a exemplo de Danièle Hervieu-Léger (1997), tais teorias sobre a secularização começaram a ser questionadas quando, nos anos de 1970, pesquisas empíricas demonstraram surtos religiosos tanto nas igrejas estabelecidas como nos Novos Movimentos Religiosos. Para a autora, seria mais interessante pensar a sociologia da modernidade e da religião a partir de processos contraditórios, em que se observa tanto tendências secularizantes como dessecularizantes que juntas demonstram a natureza intrinsecamente contraditória do próprio processo de secularização.

Neste processo de transformação e recomposição do religioso nas sociedades atuais no qual observamos processos secularizantes e dessecularizantes, o catolicismo como aponta Mariz (2006b), também sofreu intensas modificações. Ao passo que há uma perda relativa de fiéis, esta religião apresenta uma diversidade de campanhas e modos de ser católico. As canonizações e beatificações, elementos estes intrinsecamente atrelados a constituição do catolicismo, também se modifica e se reatualiza.

Uma das intenções nesta tese foi percorrer os caminhos da santidade através de uma análise antropológica, sociológica e histórica que nos desse elementos para se entender como a santidade corresponde a modelos sociais de determinadas épocas e conjunturas. Para tanto, através de uma análise das regras e procedimentos de beatificação e canonização que o

Vaticano utilizou ao longo de sua história, poderemos entender os modelos de santidade de cada época e, mais ainda, observar o que há de específico e recorrente nas santificações mais recentes.

Como veremos no decorrer desta tese, João Paulo II buscará colocar em prática as premissas do Concílio Vaticano II, no que tange “a vocação de todos à santidade.” Esta ideia contida na “Constituição Dogmática *Lumen Gentium*” fez com que João Paulo II mudasse não apenas as regras e procedimentos de canonização e beatificação, mas, sobretudo, este papa foi responsável por uma maior diversidade de candidatos a santidade que tradicionalmente era ofertada a europeus, homens, clérigos, solteiros e adultos.

Assim, no pontificado de João Paulo II, observaremos ao lado das canonizações tradicionais, um movimento maior de democratização da santidade, tanto no gênero, geograficamente, nos diversos estados de vida (clérigos, solteiros, casados) e nas mais variadas faixas etárias. Nesta diversificação, focaremos mais especificamente nas beatificações e canonizações de jovens, que apesar do seu percentual ainda ser pequeno, está atrelado a um movimento maior do Vaticano no que diz respeito à remodelação da memória católica e principalmente da produção institucional da descendência da fé como bem argumenta Danièle Hervieu-Léger (2005a). Ou seja, as transformações no campo religioso com a progressiva pluralização das instituições, comunidades e sistemas de pensamento, da autonomia do sujeito crente, da *bricolagem* (HERVIEU-LERGER (2005a), da desinstitucionalização religiosa que permite aos indivíduos o acesso às palavras divinas sem a mediação institucional (MARIZ & MACHADO, 1998), do aumento cada vez mais intenso dos sem-religião (RODRIGUES, 2009), da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos (DUARTE, 2006a, b, 2005), do trânsito religioso (MARIZ & MACHADO, 1994) e sincretismo (MARIZ, 2005a, SANCHIS, 2001), etc, fizeram com que o Catolicismo se auto avaliasse e lançasse estratégias nas quais a descendência da fé, base de qualquer religião, fosse novamente restituída.

Em nossa tese iremos argumentar que uma das estratégias do Vaticano foi voltar o olhar para juventude, ciclo de vida que, bem mais que outros, têm explorado novos arranjos na religião ressemantizando-a sem pudores e ocultações como bem observou Novaes (2006). Dentre as estratégias estão à criação das Jornadas Mundiais da Juventude e o aumento gradativo das beatificações e canonizações de jovens. Cabe ainda salientar, que o tipo de santidade conferida a estes, começa a ganhar novos contornos ao lado dos modelos de santidade tradicionais. Veremos que a Congregação para as Causas dos Santos irá oferecer a

estes jovens beatos e santos da faixa etária destes, aos quais eles possam se espelhar, ou seja, tipos de santidade e exemplaridades que possam de fato ser mimetizadas. Para tanto, a historicização da santidade nesta tese tornou-se de fundamental importância para entendermos as constâncias, remodelações, e até mesmo os novos modelos de santidade empregados pelo Vaticano atualmente.

Nossa escolha em focar na santidade juvenil advém de ideias surgidas ao longo de nossas pesquisas sobre religião (Matos, 2005, 2009, 2010, 2011) que sempre indicavam a ampla participação dos jovens em eventos de conteúdo religioso. Estas pesquisas estavam focadas nas transformações no universo dos evangélicos, carismáticos e dos adeptos do Movimento Nova Era. Neste momento, retornamos ao catolicismo, e mais especificamente a santidade relacionado-a com a juventude.

Para tanto, dentre os jovens beatificados e canonizados mais recentemente, escolhemos Chiara Luce, uma jovem italiana, de 19 anos, para entendermos as transformações recentes na santidade. O contato com esta beata surgiu a partir de leituras sobre o Movimento dos Focolares que começaram ainda no mestrado. Já no doutorado, em diversas conversas com focolarinos em trabalho de campo, o nome e a história de Chiara Luce sempre era ressaltado e desta forma, mudamos o foco da análise deste Movimento religioso para santidade juvenil.

O que nos chamou atenção na vida de Chiara Luce, foi o fato de que em sua hagiografia e nas conversas com os informantes, esta jovem sempre é retratada como uma adolescente normal que não realizou grandes feitos, nem atos de extremo heroísmo como Joana D'Arc, ou São Francisco de Assis, mais que por outro lado, como exemplifica os focolarinos, é um exemplo a ser seguido demonstrando “que o cristianismo é verdadeiramente praticável também hoje, inclusive pelos jovens, nas situações ordinárias da vida”.¹ Desta forma, desde sua morte, inúmeros eventos como a presença na sua beatificação, visitas ao seu túmulo e a sua casa, e a busca pela santidade cotidiana fazem parte do repertório destes jovens.

¹ Consultar <http://biografiadossantos3.wordpress.com/2010/09/29/> Acesso: 02/01/14.

2 METODOLOGIA

Esta tese se enquadra na abordagem qualitativa em pesquisa social, no qual buscamos compreender os significados atribuídos pelos sujeitos a determinadas situações e processos. De acordo com Bauer e Gaskell (2002) a finalidade da pesquisa qualitativa é explorar o espectro de opiniões e as várias representações sobre a temática investigada.

Embora Chiara Luce seja tema primordial desta tese, e a análise de sua “santidade” tenha se dado através de métodos tipicamente antropológicos como trabalho de campo, análise de entrevistas e observação participante, esta tese buscou ainda a partir de uma análise histórica compreender o surgimento e evolução dos conceitos de santidade, dos procedimentos de canonização, trazendo ainda dados quantitativos sobre as causas de beatificação e canonização nos pontificados de João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013). Todas estas temáticas se tornaram de fundamental importância para o entendimento da construção da santidade de Chiara Luce, já que como apontaremos no capítulo dedicado a ela, observaremos nesta beata tanto elementos de modelos históricos de santidade, como atualizações e até mesmo inovações.

Desta forma, esta tese também se situa metodologicamente numa linha de pensamento proposta por Emerson Giumbelli (2002) quando este problematiza a associação privilegiada entre trabalho de campo e antropologia. O autor se pergunta se existe antropologia sem trabalho de campo e afirma em seguida que sim, já que é possível observar uma variedade infundável de pesquisas em diferentes espaços e instituições que se utilizam de fontes diversas e às vezes até exclusivamente históricas. Para tanto, Giumbelli (2002) ainda elenca antropólogos como Mauss e Lévi-Strauss que fizeram pouco ou nada de trabalho de campo, como é o caso da pesquisa de mestrado deste autor (GIUMBELLI, 1997) sobre o processo de definição e legitimação do espiritismo a partir de fontes históricas.

Para o nosso caso específico, podemos afirmar que esta tese não se assemelha totalmente a metodologia de Giumbelli em sua dissertação que usa apenas fontes históricas, nem tampouco, pode ser considerada uma tese no sentido clássico da antropologia malinowskiana. O método que correspondeu a nossa perspectiva de análise foi à junção entre trabalho de campo e entrevistas em menor quantidade, e uma análise a partir de fontes históricas. Dentre estas fontes estão os diversos documentos do Vaticano sobre santidade, seu

desenvolvimento e procedimentos. Portanto, nossa escolha metodológica (um pouco menos de trabalho de campo e um pouco mais de fontes históricas) é respaldada pela antropologia e foi escolhida pela própria especificidade do tema.

Mesmo diante da quantidade de fontes históricas que acabaram por compor alguns dos capítulos desta tese, esta pesquisa também se utilizou de métodos clássicos da antropologia como o trabalho de campo, a observação participante e realização de entrevistas. Desta forma, estes dados foram obtidos no Brasil e na Itália, país natal de Chiara Luce. Assim, de fevereiro de 2012 a julho de 2012 realizamos trabalho de campo na Itália através da concessão de uma bolsa de estudos do Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE. Além disto, realizamos também trabalho de campo em Recife.

Para tanto, buscando entender a questão da santidade e juventude através da beatificação de Chiara Luce, realizamos treze entrevistas semiestruturadas com roteiro prévio com jovens religiosos e mais uma com o principal biógrafo de Chiara Luce. As entrevistas foram feitas na cidade de Recife, Roma e no Centro Internacional do Movimento dos Focolares em Rocca di Papa. Entrevistamos oito mulheres e cinco homens, sendo um deles Michele Zanzucchi biógrafo de Chiara. A média de idade dos entrevistados está entre 15 e 24 anos.

Foram ainda realizadas observações-participante no Centro Mariápolis em Igarassu², na casa das focolarinas, na comemoração dos 40 anos dos Focolares em Recife e nas reuniões da Palavra de Vida³. Na Itália visitamos o Centro Internacional do Movimento dos Focolares em Rocca di Papa onde além das entrevistas e trabalho de campo, conseguimos diversos materiais (CD, DVD, livros) sobre Chiara Luce. Para além das entrevistas e observação participante, pesquisamos ainda nas comunidades do Facebook, Twitter, Orkut, no site da postuladora da causa, Mariagrazia Magrini e na página na internet Life, Love, Light, todos eles dedicados a Chiara. Fizemos também um “Google Alert”⁴ com o nome Chiara Luce. A revisão bibliográfica para tese contou com autores da antropologia, sociologia e história no qual buscamos questionar temas como religiosidade, catolicismo, história da santidade e juventude.

²Mariápolis são centros que acolhem pessoas interessadas em aprofundar a espiritualidade do Movimento dos Focolares. O Centro Mariápolis Igarassu nasceu em 1965. Lá moram os focolarinos consagrados. Contudo o centro também acolhe os jovens e as famílias do Movimento.

³As reuniões da Palavra de Vida são encontros mensais nos quais os integrantes do Movimento dos Focolares, sejam eles consagrados, leigos ou religiosos, se reúnem para ler mensagens de Chiara Lubich, fundadora deste Movimento, sobre alguma passagem bíblica.

⁴Os Alertas do Google são atualizações, enviadas por e-mail, dos mais recentes resultados relevantes do Google com base no tema escolhido. O primeiro Google Alert foi 08/06/11 e até 15 de fevereiro de 2014 contava com 476 e-mails nos quais a chave Chiara Luce foi mencionada.

Outra questão que merece destaque diz respeito a faixa etária que consideramos jovens no Capítulo V. Diferentemente dos nos entrevistados que estão no ciclo etário entre 15 e 24 anos, neste referido capítulo, onde analisamos os beatos e santos jovens dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, a faixa etária escolhida por nós abrange dos 12 aos 30 anos.

A dificuldade de precisar o que é jovem e juventude é tema bastante recorrente nas Ciências Sociais. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) o segmento juvenil corresponde à faixa etária dos 15 aos 24 anos. Contudo, Marcio Pochmann (1998) observa a importância de olhar para especificidade de cada país. Na perspectiva das Ciências Sociais, a juventude tem sido concebida tanto como grupo etário relativamente uniforme, etapa pela qual todas as pessoas passam, como em função da historicidade e diversidade em que implica o ser jovem. Esta última perspectiva recobre grande parte das análises feitas mais recentemente e levanta a questão que é impossível falar de juventude, já que o que se observa são juventudes distintas e plurais (BOURDIEU, 1983; PAIS, 1993; ABRAMO, 1994, SCOTT, 2006).

Segundo José Machado Pais (1993) não há, portanto, um único conceito de juventude que abranja os diferentes campos semânticos que lhe são associados, já que para o autor há “... diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois necessariamente a diferentes teorias” (PAIS, 1993, p. 37). A própria aceção de juventude, como nos mostra os estudos de Philipe Ariès (1981) e Levi & Schimtt (1996) é algo historicamente construído e, desta forma, a juventude como construção social não pode “... ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros símbolos e de outros valores (LEVI & SCHIMTT, 1996, p. 14).

Desta forma, decidimos pelo recorte etário 12 e 30 anos com base nos documentos do Vaticano sobre as beatificações e canonizações que a Congregação para a Causa dos Santos, juntamente com o papa, aceitam como exemplos de juventude. Contudo, é preciso ressaltar, que também para a própria Santa Sé, a conceituação de juventude ainda é algo impreciso, já que, em determinados momentos, os documentos do Vaticano chegam a classificar beatos e santos jovens indivíduos que morreram com 45 anos de idade. Desta forma, buscando um meio termo entre as fontes eclesiais e as fontes da antropologia e sociologia das gerações, decidimos por este recorte dos 12 aos 30 anos.

Para tanto, a presente pesquisa está dividida em seis capítulos. No capítulo I discutimos os principais conceitos desta tese como catolicismo, juventude e santidade,

observando as transformações no campo religioso e como a secularização dessecularização incidem na religiosidade juvenil.

No capítulo seguinte começamos a adentrar na questão da santidade abordando o surgimento e burocratização das canonizações no desde o século V até o Código de Direito Canônico de 1917. Neste capítulo demonstramos como o culto aos santos que em seu princípio era espontâneo, passou a ser regulado pela hierarquia da Igreja Católica, sendo finalmente inserido no Código de Direito Canônico de 1917. No terceiro capítulo abordamos a importância do Concílio Vaticano II nas mudanças conceituais sobre a santidade e como estas mudanças influenciaram as novas regras e procedimentos de canonização que foram instaurados pelo papa João Paulo II.

Após estes capítulos que discutem a história e as regras nos procedimentos de se fazer santos, o quarto capítulo traz uma análise sobre a política de canonização e beatificação de João Paulo II e Bento XVI. Neste momento faremos uma discussão sobre os novos modelos e/ou reatualizações de santidade nos pontificados destes dois papas, trazendo ainda informações detalhadas sobre quem são estes beatos e santos e distribuindo-os entre confessores, mártires, leigos, estado clerical, gênero, área geográfica, grupos étnicos, etc.

No capítulo quinto, discutiremos sobre juventude e santidade trazendo uma análise quantitativa e qualitativa sobre os jovens beatos e santos do pontificado de João Paulo II e Bento XVI e os possíveis submodelos dentro deste modelo maior que é a santificação e beatificação juvenil.

Por fim, no sexto e último capítulo, analisaremos a beatificação de Chiara Luce e como sua santidade foi moldada e construída a partir de uma polissemia de atores e instituições. Neste momento apontamos as principais virtudes designadas a Chiara Luce e como esta beatificação aparece como resultado de uma estratégia do Vaticano que busca neutralizar a crise de transmissão na descendência da fé como bem analisou Danièle Hervieu-Léger (2005a). Neste capítulo específico nos apoiamos em fontes históricas e nas entrevistas com fiéis sobre a vida e “santidade” de Chiara Luce.

3 CATOLICISMO, JUVENTUDE E SANTIDADE

O retorno/recomposição do religioso tem sido tema de inúmeros debates nas ciências sociais. Este retorno e discussão é resultado da tese de Peter Berger (1985), que afirmava que as consequências do projeto de modernidade produziriam uma contestação veemente das tradições e uma crescente racionalização de todas as esferas da vida social, no qual as organizações religiosas gradualmente perderiam a importância e o poder na sociedade.

Para Berger (1985), a secularização seria o processo em que alguns setores da sociedade e da cultura seriam retirados do domínio das instituições e da influência dos símbolos religiosos, ou ainda, o processo pelo qual a religião perderia a sua autoridade tanto em nível institucional como em nível da consciência humana. Ainda de acordo com o mesmo autor, dois resultados teriam daí advindo: o primeiro seria um crescente individualismo religioso, que produziria o que chamamos de desinstitucionalização da religião; que deu lugar por sua vez, a privatização do sagrado, e o segundo resultado seria o pluralismo religioso no qual as tradições religiosas em concorrência foram forçadas a competir no mercado com outros sistemas provedores de significado.

De acordo com Lemuel Guerra (2002), o que está contido nas entrelinhas do texto de Berger é uma interpretação negativista do pluralismo religioso feita por Durkheim, que via neste fato uma situação de incerteza moral que produziria assim diversos tipos de patologias sociais. Desta forma, ainda de acordo com Lemuel Guerra (2002), nos trabalhos escritos por Peter Berger até 1967, podemos observar as seguintes análises:

(1) a secularização provoca a diminuição do poder coercitivo das tradições religiosas, (2) a religião tem que se oferecer como produto de mercado, concorrendo com outras formas de explicar e interpretar o mundo; (3) a diminuição da importância da religião na sociedade enfatiza o caráter institucional das diversas mensagens religiosas, já que elas têm que enfrentar uma competição tanto com a não-religião, como com outras religiosidades entre si, pela preferência dos fiéis em potencial; essa crescente competitividade força as organizações religiosas à racionalidade, com o objetivo de produzir uma maximização dos recursos à disposição e de sua competitividade no mercado (GUERRA, 2002, p.142).

Na perspectiva da secularização a religião apareceria como um “revival” e/ou “sobrevivências”. Tais experiências religiosas emergiriam, desta forma, na sociedade contemporânea nos espaços ainda não ocupados pela racionalização moderna, ou ainda como

um “retorno do recalcado”, que aconteceria em períodos alternados, nos quais os projetos de uma sociedade moderna teriam fracassado.

Para alguns autores, a exemplo de Danièle Hervieu-Léger (1997), tais teorias sobre a secularização começaram a ser questionadas quando, nos anos de 1970, pesquisas empíricas demonstraram surtos religiosos, tanto nas igrejas estabelecidas, como nos Novos Movimentos Religiosos. Para a autora, seria mais interessante pensar a sociologia da modernidade e da religião a partir de processos contraditórios, em que se observa, tanto tendências secularizantes, como dessecularizantes que juntas demonstram a natureza intrinsecamente contraditória do próprio processo de secularização. A autora ainda argumenta que dentre os Novos Movimentos Religiosos surgidos nas sociedades contemporâneas, destaca-se a tendência ao emocionalismo comunitário, que Weber (1999) descreveu como comunidades emocionais, e que se caracterizam por discípulos reunidos em torno de um portador de carisma.

Assim, esse processo de secularização acrescido de um mercado religioso, de acordo com Berger (1985), traria como consequência o decréscimo dos números relativos de frequência nas atividades religiosas, no qual o pluralismo proporcionaria uma menor mobilização religiosa.

Contudo, o que observamos atualmente é o reavivamento religioso. Teorias como as de Peter Berger sobre secularização e pluralismo religioso foram dando espaço a outras como as de Stark e Iannaccone (1994), que acreditam que tal pluralismo fomenta, na verdade, uma maior participação confessional, ou seja, maior mobilização religiosa.

O próprio Peter Berger, em seu texto *“A dessecularização do mundo: Uma visão global”* (2001) reviu suas colocações sobre uma tendência irreversível da secularização e afirmou:

Argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo hoje, com algumas exceções (...) é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada (BERGER, 200, p.10).

Berger & Luckmann (2004), em estudos mais recentes sobre o pluralismo religioso, evidenciam que nas sociedades atuais os valores comuns e obrigatórios não são (mais) dados a todos e assegurados estruturalmente, e que o resultado disto seriam as crises tanto subjetivas quanto intersubjetivas, ou seja, as crises de sentido. Estas crises decorrentes do pluralismo como valor faz com que ordens coexistentes e concorrentes precisem conviver, gerando assim, tensões e conflitos entre as partes envolvidas. Tais tensões devem ser negociadas, segundo os

autores, a partir do conceito de tolerância, que deve ser visto como uma virtude “elucidativa” por excelência, por possibilitar que indivíduos e sociedades vivam juntos, lado a lado, tendo a sua vida voltada para valores diferentes. Assim, há uma relação dialética de perda de sentido e uma nova criação de sentido que pode ser encontrada mais claramente na religião e, desta forma, o pluralismo como valor se expressa fortemente num pluralismo religioso. Estas crises de sentido, resultado deste pluralismo como valor, se apresentam nas sociedades atuais a partir de dois vetores: (1) o reforço dos laços de crença e (2) o enfraquecimento dos laços ou crença no relativo.

Ainda neste processo de revisão da teoria da secularização destacam-se também as análises de Danièle Hervieu-Léger. De acordo com a referida autora, as problemáticas lineares da secularização, que estabeleciam uma equivalência direta entre a perda da religião institucional e a eliminação da religião começaram a sofrer críticas nos anos de 1960 e 1970, quando pesquisas empíricas começaram a demonstrar a evidência de surtos religiosos, tanto nas igrejas estabelecidas, quanto sob forma de Novos Movimentos Religiosos (HERVIEU-LÉGER, 1997). Tendo como base a análise de comunidades emocionais, a autora apresenta duas perspectivas contemporâneas sobre o papel da religião na modernidade. A primeira consiste em análises que afirmam uma “volta do recalcado”, demonstrando assim os limites da secularização nas sociedades modernas; e a outra expressa um processo de recomposição mais complexo do trabalho da religião na sociedade moderna, racionalmente desencantada. Enfim, dessecularização ou culminância emocional da secularização? Segundo Danièle Hervieu-Léger

Uma perspectiva mais interessante, do ponto de vista da construção de uma sociologia da modernidade religiosa, talvez consista mais em apreender, no interior da própria tensão que manifesta entre as “tendências dessecularizantes” e as “tendências secularizantes” ativamente presentes, *juntas*, nas experiências de renovação emocional, algo da natureza intrinsecamente *contraditória* do próprio processo de secularização (HERVIEU-LÉGER, 1997, p.44).

Hervieu-Léger, ainda complementa seu pensamento e afirma que:

Esta necessidade de relacionar dinamicamente desenvolvimentos aparentemente contraditórios não se reduz à sociologia dos fenômenos religiosos de tipo emocional: na verdade constitui-se por excelência, no imperativo teórico de uma sociologia da modernidade religiosa (HERVIEU-LÉGER, 1997:45).

No Brasil, diversos autores têm buscado analisar o fenômeno religioso relacionando estes processos aparentemente contraditórios. Cecília Mariz no seu texto “*Catolicismo no*

Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade” (2006b) propõe estudar, não as possíveis causas do enfraquecimento do catolicismo, mas a pluralidade e os reavivamentos dentro desta religião. Assim, de acordo com Mariz, apesar da queda no número de fiéis na Igreja Católica ao longo dos anos, há simultaneamente um relativo reavivamento religioso acompanhado por uma intensificação da diversidade na experiência de ser católico (MARIZ, 2006b).

Desta forma, esta experiência plural de ser católico tem privilegiado o papel do leigo e abrindo espaço para inúmeros movimentos dentro de uma instituição maior que é a Igreja Católica Apostólica Romana. Assim, vemos a proliferação Novos Movimentos Religiosos (Focolares, Schönstatt, Neocatecumenais) e das Comunidades de Vida e Aliança (Shaloom, Canção Nova, etc), ao passo que cresce as antigas devoções, como as romarias, as aparições marianas analisadas por Reesink (2003), Campos (2003) e Mariz (2003) e o culto aos santos.

Neste enfoque maior, religião e catolicismo, resolvemos centrar na nossa análise em dois pontos principais: a juventude e a santidade. A escolha por analisar a religiosidade juvenil partiu de ideias surgidas ao longo de minhas pesquisas sobre religião (Matos, 2005, 2009, 2010, Araújo & Matos (2003)), que sempre indicavam a ampla participação dos jovens em eventos de conteúdo religioso. Acredito que a equação juventude e religião talvez seja uma das mais frutíferas para se pensar as transformações que a religião atravessa na modernidade onde processos secularizantes e dessecularizantes caminham lado a lado (HERVIEU-LÉGER, 1997). A exemplo podemos observar pesquisas que afirmam o alto grau de secularização entre os jovens (Novaes, 2006, 2005 2004, Rodrigues (2009)), como podemos também ter acesso a estudos que falam de reavivamento e virtuosismo religioso juvenil (Mariz, 2005, Alves, 2009, Sofiati, 2009 Fernandes, 2010).

Para que entendamos a questão juventude e religião, citaremos alguns dados de uma pesquisa nacional com jovens denominada “Perfil da Juventude Brasileira”, que foi publicada no livro de Abramo & Martoni (2008). A pesquisa demonstra que 10% dos jovens acreditam em Deus, mas não tem religião, e que 1% se identifica como ateu ou agnóstico. Contudo, os jovens brasileiros em sua maioria são católicos (65%). Dentre estes, 15% participam de algum grupo religioso no qual em primeiro lugar está o “de jovens da igreja”. Entre as suas principais atividades no fim de semana estão: a participação em eventos religiosos como missa, culto e grupos de oração. Interessante ainda notar que para estes jovens, na pergunta sobre os valores mais importantes para uma sociedade ideal, com resposta única, o “temor a Deus” tenha ficado em primeiro lugar de nove opções, desbancando questões como igualdade de oportunidade, justiça social, solidariedade e respeito ao meio ambiente, etc. Podemos citar

ainda alguns dados de dois outros levantamentos regionais, que incidem diretamente na nossa pesquisa e que tratam da crença em milagre e nos santos, temas estes fundamentais nesta tese. Na pergunta sobre em que os jovens acreditam, os estudantes de ensino médio de Minas Gerais mostram o seguinte perfil: das dez opções que apareceram, a crença em milagres ficou em primeiro lugar com 84,1% das respostas, seguido pela Virgem Maria com 75,7% e em terceiro ficou a crença nos santos com 69,2%. (Tavares, [et al], 2004).

Em outra pesquisa realizada por Novaes & Mello (2002), com jovens do Rio de Janeiro observamos um dado bastante interessante: a crença nos santos está para além dos jovens que responderam como opção religiosa o catolicismo, já que entre os jovens da religião afro-brasileira 85,7% acreditam em santos, 14,3% dos protestantes também, 12,4% dos pentecostais, 62% dos Espíritas, 74,7% dos católicos não praticantes e entre os que declaram ter crenças, mas não ter religião a porcentagem foi de 42,9%.

Estas pesquisas também nos ajudam a pensar a religião como um dos recortes para se entender a juventude, e, seguindo as pistas de Novaes & Mello (2002), podemos ainda observar que a participação destes jovens em grupos religiosos pode ser um vetor importante na construção de identidades juvenis, pois representam espaço importante de agregação social nessa fase de vida. Em outro levantamento, realizado por pesquisadores chilenos, em que se compara a religiosidade dos jovens universitários e não universitários, os autores chegaram a conclusão que neste últimos,

[...] las seis principales creencias la constituyen Dios (77%), Jesucristo (70%), luego la Virgen María (58%), después el Espíritu Santo (57%) y finalmente los Santos (48%), los ángeles (46%) y el diablo (32%). Por cierto, se trata de referencias principalmente cristianas y, más específicamente, de creencias católicas, cuestión que se aprecia especialmente en la creencia en la Virgen María, en los Santos y en los ángeles.” (GONZÁLES & MANZI & SILVA, UNIDADE 2, 2008, p.04).

Com relação aos jovens universitários chilenos os autores apontam um grau de secularização um pouco maior, acrescentando que os jovens universitários do Chile são menos religiosos que os jovens do Chile. Javier Ocampo (2010), também argumenta sobre a questão da religiosidade dos jovens chilenos e conclui que, longe de encontrarmos um cenário de ausência de religião, no Chile a maioria dos jovens acreditam em Deus e nos santos. Estes dados também se apresentam em outros países da América Latina. Apesar de na Argentina e no Uruguai se encontrarem as maiores taxas de queda na transmissão intergeracional do catolicismo (Ribeiro & Novaes, 2009), ainda há por parte destes jovens um forte apego a religião e em especial ao catolicismo. De acordo como Borzese & Lopez (2008), ao indagar

sobre as crenças religiosas dos jovens argentinos entrevistados, 72,1% deles afirmaram professar a religião católica. No caso do Uruguai a pesquisa aponta que 22% dos jovens fazem parte da religião católica, enquanto 38% declaram outra religião e 34% não professam nenhuma crença (FILARDO, et al. 2008).

O que podemos então afirmar é que a religião, como os sujeitos estão em processo de transformação, ao passo que se observa ainda o crescente pluralismo religioso institucional. Concomitantemente, observamos também o crescente processo de destradicionalização e desinstitucionalização religiosa, marcado por uma relativização das identidades, cuja contrapartida religiosa se encontra numa cultura errante ou peregrina, em que os “crentes modernos reivindicam o seu direito a *bricolagem*, ao mesmo tempo que o de escolher as suas crenças” (HERVIEU-LÉGER, 2005:72).

Portanto, apesar da diferenciação do campo religioso, resultado do pluralismo institucional, dos processos de desinstitucionalização religiosa e autonomia do sujeito crente, da convivência entre modelos tradicionais e inovadores, no qual observamos tanto sincretismos, como bricolages, conversões, refiliações e trânsito religioso, a religião ainda se apresenta como um forte tema para se pensar a sociedade em geral, servindo ainda como um dos recortes para se entender a juventude.

No bojo destas transformações na esfera religiosa, o catolicismo, por ser religião dominante em muitos países, sofreu diferenciações complexas, como as descritas por Carlos Alberto Steil para o caso do Brasil. Segundo Steil, no catolicismo podemos

[...] observar uma “reinvenção” da tradição e uma revitalização de rituais impregnados de emoção, abrindo a possibilidade para múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos no seu campo hegemônico. Ou seja, a diversidade atingiu o próprio catolicismo. As opções para expressar o “ser católico” se multiplicaram nestes últimos anos, de modo que as suas possibilidades podem variar das formas mais tradicionais às mais politico-libertárias ou emocional-carismáticas. Alguns podem ser católicos, centrando sua prática no culto aos santos, outros participando de associações religiosas, outros ainda assumindo compromissos éticos e políticos de caráter libertário. E há também aqueles que se consideram católicos, sem que isto os vinculem a quaisquer compromissos explícitos de ordem religioso-institucional. (STEIL, 2001, p. 117).

Para tanto, ao mesmo tempo em que ocorre o processo de globalização, que pressupõe uma interpenetração e uma interconexão entre regiões, estados e comunidades locais, ela se faz acompanhar por uma potencialização da demanda pela singularidade e espaços para a diferença e localismo. Estas demandas, pela singularidade, também se fazem na esfera religiosa, na qual observamos a cada dia, espaços, igrejas e comunidades, que apesar de

manterem uma mensagem maior que as guias como o catolicismo, investem também em singularidades que se apresentam na diversidade de missões, dons, ritos e carismas, etc.

Desta forma, a menor religiosidade dos jovens não desmente os dados e discursos sobre a atração pelo fervor e virtuosismo religioso. Assim, concordamos com Mariz quando esta afirma que uma interpretação possível sobre a contradição entre crer ou não dos jovens, ocorre porque estes fazem parte de grupos distintos, ou seja, trata-se de distintas “juventudes”, com culturas e subjetividades diferentes. Assim, a “[...] experiência de juventude em nossa sociedade gera um tipo de subjetividade capaz de levar o mesmo jovem, ou jovens com o mesmo perfil social, ou a mesma vivência, a não ter religião alguma ou ter muita religião” (MARIZ, 2005, p. 258).

Para tanto, endossamos a hipótese de Mariz quando esta afirma que a juventude pode ser vista como uma variável independente, sendo possível

[...] não apenas usar a categoria jovem em referência a indivíduos de distintos estratos sociais no mundo contemporâneo, mas também assumir que, apesar de pertencerem a estratos distintos, compartilham algumas características sociais em comum por serem jovens. Assume-se, portanto, que ser jovem na sociedade contemporânea implica experiências específicas de vida às quais se atrela certa subjetividade mínima, que se caracterizaria por uma afinidade eletiva com os extremos ou “experiências radicais” (MARIZ, 2005, p. 258).

Para além das Comunidades de Vida, há também no seio da Igreja Católica outros movimentos, instituições e manifestações que apontam um reavivamento católico e virtuosismo juvenil, como as Jornadas Mundiais da Juventude, Semana do Mundo Unido e Run4unity (Movimento dos Focolares), os grupos de oração juvenil da RCC, Juventude Agrária Católica, Movimento Universitário Católico, etc. Chiara Luce, a beata que nos ajudará a pensar sobre juventude e religião, fazia parte do Movimento dos Focolares dentro do Movimento GEN⁵, e toda a sua espiritualidade, que culminou em sua beatificação, deveu-se ao seu envolvimento com grupos de jovens religiosos e a seu intenso fervor religioso.

Esta religiosidade juvenil aparece não somente dentro de Movimentos com inspirações católicas, mas também está estabelecido no interior da Igreja em Roma, onde o jovem é pensando, discutido e eleito como um dos carro-chefe de uma das principais características

⁵ Gen é o nome dado a geração nova do Movimento dos Focolares. Surgiu em 1967 e é subdividido de acordo com as faixas etárias. O Gen 2 perfaz o ciclo etário dos 17 aos 30 anos que fica alocado na ramificação denominada “Movimento Jovem por um Mundo Unido”, o Gen 3 engloba os participantes de 9 a 17 anos, alocados no “Movimento Juvenil pela Unidade” o Gen 4 por sua vez engloba crianças de 4 a 8 anos e o Gen 5 crianças menores de 4 anos. A passagem e confirmação de um Gen para outro é muito comemorada e oficializada nos congressos regionais e nacionais que acontecem por todo ano. Em Recife os jovens do Gen desenvolvem diversas atividades ligadas tanto a religiosidade com a causas sociais. Consultar: <http://www.focolare.org/pt/movimento-dei-focolari/scelte-e-impegno/gen/> Acesso: 09/02/13.

distintivas dos católicos romanos, ou seja, a transformação de pessoas em Santos. Não é novidade que a Igreja Católica tem investido grande força nas beatificações e canonizações. Para se ter uma ideia do ritmo acelerado das canonizações de João Paulo II e Bento XVI,

[...] basta saber que dos 800 santos da Igreja Católica, 493 foram canonizados nos últimos 29 anos. Só João Paulo II canonizou em 26 anos mais do que todos os outros papas juntos nos últimos 400 anos. O número de beatificações do atual papa e do seu sucessor também é impressionante: João Paulo II beatificou 1.345 religiosos, enquanto Bento XVI, desde 2005, já beatificou outros 49. O recorde estabelecido pelo pontificado de João Paulo II deu o apelido de "fábrica dos santos" à congregação, que decide quem deverá ser beatificado ou canonizado.⁶

3.1 A santidade através dos tempos

Os últimos anos têm assistido a um verdadeiro renascimento dos estudos dos santos e de tudo que lhe diz respeito. Os objetos são variados, desde a reconstituição da mentalidade e dos modelos de santidade na cultura antiga medieval (Vauchez, 1995), a análise de hagiografias (Silva, (2008), Augras (2008)), a reconstrução da vida e pensamento dos Santos (Le Goff, 2001), a história da santidade através dos tempos (Cunningham, 2005), a análise do órgão responsável pelas canonizações (Woodward, 1992), a discussão sobre novos modelos de santidade (Peixoto (2006), Soares e Pinto (2010)), a produção social de um santo (Soares, 2007), o culto aos santos (Brown, 1981), as chamados devoções e “santificações populares” (Freitas, (2008), Carozzi (2005), Martín (2007), Braga (2007), as devoções e suas festas (Menezes 1996), revisões bibliográficas sobre santos e antropologia (Sáez, 2009), além de revistas variadas como a *Terrain*, que dedicou um número, “La Fabrication des Saints” (1995), para explorar diversas questões dedicadas a este tema.

A santidade pode ser entendida como uma construção que repousa em bases históricas e que obedece à determinados modelos específicos, que vão, desde exercícios espirituais, como a prática das virtudes, da oração e formas de ascese, bem como, em modelos gerais como o Cristo ou ainda modelos específicos exemplificados nas formas de vida religiosa praticadas e codificadas (Le Goff, 2006).

Apesar de inúmeras religiões manterem determinadas crenças em pessoas santas, somente a Igreja Católica Apostólica Romana possui um corpo institucionalizado, burocrático

⁶ Consultar “Vaticano canonizou quase 500 santos em três décadas.” Em: <http://noticiasus.terra.com/tecnologia/interna/0,,OI1607671-EI8325,00.html> Acesso: 09/02/13.

e altamente racionalizado para debater e averiguar se determinados indivíduos em suas vidas desenvolveram em grau heroico todas as virtudes cristãs, ou ainda se gozam de fama de martírio e sacrifício em nome do catolicismo. Se estas responderem a estes quesitos, poderão ter seus nomes inscritos no cânon ou lista de santos da Igreja Católica, podendo, então, serem dignas de culto universal, ou seja, canonizadas.

No início da era Cristã, ou seja, nos primeiros três séculos, ser santo era ser Mártir, já que devido a perseguição romana, assumir ser cristão era um risco eventual de martírio. Com o advento de Constantino (Imperador de Roma 306-337 d.C), o cristianismo é reconhecido como religião prioritária, mas não oficial, diminuindo assim, em grande medida, os riscos de um cristão ser martirizado em nome de sua fé.

Por volta do século VI, os santos eram identificados como santos (1) por sua reputação entre o povo, (2) pelas histórias e lendas que faziam de sua vida exemplo de virtude heroica e (3) pela fama de operar milagres. Somente em 1170, mas com algumas interrupções, é que vemos a Cúria da Igreja Católica começar a tomar para si a organização do culto aos santos. Nos primeiros 1500 anos da Igreja, santos eram aqueles defuntos que possuíam um culto popular e eram venerados pelo seu poder e virtudes, e principalmente pelos martírios que sofreram em nome da fé. Atrelado a estas condições, estava a crença no milagre ou no túmulo milagroso destes, que, passo a passo, foi possibilitando as peregrinações, romarias e a fama de santidade. Peter Brown (1981) observa que o culto aos santos tornou-se parte integrante do sucesso do cristianismo, porque significava a união entre o céu e a terra no túmulo do morto humano.

Ao acreditarem na ressurreição dos mortos, os judeus e cristãos imaginavam que as antigas barreiras do universo seriam quebradas tal como já havia acontecido com Jesus e Elias. Desta forma, segundo Brown, *outside the walls of most of the cities of the former Western Empire, had become centers of the ecclesiastical life of their region. This was because the saint in Heaven was believed to be “presente” at his tomb on earth* (BROWN, 1981: 3).

Mas com o passar dos anos, o culto aos santos mudou de forma impactante a topografia das cidades, já que os túmulos destes que ficavam em cemitérios longe das cidades e em mausoléus privados, tornaram-se centros da vida eclesiástica, no qual o papado tomou para si o controle destes santuários. Assim,

to gain this advantage, further ancient barriers had to be broken. Tomb and altar were joined. The bishop and his clergy performed public worship in a proximity to the human dead that would have been profoundly disturbing to pagan and Jewish feeling. Furthermore, an ancient barrier between the

private and the public, that had been shared as deeply by a former generation of Christians as by any other late- antique men, came to be eroded. The tomb of the saint was declared public property as the tomb of no other Christian was: it was made accessible to all, and became the focus of forms of ritual common to the whole community (BROWN, 1981, p.9).

Em todos estes momentos da História que homens foram consagrados santos, esta iniciativa correspondeu a modelos de santidade que vigoravam na época. O que queremos dizer é que apesar dos santos coincidirem com o surgimento do cristianismo, as formas de santidade são históricas, correspondendo as situações teológicas e sociais de um determinado contexto social. Se no início da era Cristã, ser santo era ser Mártir, com Constantino, o cristianismo passou a ser reconhecido como religião prioritária, diminuindo em grande medida, os riscos de um cristão ser martirizado em nome de sua fé. Surge, então, novos modelos de santidade, que se voltam agora para aqueles que imitaram Cristo, ou seja, os solitários, eremitas, monges e etc, e na Idade Média, o leque é estendido para clérigos letrados, fundadores de ordens religiosas, mulheres e homens que realizaram votos de pobreza, castidade e obediência e que as suas vidas eram um *continuum* de virtude, ou seja, de perfeição cristã. Desta forma,

[...] a constituição da santidade, até fins da Idade Média, criou uma referência homogênea, baseada sobretudo no exercício dos poderes e das virtudes, de forma penosa, pela prática da ascese, da renúncia, da dor, da resistência à tentação e ao sofrimento em nome de Deus, e da realização de milagres. Deve-se ressaltar, ainda, que os dons do santo podiam manifestar-se apenas após sua morte, pela ação dos devotos e seus insistentes pedidos de intervenção para a resolução de problemas concretos (PEIXOTO, 2006, p. 76).

Contudo, e aqui é um bom momento para se ressaltar, que esses modelos de santidade não devem ser pensados de forma evolucionista, no qual um modelo cessa e outro surge. O que vemos, portanto, são atualizações de modelos preexistentes que se misturam ou reaparecem através dos tempos. Exemplo disto pode ser observado no modelo de santidade que perfaz a Idade Moderna (XVI – XVII). Este período conhecido pela Reforma Protestante, Concílio de Trento e Contra Reforma, trouxe de volta ao ideário os modelos das três primeiras eras cristãs, além de beber de novo na fonte da antiguidade clássica. Desta forma,

encontramos também neste período um vivo interesse pela Igreja primitiva em geral, pelos seus modelos de santidade, veiculados na literatura hagiográfica, os seus bispos, os seus ascetas e em especial os seus mártires. Estes eram, sem dúvida alguma, as figuras mais expressivas da afirmação do cristianismo nascente, as suas referências heroicas na imitação radical do mártir por excelência, Jesus Cristo (URBANO, 2004, p. 270).

Esta volta aos mártires e heróis ocorre pela situação histórica que vive a Europa, já que, dilacerada por lutas religiosas, a Igreja Católica passa a revalorizar o martírio e seus mártires, que lutaram contra o protestantismo que surgia na época. Estas questões podem ser demonstradas na análise de Urbano (2204) sobre a literatura da época, seja ordinária ou hagiológica, no qual a autora aponta que

a figura do herói coincide muitas vezes com o ‘herói cristão’, e algumas vezes com o ‘herói santo’. Sobretudo no séc. XVII, que alguém já designou como o século da obsessão do heroísmo, os conceitos de heroísmo e santidade cruzam-se. Assim, heroísmo significará muitas vezes santidade e santidade significará sempre heroísmo (URBANO, 2004, p. 273).

Com a entrada do século XX, e as resoluções do Concílio Vaticano II, uma série de documentos teológicos foram produzidos, incidindo de forma evidente nos processos e escolhas dos possíveis candidatos a santidade. Dentre eles destacaremos a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (Luz dos Povos), publicado em 1964 por Paulo VI, este documento trata da natureza e constituição da Igreja, e entre os seus inúmeros tópicos, dois deles incidem de forma clara nos modos e mensagens sobre a santidade, são eles: o capítulo IV - “Os Leigos” e o capítulo V “A vocação de todos à santidade”. Embora os leigos tenham tido ao longo da história da Igreja Católica um papel importante na sua constituição e disseminação, com a publicação do documento *Lumen Gentium*, os leigos puderam se tornar de fato mais ativos na administração das igrejas, na organização dos cultos, na angariação de recursos, e puderam fazer parte de outras atividades antes relegadas ao clero como a catequese, apostolado, evangelização, etc.

Os efeitos deste documento puderam ser sentidos ao longo do século XX, com a criação de uma série de movimentos e comunidades, como a RCC e as Comunidades de Vida para citar o caso do Brasil. Se por um lado a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, conclama os leigos a se unirem na organização e promulgação da Igreja, esta mesma Constituição afirma a “vocação de todos à santidade” sem que se leve em consideração seu estado de vida: sacerdote, casado, solteiro, celibatário.

Os resultados dessas duas afirmações do *Lumen Gentium* foram diversos, mas em relação a este artigo, podemos destacar que os efeitos na ideia de participação e santidade na Igreja foram aos poucos sendo alterados, já que tanto os leigos começaram a perceber que havia espaço e possibilidade de serem aceitos em causas na Congregação dos Santos, como o Vaticano começou a encorajar e até mesmo aceitar mais facilmente estes candidatos, que não faziam parte do seu quadro eclesiástico.

Neste alargamento das condições de quem poderia ser santo, uma série de correntes

começaram a surgir lado a lado com aquelas que já estavam de certa forma enraizadas na Congregação da Causa dos Santos. Com relação à diversidade de candidatos podemos afirmar que houve adições as canonizações majoritárias e já consagradas do Vaticano (Mártires, membros do clero e fundadores de Ordens e Comunidades), como também a incorporação cada vez maior de mulheres, jovens, e casais que não fazem parte do quadro eclesiástico da Igreja. Neste afã de canonizar, os jovens estão tendo lugar em especial como abordaremos em um capítulo a parte. Para tanto, no capítulo a seguir, analisaremos surgimento e burocratização das canonizações do século V até a promulgação do Código de Direito Canônico de 1917.

4 SURGIMENTO E BUROCRATIZAÇÃO DAS CANONIZAÇÕES: DO SÉCULO V A PROMULGAÇÃO DO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO DE 1917.

Após a análise sobre religião, catolicismo e santidade, neste capítulo abordaremos a evolução dos processos de canonização. Este capítulo trará informações sobre a burocratização da santidade desde o século V até a promulgação do código de direito canônico de 1917, observando como a santidade passou de um culto espontâneo para um processo altamente racionalizado e recoberto de regras. Antes de ser um capítulo meramente descritivo, demonstraremos aqui como os processos de canonização respondem a situações históricas pelas quais passavam a cristandade. Desta forma, a burocratização da santidade caminha *pari passu* com estabilização do catolicismo como religião e com o apogeu do papado enquanto instância que detinha autoridade sobre os assuntos espirituais, mas que também exercia influência em assuntos políticos e sociais.

Este capítulo será dividido em algumas partes. Na primeira analisaremos a santidade entre os séculos V e X, que corresponde à época dos mártires, na qual a comunidade eclesiástica, ainda dividida em igrejas locais, tem pouco poder de decisão na escolha dos santos. Neste momento, como bem explicita Peter Brown (1981), o culto aos mártires surge de forma espontânea em torno das sepulturas e só depois passa a ser regulado pelos bispos.

Entre os séculos XI e XV, que corresponde ao segundo item deste capítulo, novas regras começam a aparecer em detrimento de uma série de decretos dispostos entre vários papas e que foram reunidos nas *Decretais* de Gregório IX (1227-1241), que afirma a absoluta jurisdição do papa em matéria de canonização.

Após esse primeiro conjunto de regras, o próximo item trata do controle absoluto do papado entre os séculos XVI e XVIII. Neste período de tempo foi criada, em 1588 pelo papa Sisto V (1585-1590), a Congregação dos Ritos que responderá sobre todas as causas dos

santos. As reformas prosseguem tendo como expoente o papa Urbano VIII (1623-1644), que em 1625 expede uma série de decretos e passa a ser considerado o fundador do direito processual para as causas dos santos. No século XVIII, estas regras são aclaradas e atualizadas por Prospero Lambertini, que viria a ser o papa Bento XIV (1740-1758). Por fim, no último tópico discutiremos as regras e procedimentos de beatificação e canonização no Código de Direito Canônico de 1917.

4.1 Procedimentos de canonização entre os séculos V e X: a época dos mártires

Estudioso da santidade, André Vauchez (1989) observa que embora tenha tido um desenvolvimento notável na Idade Média, o culto aos santos não foi inventado neste período e que se não desfizemos esta acepção negligenciaremos a herança dos primeiros séculos, aspecto este, fundamental do cristianismo. Esta herança, diz respeito ao culto dos mártires, santidade esta, que até os dias atuais é vista como modelo maior pelo Vaticano, já que nada parece estar mais próximo da assertiva “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jô 15 12) do que os Mártires. De acordo com Solange Andrade (2008),

nos primórdios do cristianismo, ser martirizado pela adoção à fé era uma possibilidade bastante plausível, e o martírio passou a ser sinônimo de morte infringida a alguém por sua adesão à fé cristã. Na hagiografia referente aos mártires, esse fato é registrado fartamente nas referências às supostas declarações dos martirizados que atestavam sua fé, mesmo sob as mais terríveis torturas (ANDRADE, 2008, p. 241).

Diz-se que o primeiro mártir cristão foi Estevão, um jovem judeu convertido a diácono, que, de acordo com o Novo Testamento (Atos dos Apóstolos 6, 7), foi o primeiro Mártir em Cristo. Segundo Kenneth Woodward (1992), Estevão foi reconhecido como santo pela comunidade cristã da época pela analogia com a história da paixão e morte de Cristo. Este modelo perdurará por muitos séculos como demonstra Lawrence Cunningham (2005). Este autor observa que no segundo século surge uma série de textos sobre os primeiros cristãos que foram martirizados e que esta literatura teve como função primordial ser um banco de memória para manter viva a lembrança daqueles que morreram em sacrifício pela fé. Tais textos, chamados de *Passio* ou *Martyrium*⁷, são carregados de analogias com o martírio sofrido por Jesus pela autoridade romana, ou seja, a imitação de Cristo ainda é parâmetro para santidade. Desta forma, Cunningham afirma que

⁷ Para uma análise mais aprofundada deste tipo de literatura consultar SIQUEIRA, (2006).

these theologically charged reflections on the significance of the martyr's sacrifice were a kind of homily for a persecuted church: they became a "proof" of the meaning of the life of Jesus and a model for those discipleship instructions that were in the Gospel message. The theme of the *imitatio Christi* found in these early documents would be a recurring theme in later martyrdom accounts. Finally, these texts hold up the martyrs as models and exemplars of faith which, of course, becomes one component in the development of their cult in subsequent history (CUNNINGHAM, 2005, p. 15).⁸

A exemplo da "*imitatio Christi*", podemos citar a Carta de Inácio de Antioquia aos Romanos (117 d. C) que diz: "Let me be food for the wild beasts, through whom I can reach God. I am God's wheat and I am being ground by the teeth of wild beasts, that I may prove to be pure bread . . . then I will truly be a disciple of Jesus Christ, when the world will no longer see my body" (CUNNINGHAM, 2005, p. 15).⁹

O culto aos mártires, como demonstra Peter Brown (1981), desafiou os limites aceitos no mundo greco-romano entre o reino e papel dos vivos e o reino e papel dos mortos, já que, como também destaca Philippe Ariès (2003), na Roma antiga os indivíduos temiam e mantinham certa distância dos mortos, enterrando-os em cemitérios longes das cidades. Com o tempo, seus túmulos, passaram a ser local de peregrinação e culto, ou seja, os mortos já não eram motivo de medo e sim de veneração. Aos poucos, as cidades dos mortos e dos vivos se fundiram quando os mártires começaram a ser enterrados nas cidades, ou quando suas relíquias foram trazidas para esta. Assim, como explica Ariès

a separação entre abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada. Os mortos, já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que se haviam desenvolvido em torno das abadias, penetravam também no coração histórico das cidades (ARIÈS, 2003, p. 40).

Este culto aos mártires, embora tenham surgido de forma espontânea entre os cristãos, aos poucos começou a ser regulado pelos bispos locais, como explicita Peter Brown (1981). Tal culto, primeiramente organizado no plano privado, era num segundo momento adotado pelos responsáveis das igrejas locais. A preocupação residia no fato de que as devoções

⁸ Tradução Livre: "Essas reflexões teologicamente carregadas sobre o significado do sacrifício do mártir eram de certa forma uma homilia para uma igreja perseguida: elas se tornaram a "prova" do significado da vida de Jesus e um modelo para aquelas instruções discipuladas encontradas na mensagem do evangelho. O tema do *imitatio Christi* encontrando nesses primeiros documentos tornar-se-iam um tema recorrente nos relatos de martírios posteriores. Finalmente, estes textos sublinham os mártires como modelos e exemplos de fé, os quais, é claro, tornam-se um componente para o seu culto na história subsequente."

⁹ Tradução Livre: "Deixe-me ser o alimento para as bestas vorazes, através das quais posso alcançar a Deus. Eu sou o trigo de Deus e estou sendo moído pelos dentes das bestas selvagens, e assim provarei ser alimento puro... então eu serei verdadeiramente um discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo não mais conseguir ver o meu corpo."

particulares que iam proliferando em torno das sepulturas podiam trazer perigo à unidade da comunidade cristã. O culto aos mártires e suas relíquias se tornou tão amplamente enraizado e independente da comunidade eclesiástica que esta começou a investir grande força com intuito de regularizá-lo.

Segundo Vizuite Mendonza (2004), somente no Concílio de Cartago, no ano de 411, que se “establecerá las primeras normas, pero solo para evitar que se tributara culto a herejes e cismáticos. Son las iglesias locales las que llevan los registros de sus santos, para no olvidar el día en que ha de celebrarse la *memoria*” (VIZUETE MENDONZA, 2004, p. 173)¹⁰. Este Concílio ainda estabeleceu outras normas:

... declarou que os bispos locais deveriam destruir todos os altares erguidos em memória dos mártires e não permitir que outros novos fossem estabelecidos em lugares sabidamente santificados pela vida ou morte do santo em causa (WOODWARD, 1992, p. 59).

Segundo Romualdo Rodrigo (1988), as canonizações tiveram origem na prática da igreja primitiva de tributar culto aos mártires por estes serem expressões da caridade e poderosos intercessores junto a Deus. Apesar das primeiras canonizações terem surgido nesta época, não podemos falar de processos canônicos propriamente ditos. Inicialmente, como demonstra Maria Peixoto,

... a Igreja limitava-se a permitir o culto aos mártires, praticar alguma vigilância sobre a presença de entidades pagãs, heréticas e cismáticas, e a fazer o registro dos martirizados, da data da sua morte e do local da sepultura, o que deu origem aos calendários e martirológio cristãos. Esse culto alcança grande esplendor no século IV, com o advento do império de Constantino, o Grande (285 d.C- 337 d.C), época em que se estabeleceu um período de paz entre a Igreja Católica e o Estado Romano. O aniversário do martírio passou a ser celebrado solenemente pelo povo e pelo clero, e iniciaram-se peregrinações organizadas às tumbas. Por vezes, o culto de um mártir estendia-se a outras áreas que não a da ocorrência do martírio, deixando de ser local (PEIXOTO, 2006, p. 55).

No que diz respeito ao controle da igreja sobre a santidade e as canonizações, é certo afirmar que entre os séculos V e X se deu de forma rudimentar. O processo de fazer santos era extremamente informal e pouco controlável pelos papas. De modo geral, em se tratando das *formas de anotar* com relação ao culto aos santos e a sua canonização nesta época, André Miatello (2010) observa que a proposição, divulgação e defesa estavam a cargo das *Vidas* ou *Legendas* que propagavam a devoção aos servos de Deus e justificavam o posto sagrado que estes ocupavam. De acordo com Miatello, as Vidas e/ou Legendas como escritos literários

¹⁰ Tradução livre: “establecerá as primeiras normas, mas só para evitar que se tribute culto a hereges e cismáticos. São igrejas locais que mantêm registros de seus santos, para não esquecer o dia que será celebrado a memória.

supunham

... compiladores amestrados na arte da escrita e, ao mesmo tempo, versados nos fundamentos doutrinários da religião. Homens de letras e de doutrina trabalhando em prol de um culto – local ou geral – a serviço de específicas “teorias de santidade” que sofreram rearranjos ao longo dos séculos e que, por sua vez, se prestaram aos mais distintos intuitos. Portanto, o gênero hagiográfico possui igualmente raízes no poder, na maior parte das vezes no poder eclesiástico, mas também no secular, como se observa no caso de Vidas de santos reis, príncipes ou nobres. E, sabendo que esses textos divulgavam um culto, podemos dizer que se constituíam, outrossim, em propagandas do poder que representavam (MIATELLO, 2010, p. 99).

Portanto, eram as *Vidas*, testemunhos escritos, que autenticavam e/ou documentavam a existência e o culto de um santo. Não raro, as *Vidas* eram redigidas para facilitar a canonização do santo (inscrição no martirológio), tornando a cúria papal benevolente ao pedido através da apresentação das virtudes e dos sinais miraculosos do candidato.

Neste momento, os bispos são os principais responsáveis pela supervisão, inscrição, ou não, destes santos nos martirológios. Apesar do costume de canonizar tenha sido prerrogativa dos bispos, não havia até o dado momento nenhuma bula que lhe conferisse de fato e de direito o poder de canonizar.

Antes de acrescentar um novo nome ao calendário local, os bispos insistiam em que lhes fossem apresentados, para informar a petição, os relatos escritos (conhecidos por *vitae*) da vida do candidato, suas virtudes e morte, juntamente com milagres e, declarações oculares, principalmente no caso de supostos milagres. [...] **Uma vez aprovado pelo bispo, ou por um sínodo regional, o corpo era exumado e transferido (a ‘trasladação’) para um altar, ato que veio a simbolizar a canonização oficial.** Finalmente, atribuía-se ao novo santo um dia para celebração litúrgica da sua festa, e seu nome era acrescentado ao calendário local dos santos. Dessa maneira informal, a canonização se tornou, pouco a pouco, uma função eclesiástica (WOODWARD, 1992, p. 64). (Grifos nossos).

Este costume passa a ser lei canônica quando, em 845, o Concílio de Manguncia, reserva aos bispos o direito de conferir os ritos de canonização. Para que um santo fosse canonizado não era preciso a presença ou ofício do Papa na liturgia ou celebração. A presença deste, quando acontecia, chamados pelos bispos, como convidados de honra, tinha um caráter mais festivo do que ritualístico e jurídico.

Em resumo, os procedimentos de canonização entre os séculos V e X são realizados por diversas igrejas particulares, após a apresentação ao bispo de um relato sobre a *vitae* do santo. De acordo com o ex-prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, o cardeal José Saraiva Martins,

... os Bispos, singular e colegialmente por ocasião dos sínodos, autorizavam novos cultos particulares, que iniciavam com a *elevatio* ou com a *translatio*

corporis. Estes actos foram chamados, depois, canonizações episcopais ou canonizações particulares, porque envolviam directamente só a igreja local.¹¹

Após a trasladação do corpo e a recolocação das relíquias no altar, estes santos tornavam-se patronos celestes destas catedrais e seus nomes eram inseridos nos martirológicos. Com relação à trasladação dos corpos dos santos, este ritual terá “la même valeur, sinon le même prestige, qu'une canonisation pontificiale” (DESROCHE, & VAUCHEZ, & MAÎTRE 1970, p. 111).¹²

Conforme foi se tornando um hábito comum, o ato de convidar o pontífice para as cerimônias de canonização, teólogos entenderam que o direito de canonizar deveria ser exclusivamente do Papa e não mais dos bispos, fato este que ganhou destaque em um sínodo realizado em Roma em 993, quando o papa João XV (985-996) declarou santo o bispo Ulrico de Ausburgo, canonização esta, que é caracterizada com a primeira sob a tutela do Papa. Assim, a pedido do sucessor de Ulrico, o papa João XV (985-996) ouviu o relato da vida e dos milagres deste e autorizou a trasladação dos seus restos.

4.2 O início do controle do papado sobre as canonizações entre os séculos XI e XV

Com a entrada do século XI, uma série de novas regras e procedimentos começam a aparecer com relação às normas de canonização. Segundo Vauchez, (1981) neste século o termo canonizar teria aparecido numa carta do papa Bento VIII (1012-1024) ao conde de Mantoue, para ratificar o culto a S. Simeão de Padolirone, que morreu em 1016. Do mesmo modo que o papa começou, mesmo que de forma incipiente, conferir a santidade, este também passou a impedir que determinados indivíduos fossem declarados dignos de culto. A exemplo, podemos citar a recusa do papa Urbano II (1088-1099) em canonizar um abade (Gurloes), a não ser que os monges apresentassem testemunhas oculares dos milagres atribuídos a ele (WOODWARD, 1992).

No século XII, por volta de 1150, o termo canonização era utilizado de forma esporádica e seu uso teria se intensificado a partir da Reforma Gregoriana. Vauchez (1981), trilhando ainda o caminho para o entendimento do estabelecimento dos processos de

¹¹ Consultar MARTINS, J. S. (s/d) “OS NOVOS PROCEDIMENTOS PARA OS RITOS DE BEATIFICAÇÃO: O rosto da Igreja que se renova na continuidade”. Em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20050929_saraiva-martins-beatific_po.html Acesso: 19/12/12.

¹² Tradução livre: “o mesmo valor, senão o mesmo prestígio, que uma canonização pontifical.”

canonizações, informa que no pontificado de Eugênio III (1145-1153), o papado se assegura do poder de se pronunciar sobre a canonização fora de um sínodo ou concílio por causa de sua autoridade e da universalidade da Igreja de Roma. Segundo Vauchez, a partir de então, o Papa passa a ter um grupo restrito de cardeais que tinham a função de aconselhá-lo nos procedimentos para a canonização.

Em 1170, o papa Alexandre III (1159-1181) decretou que ninguém poderia ser objeto de veneração local sem autorização de Roma, fosse qual fosse sua fama de santidade. Tal decreto não pôs fim de forma imediata às canonizações episcopais, nem controlou a sede popular por novos santos, como demonstra a carta enviada por Alexandre III (1159-1181) ao rei Kol da Suécia, repreendendo o bispo local “... por tolerar o culto de um monge morto numa briga de bêbados embora o povo dissesse haver obtido favores por sua intercessão. Monges brigãos não eram exatamente o modelo de santidade que a Igreja desejava oferecer à imitação dos fiéis (WOODWARD, 1992, p. 66).

Aos poucos, o poder papal de decidir os rumos da cristandade e influenciar na área política ganha maior força e segundo alguns historiadores como Jérôme Baschet (2002), no final do século XII, com o pontificado de Inocêncio III (1198-1216), se inicia o período de maior apogeu do poder pontifício, tornando o papado uma das maiores monarquias do Ocidente. Se antes o papa, por ser o bispo de Roma, era o vigário de Pedro, com Inocêncio III nasce o argumento de que o papa seria a imagem visível de Jesus, ganhando o título de vigário de Cristo (BASCHET, 2002).

Segundo Sophia Boesch Gajano (2006), a partir do pontificado de Inocêncio III (1198-1216), o papado inaugura a “*riserva pontificia*” (reserva pontifícia) da canonização dos santos, em virtude da “*plenitudo potestatis*”¹³. Desta forma, Inocêncio III (1198-1216) rompe com uma antiga tradição que deixava a cargo de prelados locais e ao *sensus fidei* a última palavra sobre a veneração dos santos. Segundo Roberto Paciocco (1997), a razão do controle pontifício sobre a canonização residia no fato da cúria romana pretender abolir particularismos regionais e centralizar as demandas pela canonização, a fim de usar as oportunidades pastorais provenientes do culto ao santo para os interesses curiais naquele preciso momento histórico.

¹³ “A expressão inicialmente era associada aos assuntos espirituais e eclesiásticos, significando, sobretudo, que todos os poderes eclesiásticos derivam sua jurisdição da autoridade suprema. [...] Todavia, especialmente a partir de Inocêncio III, a expressão foi estendida pelos canonistas a assuntos políticos: 1) o Papa, diante de uma crise e da ausência de um superior a quem recorrer, pode intervir nos assuntos temporais; 2) o Papa, em razão de sua plenitude de poder como vigário de Cristo, é encarregado de assegurar o bem comum dos cristãos, o que empenha o poder temporal a colaborar com o poder espiritual.”

Por conseguinte, a centralização do poder do Pontífice continua em 1227 e Hugolino é eleito Papa, adotando o nome de Gregório IX (1227-1241). Numa análise sobre o pontificado de Gregório IX, Victor Camacho (2012) observa que,

as diretrizes de seu pontificado seriam dar continuidade à política de Gregório VII e seus sucessores em promover a Reforma da Igreja e reafirmar a autoridade do Papa e a *plenitudo potestatis*. Gregório IX o fez de forma incisiva: organizando o código de Direito Canônico, [...] além de centralizar os processos de canonização dos santos em Roma, com isso a santidade deveria passar pela aprovação direta do papa (CAMACHO, 2012, p. 89).

Assim, os processos de canonização passaram a ser organizados de forma mais sistemática e centralizada. Somente ao papa caberia determinar os indivíduos que seriam venerados como santos na cristandade, bem como o culto litúrgico em homenagem aos mesmos. Estas resoluções fazem parte das *Decretais*¹⁴, de 12, do papa Gregório IX (1227-1241)¹⁵, que inclui entre outros documentos a carta de Alexandre III (1159-1181). As *Decretais*, afirmaram entre outras coisas

... a absoluta jurisdição do pontifício romano sobre todas as causas dos santos, tornando essa regra obrigatória para toda igreja universal. Uma vez que os santos eram objeto de devoção para toda a Igreja, só o papa com sua jurisdição universal tinha autoridade para canonizar (WOODWARD, 1992, p. 66).

Apesar de o termo canonização já ser de conhecimento da comunidade eclesiástica e dos membros da Igreja Católica, seja através de bulas, declarações ou cartas, com as *Decretais* elas foram reunidas no Código de Direito Canônico que tem caráter judicial e universalizante. Para tanto, o termo canonização e a prerrogativa papal aparecem nos comentários do papa Inocêncio IV (1243-1254) no Livro V das *Decretais* do papa Gregório IX (1227-1241).

Canoniser consiste à décider en toute régularité et de façon canonique qu'un saint soit honoré comme tel, c'est-à-dire que lui soit rendu d'un culte solennel comme on le fait pour les saints de la même catégorie; s'il s'agit d'un confesseur, que l'on célèbre pour lui l'office d'un confesseur; s'il s'agit d'un martyr, l'office des martyrs et ainsi de suite (Fonte : Inocêncio IV. *In quinque libros Decretalium commentaria*. Ed de Venise, 1578, p. 118).¹⁶

¹⁴ “As Decretais de Gregório IX, [...] possuem caráter universal e obrigatório, dividem-se em 5 livros, 185 títulos e 2.139 capítulos, contendo além de cânones apostólicos e conciliares, de outros textos eclesiásticos e de direito romano, decretais dispostas em ordem cronológica” (ALMODOVA, M, M. 2004, p. 24).

¹⁵ Trata-se do decreto Audivimus, no qual consta que “sine papae licentia non licet aliquem venerari pro sancto” (PACIOCCO, 1997, p. 42). Tradução livre: “sem a permissão papal não é concedida a qualquer reverência ao santo.”

¹⁶ *Apud* Vauchéz, 1981, p. 35. Tradução livre: “Canonizar consiste decidir e regulamentar de maneira canônica que um santo seja honrado como tal, isto é, que a ele seja prestado um culto solene como se faz com os santos da mesma categoria; tratando-se de um confessor, que o celebremos pelo ofício do confessor; tratando-se de um mártir, o ofício dos mártires e assim por diante”.

As *Decretais*, apesar de reunirem partes relativas ao entendimento do que seria a canonização, não inclui em seus textos *modos de anotar* ou como deveriam ser os procedimentos com relação a canonização. Os modelos que os bispos, relatores, notários, etc., irão adotar serão os mesmos empreendidos nos Registros de Inquisição. É importante, neste momento, fazer uma breve contextualização da situação histórica que passa a cristandade com relação às heresias, pois sob a influência nos modos de combatê-las, é que veremos os primeiros modelos textuais das canonizações sob a “*riserva pontificia*”.

João Bernadino Gonzaga (1993) salienta que a cristandade desde seus primórdios passou por constantes ataques heréticos e cismáticos, no qual a Igreja tratou das mais variadas formas. Alguns “desvios” foram restritos, outros foram amplos e duradouros. Dentre os “desvios”, Gonzaga (1993) destaca o gnosticismo no século II, o maniqueísmo e o donatismo no século III, o priscilianismo e o arianismo no século IV e o pelagianismo no século V. Entre os séculos XI e XII, algumas heresias segundo Gonzaga (1993), buscam total despojamento, com rejeição de todos os sinais exteriores da fé: sacramentos, hierarquia, liturgia. No final do século XII surgem os valdenses e neste ínterim ressurge um novo maniqueísmo, que se autointitula “cátaros” (os puros), que ocupam as extensas regiões dos Países Baixos, Lombardia, e sul da França, onde passariam a ser chamados de albigenses. Em resposta, a Igreja Católica através de diversos Concílios, recomenda que as igrejas locais repreendam os heréticos e que estes sejam excomungados e entregues às autoridades civis para que estas acrescentem as penas do direito comum.

Contudo, no sul da França as recomendações conciliares não geram efeito, e assim, em 1215, no quarto Concílio de Latrão, o papa Inocêncio III (1198-1216) determina aos bispos franceses que periodicamente instalassem tribunais nas localidades mais atingidas, e convidassem a população a denunciar as pessoas suspeitas de heresia. Diante da insuficiência do clero secular em combater as heresias, os frades foram recrutados. De acordo com Gonzaga (1993), foi neste momento que nasceu a chamada “Inquisição” como instituição oficial e permanente, que se consolidou em 1232, com a bula papal do papa Gregório IX (1227-1241).

Com os procedimentos inquisitoriais mais ou menos organizados nas *Decretais*, e com seu uso cada vez mais recorrente pelo clero secular e frades católicos, diversos documentos, ou inquéritos como são chamados, foram produzidos. Embora os procedimentos, ou as *formas de anotar* da canonização não tenham sido redigidos nas *Decretais*, esta se beneficiou dos modelos de Registro da Inquisição. Igor Teixeira (2009, 2011) observa que, tanto as

investigações sobre heresias, como as investigações sobre santidade são chamadas de inquéritos. Contudo,

o objeto dessas investigações é distinto, como fica evidente na própria sentença final: a inscrição no catálogo dos santos, o culto autorizado e reconhecido em toda igreja e, inclusive a possibilidade de ser “queimado” caso as suspeitas de heresia se confirmassem” (TEIXEIRA, 2009, p. 79).

Apesar de existir poucas referências sobre a possibilidade de ver similitudes entre processos de canonização e processos inquisitoriais, alguns autores como Alain Boureau (2002), Jean-Michel Sallmann (1995), Gabor Klanickzay (2004) e Igor Teixeira (2009, 2011) observam algumas aproximações. Boureau informa que “...dans les procès inquisitoires, en canonisation comme e matière criminelle ou hérétique, les juges ou commissaires demandent fréquemment aux témoins de définir le sens du mot *fama*, son lieu d'origine, son extension (BOUREAU, 2002, p. 1480).¹⁷

O combate a estas heresias, que instituíram a inquisição, tiveram alguns efeitos nos processos de canonização. Primeiramente, como informamos acima, os processos de canonização, por não possuírem regras formais de anotação, se assemelharam ao modelo jurídico de anotar dos textos inquisitórios. Esta ideia pode ser verificada no estudo de Klanickzay (2004), sobre as provas de santidade no século XIII a partir dos processos de Elizabeth da Turíngia (1207-1231), no qual Gregório IX (1227-1241), ao autorizar a abertura sobre as suspeitas e cartas referentes aos milagres e ao culto desta, determinou que fossem levantadas informações sobre como as testemunhas souberam, quando, em que mês, em que dia, quem estava presente, em qual lugar e o que foi dito, quanto tempo depois viram as pessoas curadas, etc.

O segundo efeito trata da suspeição que sofreram os candidatos a canonização devido ao contexto histórico, já que numa época em que as heresias ameaçavam a cristandade, os sinais miraculosos e fama de santidade a princípio eram vistos como ameaça as doutrinas cristãs. Por fim, o último efeito foi que com a instauração da Inquisição a partir das *Decretais* de Gregório IX (1227-1241), os processos de canonização, segundo Vauchez (1981), passaram a ser assunto de Estado, sendo realizados em períodos mais longos. A exceção a esta margem temporal para se canonizar, é conferida a São Francisco de Assis, que era amigo do

¹⁷ Tradução Livre: “nos processos inquisitórios, em canonização como em matéria criminal ou herética, os juízes ou comissários pedem às testemunhas para definir o sentido da expressão fama de santidade, seu lugar de origem, sua extensão.”

papa Gregório IX (1227-1241). Numa análise sobre o *tempo de santidade*¹⁸ na Idade Média, entre 1209 e 1334, Teixeira (2012) observa que São Francisco foi canonizado em 1228, dois anos após sua morte.

Vejamos, então, as características e procedimentos das canonizações pós *Decretais*. De acordo com Michael Goodich (1985), um processo de canonização bem-sucedido começava com uma campanha ou propaganda feita por grupos interessados pela oficialização do culto a um determinado santo: cartas descrevendo milagres e uma primeira tentativa de composição de uma *Vita et Miracula*. As próximas etapas que descrevemos aqui são descritas por Vauchez (1891). O próximo passo do processo consistia numa pesquisa preliminar feita pelos postuladores. Após a coleta dos relatos sobre a vida e a memória do santo, o hagiógrafo apresentava os resultados junto às cartas. Neste momento, o objetivo era informar a Santa Sé que o santo já era cultuado no âmbito local. Em geral, são relatos de milagres ocorridos no túmulo e não era objetivo provar a veracidade dos mesmos, uma vez que isso cabia aos inquéritos.

O *processus* ou *informatio in partibus* começava com a bula que nomeava os encarregados e suas obrigações. Com relação aos encarregados, em geral o Papa nomeava três comissários, dentre eles um bispo. Além desses, religiosos, notários e testemunhas acompanhavam os interrogatórios para garantir a regularidade dos procedimentos. No caso dos religiosos, estes atuavam como tradutores e/ou intérpretes. Os notários por sua vez, tinham como função redigir as cópias dos depoimentos declarados publicamente e ficavam a serviço dos comissários.

Outra função importante era desempenhada pelo procurador, que redigia os artigos interrogatórios e o esquema que os depoimentos deveriam seguir. Após o inquérito, os comissários disponibilizavam as atas ao papa que encarregava três cardeais para analisá-las. Em seguida o papa realizava duas reuniões secretas com os cardeais, bispos e arcebispos, e informava sua sentença, favorável ou não. Sendo positiva, era organizada uma cerimônia pública e uma terceira reunião na qual a novidade era anunciada através de bulas solenes. As bulas narravam às circunstâncias dos inquéritos, os milagres e virtudes dos santos, oficializando e autorizando a celebração de sua festa principalmente na diocese que possuía as relíquias do santo. Do mesmo modo que as Vidas e/ou Legendas tinham raízes no poder e eram uma forma de propaganda, as bulas também representaram este papel quando se tornaram comuns a partir do papado de Inocêncio III (1198-1216) como informa Miatello:

¹⁸ Tempo de santidade segundo Teixeira (2012:207) “trata-se de uma análise retroativa do período compreendido entre a data da canonização e a data da morte do santo.”

As bulas pontifícias tornaram-se canais das considerações sobre o sentido teológico da santidade, no seu sentido genérico, e sobre o lugar eclesial de cada santo. Mas, não é só isso: uma bula, *grosso modo*, é um documento emanado de uma instância do poder, no caso, o religioso, cujo conteúdo se propõe jurídico, político, obrigatório e determinante. Em se tratando de canonização, a bula manifestava, ao mesmo tempo, a oficialidade de um culto e o divulgava por entre as instâncias competentes que se pretendiam atingir. [...]. Assim, a bula também se tornava veículo de propaganda: primeiramente, de um novo culto e, depois, de uma específica concepção de santidade, cujo teor pode ser reconhecido pela leitura do texto (MIATELLO, 2010, p. 98).

Como podemos observar, as resoluções das *Decretais* de Gregório IX (1227-1241) desempenharam um papel de extrema importância na racionalização dos processos de canonização, que neste momento dependiam de uma rigorosa investigação da vida do candidato com formalidades próprias, tal como num processo judicial. André Vauchez (1981) chama atenção para a crescente racionalização dos procedimentos. A evidência reside nas constantes ordens papais para que investigações sobre santidade sejam refeitas. Vauchez observa que entre 1199, um ano após a declaração da “*riserva pontificia*” de Inocêncio III (1198-1216) e 1276, 48 processos foram ordenados, 25 não tiveram resultados satisfatórios e 23 canonizações foram autorizadas. Porém, desses, 18 processos foram alvo de reiteraões e, após essa revisão, apenas seis foram reconhecidos. Naquele período apenas 11 canonizações foram efetuadas (VAUCHEZ, 1981).

Vauchez (1981) explica as recusas e reformulações nos processos de canonização afirmando que primeiramente as comissões que tinham a função de analisar as atas passaram a recusá-las por causa da forma de anotação dos depoimentos e segundo porque os depoimentos não eram individualizados nem transcritos literalmente. Outra questão levantada por Vauchez (1981) sobre as recusas e reformulações diz respeito ao fato de que os inquisidores não realizavam uma crítica da enorme quantidade de informações que coletavam. O papado então passou a exigir uma investigação com maior meticulosidade e um número reduzido de testemunhos.

Neste célebre estudo de André Vauchez (1981), sobre santidade e o progressivo controle da canonização pelo papado no período de 1198-1431, o autor nos mostra em números a diminuição gradativa das canonizações devido a sua racionalização. Tal fato pode ser observado na tabela abaixo extraída do seu livro “*La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age : d’après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*”.

Tabela 1: Processos de canonização ordenados e efetuados entre 1198 - 1431.		
Período/Século	Processos ordenados pelo Papado	Canonizações Efetuadas pelo papado
1198-1268/XII-XIII	47	23
1268-1304/ XIII- XIV	2	1
1305-1378/XIV	12	7
1379-1431/XIV-XV	10	5
Total	71	35
Fonte: VAUCHEZ, A. (1981, p. 71). La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques.		

Apesar dos diversos decretos e bulas que conferiam ao papa o direito de canonizar, da crescente diminuição e racionalização do processo, calcula-se, segundo Rodrigo (1998) e Vizuette Mendonza (2004), que mais de 600 canonizações foram realizadas entre 1234 e 1588. Na centralização do papa sobre as canonizações muitos fiéis e mesmo parte do clero, tiveram dificuldades em se adaptar às novas orientações já que

localmente, até o final da Idade Média, continuaram a desenvolver-se cultos populares em torno de eremitas, peregrinos, penitentes ou reclusos, quando não em torno de simples vítimas inocentes das forças do mal, como por exemplo os adolescentes assassinados... [...] Até mesmo ao final da Idade Média, a Igreja teve de aceitar a existência de uma duplicidade neste campo: os *sancti*, oficialmente reconhecidos, e os *beati*, de culto limitado a nível local (VAUCHEZ 1987, p. 298).

Portanto, a cristandade medieval era em larga medida uma cultura dos santos e de sua intervenção, na qual, cada aldeia ou cidade tinham seu santo padroeiro e a igreja suas relíquias. Assim, o culto às relíquias atravessou toda a Idade Média, como elemento estruturador do território das cidades cristãs. Seu poder era vasto e atendia a questões como proteção e cura, justificavam romarias e peregrinações e protegiam cidades inteiras. Eram também símbolo de riqueza, prosperidade e nobreza, e no Ocidente, que as tinham eram os detentores das maiores fortunas e prestígio.

4.3 Os procedimentos de canonização entre os séculos XVI e XVIII e o controle absoluto do papado

Em meados do século XVI, o status das relíquias e dos santos começou a se transformar.

Os reformadores protestantes repudiaram veemente as relíquias e rejeitaram os objetos de mediação entre os fiéis e Deus, tratando o culto como uma idolatria ligada mais a magia e superstição do que a fé cristã. O resultado foi um movimento de destruição contínua e em grande escala das relíquias (Cymbalista, 2006). Mas, os reformadores não tinham apenas como alvo as relíquias. As indulgências¹⁹, prática recorrente na cristandade desde o século XIII²⁰, teve seu ápice em 1517, no papado de Leão X (1513-1521), quando este encarregou o frade dominicano Johann Tetzel de recolher indulgências para reconstrução da Basílica de São Pedro em Roma. Tetzel transformou a sua campanha numa verdadeira venda de indulgências, chamando a atenção de Martinho Lutero, que escreveu posteriormente as suas 95 teses dando início a Reforma Protestante. Na tese 86 Lutero diz: “Do mesmo modo: Por que o papa, cuja fortuna hoje é maior do que a dos ricos mais crassos, não constrói com seu próprio dinheiro ao menos esta uma basílica de São Pedro, ao invés de fazê-lo com o dinheiro dos pobres fiéis?” (LUTERO, 2004, p. 29).

A Igreja Católica reagiu aos protestantes potencializando reformas com o intuito de retomar o controle sobre as partes da cristandade e adaptar a estrutura da Igreja aos desafios colocados pela nova situação política e espiritual por que passava o mundo cristão. A resposta mais sistematizada veio no Concílio de Trento (1545-1563). Como afirma Georges Suffert (2001), a extensão deste Concílio é tamanha que seu conjunto de regras serão utilizados pela igreja e católicos até o Vaticano II (1962-1965). Com relação às relíquias o Concílio de Trento por um lado ratificou

... o poder milagroso dos corpos dos santos, reafirmando a sua presença física e integral mesmo nos menores fragmentos, e condenando aqueles que desafiavam esse poder. [...].

Por outro lado, o culto às relíquias não ficou imune à moralização dos costumes e à centralização do poder, promovidos pelo Concílio de Trento em tantos aspectos da fé católica. Dali em diante, os bispos e outras autoridades tornaram-se os responsáveis pela certificação das relíquias e por promover o decoro no seu culto, representando uma centralização de poderes e aumento de suas responsabilidades pedagógicas. O movimento centralizador foi além disso: a própria autonomia dos bispos era circunscrita, pois o Concílio estabelece também que “nada de novo, e até o presente nunca usado se decreta, sem se consultar o Santíssimo Romano Pontífice (CYMBALISTA, 2006, p. 16).

¹⁹ “Cân. 992— Indulgência é a remissão, perante Deus, da pena temporal, devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa; remissão que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições, alcança por meio da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui e aplica autoritariamente o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, p. 176).

²⁰ Em *O Nascimento do Purgatório* Jacques Le Goff (1981) indicou o século XII como o momento em que a crença no purgatório se instalou no interior da doutrina católica. A dupla função do purgatório justifica todo o sistema de distribuição de indulgências instaurado pela Igreja nos séculos posteriores.

Com a reiteration do poder das relíquias pelo Concílio de Trento (1545-1563), os católicos mostraram-se mais fervorosos do que nunca no seu culto. Este Concílio condenou ainda a simonia²¹ e a venda de indulgências. Contudo, os efeitos da Reforma Protestante marcaram profundamente o século XVI, e no que concerne as canonizações dos santos, Eric Suiere (2001) conclui que este século não foi propício a eclosão da santidade. Basta dizer que entre 1535 e 1588 nenhum santo foi canonizado. As razões, além da Reforma Protestante, foram a sucessão de breves pontificados e o saque a Roma em 1527, que desorganizou as funções da Cúria Romana (SUIRE, 2001)

Após o Concílio de Trento (1545-1563), muitos papas prosseguiram com as reformas. Em relação ao escopo deste capítulo, – a burocratização dos procedimentos de canonização –, três papas desempenharam grande papel: Gregório XII (1572-1585), Sisto V (1585-1590), Urbano VIII (1623-1644).

A contribuição de Gregório XII (1572-1585) refere-se à revisão e publicação em documento universal do Martirológio.²² Esta publicação específica incluiu apenas os mártires que foram autorizados pela comunidade eclesial, retirando, portanto, nomes duplicados ou que não tinham o aval da igreja. Ao longo dos séculos ele tem sido atualizado e reeditado devido aos novos acréscimos.

O segundo papa foi Sisto V (1585-1590), que criou em 1588 a Congregação dos Ritos, o qual regulava o exercício do culto divino e procedia com relação às causas dos santos.

À partir de l'institution de la Sacrée Congrégation des Rites, le 22 janvier 1588, les causes de canonisation sont communiquées à un collège de consultants qui supplante progressivement les juges de la Rote²³. Ces consultants on avant tout un rôle technique. Pour chaque cas étudié, un cardinal-ponent désigné par le pape fait office de rapporteur. Au fur et à mesure que les travaux avancent, les procès sont soumis à l'approbation de congrégations de cardinaux qui se prononcent sur la poursuite, la suspension ou l'arrêt définit de l'examen. Si le dernier vote est favorable, signifiant qu'aucun obstacle juridique ou théologique ne s'oppose plus à la proclamation des mérites du serviteur de Dieu, le pape possède le pouvoir de décider de l'opportunité de la canonisation (SUIRE, 2001, p. 352).²⁴

²¹ “SIMONIA (*Simonia*) — Compra e venda de realidades espirituais ou anexas às espirituais por um preço temporal” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, p. 394).

²² O Martirológio pode ser consultado em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/cult-martyrum/martiri/009.html Acesso: 16/01/13.

²³ São os juizes que fazem parte do Tribunal da Rota Romana. “Art. 126. Este Tribunal ordinariamente funciona como instância superior no grau de apelo junto da Sé Apostólica, para tutelar os direitos na Igreja; provê à unidade da jurisprudência e, mediante as próprias sentenças, serve de ajuda aos Tribunais de grau inferior.” Consultar: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19886028_pastor-bonus_po.html Acesso: 17/01/13. Para maiores informações sobre a história e atribuições deste Tribunal e sua ligação com a causa dos santos, consultar: GNAVI (1994).

²⁴ Tradução Livre: A partir da instituição da Sagrada Congregação dos Ritos, em 22 de janeiro de 1588, as causas de canonização são comunicadas a um colégio de consultores que suplanta progressivamente os juizes

O terceiro papa que elencamos anteriormente, como um dos responsáveis pela burocratização dos procedimentos de canonização, é Urbano VIII (1623-1644). Nascido com o nome de Maffeo Barberini, no ano de 1568, na cidade de Florença, foi eleito papa em 1623, morrendo em 1644. Urbano VIII (1623-1644), em seu longo papado, foi responsável pela fundação de vários colégios em nações dominadas pelo protestantismo, fundou e ergueu várias dioceses e vicariatos nas novas terras de missão, apoiou com recursos os missionários, alargou e desenvolveu a esfera de ação da Congregação de Propaganda da Fé²⁵, que foi organizada definitivamente em 1622, pelo seu antecessor Gregório XV (1621-1623). No interesse pelas investigações de catacumbas e nas consequentes relíquias, Urbano VIII (1623-1644) apoiou os trabalhos do arqueólogo Antonio Bosio, e é durante seu pontificado que vemos a primeira abordagem sistemática destas escavações (URBANO, 2007).

Contudo, Urbano VIII (1623-1644) foi ainda mais longe em suas reformulações. Em tempos de reforma, como foram os séculos XVI e XVII, quando o culto aos santos e seu poder intercessor fora posto em causa por Lutero, quando a posição iconoclasta de Calvino acusou a devoção aos santos de idolatria e quando a própria canonização papal foi vista pelos reformistas protestantes como abuso de poder na igreja, assistimos a um duplo movimento: por um lado houve um considerável aumento da devoção espontânea por figuras contemporâneas, que viriam a ser reconhecidas como intérpretes dos novos ideais de santidade ou mesmo considerados como reformadores católicos (como Sta. Tereza de Ávila, Sto. Inácio de Loyola, Sto. Francisco Xavier); e, por outro, enquanto nasciam espontaneamente novas devoções, a hierarquia procurava disciplinar e tornar mais crítico e centralizado o controle do culto aos santos (URBANO, 2006).

Desta forma, no afã de disciplinar, o papa Urbano VIII é considerado o fundador do direito processual para a causa dos santos. Os seus decretos²⁶ incidem no nascimento de novas regras e datam de 1625. Neles, Urbano VIII (1623-1644) proibia qualquer forma de culto

do Tribunal da Rota Romana. A esses consultores é atribuído um encargo técnico. Para cada caso estudado, um cardeal designado pelo Papa atua como relator. À medida que os trabalhos avançam, os processos são submetidos à aprovação de congregações de cardeais que opinam sobre a continuação das pesquisas, a suspensão delas ou o encerramento do caso. Se o último voto for favorável, significando que não há mais obstáculo jurídico ou teológico que se oponha à proclamação dos méritos do servidor de Deus, o Papa é o detentor do poder de decidir se é oportuna a canonização.

²⁵ Congregação de Propaganda da Fé tratava de tudo que estivesse relacionado ao interesse da fé católica nos países protestantes ou nas terras dos ‘infieis’. Hoje tem o nome de Congregação para a Evangelização dos Povos.

²⁶ O nome do decreto é: “Decreta seruanda in canonizatione, & beatificatione sanctorum : accedunt instructiones, & declarationes quas ... Cardinales praesulesque romanae curiae ad id muneris congregati ex eiusdem Summi Pontificis mandato condiderunt.”

público daqueles que tivessem morrido com fama de santidade, mas não tivessem sido reconhecidos oficialmente como santos.

Além disso, interditava no mesmo decreto a impressão de livros sobre as suas vidas, milagres, revelações, graças, sem o prévio reconhecimento do Ordinário, que instruiria o processo a seguir na Santa Sé e aguardaria a sua resolução. Estas proibições, porém, não abrangiam aqueles cujo culto se perdia em tempos imemoráveis. No caso do culto atribuído '*voce populi*' a um santo *ab immemorabili*, a igreja canonizava-o *per uiam cuius* reconhecendo oficialmente a sua santidade, resultando daqui uma canonização equivalente. Segundo decreto de 1631, proibia-se inclusive dar início a um processo de beatificação e canonização que não tivesse respeitado as normas anteriores. Poucos anos mais tarde, em 1634, na Constituição *Coelestis Hierusalem Cives*, entre outras normas, estabelecia-se que não se podia proceder à beatificação antes de terem passado 50 anos sobre a morte do 'candidato'...[...]. O Papa reservava assim para a Santa Sé o controle do culto dos santos, procurando torná-lo mais centralizado e juridicamente mais rigoroso (URBANO, 2007, p. 168).

Na mesma constituição, *Coelestis Hierusalem Cives*, o papa Urbano VIII (1623-1644) prescreveu que para que uma causa fosse aberta era preciso um *nihil obstat* (nada impede) da Santa Sé (Armogathe, 2003). Como na época de Urbano VII o controle sobre a santidade era centralizado na cúria romana, este papa atribuiu a Inquisição o papel de analisar os candidatos a santidade e proibir, negando o *nihil obstat* (nada impede), àqueles que nos quais o culto havia começado antes que do aval da Santa Sé, já que “la riforma di Urbano VIII codificò un complesso sistema di procedure e di divieti, al cui centro stava il Tribunale dell’Inquisizione, l’autorità che di fatto selezionava i modelli della santità e interveniva nella sostanza dei processi di santificazione” (CARPANETTO, 2006, p. 44).²⁷

Portanto, nos decretos do papa Urbano VIII (1623-1644), vemos a primeira sistematização orgânica e segura de um complexo de normas para regulamentar o processo num aspecto jurídico.

Il en résulte trois changements notables: l’institution d’un procès *super non cultu* vérifiant l’absence de culte local, la création d’un office de promoteur général de la foi, et chargé de formuler les critiques sur les causes examinées, et l’obligation de respecter un délai de cinquante ans entre la date du décès du serviteur de Dieu et l’ouverture du procès apostolique. Le procès atteint dès lors sa forme classique, et ne subit ensuite que des changements mineurs (SUIRE, 2001, p. 353).²⁸

²⁷ Tradução Livre: “a reforma de Urbano VII codificou um complexo sistema de procedimento e de proibições, ao qual no centro estava o Tribunal da Inquisição, autoridade que de fato selecionava os modelos de santidade e intervinha na substância dos processos de santificação.”

²⁸ Tradução Livre: Isso resulta em três alterações notáveis: a instituição de um processo de ausência de culto, verificando a ausência de culto local, a criação de um cargo de promotor geral da fé, e encarregado de formular as críticas sobre as causas examinadas, e a obrigação de respeitar um prazo de cinquenta anos entre a data do falecimento do servidor de Deus e a abertura do processo apostólico. O processo alcança logo a forma clássica, e, na sequência, apenas se submete a pequenas alterações.

Dentre as mudanças significativas citadas acima por Eric Suire (2001), é importante salientar a função dos Promotores da Fé, comumente conhecidos como “advogados do diabo”. Este cargo era designado pelo Vaticano e tinha como objetivo primordial levantar objeções à santidade do candidato. Depois dos decretos de Urbano VIII (1623-1644), não há um caso no qual os Promotores da Fé não tenham levantado dificuldades sobre pontos principais dos casos analisados, segundo Jean-Robert Armogathe (2003).

Ao fim do século XVII, quase não houve alterações nos procedimentos de canonização. O acréscimo fica por conta da discussão levantada pelo papa Inocêncio XI (1676-1689), que aprofundou a discussão sobre heroicidade das virtudes em contraste ao martírio. No século XVIII, a mais importante contribuição a causa dos santos, diz respeito à publicação do livro de Bento XIV (1740-1758) chamado “*Dei Servorum Dei beatificatione et Beatorum canonizatione*”²⁹. Neste livro são reunidas e aclaradas todas as normas sobre a canonização advindas desde a criação da Congregação dos Ritos pelo papa Sisto V (1585-1590). No capítulo 10§6, Bento XIV (1740-1758) reafirma que nenhum bispo pode proceder às canonizações devido a sua jurisdição restrita, e que cabe somente ao papa canonizar devido o poder conferido a este sobre a igreja universal.

Além da publicação do conjunto de normas, Bento XIV (1740-1758), destinou o capítulo III de seu livro para discutir de forma mais aprofundada sobre as virtudes heroicas, tema ao qual, carecia de organicidade, precisão terminológica e uma doutrina (LEONI, 1992). A questão das virtudes heroicas, começaram a aparecer entre 1614-1616, com os Uditori di Rota. Se no pontificado de Urbano VIII ele não faz uso do termo virtudes heroicas, nem falava deste em suas cartas apostólicas, com Bento XIV (1740-1758),

... alla centralità della *fama miracolorum* si viene a sostituire così il concetto di *fama sanctitatis*, raggiunta attraverso l’esercizio in grado eroico delle virtù, non solo nella procedura per le beatificazioni, ma anche come punto di riferimento nel più recenti disposizioni del Concilio Vaticano II... (LEONI, 1992, p. 83).³⁰

Outra questão bastante importante no pontificado de Bento XIV (1740-1758) foi à estabilização da função dos médicos nas análises dos candidatos a santificação. Se nos séculos

²⁹ O livro “Benedicti papae XIV Doctrina de servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione” pode ser consultado em: http://books.google.com.br/books?id=MoYPAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Acesso: 17/01/13.

³⁰ Tradução Livre: “... a centralidade da *fama miracolorum* é substituída pelo conceito de *fama sanctitatis* conseguida através do exercício das virtudes em grau heroico, não só no procedimento de beatificação, mas também como um ponto de referência nas recentes disposições do Vaticano II...”

precedentes, os milagres eram balizados pela comunidade eclesiástica, advogados e testemunhas³¹, a partir do século XVI, os médicos começam a aparecer regularmente como peritos nos processos de canonização, como observa Joseph Ziegler (1999) em seu artigo sobre o papel dos médicos nos processos de canonização. O autor observa que a

...the apparent lack of an expert medical role in earlier canonization processes resulted from the poor state of medical knowledge which did not allow accurate diagnosis. Since the Middle Ages was a period when external rather than internal proofs were in demand and recognized, there was little need for the medical expert. Consequently sanctity was usually determined 'viva voce populi' (ZIEGLER, 1999, p. 192).³²

Em resumo, as inovações nos procedimentos de canonização e beatificação entre os séculos XVI e XVIII podem ser elencados da seguinte forma: (1) revisão do Martirológio; (2) criação da Congregação dos Ritos, que teve, entre outras funções, regular o culto aos santos; (3) criação de um Colégio de Consultores com a função técnica de analisar as proposições a santidade; (4) proibição do culto popular dos santos, e prescrição que se fosse comprovado que o culto existia antes do aval da Santa Sé, a causa em questão perderia sua nulidade de inscrição; (5) exigência *nihil obstat* (nada impede) da Santa Sé; (6) as causas apostólicas só poderiam ser abertas após 50 anos da morte do candidato; (7) interdição da impressão de livros sobre vidas, milagres, revelações, graças, sem o prévio reconhecimento do Ordinário; (8) organização das atribuições dos Promotores da Fé; (9) reafirmação a *riserva pontificiale* das canonizações; (10) inclusão dos médicos com peritos nos processos de canonização; (11) discussão sobre o Martírio em contraponto as virtudes heroicas.

Portanto, para concluir este tópico, iremos nos apoiar no artigo “Evoluzione storica della Congregazione per le Cause dei Santi” do cardeal José Saraiva Martins (s/d). Segundo Martins, dos séculos XVI ao XVIII, a Santa Sé tomou para si a incumbência de disciplinar as canonizações e beatificações criando regras rígidas. Desta forma, de 1558 a 1634, houve a progressiva transição de um modelo tradicional para outro atualizado estabelecido por Urbano VIII, no qual este papa declara enfaticamente que nenhum Servo de Deus poderia ser adorado

³¹ Joseph Ziegler (1999:214) aponta que o caso mais antigo de um médico para atestar a santidade entre os examinadores nos processos de canonização data de 1208. Um certo Girardo Vitalis de Ripa declarou sob juramento que foi curado de uma hérnia intestinal dentro do período de um mês depois de uma peregrinação ao túmulo de Raimundo de Piacenza e orações para este santo. Girardo deu seu testemunho a uma comissão episcopal na qual um dos membros era o médico Magister Simone.

³² Tradução Livre: "... a aparente falta do cargo de um médico especialista nos primeiros processos de canonização resultam da situação de escassez de conhecimento médico a qual não permitia uma diagnose mais acurada. Visto que a Idade Média se caracterizou como um período em que se recorria mais a provas externas que provas internas, havia pouca demanda pelo expertise médico. Consequentemente a santidade era frequentemente determinada 'viva voce populi'."

de forma pública até que a Santa Sé declarasse de forma solene a este respeito. O período de 1634 a 1740 se pauta pela reestruturação, ou seja, supressão progressiva das antigas tradições e, acima de tudo, pelo trabalho de codificação dos procedimentos de beatificação e canonização efetuados pelo papa Bento XIV (1740-1758).

Este conjunto de regras e procedimentos tiveram um impacto profundo nas canonizações. Com a racionalização imposta pelos papas deste período, os caminhos para santidade, necessariamente, teriam que passar pelo crivo da Congregação dos Ritos, que tinha ao seu lado um conjunto de regras e de pessoas destinadas a analisar os candidatos.

O resultado foi a consequente diminuição das canonizações como informa os artigos de Eric Suire (1998) para o caso da França e o de Jean-Robert Armogathe (2003) para as causas espanholas. Obviamente, o decréscimo maior no número de causas corresponde ao século XVI devido às consequências da Reforma Protestante. Essa diminuição no número de santos canonizados já vinha ocorrendo desde as *Decretais* de Gregório IX (1227-1241), como pode ser conferido na tabela “Processos de canonização ordenados e efetuados entre 1198 – 1431”. As canonizações entre os séculos XVI e XVIII podem ser consultadas na tabela abaixo:

Tabela 2: Processos de canonização efetuados entre os séculos XVI e XVIII					
Papa		Período do pontificado		Canonizações efetuadas	
Clemente VII		1592-1605		2	
Paulo V		1605-1621		2	
Gregório XV		1621-1623		5	
Urbano VIII		1623-1644		2	
Alessandro VII		1655-1667		2	
Clemente IX		1677-1669		2	
Clemente X		1670-1676		5	
Alessandro VIII		1689-1691		5	
Clemente XI		1700-1721		4	
Bento XIII		1724-1730		10	
Clemente XII		1730-1740		4	
Bento XIV		1740-1758		5	
Clemente XIII		1758-1769		6	
Total de Canonizações				54	
Fonte:	Salla	Stampa	dela	Santa	sede:

http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/pontificato_gpII/pontificato_dati-statistici_it.html Acesso: 10/03/13.

4.4 Beatificação e canonização no Código de Direito Canônico de 1917

Constituída como corpo universal, a Igreja Católica precisa de normas que tornem visíveis sua estrutura hierárquica e orgânica. O Código de Direito Canônico (CDC) é o principal documento legislativo da Igreja e é baseado na herança jurídico-legislativa da Revelação e da Tradição. Compete ao CDC legislar sobre a hierarquia de seu governo, sobre o conjunto dos sacramentos, regras eclesiais e dogmas da Igreja, direitos e obrigações do clero e dos leigos.

O CDC de 1982, promulgado pelo papa João Paulo II (1978-2005), informa em seu prefácio que os dez primeiros séculos floresceram inúmeras coletâneas de leis eclesiais compostas, sobretudo por iniciativa privada, nas quais continham as normas dos antigos Concílios. Por volta do século XII, estas coleções e normas que por vezes tinham preceitos contrários entre si, foram compiladas pelo monge Graciano. Buscando a concordância destas leis, o Decreto Graciano constituiu a primeira parte da grande coleção das leis da Igreja que, a exemplo do Corpo de Direito Civil do imperador Justiniano, foi chamada Corpo de Direito Canônico, e continha as leis, que foram feitas durante quase dois séculos pela autoridade suprema dos Romanos Pontífices. (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983).

Por volta de 1320 o papa Gregório IX (1227-1241), procurou reunificar a multiplicação das coleções pós-gracianas. Gregório IX (1227-1241) atribuiu ao dominicano Raymundo de Pennafort a incumbência de elaborar uma coleção de Decretais que não haviam sido acolhidas no Decreto de Graciano e que continuavam a ser observadas nos tribunais e no ensino do direito canônico. Para que não surgissem novas compilações, Gregório IX (1227-1241) vetou novas publicações sem autorização da Santa Sé. As Decretais, como explicamos no capítulo III, tem caráter universal e obrigatório e contêm além de cânones apostólicos e conciliares, textos eclesiais e de direito romano. Contudo novos acréscimos foram feitos ao longo dos séculos, em especial com o papa Bonifácio VIII (1294-1303), que publicou as *Clementinas*, ou seja, a coleção de Clemente V (1305-1314), promulgada por João XXII (1316-1334).

Ainda de acordo com o prefácio do CDC de 1982, as leis seguintes, principalmente as da época da Reforma Católica/Concílio de Trento (1545-163), e as posteriores promulgadas

pelos diversos Dicastérios da Cúria Romana, nunca foram compiladas numa coleção, resultando num acúmulo de leis amontoadas “... no qual não só a desordem, mas também a incerteza junta com a inutilidade e as lacunas de muitas leis fizeram que a própria disciplina da Igreja fosse posta, cada vez mais, em perigo e ao sabor da arbitrariedade” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, p. XVI).

A fim de sanar este problema, no Concílio Vaticano I (1869-1870), foi pedido aos bispos que preparassem uma nova e única coleção de leis, mas, que devido a assuntos mais urgentes não puderam ser examinadas neste Concílio. Finalmente o Papa Pio X (1903-1914), logo no início do seu Pontificado, propôs coligar e reformar todas as leis eclesiásticas, encarregando a direção desta tarefa ao Cardeal Pedro Gasparri. A preparação do CDC de 1917 durou doze anos e com o falecimento de Pio X (1903-1914), ele foi promulgado no dia 27 de Maio de 1917 pelo seu sucessor Bento XV (1914-1922), entrando em vigor em 19 de Maio de 1918.

Portanto, foi no CDC de 1917 que todas as regras e procedimentos de beatificação e canonização provenientes dos papas Sisto V (1585-1590), Urbano VIII (1623-1644) e Bento XIV (1740-1758), foram organizadas e publicadas num documento único e universal. Estas regras estão contidas na segunda parte do CDC de 1917, que se chama "DE CAUSIS BEATIFICATIONIS SERVORUM DEI ET CANONIZATIONIS BEATORUM".³³ Este Código, logo de início, afirma que fica a cargo da Congregação dos Ritos proceder sobre as causas dos santos e beatos e que tais causas podem ser sobre as virtudes ou martírios.

De forma geral, nas regras dos processos de beatificação e canonização do CDC de 1917, a Congregação dos Ritos estabelece que as seguintes demandas devem ser respondidas:

1. O candidato tem a reputação de ter morrido como mártir?
2. Se for confessor, praticou as virtudes cristãs³⁴ em grau heroico?
3. Quais os fatos que estabelecem a reputação de martírio ou virtude heroica do candidato?
4. Existe algo em sua conduta, ou no conteúdo dos seus escritos, que sejam opostos à fé cristã e consequentemente sua candidatura possa ser negada?

³³ O Código de Direito Canônico de 1917 pode ser consultado em Latim em: <http://www.internetsv.info/Text/CIC1917.pdf> Acesso: 12/04/12. E em Francês: http://www.clerus.org/pls/clerus/cn_clerus.h_centro?dicastero=2&tema=7&argomento=26&sottoargomento=0&lingua=1&Classe=1&operazione=ges_formaz&rif=454&rif1=454lunedì Nesta tese todas as citações do CDC de 1917 serão desta tradução. Acesso: 01/02/13.

³⁴ O Catecismo da Igreja Católica explica que as Virtudes Cristãs se dividem em Teologais (Fé, Esperança e Caridade) e Morais ou Cardinais (Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança). Consultar http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html Acesso: 02/02/13.

5. Qual mensagem a beatificação e a canonização do candidato trarão a Igreja?
6. Os fatos ocorridos em detrimento à intercessão do candidato são inexplicáveis pela razão humana?

Se estas demandas forem respondidas de forma satisfatória à Congregação dos Ritos a causa seria aberta. Antes da causa ser aberta, era preciso ainda cumprir algumas etapas. A primeira dizia respeito ao fato de que o Can. 2101 estabelecia que para uma causa ser aberta era preciso ter transcorrido cinquenta anos da morte do candidato. Nesta fase preliminar, na qual ainda não havia nenhum processo estabelecido, algumas atividades poderiam ser realizadas pelos interessados na beatificação e canonização, como a arrecadação de dinheiro para os custos do processo, a seleção e documentação de relatos de favores divinos, e a publicação de biografias.

Esta etapa, como esboça Woodward (1992), era uma fase destinada à promoção do candidato e encorajamento da devoção privada com intuito de convencer o bispo da diocese no qual o candidato morreu que existia uma reputação persistente de santidade. Se o bispo da diocese julgasse que o candidato cumpria todas as normas estabelecidas pela Congregação dos Ritos, ele instaurava o Processo Ordinário. Quando concluído este Processo, outro era aberto em Roma na Congregação dos Ritos e era chamado Processo Apostólico. Antes de falarmos das regras dos processos de beatificações e canonizações do CDC de 1917, é preciso explicar, mesmo que de forma breve que eram e quais as funções de cada envolvido nestes Processos.

4.4.1 Os atores do processo ordinário e apostólico

Logo no início, no Processo Ordinário, quase todos os atores já faziam parte. Desta forma, todos os envolvidos (bispo, juízes, notários, requente e postulante, advogados da fé, advogados de defesa) deveriam manter sigilo sobre os acontecimentos e escritos. O Cânon 2037, § 3 preconizava também que além dos atores acima citados,

tous les témoins, sans exception ou dispense, doivent, outre le serment de garder le secret, jurer, avant d'être interrogés, de dire la vérité, et après l'avoir été, d'avoir dit la vérité; les experts, les traducteurs, les réviseurs et copistes doivent jurer, avant d'entreprendre leurs expertises, traductions, révision ou transcription, de bien accomplir celles-ci, et celles-ci terminées, de les avoir bien accomplies. Même l'huissier doit jurer de bien remplir son office (CODE DE DROIT CANONIQUE 1917).³⁵

³⁵ Tradução Livre: Todas as testemunhas, sem exceção ou dispensa, deverão, além do juramento do segredo, jurar, antes de ser interrogado, dizer a verdade, e após ter jurado, os experts, os tradutores, os revisores

A partir da exigência do sigilo, temos idéia do montante de pessoas que faziam parte de um processo de beatificação e canonização. Desta forma, explicaremos brevemente as funções de cada envolvido neste Processo.

4.4.2 O postulante e/ou requerente da causa

Os postulantes e requerentes eram, como afirma Woodward (1993), os empresários do sistema. O requerente, como o próprio nome diz, era aquele que requeria a causa e reunia os meios financeiros para o pleno andamento desta. O requente poderia ser o postulante, ou escolher outra pessoa entre os arrolados pela Congregação dos Ritos para sê-lo. O postulante geralmente era pago pelo requerente, ao não ser que o fizesse por caridade.

Sua responsabilidade era representar os que a suscitavam, e orientar a causa. Estes apresentavam a causa aos juízes, escolhiam as testemunhas do processo, pagavam as contas, e determinavam quais dos favores divinos teriam maiores chances de serem aceitos como milagres. Contudo o dinheiro para dar prosseguimento à causa, como explicamos acima, não advinha do postulante e sim de um requerente ou grupo interessado na causa, em geral, ordens religiosas que queriam ver um dos seus beatificados. A exemplo podemos dizer que a causa de beatificação de Chiara Luce foi financiada pelo Movimento dos Focolares, grupo religioso no qual ela participava como leiga. Este dinheiro, de acordo com o Cânon 2007, 2º parágrafo, deve ser administrado de acordo com as normas dadas pela Santa Sé.

O postulante ainda acompanhava a causa até o fim, ou seja, a festa de beatificação e depois de canonização, rascunhando os textos para as homilias do papa e escolhendo as músicas. A partir do Can. 2004, o CDC de 1917, dispõe sobre as regras dos postulantes e requerentes. O CDC afirma que o postulante poderia agir em nome próprio ou de terceiros, ser laico ou sacerdote regular em Roma. Os que agiam em nome de terceiros deveriam apresentar o seu mandato no tribunal antes de serem autorizados a exercer o seu cargo. De acordo com Woodward (1993), na época de sua pesquisa quando a Congregação dos Ritos já havia se transformado em Congregação dos Santos, existiam cerca de 288 postulantes arrolados. Contudo, não conseguimos dados sobre o número de postulantes à época do CDC de 1917.

4.4.3 Relatores e promotores da fé

Estes dois atores estavam presentes em todo o processo, desde a instauração do Processo Ordinário até o final do Processo Apostólico. Eram designados pela Santa Sé e cabia ao relator escrever tudo que foi discutido no decorrer dos processos. O Promotor da Fé, ou popularmente chamado de Advogado do Diabo, devia por sua vez, investigar a fundo a vida do candidato à beatificação, observando, e principalmente se detendo, em partes da biografia do candidato, se existissem, que poderiam ser alvo de objeção a sua santidade. Cabe lembrar, como citamos no III capítulo, que a criação dos Promotores da Fé data de 1625, quando o papa Urbano VIII (1623-1644) reformulou as regras de beatificação e canonização da Congregação dos Ritos.

4.4.4 Notários e advogados de defesa

Os notários ou tabeliães eram aqueles dotados de fé pública que formalizavam juridicamente a vontade das partes, certificando ainda a autenticidade dos documentos apresentados e expedindo cópias fidedignas dos originais. Estes deviam participar dos Processos anotando e verificando a autenticidade do que foi escrito pelos relatores, do que foi dito pelas testemunhas e Promotores da Fé, e autenticar ainda todos os documentos, cartas, livros, que compunham o processo de exame das virtudes ou martírio do candidato.

Cabia aos advogados, ao contrário do Promotor da Fé, defender o candidato a beatificação. O Can. 2018 informa os requisitos dos Advogados de defesa. Eles devem ter doutorado em direito canônico, ou, pelo menos, licenciatura em Teologia. Devem ainda ter feito um estágio ou com os advogados ou com a Promotoria Geral Adjunta da Congregação dos Ritos. Por fim, devem também portar o título de Advogado da Rota Romana.

4.5 As regras dos processos de beatificação e canonização no CDC de 1917

4.5.1 O processo ordinário: a fase diocesana

Após os cinquenta anos da morte do candidato, os interessados na sua causa poderiam solicitar ao bispo do local que instaurasse um processo de causa de beatificação. Esta era a primeira etapa dos Processos. Para que o bispo aceitasse uma causa, ele deveria instaurar o

Processo Ordinário, que deveria oferecer a Congregação dos Ritos material necessário para julgar se a causa merecia ou não ser aberta. Para este fim, o bispo local estabelecia um tribunal ou corte de inquérito, no qual o juiz convocava as testemunhas que deporiam a favor ou contra o candidato, sendo ainda questionados pelo Promotor da Fé e Advogado de Defesa.

Os propósitos desta corte eram três: 1º verificar se o candidato não era objeto de culto público, como preconizava os Decretos de Urbano VII (1623-1644), que abordados no capítulo III. Para que isto fosse provado eram necessárias pelo menos quatro testemunhas. O 2º propósito era estabelecer provas da reputação de fama de santidade e milagres, a heroicidade das virtudes do candidato se ele fosse confessor, ou a fama de martírio se fosse o caso. Para isto oito testemunhas eram necessárias. Se o candidato fizesse parte de uma congregação religiosa, pelo menos metade das testemunhas deveria ser de não membros da congregação. Pedia-se ainda, que todos aqueles que conheciam o candidato sejam eles, testemunhas, familiares, membros da congregação (do qual o candidato fazia parte, se for o caso) que enviassem cartas de próprio punho ao bispo que as entregava ao Promotor da Fé. Com relação às testemunhas, eram admitidas, parentes de sangue, aliança, familiares, e até mesmo heréticos ou aqueles que não professam nenhuma fé.

No caso dos milagres, no Processo Ordinário, o Can. 2028 prescrevia que os médicos, (sejam eles os do candidato ou não) deveriam ser convocados como testemunhas. O mesmo Cânon, no § 2º, observava que caso os médicos se recusassem a comparecer perante o tribunal, a corte solicitaria dos mesmos, sob juramento, um relato da doença e de seu processo que seria inserido nos autos.

Com relação aos candidatos que haviam falecido há mais de cem anos (chamados desta forma de culto imemorial) e não restavam testemunhas da época, a comprovação de que o candidato não era objeto de culto público e a comprovação das virtudes e martírios, poderiam ser provadas por testemunhas que ouviram os fatos desde que possuíssem uma reputação constituída na tradição pública e ininterrupta. Poderia ainda, ser utilizado como prova, documentos ou monumentos contemporâneos desde que autenticados pelos notários. O 3º propósito era, por consequência dos dois primeiros, reunir material suficiente que pudesse estabelecer se esta reputação é baseada em fatos.

O bispo local ainda nomeava funcionários para reunir cartas, escritos não publicados e livros do candidato. Caso o Promotor da Fé, após o exame de toda documentação e audição de testemunhas, não se opusesse aos fatos, o juiz ordenava o encerramento do Tribunal e a confecção de um relatório escrito por um copista, que era em seguida autenticado pelo

notário. Uma cópia do relatório, chamada de '*Transumptum*', deveria ser feita à mão, e anexado os documentos originais. Feito isto, todo o material produzido era autenticado pelo notário e arquivado na diocese. Outra cópia também autenticada era enviada a Santa Sé. Uma vez que o Processo Ordinário foi instaurado e concluído, o candidato passava a se chamar Servo de Deus.

4.5.2 O processo apostólico: a fase romana

Uma vez que todos os documentos e a cópia do relatório chegavam a Congregação dos Ritos a causa era entregue a um postulante residente em Roma. Em seguida, o Advogado de Defesa, a partir do material produzido pelo bispo local, produzia uma síntese com intuito de expor aos juízes os motivos pelos quais o Servo de Deus merecia que sua causa fosse aceita na Santa Sé. Neste momento, o Advogado deveria discursar sobre as virtudes heroicas ou martírio do candidato, chamando atenção para a sua fama de santidade e milagres. Logo após a exposição do Advogado de Defesa começava o primeiro debate entre este e o Advogado do Diabo (Promotor da Fé), que tinha como função, como afirmamos anteriormente, escrutinar a vida do candidato, buscando questões que pudessem parecer difusas ou contrárias aos dogmas cristãos. Woodward (1992) observa que este debate poderia levar meses, senão anos para que fosse concluído, por isto muitas causas ficavam paradas por longos períodos até que os advogados entrassem em consenso sobre um candidato. No momento em que houvesse consenso entre as partes, era preparado um volume impresso chamado *positivo*, contendo todo material produzido pelos bispos acrescido dos debates dos advogados.

Com a *positio* concluída, os cardeais, prelados, secretário e sub da Congregação dos Ritos, estudavam este material e se reuniam posteriormente para decidir em uma sessão formal. Caso estes decidissem a favor do Servo de Deus, o papa era informado e expedia um Decreto de Introdução. Contudo, por ainda ser apenas uma aprovação administrativa do papa, este ainda não assinava com seu nome pontifício. Depois de todo este processo burocrático, que culminava com a avaliação do papa, a causa passava para jurisdição da Santa Sé, sendo finalmente instituído o Processo Apostólico.

Uma vez que o Processo Apostólico era de fato aberto na Santa Sé, mais uma vez o Advogado de Defesa e o Promotor da Fé debatiam sobre o candidato e preparavam desta vez um novo conjunto de perguntas sobre o martírio ou virtudes que eram enviadas ao bispo local, onde um novo tribunal, com juízes designados pela Santa Sé, interrogava mais uma vez as

testemunhas, claro, se estivessem vivas. Quando a documentação estava completa, novamente era remetida a Roma, traduzida para o Latim, e verificada pelo subsecretário da Congregação dos Ritos. Após estas etapas, a Santa Sé expedia um Decreto de Validação do Processo garantindo seu uso legítimo.

O próximo passo era a confecção por parte do Postulante e Advogado de Defesa, de uma *informatio* que continha: 1º, um resumo sistemático dos argumentos favoráveis ao martírio ou virtude, 2º, um sumário de depoimentos das testemunhas. Novamente o Advogado da Fé apresentava suas objeções que eram contra-argumentadas pelo Postulante e Advogado de Defesa. Quando chegavam novamente ao consenso, este material era impresso remetido a funcionários da Congregação dos Ritos, e a teólogos consultores para estudo e julgamento. Neste momento, o Can. 2096 informa que antes do julgamento se deve proceder ao reconhecimento canônico dos restos mortais do Servo de Deus.

Depois deste reconhecimento, havia mais uma rodada de debate entre o Advogado de Defesa e Promotor da Fé na presença dos cardeais, e outra rodada na presença do papa. Por fim, se o papa julgasse que o Servo de Deus praticou em grau heroico as virtudes cristãs ou morreu como mártir, ele passava a ser chamado de venerável. Contudo, o CDC observa no Can. 2115 § 2º que por mais que o Servo de Deus seja agora considerado Venerável, este título ainda não dá permissão para que ele seja cultuado publicamente.

Concluído o Processo Apostólico, restava esperar pelos os milagres para confirmação da beatificação. Desta forma, o processo para se tornar Venerável era o mais complexo e minucioso possível. O candidato era investigado a exaustão, e uma vez que se tornava Venerável, cessavam as pesquisas sobre a sua vida. Contudo, muitos veneráveis não chegavam à beatificação por falta de milagres. Depois de 50 anos exigidos para abertura do Processo Diocesano, mais os anos que o Processo tramitava na Santa Sé, era provável que o Venerável caísse em esquecimento e não fosse mais objeto de intercessão pelos católicos. Os que a fama de santidade não diminuía, e tinham por assim dizer, fiéis extremamente devotos, que lhe solicitavam curas, estes teriam maiores chances de que duas destas curas fossem aceitas como sinais divinos pela Santa Sé, tornando-se consequentemente beatos.

Quando um possível caso de milagre aparecia, o bispo da diocese onde o caso ocorreu, recolhia a evidência e depoimentos das testemunhas, autenticava em cartório, e enviava a Roma. Este milagre deveria provar que Deus operou um milagre de cura por meio do Venerável. No caso da beatificação, no CDC de 1917, dois milagres são requeridos para os

confessores. Com relação aos mártires o Can. 2116 § 2º observa que caso não haja milagres ocorridos por intercessão deste, a Congregação dos Ritos pode pedir a isenção do papa.

Quando esta documentação chegava a Roma, um grupo de especialistas médicos se reunia para debater se a referida cura poderia ser considerada de fato um sinal divino no qual não houvesse cura médica. Se o parecer fosse favorável um grupo de teólogos consultores analisava se esta cura havia sido obtida por orações ao Servo de Deus, ou fruto de pedidos simultâneos a outros santos que já são oficiais. O papa, então, analisava a referida cura e emitia o decreto formal. Em seguida, havia uma reunião solene deste com os cardeais para analisar se era possível ir em frente com segurança na beatificação. No dia da beatificação, o papa proclamava que o Servo de Deus deveria ser venerado como um dos beatos da Igreja. Contudo, esta veneração era circunscrita a diocese local, a um país, ou determinada ordem religiosa. Para que ocorresse a canonização era preciso mais dois milagres que seriam analisados sob os mesmos protocolos dos milagres de beatificação. Desta vez, por ser um santo que deve ser venerado pela Igreja universal, o papa participava da cerimônia e informava o exemplo e mensagem que este santo traria a Igreja.

Este era procedimento utilizado para criação de santos desde a reforma de Urbano VIII (1623-1644) e que foi incluído no Código de Direito Canônico de 1917 e vigorou até 25 de janeiro de 1983 quando o papa João Paulo II (1978-2005) mudou as regras com a Constituição Apostólica *Divinus perfectionis Magister*. Tal mudança, respondia aos desejos tanto dos membros da Congregação dos Ritos como dos interessados nas causas de santos. O sistema de fazer santos do CDC de 1917 era extremamente burocrático e necessitava por parte dos requerentes e postulantes grandes somas de dinheiro e paciência. Era quase impossível um postulante ver a sua causa concluída antes de morrer, devido aos imensos debates entre o Promotor da Fé e o Advogado de Defesa, e, quando este morria, as gerações posteriores, no caso de candidatos de ordens religiosas, se questionavam se valia à pena despender grandes somas de dinheiro e tempo na beatificação e canonização.

Tais debates eram repetidos tantas vezes, e em sua maioria só para respeitar as formalidades, que quando um Servo de Deus era beatificado ou canonizado, se tornava um santo sem fiéis, devido à inexistência de uma efervescência religiosa que outrora ele suscitou. O sistema de fazer santos era, portanto, refém dos debates entre o Advogado e Promotor da Fé, cabendo aos teólogos, requerentes e postulantes o papel de coadjuvantes no Processo. Este processo extremamente burocrático requerido pela Congregação dos Ritos resultou desde Urbano VIII (1623-1644) no número reduzido de santos e beatos. Obviamente, este

contingente reduzido deve ser pensando em comparação aos números de canonizações e beatificações efetuadas por João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013).³⁶

Vejamos na tabela abaixo os dados dos papas que beatificaram sob o CDC de 1917 em comparação a João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013), que beatificaram a partir das novas regras contidas na Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister* e nas *Normas para Observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos* implementadas em 1983 por João Paulo II (1978-2005).

Tabela 3: Número de beatificações entre 1903-2013		
Papa	Data do Pontificado	Total
Pio X	(1903-1914)	73
Bento XV	(1914-1922)	42
Pio XI	(1922-1939)	496
Pio XII	(1939-1958)	169
João XXIII	(1958-1963)	4
Paulo VI	(1963-1978)	62
Sub-total (1903 a 1978)		846
João Paulo II	(1978-2005)	1345
Bento XVI	(2005-2013)	867
Total de beatos (1903-2005)		3904
FONTE: De Bento XV (1914-1922) a Paulo VI (1914-1922) consultar CICILLOT, V (2008, p. 221). La politica delle canonizzazioni di Giovanni Paolo II. João Paulo II e Bento XVI consultar as tabelas dos		

³⁶ Apesar de João Paulo II (1978-2005) ainda ter beatificado e canonizado a partir das regras do CDC de 1917, no ano de 1983 este papa reformula o Código de Direito Canônico e em seguida lança novas regras de canonização e beatificação em 1983. Desta forma em nossa análise sobre beatificações e canonizações não incluiremos João Paulo II entre os papas do Código do CDC de 1917, pelo contrário, quando formos analisar as regras do CDC de 1917 compararemos como os dados de João Paulo II (1978-2005) e de seu sucessor Bento XVI (2005-2013).

referidos papas no anexo.

Dentre as beatificações ocorridas entre 1903 e 1978 podemos citar a de Joana d’Arc (1412-1431) em 1909 por Pio X (1903-1914) e canonizada por Bento XV (1914-1922), Nuno de Santa Maria (1360-1341), o nobre português que Camões cita nos *Lusíadas*, por Bento XV (1914-1922) e canonizado posteriormente por Bento XVI (2005-2013), Dom Bosco, padre salesiano beatificado e canonizado por Pio XI (1922-1939), o presbítero italiano Antonio Maria Pucci, por Pio XII, e canonizado por João XXII (1958-1963), Elizabeth Ann Bayley Seton (1774-1821), a americana, mãe e fundadora da Ordem Religiosa Irmãs da Caridade, beatificada por João XXIII (1958-1963) e posteriormente canonizada por Paulo VI (1963-1978), se tornando a primeira santa norte-americana. Por fim, temos a beatificação de Maximilano Kolbe o frei polonês que morreu dando a vida por outro preso no Campo de Concentração Nazista em *Auschwitz*. Elefoi beatificado por Paulo VI (1963-1978), como confessor e canonizado por João Paulo II (1978-2005) como “Mártir da Caridade”, termo este que foi um acréscimo ou reformulação ao conceito em voga entre os fazedores de santo sobre martírio. Outro dado que ressaltaremos se trata do tempo entre a morte do candidato e sua beatificação, que pode ser observado na tabela abaixo. Como afirmamos anteriormente, uma causa só poderia ser aberta após 50 anos da morte do candidato. Somada a esta espera de 50 anos, a efetivação de uma beatificação poderia durar décadas para que fosse ratificada, devido à burocracia e intenso debate entre o Advogado de Defesa e Promotor da Fé. Com o CDC de 1917 houve uma redução no tempo entre a morte do candidato e sua beatificação, se compararmos aos anos anteriores a este Código que compreende os pontificados entre os anos de 1800 a 1916 como mostra a tabela abaixo.

Tabela 4: Intervalo entre a morte do candidato e sua Beatificação				
Papa	Data do Pontificado	Data da morte do candidato	Data de Beatificação	Intervalo de anos
Pio VII	(1800-1823)	1713	1818	105
Gregório XVI	(1831-1846)	1710	1834	124
Pio IX	(1846-1878)	1717	1865	148
Leão XIII	(1878-1903)	1815	1893	78
Pio X	(1903-1914)	1840	1904	64
Bento XV	(1914-1922)	1837	1920	83

Pio XI	(1922-1939)	1860	1926	66
Pio XII	(1939-1958)	1915	1954	49
João XXIII	(1958-1963)	1914	1959	55
Paulo VI	(1963-1978)	1922	1967	30*
João Paulo II	(1978-2005)	1997	2003	6
Bento XVI	(2005-2013)	2005	2011	6**

FONTE: 1ºPELLISTRAND, B. (2003, p. 179). <<La sainteté contemporaine>>. ***FONTE: 2º** - A primeira fonte afirma um intervalo de 45 anos em Paulo VI. Contudo a data entre a morte e a beatificação é menor, 30 anos e não 45. Este intervalo de 30 anos refere-se a beatificação de Maximiliano Kolbe morto em 1941 em Auschwitz e beatificado em 1971. Consultar Homilia de beatificação em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1971/documents/hf_p-vi_hom_19711017_it.html Acesso: 16/05/13. ****FONTE: 3º** - Este intervalo de seis anos corresponde a beatificação do papa João Paulo II (1978-2005). Consultar http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20110501_beatificazione-gpii_po.html Acesso: 16/05/13.

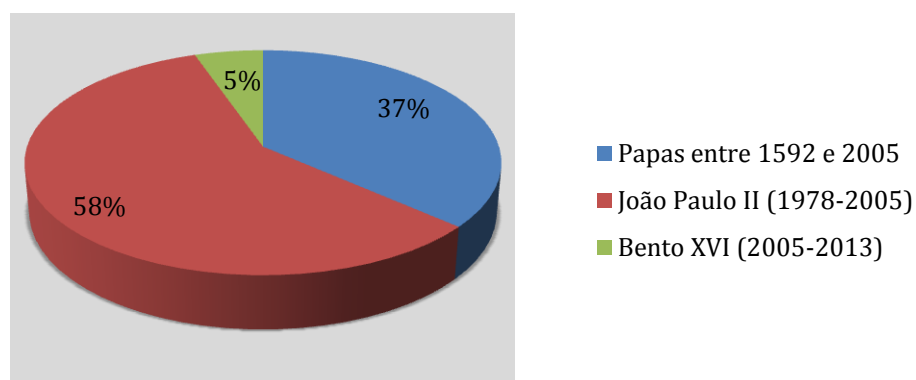
Contudo, se compararmos o tempo de beatificação dos papas entre 1917 e 1983, ano que João Paulo II (1978-2005) muda as regras, veremos que o tempo de beatificação do CDC de 1917 era bastante alto. Após a aprovação deste Código, a causa que durou mais tempo para ser efetivada está circunscrita no pontificado de Bento XV(1914-1922), com o tempo de 83 anos, enquanto que o menor tempo entre a morte de um candidato e sua beatificação aconteceu no pontificado de João Paulo II (1978-2005), com a beatificação de Madre Tereza de Calcutá. Já no pontificado de Bento XVI (2005-2013) o menor tempo foi a beatificação de João Paulo II (1978-2005). Com relação aos santos, como explicamos anteriormente, desde o século XI quando começa o controle do papado sobre as canonizações, a partir das iniciativas de Gregório IX (1227-1241), a criação da Congregação dos Ritos em 1558 por Sisto V (1585-1590), e as reformas de Urbano VIII (1623-1644) e Bento XIV (1740-1758), reformas estas que foram em seguida organizadas e publicadas no CDC de 1917, o número de canonizações começou a ser reduzido, obviamente, e mais uma vez, se compararmos com as canonizações de João Paulo II (1978-2005). Vejamos a tabela abaixo sobre o número de canonizações entre 1592 e 2005.

Tabela 5: Número de Canonizações entre 1592 e 2013		
Papa	Data de Pontificado	Total de Canonizações
Clemente VIII	(1592-1605)	2
Paolo V	(1605-1621)	2
Gregório XV	(1621-1623)	5

Urbano VIII	(1623-1644)	2
Alessandro VII	(1655-1667)	2
Clemente IX	(1667-1669)	2
Clemente X	(1670-1676)	5
Alessandro VIII	(1689-1691)	5
Clemente IX	(1700-1721)	4
Bento XIII	(1724-1730)	10
Clemente XII	(1730-1740)	4
Bento XIV	(1740-1758)	5
Clemente XIII	(1758-1769)	6
Pio VII	(1800-1823)	5
Gregório XVI	(1831-1846)	5
Pio IX	(1846-1878)	52
Leão XIII	(1878-1903)	18
Pio X	(1903-1914)	4
Bento XV	(1914-1922)	3
Pio XI	(1922-1939)	34
Pio XII	(1939-1958)	33
João XXIII	(1958-1963)	10
Paolo VI	(1963-1978)	84
Sub-total (1592-1978)		302
João Paulo II	(1978-2005)	483
Bento XVI	(2005-2013)	44
Total de Santos (1592-2013)		829
FONTE: Dati statistici del Pontificato di Giovanni Paolo II http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/pontificato_gpII/pontificato_dati-statistici_it.html#Beatificazioni%20e%20Canonizzazioni Acesso: 10/02/13		

Na tabela acima o primeiro dado que podemos ressaltar é que de 1592 a 1978, ou seja, em cinco séculos, houve 302 canonizações, enquanto que apenas no pontificado de João Paulo II (1978-2005) 483 santos foram canonizados. Com a implementação do CDC de 1917 o papa que mais canonizou foi Paulo VI (1963-1978), com um total de 84 santos e o menor número foi no pontificado de Bento XV (1914-1922), com três canonizações. Para tanto, 36,47% dos santos foram canonizados entre 1592-1978, 58,21% no pontificado de João Paulo II (1978-2005) e 5,32% com Bento XVI (2005-2013).

Gráfico 1: Porcentagem de Beatificações entre 1903 e 2013



Dentre as canonizações a partir do CDC de 1917 podemos citar São Gabriel de Nossa Senhora das Dores (1838-1862)³⁷ por Bento XV (1914-1922), Santa Tereza de Lisieux (1873-1897)³⁸, freira carmelita, e Doutora da Igreja³⁹, que também morreu aos 24 anos, por Pio XI (1922-1939). Pio XII (1939 -1958), por sua vez, canonizou o papa Pio X (1903-1914) e beatificou a italiana Maria Goretti (1890-1902) em 1947, canonizando-a três anos depois. Esta santa é também conhecida como “Mártir da Castidade” por ter morrido aos 12 anos em decorrência de uma tentativa de estupro, sendo constantemente evocada pelo Vaticano como modelo para a juventude. João XXIII (1958-1963), por sua vez, canonizou São Martin Porres (1579-1639), o frei peruano, que é o Patrono dos Mestiços Católicos. Por fim, Paulo VI (1963-1978) canonizou em 1964 o jovem pajem Ugandense Carlos Lwanga, juntamente com 22 companheiros que foram martirizados na África pelo rei Mwanga de Buganda. Em 1920, Carlos Lwanga havia sido beatificado por Bento XV⁴⁰ e declarado Padroeiro da Juventude Africana em 1934 pelo papa Pio XI (1922-1939).

³⁷ São Gabriel de Nossa Senhora das Dores nasceu em Assis (Itália) morreu em 1862 aos 24 anos. Em 1908 foi beatificado por Papa Pio X e canonizado por Bento XV em 1920. Em 1926 foi declarado pelo papa Pio XI (1922-1939) Co-Padroeiro da Juventude Católica Italiana.

³⁸ Santa Tereza de Lisieux (1873-1897) foi Patrona das Jornadas Mundiais da Juventude realizada no Rio de Janeiro em Julho de 2013.

³⁹ Este título é dado a todos aqueles que foram considerados modelos de santidade e que contribuíram de forma original para a doutrina católica. Teresa de Lisieux recebeu este título de João Paulo II (1978-2005) em 19/10/1997.

⁴⁰ Os nomes, datas de nascimento e morte destes beatos, podem ser consultados no Breve de Beatificação de 1920 do papa Bento XV (1914-1922) em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xv/briefs/documents/hf_ben-xv_briefs_19200606_african-quisnam_it.html Acesso; 14/02/13.

Do mesmo modo que aconteceu com as beatificações, com o CDC de 1917 houve também uma redução no tempo de santidade com relação aos papas anteriores a este Código.⁴¹ Mas se compararmos o tempo entre a morte do candidato e sua santificação dos papas do CDC de 1917 com João Paulo II (1978-2005) veremos que o tempo de canonização era bastante alto como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 6: Intervalo entre a morte do candidato e sua Canonização				
Papa	Data do Pontificado	Data da morte do candidato	Data de Canonização	Intervalo de anos
Pio VII	(1800-1823)	1640	1807	167
Gregório	(1831-1846)	1787	1839	52
Pio IX	(1846-1878)	1791	1867	76
Leão XIII	(1878-1903)	1783	1881	98
Pio X	(1903-1914)	1820	1909	89
Bento XV	(1914-1922)	1862	1920	62
Pio XI	(1922-1939)	1897	1925	28
Pio XII	(1939-1958)	1917	1946	31
João XXIII	(1958-1963)	1922	1961	39
Paulo VI	(1963-1978)	1925	1977	52
João Paulo II	(1978-2005)	1975	2002	27
Bento XVI	(2005-2013)	1963	2005	42
FONTE: PELLISTRAND, B. (2003). <<La sainteté contemporaine>>.				

Entre os papas do CDC de 1917, o maior tempo entre a morte do candidato e sua canonização foi com Bento XV (1914-1922) e o menor foi no pontificado de Pio XI (1922-1939) perfazendo 28 anos. Este período de 28 anos de Pio XI (1922-1939) quase se iguala a canonização mais rápida desde a criação da Congregação dos Ritos, empreendida no pontificado de João Paulo II (1978-2005), que canonizou o fundador da Opus Dei, Josemaría Escrivá de Balaguer, que morreu em 1975 e foi santificado vinte sete anos depois.

Portanto, esta era a forma moderna de se fazer santos e que foi utilizada pelos papas Bento XV(1914-1922), Pio XI (1922-1939), Pio XII (1939-1958), João XXIII (1958-1963), Paulo VI (1963-1978) e que foi transformada por João Paulo II (1978-2005) em 1983. Embora as regras do CDC de 1917 tenham permanecido quase que inalteradas até a publicação da Constituição Apostólica *Divinus perfectionis Magister*, algumas adições foram feitas as causas dos santos na Congregação dos Ritos.

⁴¹ A exceção é S. Antônio de Pádua (11-91-1231), que foi canonizado dez meses após sua morte pelo papa Gregório IX (1227-1241). Antônio superou até S. Francisco de Assis (1182-1226), canonizado 18 meses depois de sua morte pelo mesmo papa.

A primeira delas foi à criação da Seção histórica pelo papa Pio XI (1932-1939). No “Moto Proprio” de fevereiro de 1930, chamado “*Già da qualche tempo*”, este papa informava que há algum tempo vinha amadurecendo a idéia que as causas históricas dentro da Congregação dos Ritos mereciam um retoque a fim de responder a própria natureza de tais causas. Neste documento, Pio XI (1932-1939) afirma que

per cause « storiche » dei Servi di Dio intendiamo quelle per le quali (trattisi della vita, delle virtù, del martirio o di antico culto) non si possono raccogliere deposizioni di testimoni contemporanei ai fatti in causa, nè si hanno documenti certi di tali deposizioni debitamente raccolte in tempo opportuno.⁴²

Neste órgão, os consultores eram especialistas em história e ficavam subordinados a um Relator Geral, que tinha a incumbência de dirigir os trabalhos. Um causa histórica seguia os determinados procedimentos: (1) O Relator Geral, após a abertura regular do Processo Informativo examinava as partes de sua jurisdição e solicitava caso fosse necessário, novas investigações. Em seguida distribuía estes documentos entre os consultores de sua Seção. (2) Terminada a análise, os votos dos consultores e as conclusões do Relator Geral eram entregues ao Prefeito da Congregação dos Ritos e ao Promotor da Fé para que analisassem e fizessem objeções ou acréscimos. (3) Os consultores ainda tinham que responder, dentro de sua jurisdição, às objeções e perguntas do Promotor da Fé. O mesmo pontífice aprovou uma segunda mudança em Janeiro de 1939, quando ordenou a publicação das “*Normae Servandae in construendis processibus ordinariis super causis historicis*”, tornando supérfluo o processo “apostólico” para as causas históricas, no qual este passou a ser realizado num único processo de autoridade ordinária.

Outra atualização diz respeito à Consulta Médica que avalia os milagres. Bento XIV (1740-1758) especificou os critérios de avaliação dos milagres⁴³ no seu famoso livro “*Dei Servorum Dei beatificatione et Beatorum canonizatione*” e instituiu o primeiro conselho de médicos na Congregação dos Ritos. Contudo, o procedimento não distinguia entre o juízo

⁴² Tradução Livre: por causas « históricas » dos Servos de Deus nos referimos àquelas pelas quais (trate-se da vida, da virtude, do martírio ou de antigo culto) não se podem recolher deposições de testemunhos contemporâneos aos fatos em questão, nem se possuem documentos certos de tais depoimentos devidamente recolhidos em tempo oportuno. Em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/motu_proprio/documents/hf_p-xi_motu-proprio_19300206_sezione-storica_it.html Acesso: 20/01/13.

⁴³ Nesta tradução do latim para o italiano, do Livro IV- Parte I - Capítulo XXI intitulado “*Dei morti riportati in vita, ovvero dei resuscitati*” (Dos mortos de volta a vida, ou do ressuscitado) do livro “*Dei Servorum Dei beatificatione et Beatorum canonizatione*” de Bento XIV (1740-1758) ele faz uma análise dos milagres de 1º grau, ou seja aqueles intitulados ressurreição dos mortos (*quoad substantiam*). Consultar <http://www.traditio.it/FAM-CIV/2010/luglio/8/Benedetto%20XIV.%20Delle%20cause%20di%20beatificazione%20dei%20Servi%20di%20Dio%20...%20cap.%20XXI.pdf> Acesso: 15/02/13.

médico científico e o teológico. Desta forma, os teólogos deviam dar um parecer vinculante sobre as conclusões médicas sem ter competência na matéria. Assim, em 1948, Pio XII (1939-1958) constituiu a Comissão médica como organismo específico de avaliação científica com o objetivo de analisar se determinada cura era objeto de um possível milagre.

Estes foram, portanto os acréscimos aos procedimentos de canonização e beatificação pós CDC de 1917.⁴⁴ O cerne das mudanças ocorridas nas causas dos santos só começará a ser gestada quando se tem início o Concílio Vaticano II (1962-1965). Apesar de não ter sido criada nenhuma comissão específica para se discutir as causas de santos, houve por parte de alguns padres conciliares a vontade de reformar os procedimentos.

Um destes foi o Arcebispo de Mechelen-Bruxelas, Leo-Jozef Suenens (1904-1996), que teve grande influência no Concílio, sendo um dos quatro moderadores além de conferencista. Participando ativamente das Comissões e tecendo comentários sobre os mais diversos assuntos, inclusive sobre as causas dos santos, Suenens levantou a discussão de que o processo de canonização era muito demorado e centralizado em Roma. Sua sugestão no Concílio era que pelos menos o direito de beatificar fosse devolvido aos bispos locais e as conferências episcopais de cada país, agilizando assim o processo e fornecendo uma diversidade maior de candidatos. Sua justificativa era que esta mudança restaurava a antiga prática que existia antes do papado assumir o controle absoluto sobre as canonizações e beatificações (WOODWARD, 1992).

Contudo, as propostas do cardeal Suenens não tiveram apoio absoluto por parte dos padres conciliares. Alguns que comungavam de suas ideias afirmaram que o processo de fazer santos tinha se tornado refém da burocracia vaticana e precisava de uma reforma. Um desses padres conciliares era Giovanni Maria Montini, que se tornaria posteriormente o papa Paulo VI (1963-1978) e que traria algumas modificações às causas dos santos. Os cardeais Karol Woityla e Joseph Ratzinger⁴⁵, que também participaram ativamente deste Concílio, e que viriam a se tornar décadas depois, os papas João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013), estabeleceram também novos procedimentos. O primeiro inovando por completo as regras das causas dos santos, e o segundo, trazendo algumas modificações principalmente no que diz respeito às beatificações. Para tanto, neste próximo capítulo analisaremos a

⁴⁴ Paulo VI (1963-1978) também fez algumas complementações nos procedimentos de canonização que serão apresentadas no próximo capítulo.

⁴⁵ Sobre a experiência vivida por Joseph Ratzinger no Concílio Vaticano II consultar GENNARI (2013), GALEAZZI (2013) e o “Texto inédito do papa Bento XVI publicado por ocasião do 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II” em: http://www.vatican.va/special/annus_fidei/documents/annus-fidei_bxvi_inedito-50-concilio_po.html Acesso: 31/01/13.

importância do Concílio Vaticano II nas causas dos santos.

5 CONCÍLIO VATICANO II E SUA INFLUÊNCIA NAS REGRAS ATUAIS DE CANONIZAÇÃO

Muitos autores têm apontado que as mudanças nas causas dos santos fazem parte de um processo maior de reformulação na Igreja, que teve como ponto de partida o Concílio Vaticano II (1962-1965). Este Concílio foi responsável pela entrada da Igreja Católica na modernidade e suas orientações foram seguidas, reformuladas ou até mesmo suplantadas pela hierarquia do catolicismo. No que tange especificamente a nossa problemática de estudo, as resoluções do Concílio, em nossa opinião foram acolhidas de forma ambígua. Por um lado, os

papas Paulo VI (1963-1978) e João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013) modernizaram as regras das causas dos santos à luz das resoluções Conciliares (promoção do leigo, chamado de todos à santidade, colegialidade dos bispos, etc) mais por outro, os santos e beatos em sua maioria saíram da hoste eclesiástica, como veremos adiante no item que tratará da política de beatificação e canonização de João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013). Contudo, antes de analisarmos as reformulações nos procedimentos e a política de fazer santos e beatos de João Paulo II e Bento XVI, é preciso mesmo que de forma breve uma análise sobre o Concílio Vaticano II.

5.1 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da igreja

Segundo João Batista Libânio (2005a), o contexto eclesiástico que prevalecia na Igreja antes do Concílio Vaticano II (1962-1965) era marcado por uma teologia dogmatista e dualista, que zelava pela ortodoxia e por uma prática litúrgica bastante ritualista, no qual as definições de Pio IX (1846-1878) sobre a Infalibilidade do Magistério Pontifício⁴⁶ advindas do Concílio Vaticano I (1869-1870) faziam da pessoa do papa a base da Igreja. A realidade era pensada de forma essencialista, imutável e a perspectiva histórica não era suscitada, na verdade, era por vezes condenada igualmente com a modernidade. As perguntas importantes eram aquelas internas à própria teologia da Igreja que não se deixava questionar pelas inovações científicas ou existenciais das pessoas. Estas críticas à modernidade foram amplamente discutidas pelos papas anteriores ao Concílio Vaticano II (1962-1965) e, por vezes, tais documentos,⁴⁷ tinham um conteúdo extremamente dogmático e condenatório.

⁴⁶ O Código de Direito Canônico de 1983 discorre sobre a infalibilidade papal afirmando: “**Cân. 749** — § 1. Em virtude do seu cargo, o Sumo Pontífice goza de infalibilidade no magistério quando, como supremo Pastor e Doutor de todos os fiéis, a quem pertence confirmar na fé os seus irmãos, proclama por um acto definitivo que tem de ser aceite uma doutrina acerca da fé ou dos costumes. § 2. Goza também de infalibilidade no magistério o Colégio dos Bispos, quando, reunidos os Bispos em Concílio Ecuménico, exercem o magistério, e, como doutores e juizes da fé e dos costumes, declaram definitivamente para toda a Igreja que tem de ser aceite uma doutrina acerca da fé ou dos costumes; ou quando, dispersos por todo o mundo, mas mantendo vínculo de comunhão entre si e com o sucessor de Pedro, juntamente com o mesmo Romano Pontífice, ensinando autenticamente doutrinas de fé ou costumes, acordam em que uma proposição deve aceitar-se definitivamente. § 3. Nenhuma doutrina deve considerar-se infalivelmente definida, a não ser que tal conste manifestamente” (CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, 1983, p. 137).

⁴⁷ Os documentos são: SYLLLABUS ERRORUM (1864) do papa Pio IX (1846-1878). Consultar: http://www.statveritas.com.ar/Magisterio%20de%20la%20Iglesia/SYLLLABUS_ERRORUM.pdf Acesso: 20/02/13. Carta Encíclica de Pio X (1903-1914) de 1907 *Pascendi Dominici Gregis* Consultar: http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_po.html Acesso: 20/02/13. Carta Encíclica de Pio XII (1939-1958) *Humani Generis* Consultar: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html Acesso: 20/02/13.

No final do pontificado de Pio XII (1939-1958), a Igreja Católica dava sinais de cansaço devido ao duro embate conduzido por este papa sobre questões como dogmática, moral, disciplina, e principalmente por seus ataques vigorosos a modernidade. Após sua morte, o conclave se reuniu e escolheu o sacerdote italiano, Angelo Giuseppe Roncalli, que foi bispo de Bérgamo (Itália) e núncio-apostólico na França, que adotou como nome pontifício João XXIII (1958-1963). Este cansaço citado acima,

... pareceu dominar o colégio cardinalício que escolheu um ancião de 77 anos com previsão de poucos anos de vida para oferecer à Igreja um tempo de transição. A sabedoria romana optou pela espera. Nada melhor que escolher um "papa de transição", idoso, que não tenha muita energia para empreender a tarefa gigantesca exigida para um mundo que emergira de terrível guerra mundial com seus valores fundamentais abalados. A história da Igreja conhece papas de transição, de espera de um outro mais jovem, capaz e decidido. Naqueles idos, já despontava a figura de Mons. Montini⁴⁸, que ainda não era cardeal e, portanto, estava fora do páreo. E a escolha de João XXIII vinha muito bem para dar um tempo a fim de fazê-lo cardeal e depois confiar-lhe um arco de tempo mais longo no governo da Igreja. João XXIII foi esse acidente de percurso na sucessão dos pontífices. Ele parecia responder às expectativas para um tempo de passagem. Além disso, era um homem sábio, que tinha enfrentado situações delicadas no tempo da guerra e pós-guerra, quer na Turquia, quer na França, com enorme prudência e sagacidade, além de ter acumulado a experiência pastoral em Veneza. (LIBÂNIO, 2005a, p. 19).

João XXIII (1958-1963) era tido por muitos como um acidente de percurso na sucessão dos pontífices, um papa de passagem, que para alguns não traria a Igreja muitas inovações, tanto pela idade avançada quanto pelo fato de que o pontífice anterior, Pio XII (1939-1958) tinha exercido grande influência nos caminhos da Igreja. Contudo, entrou a imprevisibilidade da história e João XXIII (1958-1963) não se acanhou em substituir Pio XII (1939-1958), nem lhe seguiu o modo de governar a Igreja, este ancião mais que um “Papa de transição”, na ideia de Libânio (2005a), foi na verdade o “Papa da transição” da Igreja dos tempos pré-modernos para a modernidade, e esta imprevisibilidade foi a de convocar um Concílio Ecumênico numa época, em que devido ao dogma da infalibilidade do Magistério Pontifício, que concentrou a compreensão de Igreja na pessoa do Papa, o clero parecia achar um Concílio algo supérfluo, custoso e perigoso, já que estavam acostumados a confiar na administração romana em questões de dogma e moral.

Três meses após ser entronizado, no dia 25 de janeiro de 1959 após uma missa na Basilica di San Paolo fuori le mura (Roma/Itália), João XXIII (1958-1963) fez a seguinte declaração: “Pronuncio perante vós, certamente tremendo um pouco de emoção, mas também

⁴⁸

Mons. Montini é o papa Paulo VI (1963-1978).

com humilde resolução de propósito, o nome e a proposta de dupla celebração: a de um Sínodo diocesano na Urbe (cidade de Roma) e a de um Concílio Ecumênico para Igreja Universal” (BEOZZO, 2001, p. 42 apud KLOPPENBURG, p.38). Afirmou ainda, que o Sínodo e Concílio conduzirão ao tão esperado *aggionamento* (atualização) que o Código de Direito Canônico e a própria Igreja necessitam.

Ao contrário do papa Pio IX (1846-1878), que convocara o Concílio Vaticano I (1869-1870) para proclamar a Constituição Dogmática “*Pastor Aeternus*”, sobre Infallibilidade do Magistério Pontifício, além de condenar o racionalismo, materialismo e ateísmo, o tom do discurso de abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965) em 11 de outubro de 1962 dado por João XXII (1958-1963) informava que este não tinha a intenção de proclamar condenações, pois agora

... a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações. Não quer dizer que falem doutrinas enganadoras, opiniões e conceitos perigosos, contra os quais nos devemos premunir e que temos de dissipar; mas estes estão tão evidentemente em contraste com a reta norma da honestidade, e deram já frutos tão perniciosos, que hoje os homens parecem inclinados a condená-los, em particular os costumes que desprezam a Deus e a sua lei, a confiança excessiva nos progressos da técnica e o bem-estar fundado exclusivamente nas comodidades da vida.⁴⁹

Seis meses após término da primeira sessão⁵⁰ do Concílio Vaticano II (1962-1965), o papa João XXIII (1958-1963) falece. Em Junho de 1963, o cardeal Giovanni Montini é eleito adotando como nome pontifício Paulo VI (1963-1978) e decide dar continuidade a este Concílio. Ao todo o Concílio Vaticano II (1962-1965) produziu quatro Constituições Apostólicas, três Declarações e nove decretos.⁵¹ Portanto, o consenso é que o Concílio teve como tema central a Igreja.

Ao olhar "ad intra", em relação a si mesma, a Igreja se pensa na sua auto-realidade (Constituição dogmática *Lumen gentium*), na clarificação de sua mensagem (Constituição dogmática *Dei Verbum*), na sua relação cúltica (Constituição *Sacrosanctum concilium*), nos seus ministérios episcopal e presbiteral (Decretos *Christus Dominus*, *Presbyterorum ordinis*), na vida e formação de seus membros religiosos (Decreto *Perfectae caritatis*),

⁴⁹ Consultar “Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na abertura solene do Ss. Concílio, 11 De Outubro De 1962, I Sessão” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council_po.html Acesso: 23/02/13.

⁵⁰ O concílio Vaticano II foi dividido em quatro sessões: A primeira de outubro a dezembro de 1962, a segunda de abril a dezembro de 1963, a terceira de setembro a novembro de 1964, e a quarta de setembro a dezembro de 1965.

⁵¹ Para ter acesso as Constituições Apostólicas, Decretos e Declarações do Concílio Vaticano II consultar http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm Acesso: 25/02/13.

seminaristas (Decreto *Optatam totius*), leigos (Decreto *Apostolicam actuositatem*) e na crucial questão da Educação (Declaração *Gravissimum educationis*). Olhando "ad extra", para fora de si, a Igreja (latina) se relaciona com as denominações cristãs (Decreto *Unitatis redintegratio*), com as Igrejas orientais católicas e ortodoxas (Decreto *Orientalium ecclesiarum*), com a sua vocação missionária (Decreto *Ad gentes*), com as religiões não-cristãs (Declaração *Nostra aetate*), com o direito à liberdade religiosa (Declaração *Dignitatis humanae*), com os meios de comunicação (*Inter mirifica*) e com o Mundo de hoje (Constituição pastoral *Gaudium et spes*)(LIBÂNIO, 2005a, p. 31).

Dentre os diversos documentos deste Concílio, dois deles incidem diretamente na questão do leigo e conseqüentemente na análise do nosso objeto de estudo que é a beatificação da jovem Chiara Luce. O primeiro deles é a *Constituição Dogmática Lumen Gentium*⁵² publicada em 1964, e que trata da natureza e constituição da Igreja, e entre os seus inúmeros tópicos dois deles incidem de forma clara nos modos e mensagens sobre a santidade, são eles: o capítulo IV - "Os Leigos" e o capítulo V "A vocação de todos à santidade" e o segundo documento é o Decreto *Apostolicam actuositatem* de 1965 que trata do Apostolado dos Leigos.

Embora os leigos tenham tido ao longo da história da Igreja Católica um papel importante na sua constituição e disseminação, com a publicação destes dois documentos os leigos puderam se tornar de fato mais ativos na administração das igrejas, na organização dos cultos, na angariação de recursos, e puderam fazer parte de outras atividades, antes relegadas ao clero como a catequese, apostolado, evangelização, etc. Os efeitos destes documentos puderam ser sentidos ao longo do século XX com a criação de uma série de Movimentos Eclesiais como o Neocatecumenato, Comunhão e Libertação, Movimento dos Focolares, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e Renovação Carismática. Em decorrência da Renovação Carismática, fruto do Concílio, surgem também as Novas Comunidades estudadas por Campos & Caminha (2009) Carranza & Mariz (2009), Mariz (2006). Se por um lado a *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, conclama os leigos a se unirem na organização e promulgação da Igreja, esta mesma Constituição afirma a "vocação de todos à santidade" sem que se leve em consideração seu estado de vida: sacerdote, casado, solteiro, celibatário.

Em resumo, os resultados do Concílio Vaticano II (1962-1965) foram diversos como mostra os documentos acima citados. Houve uma predisposição para o diálogo ecumênico, inter-religioso, com as ciências e em especial com a história e sociedade contemporânea.

Contudo, as mudanças mais visíveis foram aquelas que trataram da renovação litúrgica e do papel do leigo na Igreja. No que tange aos cristãos estes

... começaram a perceber que eles também são Igreja e não somente a hierarquia, clero, os religiosos. O povo de Deus é constituído por todos na base de uma igualdade fundamental, cimentada no batismo. A hierarquia existe a serviço da totalidade do povo de Deus. De uma comunidade passiva e clerical, passasse a uma comunidade participativa, missionária, corresponsável (LIBÂNIO, 2002, p. 95).

Para além das modificações operadas na função e integração do leigo na Igreja, advindas do Concílio Vaticano II (1962-1965), outras mudanças, estas relativas as regras nos processos de santificação começaram a ser gestadas pós-Concílio. Como observamos no capítulo anterior, as regras de beatificação e canonização sofreram diversas modificações ao longo da história sendo finalmente reunidas no Código de Direito Canônico de 1917. Neste capítulo, como afirmamos anteriormente, acrescentaremos as regras de canonização pós Concílio Vaticano II (1962-1965), e suas atualizações mais emblemáticas que ficaram a cargo dos papas João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013). De início, apresentaremos as primeiras mudanças pós-conciliares nas causas dos santos que ficaram a cargo do papa Paulo VI (1963-1978).

5.2 Paulo VI e a Criação da Congregação para as Causas dos Santo

Atualmente, o processo de santificação adotado pelo Vaticano para analisar os indivíduos que impuseram uma marca distintiva no cristianismo tornando-se beatos e santos é prerrogativa da Cúria Romana e fica a cargo da Congregação para as Causa dos Santos⁵³. Com a Constituição “*Immensa Aeterni Dei*”, do dia 22 de Janeiro de 1588, o papa Sisto V (1585-1590) criou a Sagrada Congregação dos Ritos que tinha como tarefa regular o exercício do culto divino e estudar as causas dos santos. Por quase quatro séculos, as análises dos santos e beatos ficou a cargo desta Congregação, que desde o início teve uma dupla tarefa:

quello di regolare e dirigere i sacri riti della Chiesa latina, e quello di occuparsi di tutto ciò che in qualsiasi modo si riferisse alla canonizzazione dei Santi, in tutta quanta la Chiesa. Questo secondo compito fu affidato a questa stessa Congregazione dei riti, appunto perché le cause di canonizzazione ebbero sempre l'effetto conclusivo di introdurre nel culto pubblico della Chiesa i Servi di Dio iscritti nell'albo dei Santi.⁵⁴

⁵³ Para maiores detalhes sobre esta Congregação consultar: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/index_po.htm Acesso: 08/10/12.

⁵⁴ Tradução livre: o de regular e dirigir os ritos sagrados da Igreja latina, e o de ocupar-se de tudo aquilo que em qualquer modo se refere à canonização dos Santos, em toda a Igreja. Este segundo dever foi confiado a

As primeiras mudanças começaram a surgir no pontificado de Paulo VI (1963-1978), que havia criado uma comissão de canonistas para que estudassem uma forma de simplificar e atualizar o processo de canonização. Segundo Woodward, Paulo VI (1963-1978) tinha dois objetivos em mente:

Primeiro, sentia que o exame e verificação da santidade devia repousar menos no direito canônico e mais na teologia e nas ciências humanas, principalmente história e psicologia. Segundo, ele queria que o processo de fazer santos fosse repensado e revisto segundo os princípios da colegialidade do Concílio Vaticano II. À luz desse princípio, os bispos locais deveriam ser vistos não como simples legados do papa, mas como sucessores do colégio original de 12 apóstolos e, desse modo, co-responsáveis com o papa pelo governo da Igreja (WOODWARD, 1992, p. 87).

Desejando por um lado levar adiante a reforma litúrgica e a colegialidade dos bispos decretadas pelo Concílio Vaticano II, e por outro promover uma atualização nas leis relativas às causas dos santos segundo a mentalidade do nosso tempo, Paulo VI (1963-1978) ⁵⁵ publica em 1969 a Constituição Apostólica *Sacra Rituum Congregatio* renovando a Sagrada Congregação dos Ritos, dividindo-as em duas: a Congregação para as Causas dos Santos que irá responder por tudo que diz respeito as beatificações dos servos de Deus e as canonizações dos beatos, bem como a conservação das relíquias sagradas, e a Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos que

... è competente in tutto ciò che in forma diretta e immediata si riferisce al culto divino nel Rito romano e negli altri Riti latini, salva la competenza di altri Dicasteri per ciò che riguarda la dottrina della fede, o tocca la disciplina ecclesiastica, o esige procedimento giudiziario.⁵⁶

A Congregação para as Causas dos Santos, a qual nos interessa aqui, é dividida em três departamentos: o Judicial, o do Promotor Geral da Fé e o histórico-jurídico, que é a continuação da Seção Histórica, criada pelo Papa Pio XI (1922-1939) no dia 6 de Fevereiro de 1930. No Motu Proprio de 1969, intitulado *Sanctitas Clarior*, Paulo VI (1963-1978) reformula algumas regras nas causas dos santos já que, em sua opinião como os costumes e modo de vida mudaram é

esta mesma Congregação dos ritos, precisamente porque as causas de canonização tiveram sempre o efeito conclusivo de introduzir no culto público da Igreja os Servos de Deus inscritos no álbum dos Santos.

Consultar http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_19690508_sacra-rituum-congregatio_it.html Acesso: 20/12/12.

⁵⁵ Para uma análise mais ampla de Paulo VI (1963-1978), para além de suas contribuições para as causas dos santos consultar GRITTI, J (1984).

⁵⁶ Tradução livre: ... é competente em tudo aquilo que em forma direta e imediata se refere ao culto divino no Rito romano e nos outros Ritos latinos, salva a competência de outros Dicastérios por aquilo que diz respeito a doutrina da fé, ou refere-se à disciplina eclesiástica, ou exige procedimento judiciário.

... conveniente e opportuno rivedere i criteri e le modalità dell'indagine, di cui sopra, e di adeguarli alle esigenze di questo nostro tempo, affinché la suprema autorità del Sommo Pontefice e quella dei Vescovi fra loro intimamente collegate potessero rendere più agevole e più spedito il cammino per l'introduzione della causa di beatificazione e di canonizzazione dei Servi di Dio.⁵⁷

A mudança mais significativa foi à unificação do Processo Ordinário e Apostólico. O Código de Direito Canônico (CDC) de 1917 estabelecia que os processos de beatificação dos servos de Deus deveriam ser formulados a partir de dois processos: o Ordinário organizado pelos bispos com o poder que lhes é conferido pelos cânones (cânones 1999 § 3; 2038 § § 1 e 2, 1-3), e outro Apostólico (cânones 2087-2097), formulado pela Santa Sé e sob a sua jurisdição (cânones 2088-2100). A partir deste Motu Próprio, as causas dos santos poderiam ser realizadas a partir de um único processo ordinário, possibilitando desta forma a agilidade nas causas dos santos.

Desta forma, a abertura ou introdução de uma causa seria de competência dos bispos diocesanos ou todos aqueles que lhes são equiparados no território de sua jurisdição. Por este ato, o papa delegou aos bispos e às conferências episcopais a autoridade necessária para introduzir a causa e realizar os processos de instrução, autoridade que residia, até então, na Congregação romana.

Até este momento, os processos de instrução eram levados a cabo por mandatários dotados de '*litteras dimissorias*' da Sagrada Congregação dos Ritos. Agora, o bispo poderia constituir tribunais diocesanos com autoridades especializadas para instruir os processos e caso não estivesse apto poderia recorrer aos tribunais constituídos *ad hoc* pela conferência episcopal.

Os fiéis, de forma individual ou em organizações religiosas legítimas, poderiam solicitar também a abertura de uma causa, desde que esta atendesse aos requisitos do direito canônico e das normas particulares concernentes as causas dos santos. Contudo, antes de instituir a causa, o bispo deveria consultar a Santa Sé, que analisaria o candidato e caso não encontrasse obstáculos a sua candidatura, expediria o *nihil obstat* (nada impede). Os demais autores, do processo de análise dos santos e beatos como os Advogados de Defesa e Promotores da Fé, continuaram a desempenhar as mesmas funções já estabelecidas no CDC

⁵⁷ Tradução livre:... conveniente e oportuno rever os critérios e as modalidades da investigação, acima citada, e de adequá-las às exigências deste nosso tempo, para que a suprema autoridade do Sumo Pontífice e aquela dos Bispos entre eles intimamente ligadas pudessem tornar mais ágil e mais veloz o caminho para a introdução da causa de beatificação e de canonização dos Servos de Deus. Consultar http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19690319_sanctitas-clarior_it.html Acesso: 13/05/13.

de 1917.

A unificação dos Processos teve como efeito o aumento no número de causas de santos. Como era preciso a análise de todo o material enviado pelos bispos, a Congregação para a Causa dos Santos recebeu um número cada vez maior de proposições, aumentando significativamente a demanda de trabalho, o que resultou na manutenção ou até acréscimo no tempo entre abertura de uma causa e a canonização do santo.

Como o Motu Proprio *Sanctitas Clarior*, de Paulo VI (1963-1978) modificou apenas o modo de introduzir uma causa e não o seu tratamento, o sistema de fazer santos continuou como estabelecido no CDC de 1917, ou seja, refém dos debates entre o Advogado e Promotor da Fé, cabendo aos teólogos, requerentes e postulantes o papel de coadjuvantes no Processo. As mudanças empreendidas por Paulo VI (1963-1978) não surtiram o efeito desejado e as pessoas interessadas, principalmente os bispos diocesanos, que continuaram solicitando modificações mais substanciais na lei que regulamentava os processos de fazer santos.

Contudo, as mudanças na forma de introduzir uma causa na Congregação para a Causa dos Santos, realizada por Paulo VI (1963-1978), em detrimento de um movimento maior de reformular a Cúria Romana, proveniente das resoluções do Vaticano II e do desejo dos bispos de tornar estas causas mais descentralizadas e independentes da Cúria, surtiram de imediato alguns efeitos que podem ser observados na tabela abaixo que compara os dados de Paulo VI aos demais papas que utilizaram o CDC de 1917 como regra para as canonizações e beatificações.

Tabela 7: Canonizações e Beatificações dos papas do CDC de 1917					
Papa	Data do Pontificado	Total de Canonizações	Total de Beatificações	Intervalo de anos para Canonização	Intervalo de anos para Beatificação
Bento XV	(1914-1922)	3	42	62	83
Pio XI	(1932-1939)	34	496	28	66
Pio XII	(1939-1958)	33	169	31	49
João XXIII	(1958-1963)	10	4	39	55
Paulo VI	(1963-1978)	84	62	52	30*
Total		164	773		

FONTES:

(1) Total de Canonizações: Dati statistici del Pontificato di Giovanni Paolo II

http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/pontificato_gpII/pontificato_dati-statistici_it.html#Beatificazioni%20e%20Canonizzazioni Acesso: 10/02/13

(2) Total de Beatificações: Consultar CICILIOT, V (2008, p. 221) La politica delle canonizzazioni di Giovanni Paolo II.

(3) Intervalo de anos para Canonização: Consultar PELLISTRAND, B. (2003, p. 178). <<La sainteté contemporaine>>.

(4) Intervalo de anos para Beatificação: Consultar PELLISTRAND, B. (2003, p. 179). <<La sainteté contemporaine>>.

(5) *A quarta fonte afirma um intervalo de 45 anos em Paulo VI. Contudo a data entre a morte e a beatificação é menor, 30 anos e não 45. Este intervalo de 30 anos refere-se a beatificação de Maximiliano Kolbe morto em 1941 em Auschwitz e beatificado em 1971. Consultar Homilia de beatificação em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1971/documents/hf_p-vi_hom_19711017_it.html Acesso: 16/05/13.

O primeiro efeito nas mudanças empreendidas por Paulo VI (1963-1978) foi o aumento substancial de suas canonizações, totalizando 84 santos. As beatificações, por sua vez, não seguiram o mesmo ritmo já que o papa Pio XII (1939-1958) beatificou 496 Servos de Deus. O intervalo entre a morte do candidato e sua canonização também não diminuiu no pontificado de Paulo VI (1963-1978), mas o intervalo na beatificação foi o mais baixo com relação aos outros papas do CDC de 1917. Paulo VI (1963-1978) foi o papa que mais canonizou desde o pontificado de Clemente VII (1592-1605), excetuando, obviamente o papa João Paulo II (1978-2005). Dessas 84 canonizações, 67 delas foram de mártires. Em 1964, Paulo VI (1963-1978) canonizou 22 fiéis martirizados na Uganda entre 1885 e 1887⁵⁸, em 1967 canonizou 4 mártires mortos em Jerusalém⁵⁹ e 40 mártires da Inglaterra e de Gales,⁶⁰. Em 1975, Paulo VI (1963-1978) ainda canonizou Oliver Plunkett, mártir da Irlanda.⁶¹ No pontificado de Paulo VI (1963-1978), já se pode observar o início do delineamento de uma política de canonização para século XX e XXI, que fará do martírio o modelo maior de santidade na Igreja Católica, já que o mártir em sua opinião

[...] ... scrive col sangue la sua fede: proclama, col suo sacrificio, che la verità ch'egli possiede e per la quale si lascia uccidere, vale più della sua vita temporale, perché la fede è la sua nuova vita soprannaturale, presente e per l'eternità. [...] È il martire che mette in estrema evidenza la verità, che

⁵⁸ A Homilia da canonização poder ser consultada em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/documents/hf_p-vi_hom_19641018_martiri-uganda_it.html Acesso: 16/05/13.

⁵⁹ A Homilia da canonização poder ser consultada em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700621_it.html Acesso: 16/05/13.

⁶⁰ A Homilia da canonização poder ser consultada em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19701025_po.html Acesso: 16/05/13.

⁶¹ A Homilia da canonização poder ser consultada em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19751012_en.html Acesso: 16/05/13.

Cristo ci ha portata; è il martire che afferma l'amore nella sua suprema misura: il sacrificio aspirazione.⁶²

Em 1978, o papa Paulo VI (1963-1978) morre e o conclave escolhe em 26 de agosto o cardeal italiano, Albino Luciani (João Paulo I (1978-1978))⁶³, que após trinta e três dias falece abrindo um novo conclave, no qual o polonês Karol Józef Wojtyła é escolhido tendo como nome pontifício João Paulo II (1978-2005). Dentre as inúmeras resoluções do pontificado de João Paulo II (1978-2005), uma delas foi a reformulação na legislação relativa as causas dos santos.

De acordo com Valentina Ciciliot (2008) a ideia de modificar as normativas das causas dos santos já estavam sendo gestadas desde o pontificado de Paulo VI (1963-1978), que havia criado uma comissão com o intuito de elaborar uma revisão de toda a legislação. Esta comissão continuou os trabalhos após a morte de Paulo VI, e em 1983 João Paulo II (1978-2005) publica as novas diretrizes para as causas dos santos e beatos. Assim, a próxima seção será inteiramente dedicada a João Paulo II (1978-2005) e os modos de fazer santos e beatos deste papa.

5.3 Procedimentos atuais relativos à legislação para as causas dos beatos e santos

João Paulo II (1978-2005) é reconhecidamente o papa que mais canonizou e beatificou desde a criação da Congregação dos Ritos, Congregação esta que foi regulamentada pela Constituição *Immensa Aeterni Dei* em 1588, pelo Papa Sisto V (1585-1590). Esta grande quantidade de beatos e santos no pontificado de João Paulo II (1978-2005) é resultado da mudança nas regras das causas de beatificação e canonização, que passaram a ser regulamentadas por novas leis, além do desejo de inserir nas causas dos santos questões como colegialidade episcopal⁶⁴, agilidade no processo, e adequação as diretrizes do Concílio

⁶² Tradução nossa: [...]... escrever com o sangue a sua fé: proclama, com o seu sacrifício, que a verdade que ele possui e pela qual se deixa matar, vale mais do que a sua vida temporal, porque a fé é a sua nova vida sobrenatural, presente e para a eternidade. [...] É o mártir que coloca em extrema evidência a verdade, que Cristo nos trouxe; é o mártir que afirma o amor na sua suprema medida: o sacrifício aspiração. Consultar http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1968/documents/hf_p-vi_hom_19681006_it.html Acesso 16/05/13.

⁶³ Para maiores informações sobre Albino Luciani (João Paulo I/1978-1978) consultar CICILIOT, V (2008).

⁶⁴ A colegialidade episcopal foi um dos principais debates no Concílio Vaticano II (1962-1965). Se o Concílio Vaticano I é "... sobejamente conhecido pela proclamação dos dogmas do primado de jurisdição e da infalibilidade do magistério solene do Papa, [...]... o Concílio Vaticano II (11/out./1962 – 8/dez./1965), em sua constituição dogmática sobre a Igreja, propôs em especial a doutrina do episcopado, de modo a ensinar uma

Vaticano II (1962-1965).

5.3.1 Documentos de João Paulo II relativos à legislação para as causas dos beatos e santos

De modo geral, as causas de beatificação e canonização passaram a ser regulamentadas por três documentos principais⁶⁵. O primeiro deles, promulgado por João Paulo II (1978-2005), é a “Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*”⁶⁶ sancionada em 25 de Janeiro de 1983, o segundo são as “Normas para observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos”⁶⁷, promulgada em 1983 pelo prefeito da Congregação para as Causas dos Santos – Pietro Palazzini – e o terceiro documento – “Nota circa la procedura canonica delle Cause di Beatificazione e di Canonizzazione”⁶⁸ – publicado pela Congregação para as Causas dos Santos em 11 de Fevereiro de 2001.

A “Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*”, em sua estrutura interna, apresenta uma introdução teológica e dezessete disposições normativas. Na parte introdutória, João Paulo II (1978-2005) historiciza a questão da santidade, afirmando que a Igreja desde seu início sempre acreditou, venerou, e implorou devotamente o auxílio e intercessão dos Apóstolos, Mártires em Cristo, Virgem Maria, Anjos e Santos e que junto a estes, somaram-se os que imitaram mais de perto a virgindade e a pobreza de Cristo e, finalmente, todos aqueles que pelo exercício das virtudes cristãs e dos carismas divinos suscitaram a devoção e a imitação dos fiéis. Em seguida, João Paulo II (1978-2005) relembra que a Sé Apostólica, desde tempos imemoriais, tem a função de santificar, governar o Povo de Deus, e propor à imitação, veneração e invocação dos fiéis, modelos de santidade, homens e mulheres, que sobressaíram pelo vigor da caridade e das outras virtudes evangélicas. Em seguida, João Paulo

sadia e profícuca articulação entre o ministério do Romano Pontífice e aquele dos Bispos” (BARROS, 2005, p. 200).

⁶⁵ As legislações relativas às causas dos santos estão contidas em três documentos. Contudo, o Ufficio delle Celebrazioni Liturgiche del Sommo Pontefice de João Paulo II (1978-2005) publica em 2001 o documento *Il Rito di Beatificazione: Evoluzione storica* que trata da questão litúrgica e ritualística das canonizações e beatificações. Consultar este documento em:

http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/avvenimenti/canonizzazioni-beatificazioni_beatificazioni_nota-storico_it.html Acesso: 4/06/13.

⁶⁶ Consultar Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister* em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jpii_apc_25011983_divinus-perfectionis-magister_po.html Acesso: 16/05/13.

⁶⁷ Consultar respectivas Normas para Observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_07021983_norme_po.html Acesso: 16/05/13.

⁶⁸ Consultar Nota circa la procedura canonica delle Cause di Beatificazione e di Canonizzazione em: http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/avvenimenti/canonizzazioni-beatificazioni_nota-procedura_it.html Acesso: 16/05/13.

II (1978-2005) elenca as principais mudanças e adições a legislação relativa à causa dos santos realizadas pelos papas predecessores, e conclui esta parte introdutória afirmando que:

... depois das experiências recentes, pareceu-Nos oportuno rever o procedimento de instrução das causas e dar um ordenamento à referida Congregação para as Causas dos Santos, indo deste modo ao encontro das exigências dos estudiosos e dos pedidos dos nossos irmãos no episcopado, que várias vezes solicitaram um procedimento mais ágil, sem que fosse prejudicada a solidez das investigações num tema tão sério. Além disso, pensámos que, à luz da doutrina sobre a colegialidade proposta pelo Concílio Vaticano II, seria conveniente associar os Bispos à Sé Apostólica no tratamento das Causas dos Santos (Grifos nossos)⁶⁹

Nas dezessete disposições normativas, João Paulo II (1978-2005) expõe os procedimentos vigentes para as causas dos santos. Estas disposições são divididas em três partes: A primeira trata “Das investigações a serem realizadas pelo Bispo”, a segunda da “Fase Romana, junto da Congregação para as Causas dos Santos” e a terceira sobre o “Modo de proceder na Congregação”.

Por a “Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*” ser um texto conciso, e não explicitar de forma satisfatória os modos de proceder na Fase Diocesana, ou seja, “Das investigações a serem realizadas pelo Bispo”, e ainda não identificar que uma causa pode ser aberta a partir do quinto ano da morte do candidato a beatificação, em 1983, Pietro Palazzini, prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, publica as *Normas para observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos*. Este documento é dividido em 36 disposições normativas que explicitam de forma minuciosa os modos de proceder do Bispo, postulador da causa, Promotor de Justiça, testemunhas, informando ainda o passo a passo desde a abertura de uma causa até o envio do “*Transuptum*” (cópia autenticada de toda documentação da Fase Diocesana) à Congregação para as Causas dos Santos em Roma.

O terceiro e último documento de João Paulo II (1978-2005) relativo a legislação das causas dos santos é a “*Nota circa la procedura canonica delle Cause di Beatificazione e di Canonizzazione*” publicada em abril de 2001. Nesta nota, a Congregação para as Causas dos Santos trata de três questões fundamentais. A primeira expõe de forma mais detalhada as formas de proceder da Congregação a partir do momento que ela recebe o “*Transuptum*”. A segunda questão explicita a distinção entre beatificação de um confessor e de um mártir afirmando que

[per "confessore" si intende quella categoria di Beati e Santi distinta dai

⁶⁹ Consultar Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister* em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jpii_apc_25011983_divinus-perfectionis-magister_po.html Acesso: 16/05/13.

martiri: i martiri hanno versato il loro sangue per la fede (uccisi *in odium fidei*); i confessori sono i beati e i santi che hanno testimoniato la loro fede durante la vita terrena, senza subire però il martirio] occorre un miracolo attribuito all'intercessione del Servo/a di Dio, verificatosi dopo la sua morte. Il miracolo richiesto deve essere provato tramite un'apposita istruttoria canonica, seguendo una procedura analoga a quella per le virtù eroiche. Si conclude anche essa con il relativo decreto. Promulgati i due decreti (cioè circa le virtù eroiche e circa il miracolo) il Santo Padre decide la beatificazione che è la concessione del culto pubblico, limitato ad un ambiente particolare. Con la beatificazione al candidato spetta il titolo di Beato.⁷⁰

Porém, o ponto mais importante deste documento trata da questão do número de milagres necessários para beatificação e canonização, tema este que não foi abordado nos dois documentos anteriores. Esta *Nota* informa que para beatificação de um confessor é necessário um milagre.⁷¹ Para ser canonizado este beato precisará de mais um milagre ocorrido necessariamente após a sua beatificação. Com os mártires o processo é diferente. Para que um mártir seja beatificado não será necessário comprovação de milagres, basta a *promulgação do decreto de martírio* pelo papa. Contudo, para que o mártir seja canonizado, é necessário a comprovação de um milagre para torna-se santo.⁷² Apesar desta *Nota* explicitar sobre o

⁷⁰ Tradução livre: [por “confessor” se compreende aquela categoria de Beatos e Santos distinta dos mártires: os mártires derramaram o sangue deles pela fé (assassinados *in odium fidei*); os confessores são os beatos e os santos que testemunharam a fé deles durante a vida terrena, sem sofrer o martírio] é necessário um milagre atribuído à intercessão do Servo/a de Deus, verificado depois da sua morte. O milagre pedido deve ser provado através de uma adequada instrutória canônica, seguindo um procedimento análogo àquele para as virtudes heroicas. Conclui-se também essa com o relativo decreto. Promulgados os dois decretos (isto é, em relação às virtudes heroicas e em relação ao milagre) o Santo Padre decide a beatificação que é a concessão de culto público, limitado a um ambiente particular. Com a beatificação ao candidato cabe o título de Beato. Consultar “Nota circa la procedura canonica delle Cause di Beatificazione e di Canonizzazione” em: http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/avvenimenti/canonizzazioni-beatificazioni_nota-procedura_it.html Acesso: 16/05/13.

⁷¹ Apesar de regra, Woodward (1992, p. 201) informa que na beatificação da índia confessora dos E.U.A, Kateri Tekakwita (1656-1680), João Paulo II (1979-2005) dispensou o milagre. Embora ela tivesse vários milagres ao seu favor, a igreja dos E.U.A não estava equiparada no século XVII para proceder uma investigação capaz de estabelecer a validade do milagre.

⁷² As duas divisões de beatitude e santidade são os confessores e mártires. São processos distintos. Para os confessores é preciso provar as virtudes heroicas: virtudes teologais – fé, esperança, caridade, amor –, e as virtudes cardeais - prudência, justiça, fortaleza, temperança -. No caso de mártires deve ser provado à aceitação voluntária e sem resistência da morte corporal, e de todos os tormentos que a acompanharem, infligida por ódio à Fé ou à virtude cristã. Portanto, na regra da “Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*”, ou se é Mártir ou Confessor. Mas, em abril de 1987 o papa João Paulo II (1978-2005) beatificou a judia convertida ao catolicismo e morta no campo de concentração nazista em Auschwitz, Edith Stein, tanto como confessora como mártir. À época Edith Stein (1841-1942) era a primeira pessoa nos quatrocentos anos da Congregação para as Causas dos Santos que era ao mesmo tempo mártir e confessor. No caso, Edith Stein não precisaria mais de um milagre ocorrido por sua intercessão já que era também mártir. Outro caso semelhante é o do frade polonês Maximiliano Kolbe (1894-1941) morto também pelos nazistas em Auschwitz, dando a vida para salvar outro preso. Em 1971, o papa Paulo VI (1963-1978) havia beatificado este frade como confessor. Para sua causa de canonização os bispos alemães enviaram uma carta a Santa Sé para que Maximiliano Kolbe fosse canonizado também como mártir. Assim, João Paulo II (1978-2005) inclinado a aceitar a petição dos bispos alemães, proferiu as seguintes palavras na homilia de canonização de Kolbe em 1982: “... em virtude da minha autoridade apostólica decretei que Maximiliano Maria Kolbe, venerado que era como Confessor a partir da Beatificação,

número de milagres para confessores e beatos mártires, ela não aborda a questão dos milagres para as canonizações coletivas de mártires. Explicando melhor: geralmente, mas não necessariamente, os mártires de determinada localidade ou circunstância são canonizados em conjunto. Como exemplo, usaremos a canonização dos mártires “Andrea Kim e 102 companheiros” em junho de 1984. Nesta *Nota* não fica claro se um milagre atribuído a Andrea Kim canoniza todos os demais companheiros, ou se cada um de forma individual tem que realizar milagres. Em nossa opinião, acreditamos pela lógica, que um milagre canoniza os demais companheiros.

Após, a apresentação destes documentos, no item a seguir, abordaremos as regras e modos de proceder atuais para abertura de uma causa relativa a beatificação e canonização.

5.3.2 Como se faz um santo e beato a partir da legislação de João Paulo II

Em linhas gerais, os documentos de João Paulo II (1978-2005) sobre beatificação e canonização se fixaram em diversas mudanças, contudo, cinco delas são fundamentais: A **primeira** unificou os dois processos, diocesano e apostólico, cabendo aos bispos toda responsabilidade de reunir provas em apoio a uma causa. A **segunda** e mais drástica foi à extinção dos debates dialéticos entre os Advogados de defesa e os Promotores da Fé (Advogados do Diabo), ou seja, a partir desta reforma o Promotor da Fé recebe o título de Prelado Teólogo, cabendo-lhe a função meramente administrativa de escolher consultores teológicos para presidir reuniões. A **terceira** mudança, em detrimento da segunda, é que a responsabilidade de demonstrar a verdade sobre a vida do candidato e sua santidade pertence agora a um novo grupo de funcionários intitulado Colégio de Relatores, que lhes cabe supervisionar a redação de uma *positio*. A **quarta** mudança corresponde a introdução do método histórico-crítico na elaboração desta *positio*, ou seja, o tratamento sobre a verdade da vida, virtudes, martírio de um candidato é agora mais focado nas ciências históricas do que no direito, fazendo com que as candidaturas não sejam mais reféns dos infundáveis debates⁷³ nos

fosse de agora em diante venerado *também* como *Mártir!*” Consultar: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1982/documents/hf_jp-ii_hom_19821010_canonizzazione-kolbe_po.html Acesso: 09/06/13.

⁷³ Como explicamos anteriormente os debates eram repetidos tantas vezes, e em sua maioria só para respeitar as formalidades, que quando um Servo de Deus era beatificado ou canonizado, se tornava um santo sem muitos fiéis, já que a efervescência religiosa que outrora ele havia suscitado tinha esmaecido com o tempo. O sistema de fazer santos era refém dos debates entre o Advogado e Promotor da Fé, cabendo aos teólogos, requerentes e postulantes apenas o papel de coadjuvantes no Processo.

tribunais eclesiásticos entre os Promotores da Fé e Advogados de Defesa. A **quinta** e última mudança que trouxe ainda mais agilidade ao processo foi a diminuição no tempo para abertura de causa que passou de cinquenta anos para cinco após a morte do candidato.

Em linhas gerais, os procedimentos de abertura de uma causa podem ser descritos da seguinte maneira. Após o prazo de cinco anos da morte do candidato, se o bispo observar que o candidato tem uma reputação sólida de santidade e que persiste a manifestação popular de devoção a essa pessoa, o bispo da diocese onde morreu o candidato autoriza a abertura do processo, com o levantamento da biografia, que é enviada ao Vaticano. Após analisar o pedido, a Congregação para a Causa dos Santos emite um parecer. Se for favorável, o início do processo a nível diocesano é autorizado. Uma vez que uma causa foi iniciada o candidato passa a se chamar Servo de Deus. No “*Manual para instruir los procesos de canonizacion*” Romualdo Rodrigo informa que

há que evitar tudo aquilo que possa induzir os devotos do servo de Deus a erro, fazendo-os crer que está próxima a beatificação, ou que podem tributar-lhe culto. Não é aceitável, por exemplo, celebrar a abertura do processo na catedral ou em uma igreja grande; fazer uma propaganda triunfalista; convidar, se não estejam envolvidas na causa, personalidades políticas e religiosas; organizar festejos populares ou coisas semelhantes. Com muito mais razão se proíbe colocar quadros ou estátuas do servo de Deus na igreja [...] Se trata simplesmente da primeira sessão de um processo [...]. (PEIXOTO, 2006, p. 103 *apud* RODRIGO, 1988, p. 70).

O bispo, ao receber o *Nihil Obstat* (nada impede), da Congregação para a Causa dos Santos, lança um edital, comunicando a abertura da causa e convidando a todos os fiéis a relatar fatos favoráveis ou contrários à fama de santidade do dito Servo de Deus dando início ao Processo Diocesano. Este processo tem como meta investigar a vida, as virtudes ou martírio e a fama de santidade do Servo de Deus. Para que isso ocorra à diocese instaura um tribunal que deve ser conduzido de acordo com as “*Normas para observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos*.”

Os atores que participam desta fase são: o Promotor da causa de canonização, que é a pessoa ou entidade jurídica que apoia e financia os custos. O postulador, nomeado pelo Promotor e aprovado pelo bispo, o bispo competente da diocese, no qual o candidato à santidade morreu ou do território em que ele exerceu a sua atividade (ou para o caso de milagres, o bispo competente do local onde ocorreu), o delegado do bispo, que age em nome do mesmo no bispo diocesano, o promotor de justiça, sacerdote designado pelo bispo que prepara os questionários a serem feitos às testemunhas, o notário que testemunha as

declarações, e os peritos arquivistas, nomeados pelo bispo, e encarregados de recolher a documentação do caso.

Cabe ao postulador escrever uma biografia crítica sobre as atividades do Servo de Deus, ou seja, a vida, virtudes ou martírio e milagres. Para que isso ocorra, o postulador deve ter acesso à lista de pessoas que podem testemunhar sobre a vida virtuosa do candidato ou fama de martírio, buscando analisar em profundidade o ambiente histórico Servo de Deus, examinando ainda os escritos publicados ou não do candidato. De acordo com Valentina Ciciliot,

l'intento è quello di esaminare a fondo l'ambiente storico del futuro servo di Dio proprio per comprendere e valutare la forma di santità specifica del candidato nel suo preciso contesto storico. L'esame preventivo degli scritti editi previsto dalla nuova normativa permette di contestualizzarli e utilizzarli nella ricostruzione della vita del candidato, mentre in passato spesso ne veniva sottovalutata l'importanza a causa della scarsa conoscenza del contesto storico-ambientale (CICILIOT, 2008, p. 49).⁷⁴

Com o tribunal eclesiástico instalado o corpo do Servo de Deus é exumado para comprovar sua existência e os restos mortais são expostos ao público.⁷⁵ Terminado o processo diocesano, a documentação é remetida para Roma para análise dos teólogos e historiadores.

Quando a documentação chega a Congregação para a Causa dos Santos, esta instituição nomeia um postulante residente em Roma, que sob a direção de um relator da Congregação, escreve uma *Positio super vita et virtutibus* ou *super martyrio*⁷⁶, contendo todo o material enviado pelo bispo local seguindo o modelo de análise histórico-crítico, que constitui o ponto de partida para análise dos teólogos.

⁷⁴ Tradução nossa: o intento é aquele de examinar a fundo o ambiente histórico do futuro servo de Deus para compreender e avaliar a forma de santidade específica do candidato no seu preciso contexto histórico. O exame preventivo dos escritos editados previstos pela nova normativa permite contextualizá-los e utilizá-los na reconstrução da vida do candidato, enquanto no passado muitas vezes isso era subestimado na importância por causa do escasso conhecimento do contexto histórico ambiental.

⁷⁵ “Hoje [...] não há uma norma específica que regule essa matéria. Orientados pela prática, os postuladores não costumam requerer a exumação simplesmente para verificação da incorruptibilidade do corpo, tal como ocorria na Idade Média. Motivos considerados pertinentes para a medida são, por exemplo, a necessidade de transferência dos restos mortais para um local mais seguro ou digno; a prevenção contra a profanação e cremação; a ação de fatores agressivos, como umidade e o mofo. Não havendo um motivo justo, aconselha-se aguardar o momento próximo à beatificação.” (PEIXOTO, 2006, p. 106 *apud* RODRIGO, 1994, p. 126).

⁷⁶ A *Positio* pode ser consultada na Biblioteca do Vaticano após a causa de canonização ser concluída. A *Positio* dos beatos não são disponibilizadas por serem ainda causas em processo. No link abaixo pode ser consultado uma parte deste documento, já que o beato ainda não foi canonizado. A *Positio* é de autoria do relator da Congregação para as Causas dos Santos, o agostiniano recoleto, Romulado Rodrigo, e traz os dados de Ceferino Jiménez Malla (1861 – 1936) beatificado por João Paulo II (1978-2005) em 1997. Consultar: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/pdf_documents/rc_pc_migrants_nom_zeffirino_en.pdf Acesso: 9/06/13.

Como explicamos anteriormente, há a supressão dos debates entre os Advogados de Defesa e os Promotores da Fé. Este se torna agora o Prelado Teólogo que escolhe os consultores teológicos que darão assessoria a causa julgando as virtudes heroicas ou o martírio de acordo com o dossiê apresentado pelo relator do caso. A figura-chave de uma causa será agora a do relator, sobre o qual recai a responsabilidade de demonstrar as virtudes ou martírio através da *Positio*. Após concluída a *Positio*, é realizada uma nova avaliação agora de consultores históricos, que analisam não somente a santidade do candidato como também a cientificidade dos documentos. Após esta fase, a causa é analisada do ponto de vista teológico, numa conferência de oito teólogos, acompanhado do Prelado Teólogo, no qual são discutidas questões controversas e teológicas dos servos de Deus. Caso a maioria dos teólogos acatem as virtudes heroicas ou o martírio, expostas na *Positio*, o exame passa para os cardeais e bispos membros da Congregação, que se reúnem duas vezes ao mês.

Se a *Positio* for aprovada por estes, o prefeito da Congregação para a Causa dos Santos apresenta o resultado ao papa que expede o *decretum super heroicitate vitutum* o *super martyrio* e inoltre *super cultu* (este último concernente a causas antigas/*ab immemorabili tempore*). Uma vez que o papa expede tais decretos, o Servo de Deus passa a ser chamado Venerável. Receber este título é a fase mais difícil, já que a vida do candidato é analisada a exaustão pela Congregação para as Causas dos Santos.

Após o servo de Deus receber o título de venerável, o postulador da causa na posse de possíveis milagres submete-os a Congregação para as Causas dos Santos, que é analisado por peritos da Consulta Médica (primeiro dois especialistas internos e em seguida dois externos). A responsabilidade destes consultores consiste em determinar se uma cura é ou não cientificamente inexplicável. Não cabe a eles decidir se é um milagre. Esta análise fica a cargo dos consultores teológicos cardeais e bispos que se reúnem para decidir. Para as causas de beatificação baseadas na heroicidade das virtudes (confessores) um milagre é requerido. Já nas que se referem aos Mártires o milagre para beatificação é dispensado. Por fim, a análise dos milagres é exposta ao papa que decide ou não pelo *decretum Super miraculo*.

Caso o papa decida a favor do milagre, este, acompanhado da Congregação para as Causas dos Santos julga se é conveniente marcar a data da beatificação do Venerável ou esperar momento oportuno.⁷⁷ Para o processo de Canonização, o postulador deve submeter a

⁷⁷ Deixar a marcação da beatificação em aberto também pode ocorrer com a data de canonização. Este fato ocorre geralmente nas causas que há polêmicas em torno da pessoa ou na forma como a Congregação para as Causas dos Santos apresentou o modelo de santidade do candidato. Um exemplo emblemático é o de Edith Stein, judia que se converteu ao catolicismo se tornando irmã carmelita. Edith Stein foi detida pelos nazistas e morreu em Auschwitz junto a outros judeus holandeses católicos. WOODWARD (1992, p. 124) informa que a

Congregação mais um milagre que tenha acontecido após a beatificação, tanto para confessores como para mártires, que serão julgados sob os mesmos trâmites do processo de beatificação. Por fim, caso este milagre seja aceito pelo papa, este autoriza a Congregação a redigir o decreto relativo a canonização e marca a data da cerimônia.

Em resumo, as reformas implementadas por João Paulo II (1978-2005), em 1983, num movimento de adequação a questões levantadas desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), principalmente no que diz respeito colegialidade dos bispos, promoção do leigo, chamado de todos à santidade, foram responsáveis por uma série de mudanças de ordem jurídica, teológica e quantitativa. Com o efeito, o processo se tornou menos burocrático mais ainda levanta muitas dúvidas nos postuladores de causa, bispos e demais envolvidos. Tanto que alguns manuais⁷⁸ foram publicados para servirem de completo a “Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*” e as “*Normae servandae in inquisitionibus ab episcopis faciendis in causis sanctorum*”. Quando Bento XVI (2005-2013) assumiu a cadeira de Pedro, ele continuou a beatificar e canonizar de acordo com a legislação de João Paulo II (1978-2007)⁷⁹, contudo, diante das mesmas dúvidas levantadas pelos bispos e postuladores sobre a legislação na causa dos santos, em maio de 2007, o prefeito da Congregação para as Causas dos Santos – Saraiva Martins – publicou um documento, ainda mais detalhado, intitulado “*Sanctorum Mater: Instrução para a realização dos Inquéritos Diocesanos das Eparquias nas Causas dos Santos.*”⁸⁰

Algumas prerrogativas do antigo sistema (CDC 1917) foram mantidas, tais como a resolução de Paulo VI (1963-1978), que instituiu em vez de dois processos, Ordinário e Apostólico, a realização apenas do Processo Diocesano. Houve também a permanência dos tribunais, que agora são realizados somente no âmbito diocesano. Tais tribunais seguem o mesmo procedimento de antes da reforma, ou seja, ouvir testemunhas, coletar e autenticar

possível beatificação de Edith Stein na época teria ofendido a muitos israelenses e outros judeus já que na opinião destes a Igreja Católica teria colocado a coroa do martírio na cabeça de uma mulher que em meio ao holocausto teria pedido a Deus para que aceitasse sua vida como expiação pela incredulidade dos judeus. Alguns sustentavam a ideia que Stein teria sido morta por ser judia não por ódio de fé aos católicos. Assim, devido às críticas, no Vaticano chegou-se a especular se não seria mais sensato adiar a cerimônia de beatificação para um momento mais oportuno dando tempo para apaziguar as críticas e conflitos.

⁷⁸ Entre eles estão os livros de: RODRIGO, R (1998). *Manual para instruir los procesos de canonizacion.*; VERAJA, F. (1992) *Le cause di canonizzazione dei santi.*; GUTIERREZ, (2005) J. L. *Studi sulle cause di canonizzazione.*

⁷⁹ As únicas mudanças de Bento XVI (2005-2013) dizem respeito à liturgia nas celebrações de beatos e santos que iremos analisar mais adiante.

⁸⁰ Esta Instrução pode ser consultada em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20070517_sanctorum-mater_po.html Acesso: 04/06/13.

provas. Continuou também a distinção entre mártires e confessores e os milagres ainda são exigidos. Outra exigência que sobreviveu foi o documento *super non cultu*, decretado em 1625 pelo papa Urbano VIII (1623-1644), que estabelece que se verifique a não existência de culto público ao candidato a beatificação e a canonização.

Dentre as reformulações podemos citar como uma das mais importantes o poder conferido aos bispos para abertura das causas em detrimento das resoluções do Concílio Vaticano II no que tange a colegialidade episcopal. Esta reformulação, como informa CICILLOT (2008, p. 53) favoreceu o descentramento do processo em favor da autoridade do bispo sem restaurar as antigas canonizações que outrora foram conferidas a estes.

Outra questão não menos importante foi que esta reforma trouxe um notável aceleração das causas em detrimento de três fatores fundamentais: o primeiro como dissemos acima, foi a manutenção da regra de Paulo VI (1963-1978), sobre a extinção dos Processos Ordinário e Apostólico, em favor do Diocesano; o segundo e mais importante foi a extinção da função do Advogado do Diabo e conseqüentemente dos infundáveis debates entre este e o Advogado de Defesa; e o terceiro fator foi a diminuição do número de milagres tanto para beatificação quanto para canonização, lembrando que para a beatificação de mártires os milagres não são exigidos.

Estas três mudanças, somadas a regra que uma causa pode ser aberta apenas cinco após a morte do candidato e não mais 50, promoveu uma mudança fundamental no que diz respeito a santidade, ou seja, a criação de uma contiguidade cronológica entre a existência do candidato, os depoimentos das testemunhas, a efervescência da devoção, propiciando uma santidade mais atual e passível de ser modelo para a sociedade contemporânea.

Outro ponto fundamental na reforma operada por João Paulo II (1978-2005) foi a substituição do Advogado do Diabo em detrimento do relator, este sendo o único sujeito autorizado a verificar e demonstrar se determinado candidato a santidade exerceu as virtudes de forma heroica ou se sofreu determinado martírio. Com o Colégio de Relatores instituído, a Congregação para as Causas dos Santos coloca em ação aquilo que Paulo VI (1963-1978) pretendia desde o seu pontificado, ou seja, que o exame e verificação da santidade repousa-se menos no direito e mais na teologia e ciências humanas. Assim como explica Woodward

... o tribunal já não seria o paradigma na busca da verdade sobre a vida de um santo. Em vez disso, a Igreja empregaria o modelo acadêmico da pesquisa e da redação de uma dissertação doutoral. As causas seriam aceitas e rejeitadas segundo os cânones da historiografia crítica, não pelos argumentos dos advogados rivais. O relator, na verdade, substituíra tanto o Advogado do Diabo quanto o de defesa (WOODWARD, 1992, p. 89).

Esta mudança de foco possibilitou a Congregação para as Causas dos Santos se libertar dos antigos entraves impostos pelos Advogados do Diabo e torna-se mais autônoma na aferição e escolha dos candidatos já que o processo de fazer santos voltaria para as mãos dos teólogos relatores, que por muito tempo foram negligenciados neste processo. Atualmente, segundo o site oficial da Congregação para as Causas dos Santos, esta instituição conta com trinta e quatro membros entre Cardeais, Arcebispos e Bispos, tendo apenas um Promotor da Fé, cinco Relatores e 83 Consultores.⁸¹

Devido à mudança de foco do direito para o método da historiografia crítica, o postulador da causa teve que atualizar seus conhecimentos, já que, no processo diocesano este se torna responsável por uma biografia crítica do candidato a santidade que servirá como documento para que o relator escreva as *positio super vita et virtutibus* ou *super martyrio*, (super martírio) e depois a *positio super miraculis* (*positio* dos milagres).

Para tanto, o Vaticano desde 1984 dispõe do “*Studium*”, um curso de formação de Postuladores e dos que colaboram com a Congregação, como também daqueles que exercitam os diferentes ofícios perante as cúrias diocesanas para o estudo das causas dos santos. Este curso, no valor de 600 euros é dividido em três fases: uma que trata das questões teológicas de uma causa, a segunda que discute a parte histórica e hagiográfica, e por fim, a uma terceira parte que explica as questões jurídicas envolvidas na abertura de causa de beatificação e santificação.⁸² O “*Studium*” tem além disso a tarefa de cuidar da atualização do “*Index ac Status Causarum*” - lista com os nomes de todos os santos cujo culto foi autorizado e confirmado pela Santa Sé.

Portanto, como podemos observar, a santidade tem se tornado obra de especialistas técnicos, teólogos, intelectuais, historiadores, advogados. De culto espontâneo no qual os santos eram reconhecidos por sua capacidade extraordinária de produzir incontáveis milagres e que estes milagres eram portanto condição *sine qua non* para santidade, atualmente com o franco processo de secularização acrescido de uma desmagificação, podemos observar que a santidade agora repousa sobre uma série de normas, procedimentos e regras no qual tais especialistas autorizados pela Igreja recusam a espontaneidade dos cultos passando a ter a prerrogativa de construir modelos de santidade decidindo ainda o que é divino ou natural.

⁸¹ Consultar “Perfil” da Congregação para as Causas dos Santos em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_pro_20051996_po.html Acesso: 21/05/13.

⁸² Para maiores informações sobre a ementa deste curso, consultar o “CALENDARIO 2013 DELLE LEZIONI ED ESERCITAZIONI” em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/studium2013.pdf Acesso: 21/05/13.

Contudo, em nossa opinião, a questão mais emblemática na santidade, reflexo das diretrizes do Concílio Vaticano II, e que por sua vez guiaram as mudanças na legislação de fazer santos e que consequentemente foram refletidas na política de canonização de João Paulo II e Bento XVI trata-se da “vocação de todos à santidade”, empreendida na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Há neste documento uma mudança paradigmática no conceito de santidade e na sua aplicação.

A santidade não deve ser somente interpretada como algo extraordinário, místico, envolto numa atmosfera miraculosa, cabe a todos em seus diferentes estados (padres, religiosos, leigos, casados) exercerem-na diuturnamente através da moralização da conduta, na valorização e prática diária dos ensinamentos e virtudes cristãs, ou seja, a condição para ser santo não começa mais no milagre e sim termina, já que o milagre ainda é condição para se tornar um santo oficial. Contudo, a santidade passa a ter um duplo significado, aquela que é exercida diariamente e outra no qual a Santa Sé faculta o direito de ser modelo universal para os demais fiéis.

Obviamente que este movimento de ver a santidade em todos os estados beneficiou beatificações e canonizações que ainda representam pouco peso como leigos, jovens, mulheres e pessoas casadas, em detrimento dos padres e religiosos como veremos no próximo capítulo. Para finalizar este capítulo, de forma breve, abordaremos o percurso histórico da liturgia que envolve as celebrações dos ritos de beatificação e canonização.

5.4 Breve explanação sobre a liturgia nas celebrações de beatos e santos

A beatificação é um ato do Romano Pontífice, com a qual se permite que um Servo de Deus – que estabeleceu a heroicidade das suas virtudes ou sofreu o martírio por causa da fé – possa ser venerado em público em uma determinada região ou comunidade religiosa. A canonização, por sua vez, é diferente da beatificação, porque aquela é um decreto sobre a veneração eclesial pública de um indivíduo e tem um valor universal. É ainda prescritiva, e julgamento final do Sumo Pontífice, com a qual este decreta que o beato está inserido entre os bem-aventurados, devendo ser reverenciado em todo o mundo católico.

O que marca legalmente a transformação de um Servo de Deus em beato, e um beato em santo são as celebrações litúrgicas em forma de rito solene com data, hora e local marcado, já que o simples *decretum Super miraculo* expedido pelo papa, não se torna condição *sine qua non* para beatificação e canonização, é preciso a oficialização “festiva” de tal decreto.

Mas, como exemplificamos no capítulo III, nem sempre foi assim, já que o culto aos mártires como informa Peter Brown (1981) surge de forma espontânea, primeiro no plano privado, para numa segunda fase, vir a ser adotado pelos responsáveis pelas igrejas locais. O que de fato marcava a santificação era a *elevatio* ou *translatio corporis* ((DESROCHE, & VAUCHEZ, & MAÎTRE 1970), MARTINS, J, S. (s/d)).

A partir do século XI começou a se firmar-se o princípio de que somente o Romano Pontífice, como Pastor Universal da Igreja, tem autoridade de prescrever um culto público, quer na Igreja particular quer na Igreja universal. Por volta do século XIV, segundo MARTINS, J, S. (s/d)).

... a Santa Sé começou a autorizar um culto limitado a determinados lugares e a alguns servos de Deus, cuja causa de canonização ainda não tinha sido iniciada ou concluída. Esta concessão, está na origem da beatificação. Os Servos de Deus, aos quais era concedido um culto limitado, foram chamados Beatos a partir de Sisto IV (1483), determinando assim a distinção jurídica definitiva entre o título de Santo e o de Beato, que era usado indiferentemente na época medieval. A concessão do culto local era formalizada e comunicada aos interessados através de Carta Apostólica sob forma de *Breve*, que o Bispo local fazia executar *auctoritate apostolica*.⁸³

No período acima descrito, após o papa conceder o culto local (beatificação), normalmente ele deixava os Promotores da Causa, e Ordinário local a possibilidade de escolher o dia, o lugar e o modo para solenizar o acontecimento da beatificação feita, e inauguração do novo culto (*Missa et Officium*). Segundo MARTINS, J, S. (s/d)), esta celebração podia acontecer, em certos mosteiros e na ocasião da beatificação era vetada qualquer solenidade externa.

Contudo, a primeira beatificação solene considerada pela Santa Sé, só ocorreu quase dois séculos depois, em 1662, quando no fim da Idade Média, com a progressiva centralização romana, as beatificações e canonizações passaram a ser localizadas dentro da liturgia papal, fazendo com que a presença do Sumo Pontífice fosse necessária para oficialização das mesmas. Esta beatificação solene foi a de Francisco de Sales, em 1662, sendo celebrada na Basílica de São Pedro (Vaticano) durante o pontificado de Alexandre VII (1655-1677).⁸⁴

⁸³ MARTINS, J, S. (s/d)). OS NOVOS PROCEDIMENTOS PARA OS RITOS DE BEATIFICAÇÃO: O rosto da Igreja que se renova na continuidade. Consultar: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20050929_saraiva-martins-beatificacao.html Acesso: 08/06/13

⁸⁴ Segundo MARTINS, J, S. (s/d)) o rito de beatificação de Francisco de Sales teve o seguinte modelo litúrgico. Pela manhã realizou-se na Basílica de São Pedro o rito verdadeiro e próprio da Beatificação; foi lido oficialmente o Breve apostólico, com o qual o Papa conferiu o título de Beato e as relativas honras litúrgicas. Em seguida houve a celebração da Missa solene, presidida pelo Bispo de Soissons. A tarde, o papa desceu à Basílica para venerar o novo Beato e lucrar a indulgência plenária, que ele mesmo tinha concedido aos fiéis que naquele dia tivessem visitado a Basílica. Consultar:

Bento XIV (1740-1758), que codificou todas as regras relativas a beatificação e canonização no “*De servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione*”, reconfirma as disposições de Alexandre VII (1655-1677) na Constituição “*Ad sepulcra Apostolorum*” em 1741 e na bula “*Ad honorandam memoriam*” em 1752. A liturgia e cerimônia de beatificação, iniciada e regulada por Alexandre VII (1655-1677), permanecerá invariável até o século XX e conta dos seguintes atos, de acordo com Ciciliot (2008):

1. A presença dos cardeais da Congregação dos Ritos, dos consultores e do Arcipreste da Basílica Vaticana;
2. Apresentação de um breve papal pelo postulador da causa ao cardeal-prefeito da Congregação dos Ritos;
3. Na parte da manhã a leitura pública do breve na Basílica atestando o título de beato e a veneração legítima;
4. Canto do *Te Deum* e revelação da imagem do beato;
5. Recitação em honra do beato;
6. Incensação da imagem do beato;
7. celebração da missa pelo bispo;
8. No mesmo dia, o papa ia até a igreja para adorar o beato;
9. Em seguida se celebrava solenemente a festa de beatificação (*festum beatificationis*) na igreja da localidade onde o novo Beato nasceu ou onde descansavam suas relíquias.

Por outro lado, a celebração, o rito e liturgia das canonizações tiveram diversas codificações ao longo da história. De acordo com Ciciliot (2008), no período do Papado de Avignon (1309-1378) a liturgia papal é relegada ao cerimonial do cardeal Giacomo Stefaneschi. A estrutura litúrgica das canonizações foram codificadas finalmente na obra “*De servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione*” de Prospero Lambertini, futuro papa Bento XIV (1740-1758), e podem ser descritas da seguinte maneira:

Solenne processione che accompagna il pontefice alla Basilica Vaticana e rito dell’“obbedienza” dei cardinali; l’avvocato concistoriale, accompagnato dal procuratore della causa, chiede per tre volte al papa la canonizzazione e alla supplica vengono intonati e alternati, come risposta, le litanie, il *Veni Creator Spiritus* e alcune preghiere; il segretario dei brevi manifesta il pensiero pontificio in merito alla canonizzazione; solenne atto di canonizzazione: *Ad honorem sanctae et individuae Trinitatis*; l’avvocato concistoriale, a nome del procuratore della causa, ringrazia il papa per l’atto e chiede che venga redatto il documento, le *Litterae Decretales*, a conferma

della canonizzazione, a cui il pontefice risponde: *Decernimus*; l'avvocato concistoriale chiede ai notai e ai proto-notai di redigere il documento; canto solenne del *Te Deum*, a cui segue l'orazione del santo; benedizione papale; messa solenne celebrata dal pontefice in persona oppure da un cardinal (CICLIOT, 2008, p. 56).⁸⁵

Com a publicação do Código de Direito Canônico, em 1917, as únicas mudanças significativas são no sermão relativo à canonização, e na homilia, que passam a ser no início da cerimônia dentro da missa pontifical.

Nos últimos anos do pontificado de Pio XII (1939-1958), especialmente devido grande quantidade de fiéis nas cerimônias de canonização, este rito passou a ser realizado pela tarde e do lado de fora da Basílica de São Pedro. Na manhã seguinte havia a missa de canonização dentro da Basílica. Uma das canonizações que fizeram Pio XII (1939-1958), mudar a liturgia e os modos da celebração foi canonização da jovem italiana Maria Goretti, Mártir da Pureza, que foi morta em 1902 por Alessandro Serenelli, por defender sua castidade. A foto abaixo mostra a quantidade de fiéis que participaram da cerimônia de canonização de Maria Goretti, justificando assim a escolha de Pio XII (1939-1958).



⁸⁵ Tradução livre: Solene procissão que acompanha o pontífice a Basílica Vaticana e rito de obediência dos cardeais; o advogado consistorial, acompanhado do procurador da causa, pede três vezes ao papa a canonização e a súplica é cantada e alternada, e em resposta, a ladainha, *Veni Creator Spiritus* e algumas orações; o secretário do breve manifesta o pensamento sobre a canonização; ato solene de canonização: *Ad honorem Sanctae et individuae trinitatis*; o advogado consistorial, em nome do promotor da causa, agradece ao papa pelo ato e pede que redija o documento, os *Litterae Decretales*, confirmando a canonização, em que o Papa responde: *Decernimus*; advogado consistorial pede aos notários e proto-notários a elaboração do documento; canto solene do *Te Deum*, seguindo-se a oração do santo; benção papal; missa celebrada pelo papa em pessoa ou por um cardeal.

João XXIII (1958-1963), no entanto, não seguiu as mudanças de Pio XII (1939-1958) e restaurou a cerimônia regulamentada por Prospero Lambertini. Com o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi promulgada a Constituição “*Sacrosanctum Concilium*”⁸⁶, que reformou, além de outras coisas a liturgia papal. Paulo VI (1963-1978) por sua vez, nos primeiros anos de seu pontificado, beatificou nos moldes tradicionais. Em 17 de outubro de 1971, no pontificado de Paulo VI, em honra de Maximiliano Kolbe, pela primeira vez, um Papa preside a cerimônia de beatificação.⁸⁷ A cerimônia deixou de ser feita à tarde, durante a qual o papa descia à Basílica para venerar o novo Beato e lucrar a indulgência plenária. Além disso, Paulo VI (1963-1978) foi predisposta pela primeira vez uma “fórmula de beatificação”, lida pelo próprio Papa. A prática adotada por Paulo VI (1963-1978), de presidir os ritos de beatificação foram também seguidas pelo papa João Paulo II (1978-2005), trazendo as seguintes inovações:

...ingresso in processione del pontefice all’altare, mentre si esegue il canto d’introito e l’incensazione; dopo il *Kyrie eleison* il segretario della Congregazione delle Cause dei Santi legge una breve sintesi della vita del servo di Dio, accennando anche all’*iter* del processo canonico e chiedendo poi al papa di procedere alla beatificazione; il pontefice pronuncia in latino la formula *Nos, vota...explentes...Auctoritate Nostra Apostolica facultatem facimus...*; si scopre l’immagine del beato; canto dell’inno *Gloria in excelsis Deo*; orazione del beato; il papa prosegue la messa, solitamente concelebrata; dopo il canto del Vangelo omelia a glorificazione del beato; presentazione dei doni simbolici e caratteristici in concomitanza con la processione offertoriale (CICILLOT, 2008, p. 57).⁸⁸

Se anteriormente as celebrações dos beatos deveriam ocorrer em Roma, na Basílica de São Pedro, com o pontificado de João Paulo II, devido a suas inúmeras viagens apostólicas, os ritos de beatificação passaram a ser também realizados nas igrejas locais, ou seja, nas cidades de origem de tais beatos. A primeira beatificação fora de Roma, ocorreu em 1981 em Manila nas Filipinas. Nesta cidade Lorenzo Ruiz e 15 companheiros mártires foram beatificados.⁸⁹ Já

⁸⁶ Consultar “Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia” em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html Acesso: 08/06/13.

⁸⁷ Consultar Homilia de beatificação de Maximiliano Kolbe em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1971/documents/hf_p-vi_hom_19711017_it.html Acesso: 09/06/13.

⁸⁸ ... entrada em procissão para o altar do Pontífice, enquanto acontece o canto introdutório e incensação; depois do *Kyrie eleison* o secretário da Congregação para as Causas dos Santos ler uma breve síntese da vida do servo de Deus, lembrando também partes internas do processo canônico e pedindo depois ao papa que proceda a beatificação; o pontífice pronuncia em latim a fórmula *Nos, vota... explentes... Auctoritate Nostra Apostolica facultatem facimus...*; a imagem do beato é descoberta; canto do hino *Gloria in excelsis Deo*; oração beato; o papa continua a Missa, geralmente co-celebrada; após o canto do Evangelho Homilia para a glorificação do beato; apresentação de presentes simbólicos e característicos em conjunto com a procissão do ofertório.

⁸⁹ Consultar Homilia de Beatificação de Lorenzo Ruiz e 15 companheiros em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1981/documents/hf_jp-ii_hom_19810218_beatificazione-ruiz_it.html Acesso: 09/06/13.

a primeira beatificação na Itália fora de Roma foi da leiga e fundadora da Obra de Nossa Senhora do Refúgio no Monte Calvário, Virginia Centurion Bracelli, na cidade de Gênova em 1985.⁹⁰ Com relação as canonizações, a primeira de João Paulo II (1978-2005) fora de Roma, foi a André Kim e 102 mártires realizada na cidade de Seul na Coreia do Sul. Já em Messina na Itália foi realizada a primeira canonização fora de Roma. A santa chamada Eustochia Smeralda foi santificada em junho de 1988.

Ocorre que, as transformações nos ritos de beatificação, principalmente no que diz respeito a serem presididas pelo papa a partir de Paulo VI e continuada por João Paulo II, não foram recebidas de forma unânime pela cúria romana. Muitos afirmaram que a distinção entre beatificação e canonização já confusa para alguns fiéis, tinha se tornado ainda maior, já que a presença do papa era somente observada para àqueles nos quais a veneração pública de tem um valor universal, ou seja, para os canonizados. Além deste fato, o papa João Paulo II (1978-2005) usava a mesma fórmula declarativa tanto para beatos como para santos. Os menos críticos afirmaram que o papa presidir as beatificações nas igrejas locais era uma forte tentativa de fazer da Igreja Católica um lugar além do Vaticano e de Roma, valorizando assim as igrejas locais.

O resultado é que dois meses após ser entronizado, no comunicado de 14 de maio de 2005,⁹¹ Bento XVI (2005-2013) muda as regras relativas as celebrações e a liturgia das beatificações. As beatificações seriam agora presididas “*de mandato Summi Pontificis*” pelo cardeal José Saraiva Martins, prefeito da Congregação para as Causas dos Santos. A justificativa para Bento XVI (2005-2013) não presidir as beatificações respondia

... à exigência, muito sentida, de: a) realçar em maior medida nas modalidades celebrativas a diferença substancial entre beatificação e canonização; b) tornar partícipes de modo mais visível as Igrejas particulares nos ritos da beatificação dos respectivos Servos de Deus. Sobressaiu com evidente clareza, nas numerosas beatificações celebradas por João Paulo II em todas as partes do mundo, a conveniência pastoral de que os ritos da beatificação sejam realizados preferivelmente nas Igrejas particulares... Onde quer que se realizem os ritos de beatificação, quer em Roma quer noutras partes, é necessário realçar como todas as beatificações são um *acto do Romano Pontífice*, o qual permite (“*facultatem facimus*”, assim consta na fórmula actual de beatificação) o culto local de um Servo de Deus, tornando pública a sua decisão mediante uma Carta apostólica. Os ritos da

⁹⁰ Consultar Homilia de Beatificação de Virginia Centurion Bracelli em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20030518_bracelli_po.html Acesso: 09/06/13.

⁹¹ Consultar “Comunicação da Congregação para as Causas dos Santos sobre os novos procedimentos nos ritos de beatificação (29 de setembro de 2005)” em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20050929_comunicat_o_po.html Acesso: 09/06/13.

beatificação e da canonização em si já são bastante diferenciados; contudo, o facto de que a partir de 1971 tenham sido presididos normalmente pelo Santo padre diminuiu aos olhos do povo a diferença substancial que existe entre as duas instituições MARTINS, J, S. (s/d)).

Três outras inovações foram feitas por Bento XVI (2005-2013) no que tange as beatificações: A **primeira** é que passaria a ser regra que as beatificações fossem realizadas na diocese que promoveu a causa do novo beato. A **segunda** alteração informava que se as partes interessadas (Bispos e Promotores da Causa) desejassem que a cerimônia de beatificação fosse realizada em Roma, mas não na Basílica de São Pedro, eles deveriam solicitar à Secretaria de Estado do Vaticano que avaliaria as motivações para justificar o pedido. Por fim, a **terceira** destacava que o rito da beatificação, deveria ser desenvolvido durante a Celebração eucarística, precisamente depois do ato penitencial e antes do cântico do “Glória”. A exceção seria que por particulares razões litúrgicas ele fosse realizado durante a celebração da Palavra ou da Liturgia das Horas. O rito deveria ser iniciado com a apresentação à Assembleia das características essenciais da biografia do próximo Beato. Esta apresentação deveria ser feita pelo bispo diocesano ou, tratando-se de diversos Servos de Deus, dos respectivos Bispos diocesanos.

Em se tratando as canonizações, Bento XVI (2005-2013) só mudou o rito em sua última celebração de santos enquanto papa, em 21 de outubro de 2012. Em entrevista ao *L'Osservatore Romano* em 17 outubro 2012 o mestre das celebrações litúrgicas de Bento XVI (2005-2013), Guido Marini explicou as principais mudanças.⁹² Para evitar que na celebração eucarística estejam presentes elementos que não lhe são próprios e mantendo assim intacta a Constituição conciliar *Sacrosanctum concilium*, o rito de canonização acontecerá antes do início da missa. Primeiramente, haverá a procissão habitual seguida da leitura da biografia do novo santo, não mais pelo papa mais pelo prefeito da Congregação para as causas dos santos, que pedirá consecutivamente três vezes ao papa que proceda a canonização. Estes pedidos recuperam a antiga tradição a qual o papa pede com insistência a ajuda de Jesus para o cumprimento de um ato importante. No segundo pedido, o papa pedirá ao Espírito Santo iluminação sobre seu ato e em seguida será cantada *Veni creator*. Ao fim do terceiro pedido o papa pronuncia a fórmula de canonização:

“Ad honorem Sanctæ et Individuæ Trinitatis, ad exaltationem fidei catholicæ et vitæ christianæ incrementum, auctoritate Domini nostri Iesu Christi,

⁹² Essa entrevista pode ser consultada em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2012/documents/ns_lit_doc_20121017_marini-canonizzazioni_it.html Acesso: 09/06/13.

beatorum Apostolorum Petri et Pauli ac Nostra, matura deliberatione præhabita et divina ope sæpius implorata, ac de plurimorum Fratrum Nostrorum consilio, Beatos...” (e diz o nome dos santos).⁹³

Após esta fórmula, o canto *Te Deum*, acompanhará as relíquias do novo santo que serão levadas em procissão ao papa para que possa venerá-las, sendo em seguida colocadas no altar e incensadas pelo diácono. Em seguida dá-se a celebração eucarística.⁹⁴

Portanto, estas mudanças promulgadas por Bento XVI (2005-2013), através do “Departamento para as Celebrações Litúrgicas do Santo Padre” buscaram da “Ordo beatificationis et canonizationis”, que estivesse em sintonia com a Congregação para as Causas dos Santos e com a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Após esta descrição sobre os ritos e liturgia das beatificações e canonizações, no próximo item faremos uma análise comparativa da política de fazer santos e beatos de João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013).

6 A POLÍTICA DE CANONIZAÇÃO E BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II E BENTO XVI

6.1 Notas sobre as fontes

Antes da análise propriamente dita, é preciso tecer alguns comentários sobre as fontes que foram usadas para quantificar o número de beatificações e canonizações que o Vaticano dispõe em seu site. De início é preciso informar a falta de cuidado com a qual a Santa Sé tem com relação ao registro, quantificação e alocação dos dados sobre beatos e santos.

⁹³ Tradução livre: “Para a honra da santa e indivisa Trindade, para a exaltação da fé católica e o crescimento da vida cristã, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo, e nossa, muitas vezes com a ajuda de suas orações para o divino, e após deliberação madura, e do conselho de muitos dos nossos irmãos, vocês são abençoados.”

⁹⁴ Um modelo da nova liturgia do rito de canonização pode ser observado na cerimônia de canonização de sete novos santos em outubro de 2012. Consultar este documento em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/libretti/2012/20121021.pdf Acesso: 09/06/13.

Para o caso do pontificado de João Paulo II há uma discrepância na quantificação do número total de beatos e santos que aparecem em links diferentes todos eles no site oficial da Santa Sé. Colocarei para cada fonte um número para que fique mais clara a minha exposição. No caso das beatificações a **(1)** “Sala Stampa della Santa Sede”⁹⁵ afirma que foram beatificados 1338 Servos de Deus, dos quais 1032 são mártires e 306 confessores. Já no **(2)** “Ufficio delle Celebrazioni Liturgiche del Sommo Pontefice: Beatificazioni del Santo Padre Giovanni Paolo II”⁹⁶ o total é de 1341 beatos. A terceira quantificação, da **(3.0)** “Pontificia Accademia Cultorum Martyrum”⁹⁷ mesmo que essa tenha sido feita até outubro de 2002 informa a quantidade de total de beatos 1299 que não confere com nenhuma das duas fontes acima citadas para o total de beatos até 2002 nem para divisão entre confessores, mártires, e os estados de vida (leigo, sacerdote, religioso, bispo, cardeal e papa). Com relação as canonizações de João Paulo II a **(3.1)** “Pontificia Accademia Cultorum Martyrum”, que computou até 2002 trazia um erro no total de santos no ano de 1993.

Quando comecei a fazer a quantificação do número de beatos e santos eu não havia descoberto no labirinto que é o site do Vaticano as fontes acima citadas. Minha quantificação era baseada nos dados publicados no site que responde sobre esta questão, ou seja, a Congregação para as Causas dos Santos, que traz três links distintos: **(4)** um para santos e beatos em língua italiana⁹⁸, que informa até o ano de 1999⁹⁹ **(5)** um segundo somente para os beatos¹⁰⁰ e um terceiro **(6)** para santos¹⁰¹, os dois últimos até 2004. Nestes dois últimos sites haviam links para a biografia dos santos e beatos, além das homilias.

Com estes três últimos sites acima citados, comecei a criar uma tabela para os beatos e santos que dividia por data da celebração, quem era confessor, mártir, leigo, sacerdote, religioso, bispo, cardeal e papa. Contudo, a quantificação da fonte **(4)** não conferia com as fontes **(5)** e **(6)**. A intenção de criar esta tabela foi abandonada por um tempo até que pesquisando no site do Vaticano tive acesso a fonte **(1)** da “Sala Stampa della Santa Sede”, que

⁹⁵ Consultar: http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/avvenimenti/canonizzazioni-beatificazioni_statistiche_it.html Acesso: 09/06/13.

⁹⁶ Consultar http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ELENCO_BEATI_GP11.htm Acesso: 09/06/13.

⁹⁷ Consultar http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/cult-martyrum/prospetti/decr.PDF Acesso: 09/06/13.

⁹⁸ Consultar: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20020527_saints-jp-ii_it.html Acesso: 09/06/13

⁹⁹ O que já é um grande problema, pois João Paulo II beatificou até outubro de 2004 e canonizou até maio de 2004.

¹⁰⁰ Consultar: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/index_blessed_po.html Acesso: 09/06/13

¹⁰¹ Consultar: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/index_saints_po.html# Acesso: 09/06/13.

trazia um link pra fonte no **(2)** “Ufficio delle Celebrazioni Liturgiche del Sommo Pontefice: Beatificazioni del Santo Padre Giovanni Paolo II”. Este último link, era bastante detalhado quanto as beatificações, trazendo dados sobre data e local da celebração e dados sobre a confissão do beato. Decidi me guiar por esta tabela que computava 1341 beatos diferentemente dos 1338 da fonte **(1)**. A diferença no quantitativo entre as fontes **(1)** e **(2)** residia nas beatificações extraordinárias.¹⁰² Ao todo, João Paulo II (1978-2005) concedeu quatro Conferme di culto e três *Concessioniones Missae et Officii*, e a fonte **(2)** havia inserido apenas três beatos desta condição, por isso, nem a fonte **(1)** nem a **(2)** tinham informações completas. Para maiores detalhes sobre a confissão dos mártires, idade, data e local de nascimento utilizamos ainda a fonte **(7)** “I Martiri di Giovanni Paolo II (1981-2003)”¹⁰³

Para o caso das beatificações e canonizações de Bento XVI (2005-2013) a situação é ainda mais complicada. A fonte **(5)** só lista os beatos até 2008, enquanto que a fonte **(6)** só elenca as canonizações até 2008 e Bento XVI (2005-2013) realizou a sua última canonização em outubro de 2012. Para sanar estes problemas comecei a pesquisar em outros lugares dentro do site do Vaticano que pudessem trazer dados sobre as beatificações e canonizações e Bento XVI (2005-1978). Desta forma, dados foram encontrados no **(8)** “Angelus – Regina Coeli”, nas **(9)** “Cartas Apostólicas”¹⁰⁴ e nos **(10)** “Documentos e intervenções do Secretário de Estado do Vaticano”, Tarcisio Bertone.¹⁰⁵ Por fim, pesquisamos ainda em sites católicos como **(11)** “Santi, Beati e Testimoni”¹⁰⁶, e **(12)** “Zenit”¹⁰⁷ **(13)** “SQPN”¹⁰⁸, que elencam beatificações e canonizações que não há registro no site do Vaticano, mais que aconteceram já que tais matérias mostram fotos e vídeos de tais celebrações.

Em nossa opinião, alguns fatores competiram para a falta de dados completos e sua dispersão em diversos links dentro do site do Vaticano sobre as beatificações e canonizações de Bento XVI (2005-2013). O primeiro fator reside na mudança da liturgia e celebração das beatificações de Bento XVI (2005-2013) que citamos anteriormente. Por Bento XVI (2005-

¹⁰² Chamadas de Conferme di culto e *Concessioniones Missae et Officii*, elas são mais uma exceção às regras de beatificação e canonização. Ocorre quando o papa oficializa e confirma uma devoção muito antiga e determina que esta pessoa, seja beatificada ou canonizada, sem que passe pelos trâmites legais requeridos pela Congregação para as causas dos santos.

¹⁰³ Consultar http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/cult-martyrum/martiri/001.html Acesso: 09/06/13.

¹⁰⁴ Para as fontes **(7)** e **(8)** consultar: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/index_po.htm Acesso: 09/06/13.

¹⁰⁵ Consultar http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/index_po.htm Acesso: 09/06/13.

¹⁰⁶ Consultar <http://www.santiebeati.it/> Acesso: 09/06/13.

¹⁰⁷ Consultar <http://www.zenit.org/pt> Acesso: 09/06/13.

¹⁰⁸ Consultar <http://saints.sqpn.com/> Acesso: 09/06/13.

2013) não presidir mais as beatificações, enviando assim diversos representantes¹⁰⁹ os registros ficaram dispersos em vários links dentro do site Vaticano. Outra questão foi a renúncia repentina de Bento XVI (2005-2013) e por isso ainda não há um site dentro do Vaticano como o de João Paulo II (1978-2005), que reúna toda a documentação¹¹⁰ sobre o pontificado.

Portanto, o quantitativo das beatificações e canonizações em João Paulo II (1978-2005) são confiáveis, com relação a Bento XVI (2005-2013) somente as canonizações são. Por serem dispersas em diversos links do Vaticano ou ainda não aparecerem neste site, às beatificações de Bento XVI (2005-2013) são parciais, podendo ao final desta tese ser um número ainda maior.

6.2 Análise comparativa entre as beatificações e canonizações de João Paulo II e Bento XV

6.2.1 Dados gerais

João Paulo II (1978-2005) foi o papa que mais beatificou desde o Pontificado de Pio X (1903-1914), até o pontificado de Bento XVI (2005-2013). Enquanto que, entre 1903 e 1978 foram beatificadas 842 duas pessoas, nos vinte anos e seis anos do pontificado de João Paulo II¹¹¹, incluindo quatro “Conferme di culto”¹¹² e três e *Concessionones Missae et Officii*¹¹³ ele beatificou 1345 Servos de Deus, ou seja, quase 23% a mais que os papas compreendidos entre 1978-2005. Bento XVI por sua vez, em oito anos de pontificado beatificou 867 Servos de Deus. Com relação aos pontificados compreendidos entre 1903 e 1978, Bento XVI beatificou 25 Servos de Deus a mais, e 478 a menos que João Paulo II.

¹⁰⁹ O representante do papa com relação às beatificações é o presidente da Congregação para a Causa dos Santos. De 1998 até 2008 o presidente era o cardeal José Saraiva Martins. De 2008 até o dado momento (16/06/13) o presidente é o cardeal Angelo Amato. Contudo, na ausência de Angelo Amato o enviado é o Secretário de Estado do Vaticano.

¹¹⁰ Neste link “Dati statistici del Pontificato di Giovanni Paolo II” pode ser encontrado tudo que diz respeito ao pontificado de João Paulo II (1978-2005) como: Viagens Apostólicas, Sínodo dos Bispos, Consistórios, Audiências, Ordenações Episcopais, Batismos, Constituições, Cartas, Encíclicas, etc. Consultar: http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/pontificato_gpII/pontificato_dati-statistici_it.html#Beatificazioni%20e%20Canonizzazioni Acesso: 10/06/13.

¹¹¹ João Paulo II teve o terceiro maior pontificado da história (26 anos, cinco meses e dezessete dias). O Primeiro foi o de São Pedro (entre 34 e 37 anos) e o segundo foi o de Pio X (31 anos, 7 meses, e 16 dias).

¹¹² “Conferme di culto”: 1979 - Margherita Ebner (Religiosa); 1990 - Juan Diego Cuauhtlatotzin (Leigo); 1991 - Giovanni Duns Scoto (Sacerdote); 1992 - Stanisław Kazimierz (Sacerdote).

¹¹³ “*Concessionones Missae et Officii*”: 1979 - Edviges d'Anjou (Leiga); 1980 - Giovanni Saziari (Religioso); 1982 - Giovanni da Fiesole/ Beato Fra Angelico (Sacerdote).

Para as canonizações, os dados de João Paulo II não são diferentes. Ele também é considerado o papa que mais canonizou desde a criação da Congregação dos Ritos em 1558. Entre 1592 e 1978 houve 302 canonizações, enquanto que nos vinte e seis anos do pontificado de João Paulo II ele canonizou 483 pessoas.¹¹⁴ Bento XVI por sua vez não acompanhou seu predecessor e canonizou apenas 44 pessoas, menos que Pio IX (1846-1878) com 52 e Paulo VI (1963-1978) com 84.

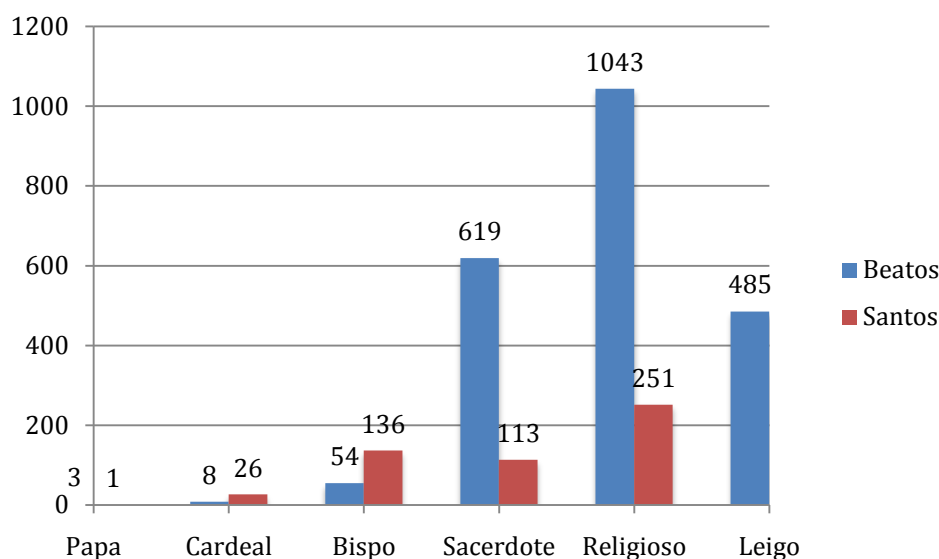
Para uma melhor análise sobre quem são estes beatos e santos dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, construímos quatro tabelas¹¹⁵ que trazem informações sobre total de beatos e santos por ano, divisão sobre estado de vida (Papa, Cardeal, Bispo, Sacerdote, Religioso, Leigo) e quem dentre estes é confessor e mártir. Informamos ainda, por ano, os *Conferme di Culto e Missae et officii*. Começamos com os dados de João Paulo II. Dos 1345 beatos, 1032 são mártires e 313 confessores. Estes beatos estão divididos por seu estado de vida, ou seja, são 2 papas, cinco cardeais, 47 bispos, 541 sacerdotes, 482 religiosos e 268 leigos. Dentre estas beatificações quatro delas são de *Conferme di Culto* e três são *Missae et officii*. Os canonizados de João Paulo II perfazem um total de 483 santos, sendo 402 mártires e 81 confessores. São eles: 1 cardeal, 22 bispos, 121 sacerdotes, 92 religiosos e 247 leigos.

Bento XVI, por sua vez beatificou 867, Servos de Deus, sendo 771 mártires e 96 confessores. Estas beatificações são divididas da seguinte maneira: 1 papa, 3 cardeais, 7 bispos, 78 sacerdotes, 561 religiosos e 217 leigos. O Total de santos por sua vez, é de 44, com dois mártires 42 confessores sendo divididos em: 4 bispos, 15 sacerdotes, 21 religiosos e 4 leigos. O gráfico abaixo mostra o total de beatos e santos para cada estado de vida compreendendo os pontificados de João Paulo II e Bento XVI que correspondem de 1978 a 2013.

Gráfico 2: – Descrição por Estado de Vida (1978-2013)

¹¹⁴ Os dados apresentados pelo Vaticano são 482 santos. Contudo, torna-se 483 porque São Meinardo, bispo de Livonia/Itália, teve o “Conferme dei Santi”.

¹¹⁵ As Tabelas podem ser consultadas no Anexo.



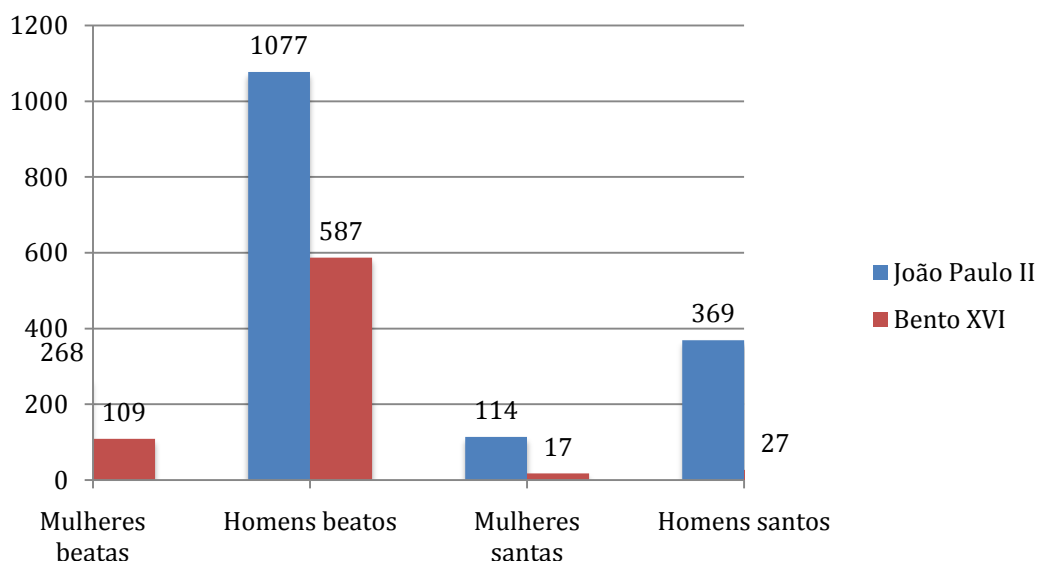
Como a tabela acima demonstra, o maior número de beatificações e canonizações é de religiosos (nº1156) seguido dos sacerdotes (nº755). Se somarmos ainda papas (nº3), cardeais (nº9) e bispos (nº80) perceberemos que as beatificações e canonizações de João Paulo II e Bento XVI falam de uma santidade tipicamente tradicional, ou melhor clerical, já que estes dois papas concederam 2003 (73,13%) beatificações e canonizações a religiosos¹¹⁶ e apenas 736 (26,87%) a leigos.

6.2.2 Gênero da santidade

Com relação ao gênero dos santos e beatos, a predominância é masculina para os dois papas. João Paulo II beatificou 268 mulheres e 1077 homens e canonizou 114 mulheres e 369 homens. Com relação aos Beatos de Bento XVI, nossos dados são incompletos, devido a falta de uma descrição que divida por gênero a beatificação conjunta de Pedro Kibe Kasui e 187 companheiros mártires.¹¹⁷ Contudo, retirando estes 188 mártires, podemos observar que a proporção de homens (nº570) continua sendo maior do que de mulheres (nº109). Com relação aos santos, 27 são homens e 17 são mulheres.

¹¹⁶ Religioso, neste momento específico, se contrapõe a leigos, ou seja, são todos aqueles que de alguma forma estão ligados de forma institucional a Igreja.

¹¹⁷ Consultar os dados desta beatificação em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/2008/ns_lit_doc_20081124_giappone_sp.html Acesso: 24/06/13.

Gráfico 3: Gênero das beatificações e canonizações (1978-2013)

A partir do gráfico acima, percebe-se claramente que a mulher não é prioridade nas beatificações e canonizações. Algumas questões competem para o número maior de homens entre os beatos e santos. A primeira delas reside no fato histórico no qual é imputado a mulher condição inferior ao homem pela Igreja Católica. Segundo Pierre Bourdieu a Igreja

inculca explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. Ela age, além disso, de maneira mais indireta, sobre as estruturas históricas do inconsciente, por meio sobretudo da simbólica dos textos sagrados, da liturgia e até do espaço dos templos religiosos (BOURDIEU, 1999, p. 103).

Em resumo, a Igreja Católica tanto nos textos sagrados, como na liturgia e acima de tudo na estrutura eclesiástica, tem priorizado o homem, o clérigo, e o celibato em detrimento da mulher, do leigo, e do casamento e, conseqüentemente, os processos de beatificação e canonização, refletem estas opções, ou seja, veremos que a maior parte dos beatos e santos serão homens, clérigos e conseqüentemente celibatários.

6.2.3 Geografia da santidade

Com relação à localidade das beatificações, como explicamos anteriormente, até o final do pontificado de João Paulo II elas poderiam ser realizadas na cidade do Vaticano, nas demais cidades italianas e durante viagens apostólicas. Quando em 2005, Bento XVI mudou

as regras na liturgia e celebração das beatificações, estas passaram a se realizadas nas igrejas locais das mais variadas cidades do mundo, ou em Roma em casos extraordinários, e pela falta dados de Bento XVI é impossível quantificar precisamente essa questão, ao contrário de João Paulo II como veremos na tabela abaixo.

Tabela 8: Locais das cerimônias de Beatificação e Canonização de João Paulo II					
	Cerimônia		Mártir	Confessor	Total
Vaticano	Beato: 86 Santo: 38		Beato:860 Santo:291	Beato:241 Santo:67	Beato:1101 Santo:358
Itália	Beato:14 Santo:1		Beato:1 Santo: -	Beato:18 Santo:1	Beato:19 Santo:1
Viagem Apostólica fora da Itália	Beato: 47 Santo:12		Beato:171 Santo:111	Beato:47 Santo: 12	Beato:218 Santo:123
Total	Beato:147 Santo: 51		Beato:1032 Santo:402	Beato:306 Santo: 80	Beato:1338* Santo: 482*
*Este quantitativo não inclui os “Conferme di culto” e “ <i>Concessioniones Missae et Officii</i> ” de beatos e santos. FONTE: http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/avvenimenti/canonizzazioni-beatificazioni_statistiche_it.html Acesso: 15/01/13					

Os dados da tabela comprovam porque João Paulo II é intitulado o papa peregrino¹¹⁸. Do total de 147 cerimônias de beatificação, 61 uma delas foram fora da cidade do Vaticano, 14 na Itália e 47 em viagem apostólica. A maioria dos mártires foram beatificados no Vaticano e em viagens apostólicas, enquanto que os confessores no Vaticano e fora da Itália. Já com relação aos santos, das 51 cerimônias 13 foram fora do Vaticano, sendo 12 delas em viagem apostólica.

Com relação a geografia da santidade, veremos uma predominância do continente europeu. Com relação aos beatos a maioria é da Europa. Para os beatos europeus o quantitativo é de 1854 representando 83,82% do total de Beatos entre 1978 e 2013. O segundo continente com maior número de beatificações é a Ásia com 223 representando com 10,08% do número total de beatos entre 1978 e 2013. Contudo, é Bento XVI quem eleva o número de beatos da Ásia respondendo por 195 beatificações. A América fica em terceiro

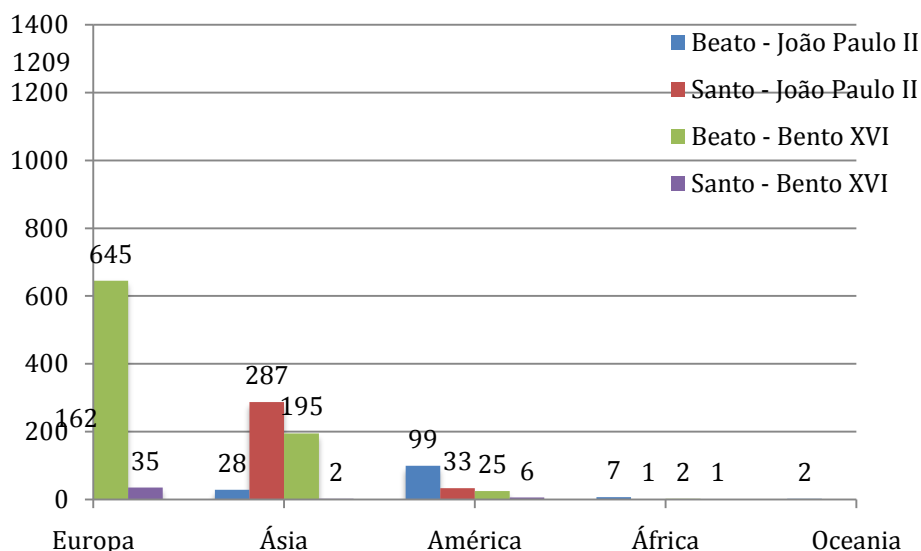
¹¹⁸ Peregrino não somente por causa das beatificações e canonizações. As viagens apostólicas de João Paulo II por diversos motivos totalizam mais de 133 países nos cinco continentes. Somente ao Brasil o papa veio quatro vezes (1980, 1982, 1991, 1997) visitando 19 cidades brasileiras, como pode ser consultado em: http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/viaggi/viaggi_santo_padre_statistiche_fiori-italia_elenco_continenti_it.html Acesso: 10/09/13.

lugar no número de beatos, totalizando 124 e representando 5,61% do total de beatos de João Paulo II e Bento XVI. Por fim Oceania e África juntas respondem por 0,58% do total de beatificações entre 1978 e 2013, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 4: Continente dos Beatos e Santos (1978-2013)

Beatos – João Paulo II: 1345 – Bento XVI: 867

Santos: João Paulo II: 483 – Bento XVI: 44



Com relação aos santos, o maior número é da Ásia contabilizando 289 santificações e totalizando 54,84% das canonizações entre 1978 e 2013. Dessa vez, é João Paulo II que puxa os números de santificações para Ásia totalizando 287 canonizações, enquanto Bento XVI só santifica dois asiáticos – a religiosa confessora e indiana Afonsa da Imaculada Conceição, e o leigo mártir e filipino Pedro Calungsod. A Europa fica em segundo lugar com 197 canonizações, correspondendo a 37,38% dos santificados por João Paulo II e Bento XVI. O continente americano por sua vez, possui 39 santos, 7,40% do total entre 1978 e 2013. Por fim, Oceania e África juntas respondem por 2 santos, ou seja, 0,38% do total de beatificações entre 2005 e 2013.

O país da Europa no qual houve o maior número de beatificações para os dois papas foi Espanha com 1034 respondendo por 46,75% do total de beatificações entre 1978 e 2013.¹¹⁹ Para as canonizações a Espanha também está no primeiro lugar com 50 santos de João Paulo II e 6 de Bento XVI.¹²⁰ Esse número elevado de beatos e santos espanhóis deve-se

¹¹⁹ A França fica com a segunda colocação de beatos contabilizando 218, seguido da Itália (nº185), Polônia (nº168) e Grã-Bretanha (nº86).

¹²⁰ A Itália fica com a segunda colocação de santos contabilizando 62, seguido da França (nº44), Polônia (nº15). Os outros estão distribuídos nos demais países europeus.

aos mártires da Guerra Civil na Espanha (1936-1939), que o Vaticano num movimento de retirar o conteúdo político de tais mortes, chama esses beatos como “Mártires da Perseguição religiosa na Espanha”.

Na Ásia, o país com o maior número de beatos entre os dois papas é Japão com 197, correspondendo a 88,34% das beatificações deste continente. Já para os santos, é o Vietnã com 96 mártires canonizados. Em segundo lugar nas beatificações americanas está o Brasil com 35¹²¹. Na África os países com maiores números de beatificações são a Uganda (nº2), Madagascar (nº2) e Zaire (nº2)¹²². O número é ainda menor para os santos, só há uma, a religiosa Josefina Bakhita que é do Sudão. Na Oceania os dois beatos são o leigo Peter To Rot de Papua Nova Guiné e religiosa Mary MacKillop da Austrália beatificados por João Paulo II. A única santa é a própria Mary MacKillop canonizada por Bento XVI em 2010.

Dos dados acima apresentados podemos tecer algumas considerações sobre o papel da santidade para os dois papas. Em João Paulo II, a questão da santidade não aparece como uma preferência ou sintonia que um papa pode nutrir por certas figuras hagiográficas como bem exemplifica Giovanni Maria Vian (1998) para o pontificado de Paulo VI. Concordamos com Ciciliot (2008) quando esta afirma que para o caso de João Paulo II, as canonizações e beatificações são mais que preferência ou sintonia. Na verdade no pontificado de João Paulo II, o que ocorre é uma leitura política das canonizações e beatificações. Estas aparecem como uma política da Igreja Católica que busca a expansão e universalização da mensagem cristã, já que há em todos os continentes santos e beatos.

A geografia da santidade muda com o pontificado de João Paulo II, e os santos que anteriormente em sua maioria eram italianos e europeus cederam espaço para continentes como a Ásia e países como o Japão e Vietnã. Essa política de canonização empreendida por João Paulo II pode ser entendida por dois fatores. O primeiro é proveniente do seu alinhamento com as diretrizes do Concílio Vaticano II, que preconiza a vocação universal a santidade¹²³, tornando esta além de uma diretriz um instrumento de governo. O segundo fator reside no olhar atento que João Paulo II tinha sobre as transformações que a religião, e em

¹²¹ Os beatos brasileiros são: (1998) Frei Galvão, (2000) André Soveral, Ambrósio Ferro e 28 companheiros mártires, (2007) Lindalva Justo de Oliveira, (2007) Adílio Daronch, (2007) Albertina Berkenbrock e (2011) Irmã Dulce. João Paulo II beatificou 31 e Bento 4.

¹²² Os demais países são Sudão (nº1), Nigéria (nº1), e Ilhas Canárias (nº1) que apesar de ser um arquipélago espanhol, fica no continente africano.

¹²³ Como veremos adiante a vocação universal à santidade em João Paulo II ultrapassou a questão geográfica, já que este papa também fomentou a santidade nos diversos estados de vida (sacerdote, religioso, leigo, casal) como trata a “Constituição Dogmática Conciliar *Lumen Gentium*”.

especial o catolicismo passam na modernidade. Na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, João Paulo II comenta:

... Como não pensar na persistente difusão do *indifferentismo religioso* e do *ateísmo* nas suas mais variadas formas, particularmente naquela que hoje talvez é a mais espalhada, a do *secularismo*? Embriagado pelas conquistas prodigiosas de um progresso científico-técnico e, sobretudo, fascinado pela mais antiga e sempre nova tentação de querer tornar-se como Deus (cfr. *Gn* 3, 5), através do uso de uma liberdade sem limites, o homem corta as raízes religiosas que mergulham no seu coração: esquece-se de Deus, considera-O vazio de significado para a sua existência, recusa-O, prostrando-se em adoração diante dos mais *diversos « ídolos »*. É verdadeiramente grave o fenómeno actual do secularismo: não atinge apenas os indivíduos, mas, de certa forma, comunidades inteiras, como já observava o Concílio: « Multidões cada vez maiores praticamente se separam da religião ». Repetidas vezes eu mesmo recordei o fenómeno da descristianização que atinge os povos cristãos de velha data e que exige, sem mais delongas, uma nova evangelização. (Grifos nossos).¹²⁴

Assim, os santos e beatos aparecem como modelos de exemplaridade cristã e uma das formas de conter o secularismo, o indiferentismo religioso, o ateísmo, sendo eles um dos instrumentos de (re)evangelização.

Bento XVI, por sua vez, canonizou apenas 44 pessoas. Apesar de ter renunciado, no oitavo ano de seu pontificado, João Paulo II, em seu oitavo ano como papa, já tinha canonizado 110 pessoas. Para o caso de Bento XVI, não dá para pensar as canonizações como um instrumento de governo necessariamente voltado para (re)evangelização via santidade devido ao número bastante reduzido.¹²⁵ Woodward (1992) nos ajuda a pensar numa hipótese quando ele escreve em seu livro “A Fábrica de Santos”, que

Em abril, de 1989, o cardeal Joseph Ratzinger, chefe da Congregação para Doutrina da Fé e principal conselheiro do papa João Paulo II em matéria teológica, fez de público algumas raras observações críticas do processo de criação de santos pela Igreja. [...] Alguém perguntou a Ratzinger se ele não pensava que a Igreja estava fazendo um número excessivo de santos. Em sua resposta, ele reconheceu que o número de beatos e de santos de fato tinha aumentado na última década, acrescentando que, entre eles, havia alguns “que talvez representem alguma coisa para um certo grupo, mas não significam muito para grande multidão de fiéis.” Ratzinger, então, opinou que talvez se devesse dar prioridade a santos cujas vidas contenham mensagem mais universal e relevante para os fiéis contemporâneos. Citou,

¹²⁴ Consultar Exortação Apostólica *Christifideles Laici* em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html Acesso: 11/06/13.

¹²⁵ Contudo há sempre as exceções. Em 2000 o papa João Paulo II numa tentativa de evangelização das Filipinas beatifica o leigo e mártir Pedro Calungsod. Em 2012, Bento XVI canoniza Pedro Calungsod e em sua homilia ele afirma a vontade que o exemplo e testemunho corajoso de Pedro Calungsod possam inspirar as pessoas das Filipinas para proclamar o Reino de Deus. Consultar homilia de canonização de Pedro Calungsod em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121021_canonizzazioni_it.html Acesso: 13/06/13.

como exemplo, Edith Stein e Niels Stensen, dois santos que falam do mundo contemporâneo, embora o dinamarquês esteja morto há três séculos (WOODWARD, 1992, p. 362). (Grifos nossos).

Ratzinger, em resposta a repercussão de suas colocações, concedeu uma nova entrevista afirmando que

na verdade, eu disse que o problema não existia até agora, mas que precisa ser enfrentado gradualmente. [...] pareceu-me legítimo indagar se os padrões vigentes até agora não deveriam ser complementados com a adoção de novos critérios, a fim de mostrar aos olhos da cristandade figuras que, mais do que outros, tornem a Santa Igreja visível a nós, num meio de tantas dúvidas sobre a Sua santidade (WOODWARD, 1992, p. 363).

Parece, então, que a ideia que Ratzinger tinha sobre santos com uma mensagem universal quando era chefe da Congregação para Doutrina da Fé, foi colocada em prática quando este se tornou papa. Acreditamos, portanto, que o número reduzido de santos em Bento XVI, reside na ideia distinta que ele tem de santidade com relação a João Paulo II. Na opinião de Bento XVI, um beato deve ser canonizado quando este apresenta uma mensagem universal que possa ser seguida pelos contemporâneos, enquanto que João Paulo II produziu santos universais, como também aqueles que fiéis de determinadas localidades se identificam e são devotos, independente de em outras localidades ele não ser.¹²⁶

Agora, quais critérios são usados para que um santo seja escolhido por ter uma mensagem universal? O que é ser universal? O que teria de universal na mensagem de Edith Stein e Niels Stein, que não teria na de Irmã Dulce? Woodward (1992), ainda observa que as declarações de Joseph Ratzinger causaram um tremendo alvoroço e que um dos cardeais da Congregação para as Causas dos Santos afirmou que Ratzinger tinha uma ideia de santidade tipicamente eurocêntrica por citar a alemã Judith Stein e o dinamarquês Niels Stensen.

Pois vejamos, então, os dados. Dos 44 santos canonizados por Bento XVI, 35 são europeus¹²⁷, 79,55% do total, um número bastante revelador. Se, Bento XVI se guiou na escolha dos canonizados pela mensagem universal deles, então essa mensagem de acordo com os dados sai da Europa e mais especificamente da Itália que conta com 14 santos do total de 44.

Acreditamos, que Bento XVI tenha realmente implementado em suas escolhas de canonizados aqueles que ele julgava que possuíam uma mensagem universal, contudo, saber

¹²⁶ E não só santos, já que João Paulo II usou a beatificação de figuras locais para unir essas jovens comunidades, culturalmente diversas, à Igreja universal e, naturalmente, ao Santo Padre em Roma (WOODWARD, 1992).

¹²⁷ Os santos europeus são: Itália (nº14), Espanha (nº6), França (nº4), Polônia (nº4), Alemanha (nº2), Bélgica (nº1), Ucrânia (nº1), Portugal (nº1), Suíça (nº1), Holanda (nº1).

quais mensagens são para ele universais torna-se uma tarefa por enquanto impossível, já que teríamos que ter acesso as 44 *Positiones*, documento este que constrói a santidade oficialmente e analisá-los observando a “universalidade” de cada santo.

Bento XVI, acima de tudo é um teólogo prestigiado, um intelectual que fez carreira pensando nos rumos da Igreja e a sua forma de encarar a questão da santidade faz parte do seu aguçado olhar sobre o que se passa nessa instituição. Claramente, quando Bento XVI virou papa, ele quis reestruturar os padrões vigentes nas canonizações. Como abordamos anteriormente, logo que assumiu, ele promulgou novas regras com relação aos ritos das beatificações numa busca de diferenciá-la ainda mais da canonização. As beatificações, enquanto circunscritas as igrejas locais, deveriam ser realizadas *in loco* e por um representante do papa. As canonizações por sua vez, que garantem que o servo de Deus está junto a Jesus e deve ser reverenciado por todos, aconteceriam em Roma com a presença do papa oficiando a celebração. Talvez Bento XVI tenha observado, como aponta Woodward (1992, p. 367), que o sistema cria mais santos do que os fiéis precisam ou desejam, e santos difíceis de distinguir uns dos outros, quer na sua história, quer na sua exemplaridade. E assim, sem privar a Igreja local dos seus modelos de santidade, Bento XVI propiciou a beatificação de 867 servos de Deus espalhados em quatro continentes, embora 645 deles sejam da Europa e 222 sejam extraeuropeus. Para tanto, é possível que Bento XVI tenha sido convidado a olhar mais, dentre os canonizáveis, para aqueles que ele julgava “santos universais”, no qual a mensagem destes adivinha da Europa.

Obviamente que a Itália e Europa são hábeis na confecção de todo o processo, dispondo de experiência, dinheiro, e um grupo altamente empenhado em ver o servo de Deus canonizado, então, é de se esperar, que no leque dos canonizáveis haja mais pessoas advindas deste continente. Por terem as características acima citadas, torna-se mais fácil a arregimentação de pessoas que trabalhem com intuito de manter viva a devoção em um servo de Deus e que assim um milagre aconteça para canonização. Soma-se, ainda, o fato do custo envolvido na comprovação dos milagres. É preciso, uma boa quantia de dinheiro, e profissionais extremamente especializados que possam analisar o miraculado para enfim redigir um pedido de averiguação a Santa Sé, para que esta também redija seu parecer. Nem todos os países, e cidades possuem tais requisitos, e então muitas causas ficam paradas a espera de um milagre. Contudo, uma vez que uma causa chega ao Vaticano com todos os requisitos, o papa pode aí sim, dentre estes, se empenhar mais fortemente para um do que para outro candidato dependendo das circunstâncias da época.

6.2.4 Os mártires

Outro dado que merece destaque na análise sobre o perfil dos santos e beatos, e que chama atenção, trata-se do alto número de mártires. Há, portanto, a predominância de uma santidade martirial e como veremos a seguir os séculos XX e XXI restarão sem sobra de dúvida na história do cristianismo como o século dos mártires. Esta parece ser a ideia dos cientistas¹²⁸ como também do papa João Paulo II que na preparação para o jubileu de 2000, na “Carta *Tertio Millennio Adveniente*” afirma que

A Igreja do primeiro milénio nasceu do sangue dos mártires: « *sanguis martyrum — semen christianorum* », (sangue de mártires, semente de cristãos).⁽²¹⁾ Os acontecimentos históricos relacionados com a figura de Constantino Magno nunca teriam podido garantir um desenvolvimento da Igreja como o que se verificou no primeiro milénio, se não tivesse havido aquela *sementeira de mártires e aquele património de santidade que caracterizaram as primeiras gerações cristãs*. No final do segundo milénio, a Igreja tornou-se novamente Igreja de mártires. As perseguições contra os crentes — sacerdotes, religiosos e leigos — realizaram uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo. O seu testemunho, dado por Cristo até ao derramamento do sangue, tornou-se património comum de católicos, ortodoxos, anglicanos e protestantes, como res-saltava já Paulo VI na homilia da canonização dos Mártires Ugandeses.¹²⁹

Como sublinha Vincente Carcel Ortí (1997), na “*Rivista Tertium Millennium*”, em viagem apostólica a Lourdes na França, João Paulo II, fez um discurso fundamental que ajuda a entender a questão do martírio em tempos recentes, explicitando ainda o que ele julgava como novas formas de perseguição religiosa desenvolvidas nos séculos recentes. João Paulo II, ao final da Procissão das Tochas, afirmou que

... nelle persecuzioni dei primi secoli, le abituali condanne erano la morte, la deportazione e l'esilio». Oggi, alla prigione, ai campi di internamento e di lavori forzati, all'espulsione dalla propria patria, si sono aggiunte altre pene meno dure ma più sottili: non più la morte cruenta, ma una sorta di morte civile: non solo la segregazione in un carcere o in un campo, ma la restrizione permanente della libertà personale o la discriminazione sociale.¹³⁰

¹²⁸ Consultar CICILLOT (2008), RICCARDI (2000), ZUCCARELLO (2005).

¹²⁹ Consultar “Carta *Tertio Millennio Adveniente*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_10111994_tertio-millennio-adveniente_po.html Acesso: 13/06/13.

¹³⁰ Tradução nossa: “... nas perseguições dos primeiros séculos, as condenações habituais eram a morte, a deportação e o exílio.” Hoje, as prisões, os campos de concentração e de trabalhos forçados, e a expulsão da própria terra natal, são adicionadas outras penas menos duras e mais rebuscadas: não há mais a morte cruel, mais um tipo de morte civil: não somente a segregação num cárcere ou num campo, mais, a restrição permanente da liberdade pessoal ou discriminação social.” Consultar: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1983/august/documents/hf_jp-ii_spe_19830814_fiaccolata-lourdes_it.html Acesso: 13/06/13.

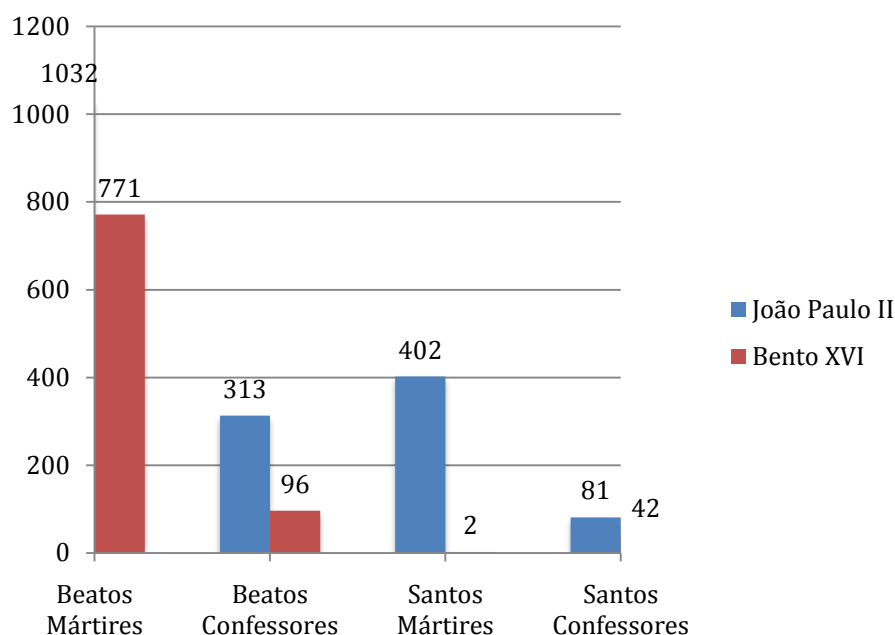
Do mesmo modo, Bento XVI em 25 de abril de 2005, em sua primeira aparição pública depois de sua eleição, ao visitar a Basilica di San Paolo fuori le mura em Roma, sublinhou que o sangue dos mártires é a semente dos cristãos e que era seu desejo, “all’inizio del terzo millennio è lecito attendersi una rinnovata fioritura della Chiesa, specialmente là dove essa ha maggiormente sofferto per la fede e per la testimonianza del Vangelo”¹³¹

Os mártires dos novos tempos, que foram beatificados por João Paulo II e Bento XVI, podem ser vistos a partir de três óticas: aqueles que morreram em missão apostólica, os que morreram defendendo as virtudes cristãs e aqueles que estão de sobremaneira ligados a martírios relacionados a perseguição religiosa de determinados regimes políticos, sejam eles antigos como a Revolução Francesa e Reforma Protestante ou os mais recentes vivenciados no século XX como o Nazismo e Comunismo.

Os dados não deixam dúvidas sobre Igreja Católica tornar-se no segundo milênio a Igreja de mártires. Dos 1345 beatificados por João Paulo II, 76,73% são mártires. Para os santos de João Paulo II a porcentagem de mártires é ainda maior, perfazendo um total de 83,23%. No caso de Bento XVI, a porcentagem de santos mártires descesse totalizando apenas 4,55%. Os beatos por sua vez em sua maioria são mártires perfazendo o total de 88,93%. Para os números absolutos consultar a tabela abaixo.

Gráfico 5: Divisão entre Mártires e Confessores (1978-2013)

¹³¹ Tradução nossa: “No início do terceiro milênio, é oportuno afirmar que podemos esperar um florescimento renovado da Igreja, especialmente onde a maioria tem sofrido pela fé e pelo testemunho do Evangelho.” Consultar: http://it.radiovaticana.va/storico/2008/04/07/i_martiri_cristiani%2C_testimoni_dell'amore_di_dio%2C_nel_magistero_d/it1-197644 Acesso: 13/06/13.



Do século XX, João Paulo II, canonizou 11 mártires da Perseguição religiosa na Espanha (Guerra Civil Espanhola/ ascensão do Regime Comunista na Espanha entre 1934 e 1939), vinte e cinco mártires da perseguição mexicana (Revolução Mexicana entre 1910 e 1930), e dois do Regime Nazista. Os demais estão ligados a Guerra dos Trinta anos (nº4), Missão no Paraguai (nº3), Missão no Oriente (nº236) e Missão na China (nº121) (CICILIOT, 2008, p. 235). Com relação aos beatos mártires do século XX de João Paulo II, a maioria também provêm da Perseguição religiosa na Espanha totalizando 470, os demais são: Regime Nazista (nº132), Revolução Mexicana (nº27), Regime Comunista (nº35), Mártires da Pureza (nº8). Os demais mártires estão incluídos no Genocídio Armênio (nº1), Revolução Francesa (nº163) e com relação aos mártires ligados a Missões, 35 deles morreram na América Latina, 6 na África, 40 em missões no Oriente. Por fim, 115 foram martirizados em diversas Guerras Religiosas (CICILIOT, 2008, p. 235).

Para o caso de Bento XVI, dos 44 santos apenas dois são mártires e nenhum dos dois são mártires do século XX.¹³² Com relação aos beatos Bento XVI, podemos afirmar que dos 771 beatificados, 566, ou seja, 73,41% são mártires do século do XX. Novamente a Perseguição religiosa na Espanha tem o maior número com 530 beatificados perfazendo o 93,64% do total de beatos mártires. Os demais estão divididos entre Perseguição Mexicana

¹³² São eles: o leigo Pedro Calungsod (1654-1672) das Filipinas e o sacerdote francês Jacques Berthieu (1838-1896). Os dois são Mártires da Fé.

(nº13), Regime Comunista (nº6), Regime Nazista (nº7), Mártir da Pureza (nº2), Mártir da Fé (nº2), Guerra civil na Croácia (nº5), Congo antirreligioso (nº1).¹³³

Por fim, para finalizar a análise sobre o martírio resta apenas afirmar que à exceção dos continentes europeu, americano e asiático ¹³⁴, a Oceania e África possuem mais santos e beatos confessores entre os dois papas do que mártires. Na Oceania todos eles são confessores (nº3), enquanto que na África dos 10 santos e beatos, seis deles são confessores (60%) e quatro mártires (40%).

6.2.5 Os leigos

Sem dúvida, os leigos são o grupo menos representado na santidade e, dentre estes, um grupo ainda menor aparece, ou seja, as mães, pais, casais e jovens. A persistência da Igreja Católica em priorizar o homem, o clérigo, e o celibato em detrimento da mulher, do leigo, e do casamento tem raízes históricas que perpassam questões de gênero, noções de pureza e hierarquia nos estados de vida como informamos no capítulo I.

Woodward (1992) observa que do ano 1000 até o fim de 1987, os papas procederam a 303 canonizações incluindo as causas coletivas. Desses santos, apenas 56 eram leigos e 20 eram leigas. Contudo, Woodward (1992) destaca que estes não foram canonizados como exemplo de virtude cristã, mas como membros relativamente autônomos de grupos perseguidos e martirizados em companhia de clérigos e religiosos em detrimento de sua fé.¹³⁵

O cerne da mudança valorativa dos leigos e de sua santidade no estado de vida que lhe

¹³³ Os demais beatos mártires do pontificado de Bento XVI que não fazem parte do século XX estão divididos em: Revolução Francesa (nº2) Reforma Protestante (nº14), Mártir da Fé (nº1), Mártires do Japão (nº188). No caso dos mártires da Reforma Protestante (nº14 – Federico Bachstein e 13 companheiros franciscanos), é preciso novamente destacar que a Santa Sé não os intitula como Mártires da Reforma Protestante e sim Mártires da Fé. Contudo eles foram mortos em 1611 em conflitos com luteranos. Suas biografias em outros sites ressaltam a morte destes católicos por protestantes. Acreditamos que esta atitude da Santa Sé resulta na intenção de glorificar seus mártires sem criar novos atritos com os protestantes. Diferentemente, destes, os mártires da Segunda Guerra Mundial (Regimes políticos), são intitulados ou como Mártires do Nazismo ou Comunismo. Consultar: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/angelus/1993/documents/hf_jp-ii_ang_19931010_sp.html

<http://www.zenit.org/pt/articles/martires-da-perseguiacao-religiosa-na-espanha-nao-da-guerra-civil>
Acesso 15/09/13.

¹³⁴ Na Europa os beatos e santos dos dois papas totalizam 2051. Dentre estes, 460 são confessores (22,43%) e 1591 são mártires (77,57%). Para o caso da Ásia temos 512 santos e beatos, sendo 498 mártires (97,26%) e apenas 14 confessores (2,74%). Na América o total de santos e beatos nos dois papas totaliza 163, sendo 116 mártires (71,17%) e apenas 47 confessores (28,83%).

¹³⁵ A exemplo, Woodward (1992, p. 71) cita Elzear de Sabran, único homem canonizado no século XIV e que era um conde provençal místico e visionário e que viveu um casamento celibatário por 25 anos. Outros exemplos são Santa Brígida que fundou uma ordem e foi canonizada no século XIV e Santa Catarina de Siena que era uma terciária que vivia numa cela na casa dos pais e foi canonizada no século XV.

é próprio está na Constituição Dogmática Conciliar *Lumen Gentium*¹³⁶, que trata entre outras coisas dos leigos e da “vocação de todos à santidade”. Outro documento é o Decreto Conciliar *Apostolicam actuositatem*¹³⁷, de que trata do Apostolado dos Leigos como exemplificamos no capítulo IV. Também importante deste período é “Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*”.¹³⁸ Esta Constituição procura o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo, tratando entre outras coisas da “condição do Homem no mundo atual”, da “promoção da dignidade do matrimônio e da família”, dos “princípios orientadores de toda a vida económico-social” da “vida da comunidade política”, etc.

Com o pontificado de João Paulo II inicia-se claramente um aumento no número de beatos e santos leigos. Este aumento tem origem na revisão sobre o laicato no Concílio Vaticano II e continua durante o governo eclesiástico do papa polonês. Algumas datas e eventos versaram sobre a questão dos leigos na Igreja. Em 1986 João Paulo II realiza a primeira Jornada Mundial da Juventude em Roma evento este destinado, sobretudo para os leigos e jovens.¹³⁹

Como informamos no capítulo IV, houve sim canonizações de leigos anteriores a João Paulo II, sobretudo no pontificado de Paulo VI (1963-1978), que canonizou alguns Mártires da Uganda que eram todos leigos. Anteriormente Pio XII (1939-1958) havia canonizado umas das leigas mais cultuadas na Itália, a Mártir da Pureza e da Castidade, Maria Goretti. Contudo, beatos e santos confessores começaram a ganhar destaque somente no pontificado de João Paulo II.

O primeiro destaque dado foi 1987 quando João Paulo II dedica este ano ao laicato e cabe lembrar, de acordo com os dados de Woodward (1992, p. 115) que até esta data João Paulo II não havia canonizado um só leigo por virtude heróica. Este “Ano do Laicato” foi comemorado na VII Assembleia Geral Ordinária que teve como tema “A vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo”. O resumo desta Assembleia Sinodal que consta no site do Vaticano, afirma que

através de uma reflexão sobre os dois conceitos da vocação (“ser”) e da missão (“fazer”) no contexto conciliar da comunhão da Igreja, os padres

¹³⁶ Consultar Constituição Dogmática Conciliar *Lumen Gentium*

¹³⁷ Consultar Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o Apostolado dos Leigos (1965) em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html

¹³⁸ Consultar “Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*” (1965) em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html Acesso: 11/09/13.

¹³⁹ Consultar Homilia da I Jornada Mundial da Juventude em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1986/documents/hf_jp-ii_hom_19860323_domenica-palme_it.html Acesso: 28/08/13.

sinodais buscaram sublinhar o caráter próprio dos fiéis leigos na vida da Igreja, em sua participação ou comunhão na santidade, e na ação evangelizadora da Igreja no mundo, em virtude de seu caráter secular. As informações resultantes do Sínodo, em particular as 54 proposições da Assembleia Geral, foram utilizadas pela formulação da Exortação Apostólica pós-sinodal “*Christifideles laici*” de João Paulo II, de 30 de Dezembro de 1988.¹⁴⁰

A Exortação Apostólica pós-sinodal “*Christifideles laici*”, por sua vez, é um marco na história dos leigos na Igreja Católica. Publicada em 1988, este documento versa sobre as mais diferentes competências e ações dos leigos, tratando das questões eclesiológicas destes, sua natureza, missão, empenho, diligência nas paróquias, anúncio do evangelho e vocação à santidade. Especificamente sobre a santidade esta Exortação afirma que

... é natural recordar aqui a solene proclamação de fiéis leigos, homens e mulheres, como Beatos e Santos, feita durante o mês do Sínodo. Todo o Povo de Deus, e os fiéis leigos em particular, podem ter agora novos modelos de santidade e novos testemunhos de virtudes heróicas vividos nas condições comuns e ordinárias da existência humana. Como disseram os Padres sinodais: «As Igrejas locais e, sobretudo, as chamadas Igrejas mais jovens deverão procurar diligentemente entre os próprios membros aqueles homens e mulheres que prestaram nessas condições (as condições quotidianas do mundo e o estado conjugal) o testemunho da santidade e que podem servir de exemplo aos demais, a fim de, se for o caso, os proporem para a beatificação e canonização».¹⁴¹ (Grifos nossos)

Além da convocação as igrejas locais para guardarem exemplos e testemunhos de santidade e proporem causas de canonização, esta Exortação conclama os leigos a anunciar o evangelho priorizando entre outras coisas: “promover a dignidade da pessoa”, “venerar o inviolável direito à vida”, tornar a família “o primeiro espaço para o empenhamento social”, fazer da “caridade alma e sustentáculo da solidariedade”, fazer dos leigos “protagonistas da política”, “pôr o homem no centro da vida económico-social”, “viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade”, etc.¹⁴² Além destas questões, a Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*, destina um espaço para o entendimento das vocações e evangelizações nos

¹⁴⁰ Consultar “VII Assembleia Geral Ordinária” em http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sinodo/sinodo_documentazione-generale_po.html Acesso: 28/08/13.

¹⁴¹ Consultar “Exortação Apostólica pós-sinodal “*Christifideles laici*”” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html Acesso: 28/08/13.

¹⁴² O cerne da Doutrina Social da Igreja que aborda a relação desta com o mundo e com os leigos que resultaram na “Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*” e na “Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*”, tem início na “Carta Encíclica *Rerum Novarum*” de Leão XIII (1878-1903) que lançou as bases da Doutrina Social da Igreja. Este documento foi escrito no século XIX, auge da segunda Revolução Industrial e abriu as reflexões sociais no território eclesialístico. Consultar “Carta Encíclica *Rerum Novarum*” em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html Acesso: 11/09/13.

diferentes estágios da vida lembrando que os jovens são a esperança da Igreja, as crianças o reino dos céus e os idosos possuem e o dom da sabedoria.

Se, por um lado os leigos sofrem a dificuldade da santificação por via da heroicidade das virtudes, em decorrência do seu próprio estado de vida e pela falta de um instituto que acolha seu ideal e despesas com seu processo, por outro podemos observar a grande quantidade de leigos mártires tanto no pontificado de João Paulo II como no de Bento XVI.

6.2.5.1 *Os leigos mártires*

Grande parte dos leigos mártires fazem parte de cerimônias coletivas nas quais são beatificados e canonizados às vezes centenas de pessoas. A consequência disto é que seus exemplos ficam apagados ou até mesmo diluídos. Esta falta de dados detalhados sobre quem eram e o como viviam esbarra em questões temporais e na política historiográfica exercida até bem pouco tempo. Sabe-se que a disciplina histórica se ateve, até o surgimento da escola historiográfica denominada Micro-história¹⁴³, (esta bastante influenciada pela antropologia) ao relato de reis, rainhas, clero e pessoas diretamente ligadas a classes mais altas. Em decorrência disso, há uma escassez de dados sobre as camadas mais baixas da sociedade, incluindo aí os leigos. Somado a isto, em processos coletivos de martírios, que muitas das vezes são originados de guerras religiosas, nas quais os massacres e atrocidades eram a regra, torna-se difícil compor um relato seguro sobre os fatos devido à inexistência dos corpos e de testemunhas.¹⁴⁴ Ressaltando que se torna ainda mais complexo, com relação ao que citamos acima, dados sobre os leigos.

Nestas santificações coletivas geralmente o nome de destaque é de um padre, bispo ou religioso, e em seguida tem-se apenas um número que informa os demais martirizados. A exemplo podemos citar a beatificação em 1984 do religioso Guglielmo Repin e 98

¹⁴³ A Micro História é a Escola historiográfica italiana que surgiu primeiramente nos artigos publicados nos “Quaderni Storici” na década de 70 e depois pela criação da coleção chamada “Micro-História” dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi em 1981. Segundo José D’ Assunção Barros, “... a Micro-História lida com o fragmento como meio através do qual se pretende enxergar uma questão social mais ampla ou um problema histórico ou cultural significativo. O fragmento é o que se apresenta ao historiador como caminho para realizar a sua “análise intensiva” ou a sua “descrição densa” (técnica antropológica com a qual dialoga a Micro-História)” (BARROS, 2007, p. 175).

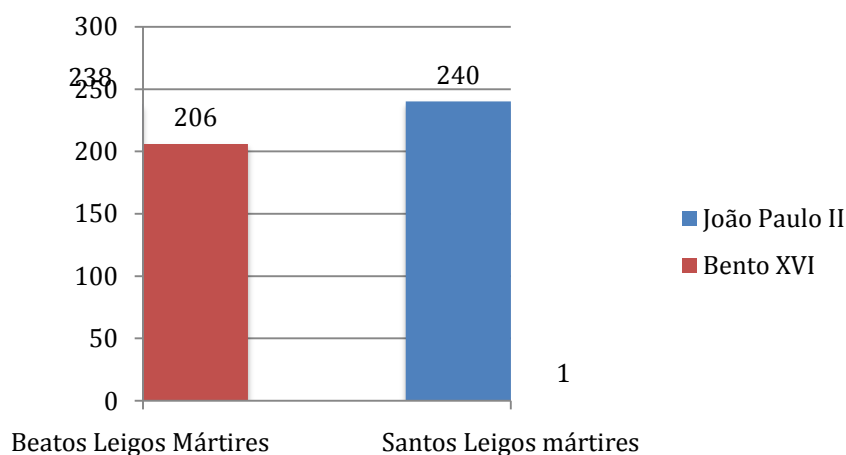
¹⁴⁴ Estas questões vão se tornar a tônica das canonizações e beatificações dos mortos pelo nazismo e comunismo, já que esse novo ‘tirano’, como aponta Woodward (1992, p. 126), simplesmente desapareciam com as vítimas, ou estas eram despachadas para campos de extermínios onde eram eliminadas em massa, carecendo, portanto de testemunhos sobre a sua vida nestes tempos.

mártires.¹⁴⁵ Para este caso e muitos outros similares, temos por parte do Vaticano, teólogos e historiadores uma biografia mais detalhada sobre Guglielmo Repin e demais religiosos, contudo para os leigos as informações são escassas e o Vaticano geralmente disponibiliza poucos dados.

A situação ainda é mais complexa quando há uma celebração coletiva somente de mártires leigos como é o caso dos mexicanos Cristóbal, Antonio e Juan onde o Vaticano informa apenas nacionalidade, possível data de nascimento e morte, e alguma informação sobre a vida e martírio.¹⁴⁶ Assim, é nas poucas beatificações e canonizações onde apenas um leigo foi celebrado que podemos observar de forma mais detalhada o modelo de mártir que o leigo oferece.

Os dados gerais apontam que João Paulo II beatificou 268 leigos e santificou 247. Bento XVI por sua vez beatificou 217 leigos e santificou 4 leigos do total de 44. Para o caso dos leigos a tendência sobre uma santidade martirial também se confirma. Na verdade, grande parte dos leigos elevados aos altares são de mártires e em sua maioria fazem parte de beatificações e canonizações conjuntas. O gráfico abaixo mostra a divisão destas por cada pontificado.

Gráfico 6: Beatificações e Canonizações de Leigos Mártires (1978-2013)



¹⁴⁵ Consultar dados desta beatificação em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/cult-martyrum/martiri/001.html#1984 Acesso: 06/09/13.

¹⁴⁶ A homilia e poucas informações sobre estes beatos pode ser consultada em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1990/documents/hf_jp-ii_hom_19900506_citta-del-messico_it.html Acesso: 06/09/13.

Com base nos dados do gráfico acima, observa-se que de um total de 736 leigos beatos e santos, 685 deles são de mártires, ou seja, 93,07% do total. Porém, em termos proporcionais os leigos são mais beatificados e santificados como sendo mártires e em cerimônias coletivas do que os religiosos,¹⁴⁷ e em decorrência disto, se perde a identidade singular ou a exemplaridade individual do estado laical e a atenção se concentra sobre o que é comum, ou seja, a causa do martírio. Para tanto, em nossa pesquisa sobre beatificações e santificações de leigos mártires chegamos aos seguintes dados que podem ser consultados no gráfico abaixo:

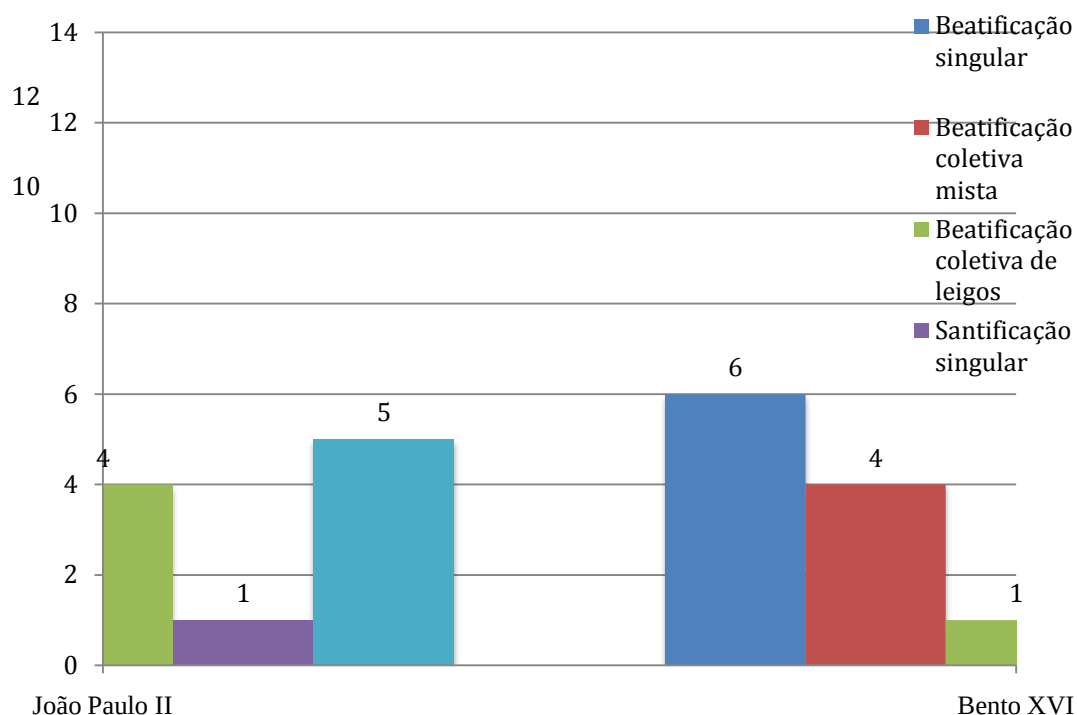
Grande parte das beatificações e canonizações de leigos mártires são feitas em cerimônias coletivas mistas, já que João Paulo II beatificou apenas 12 leigos e nenhum santo¹⁴⁸ e Bento XVI 6 leigos e 1 santo em celebrações singulares de mártires.¹⁴⁹ Quanto as coletivas de leigos de mártires, temos apenas 4 beatificações em João Paulo II e uma beatificação para Bento XVI. Portanto, não há para os dois papas, santificações coletivas que envolvam apenas leigos como está melhor explicitado no gráfico abaixo:

Gráfico 7: Beatificações e canonizações singulares e coletivas de leigos mártires (1978-2013)

¹⁴⁷ O termo religioso trata aqui de todos os estados de vida consagrada (papas, cardeais, bispos, sacerdotes e religiosos).

¹⁴⁸ Beatificações singulares de João Paulo II: Karolina Kozka (1987/Polônia), Marcel Callo (1987/França), Antonia Messina (1987/Itália), Pierina Morosi (1987/Itália), Isidoro Bakanja (1994/Zaire), Peter To Rot (1995/Papua Nova Guiné), Vicente Vilar David (1995/Espanha) Ceferino Giménez Malla (1997/), Tereza Bracco (1998), André de Phú Yên (2000), Pedro Calungsod (2000) Nikolaus Gross (2001).

¹⁴⁹ Beatificações singulares de Bento XVI: Leonardo Pérez (2005/México), Franz Jägerstätter (2007/Áustria), Lindalva Justo de Oliveira (2007/Brasil), Albertina Berkenbrock (2007/Brasil), Alojzije (Lojze) Grozde (2010/Eslovênia), Lázaro Pillai (2012/Índia). Santificação singular de Bento XVI: Pedro Calungsod (2012/Filipinas).



Ressaltamos que são nestas beatificações ou canonizações singulares de leigos mártires, que podemos ter acesso como dissemos anteriormente, a uma identidade mais singularizada e a uma exemplaridade mais formalmente descrita pelo Vaticano. A exemplo, podemos citar o caso do leigo e mártir Nicolau Gross, que foi beatificado pelo papa João Paulo II em 2001 numa cerimônia singular. Na biografia deste, disponibilizada pelo Vaticano, é possível ir além dos dados gerais (nascimento e morte) e verificar elementos sobre sua adolescência, profissão, estado civil, se tinha filhos. A sua *vitae*¹⁵⁰ ainda traz citações de seus escritos e do seu estado de ânimo antes de morrer. Portanto, fica claro que até mesmo no martírio os leigos são pouco destacados em sua exemplaridade já que dos 681 beatos e santos leigos mártires para os dois papas, apenas 20 deles tiveram celebrações singulares. E com relação as coletivas de leigos mártires temos apenas cinco beatificações, que totalizando somam apenas 29 indivíduos.

Entre os mártires de celebrações singulares (20 no total) temos apenas cinco mulheres e 15 homens. As mulheres estão desvantagem mais uma vez, seja nas beatificações e canonizações, quanto nas causas de martírios coletivos, como de martírio. O interessante notar

¹⁵⁰ Consultar biografia de Nicolau Gross em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20011007_beat-gross_po.html Acesso: 06/09/13.

é que as cinco mulheres¹⁵¹ das celebrações singulares são mártires da castidade e pureza, todas elas sofreram mortes violentas em recusa a tentativas de estupro. Três das cinco mártires da castidade e pureza foram beatificadas no ano dedicado ao laicato (1987) por João Paulo II, ou seja, é bastante sintomático da moral cristã que os modelos de santidade lançados aos leigos num ano dedicado a estes, sejam de mulheres mártires e não confessoras, e ainda que deram a vida para defender certas virtudes cristãs. Neste ano dedicado ao laicato, João Paulo II ainda beatificou o mártir francês Marcelo Callo, que morreu mal nutrido no campo de concentração nazista em Mauthausen e santificou o médico italiano Giuseppe Moscati.

6.2.5.2 *Os leigos confessores*

Os leigos confessores, ou seja, aqueles aos quais foi comprovada a heroicidade de suas virtudes (fé, esperança, graça, caridade, amor, prudência, justiça, coragem e temperança) são mais raros e pontuais.¹⁵² Segundo Woodward (1992, p. 216-217), o Concílio Vaticano II põe em relevo o fato que todo santo é único. Embora todos sejam chamados à santidade, a santidade não é a mesma para todos, e para os fazedores de santos o desafio consiste em descobrir e exibir a santidade peculiar de cada servo de Deus.

Até a Idade Média, a tendência das canonizações não partia da singularidade de cada mensagem ou exemplaridade do santo, na verdade ser santo era imitar a Cristo ou estar o mais próximo possível dos feitos de algum santo já canonizado. Os modelos de santidade advieram, como aponta Woodward (1992), de santos que foram considerados números primos, ou seja, tão singulares em suas propostas espirituais que se tornaram por assim dizer um padrão ou modelo balizador.

Com raízes nas normas de Urbano VIII sobre os procedimentos de canonização, a tendência do santo miraculoso (o que exibem estigmas, vivenciam êxtases religiosos) foi dando espaço para o santo como exemplo da moral e da heroicidade das virtudes. Atualmente, esta tendência ou modelo tem ganhando grande destaque, seja nas beatificações e canonizações de leigos ou religiosos.

¹⁵¹ As mártires do Ano do Laicato (1987) são: a polonesa Karolina Kozka, e as italianas Antonia Messina e Pierina Morosi. As duas outras são a italiana Tereza Bracco beatificada em 1988 por João Paulo II e a brasileira Albertina Berkenbrock beatificada em 2007 por Bento XVI.

¹⁵² Segundo Woodward (1992, p. 380) “a expressão ‘virtude heróica’ entrou no vocabulário da Igreja com a tradução da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, em 1328 [...]. Tomás de Aquino, cuja síntese de idéias aristotélicas e cristãs sobre a virtude estabeleceu o vigamento conceitual em que se apoiaria daí por diante a avaliação da santidade.”

Há portanto, um movimento de trazer para o plano da ‘normalidade’ os exemplos de santidade, ou seja, tem-se focado bastante o que há de normal, comum, humano, cotidiano e natural nestes santos e beatos. Obviamente que os modelos místicos ainda permanecem como tantos outros, porém, devido ao contexto histórico no qual a Igreja Católica busca por meio da santidade uma revangelização, modelos que falam de pessoas que exerceram a santidade na vida cotidiana, através da caridade, nas suas relações familiares ou de trabalho, tem ganhado grande destaque.

Para tanto, são nestas beatificações e canonizações de confessores que podemos ter acesso de forma mais pormenorizada o que há de singular em cada santo, já que suas biografias apesar de conterem certas universalidades, é a singularidade que é reforçada ou até mesmo requerida. Neste contexto de ‘normalidade’, singularidade, e alguns pontos de universalidade, é que vai ser construída a santidade de Chiara Luce como mostraremos no último capítulo. É preciso destacar que os leigos confessores são aqueles que estão em menor número nas beatificações e canonizações ao longo da história da Igreja. Nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI houve um sensível aumento, contudo os leigos confessores ainda são raros, e a mensagem e exemplaridade destes advém de países consagrados por uma grande quantidade de causas, a exemplo da Itália.

Valentina Ciciliot (s/d), em seu artigo sobre os leigos no pontificado de Joao Paulo II faz uma boa análise sobre o número reduzido dos leigos confessores que pode ser também ser estendida ao pontificado de Bento XVI, quando esta afirma que

Questo può essere in parte attribuito al persistere di motivi strutturali e tecnici legati al sistema giuridico delle canonizzazioni, quali la maggior difficoltà di dimostrare l'eroicità delle virtù per il laico e il costo della causa: pratiche diffuse nel laicato come le attività legate al matrimonio o alla professione nel secolo possono essere guardate ancora con diffidenza dagli ambienti ecclesiastici preposti al loro giudizio e inoltre un laico, diversamente da un religioso, molto spesso non può contare su un istituto o una congregazione che si accollino le spese del processo canonico (CICILIOT (s/d)).¹⁵³

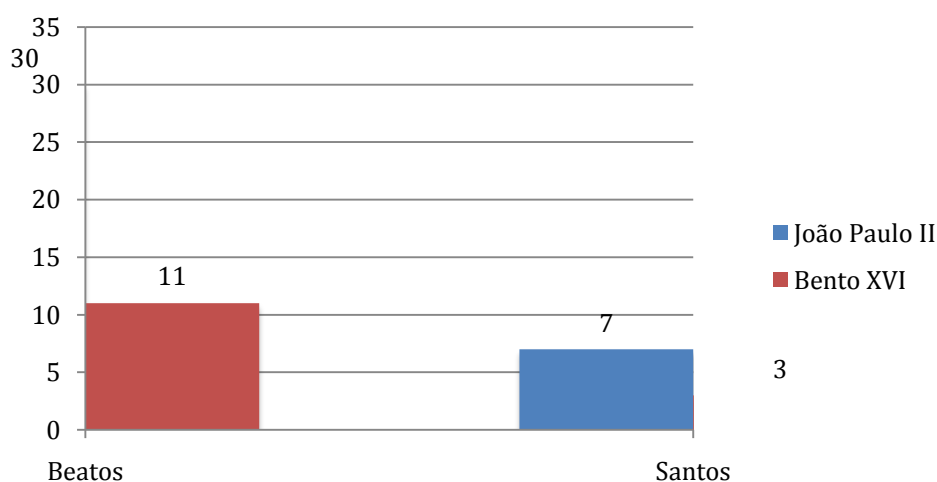
Assim, para o leigo confessor os entraves na beatificação e canonização são maiores do que para um religioso, tendo em vista que aquele vive no século, contrai matrimônio, desempenha alguma profissão, o que dificulta de alguma maneira a demonstração da

¹⁵³ Tradução livre: “Isso pode ser atribuído em parte à persistência de motivos estruturais e técnicos legais ao sistema jurídico da canonização, no qual há uma maior dificuldade de provar as virtudes heroicas para o leigo e o custo do processo: prática generalizada entre os leigos como as atividades legais do matrimônio ou ocupação no século ainda podem ser vistas com desconfiança pelos círculos eclesiais responsáveis por seu julgamento e também um leigo, ao contrário de um religioso, muitas vezes não pode contar com um instituto ou uma congregação que vai acolher os custos do processo canônico.”

heroicidade de suas virtudes. Somada a esta questão, por não fazerem parte de uma ordem religiosa, os leigos têm maior dificuldade de contar com uma ordem ou congregação que assuma sua exemplaridade como modelo, ou ainda as despesas com sua causa.

Como vimos no item 4.2.1 deste capítulo, dos 2739 beatos e santos dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI apenas 532 são confessores, ou seja, 19,42%, e destes confessores apenas 51 são de leigos (1,86%) como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 8: Beatificações e Canonizações de leigos confessores (1978-2013) Total: 51



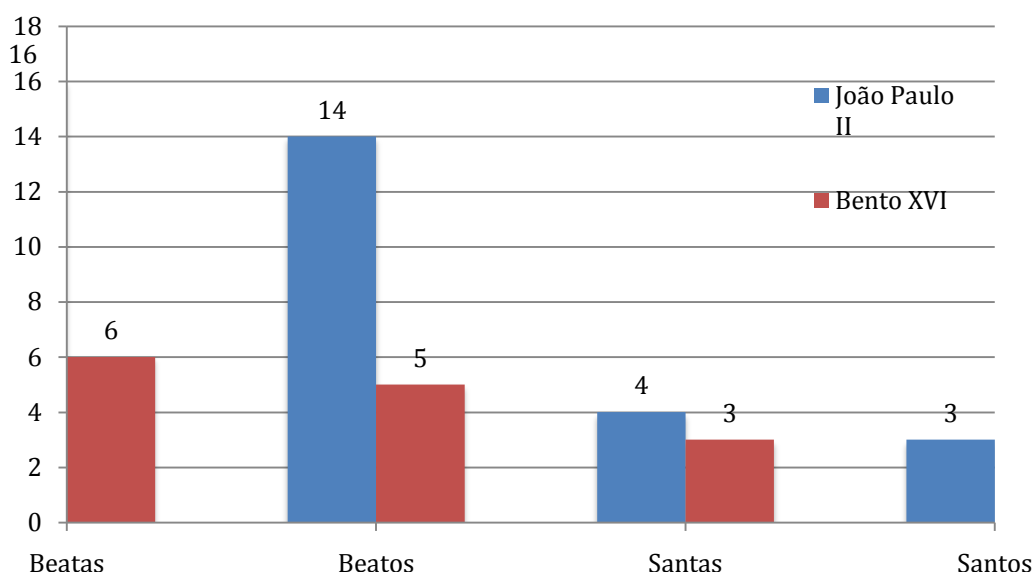
Como indica o gráfico, temos apenas 30 beatos e 7 santos no pontificado de João Paulo II e 11 beatos e 3 santos no pontificado de Bento XVI, totalizando 51 indivíduos lembrados pela heroicidade de suas virtudes. Por mais que o Concílio Vaticano II tenha enfatizado o chamado a santidade universal e tenha ainda ressaltado a possibilidade desta se fazer presente nos diversos estados de vida, a santidade no século XX e XXI ainda é acentuadamente clerical e martirial.

Estes leigos confessores são mães, pais, casais, profissionais liberais, índios, reis e rainhas. A exemplaridade destes envolvem discussões que perpassam questões políticas, sociais, familiares, e ainda há entre estes os que fazem parte de modelos consagrados como os místicos, visionários e fundadores de ordens e instituições religiosas. Alguns leigos alcançaram a santidade no cotidiano de suas ações, ou seja, na contínua e ininterrupta santificação dos atos ordinários, seja em suas profissões, ou na família (casamento, maternidade, paternidade), outros, no entanto, são leigos ‘quase religiosos’, que emitiram votos de castidade, pobreza, obediência, fazendo parte ainda dos ramos terciários de leigos junto a ordens religiosas.

Embora as singularidades destes sejam ressaltadas, boa parte deles fazem parte de um ou de outro modelo de santidade já consagrado. Alguns são fundadores de ordens e instituições, outros foram exemplares na caridade e pobreza ajudando enfermos e marginalizados da sociedade. Surge também com mais vigor, um novo tipo de exemplaridade ou modelo de santidade que advém daqueles que foram beatificados ou canonizados por terem conseguido alcançar a heroicidade das virtudes na juventude. Estes são mais comuns em causas de martírios sejam elas nas celebrações singulares, coletivas, mistas ou de apenas leigos. Contudo mesmo sendo poucos, eles tem ganhando grande destaque no mundo católico principalmente em eventos destinados a jovens como as Jornadas Mundiais da Juventude. Há ainda aqueles que foram beatificados e santificados por exercerem suas profissões de forma caridosa e humanizada ressaltando as virtudes cristãs.

Com relação ao gênero dos santos e beatos, ao contrário da tendência que aponta um número reduzido de mulheres, são estas as maiores beneficiadas nas beatificações e canonizações de leigos confessores como aponta o gráfico abaixo:

Gráfico 9: Gênero das Beatificações e Canonizações de leigos confessores (1978- 2013)



Como o gráfico demonstra, João Paulo II beatificou 16 mulheres e 14 homens e santificou 4 mulheres e 3 homens. Bento XVI por sua vez beatificou 6 mulheres e 5 homens e santificou 3 mulheres e nenhum homem. Com relação as mulheres, estas estão distribuídas nos mais diversos estados de vida: são solteiras, casadas, mães e viúvas. As virtudes geralmente ressaltadas nelas são as do casamento santo e abnegado, a maternidade, e há ainda entre estas as que foram caridosas e heroicas em suas profissões e na evangelização. Ao contrário da tendência que aponta um número reduzido de mulheres, são estas as maiores beneficiadas nas beatificações e canonizações de leigos confessores. João Paulo II beatificou 16 mulheres e 14 homens e santificou 4 mulheres e 3 homens. Bento XVI por sua vez beatificou 6 mulheres e 5 homens e santificou 3 mulheres e nenhum homem.

Este número maior de leigas confessoras nos ajuda a pensar as transformações na condição da mulher na Igreja Católica. Como explicitamos no Capítulo I desde os primórdios do cristianismo a mulher é vista como um ser perigoso, lascivo e que deve ser domesticado primeiramente pelo pai, marido podendo ser salva via maternidade. Contudo o estatuto da mulher começa a modificar de forma positiva desde a “Carta Encíclica *Rerum Novarum*” no qual o papa Leão XIII discursa sobre a “Proteção do trabalho dos operários, das mulheres e das crianças”.¹⁵⁴ Em seguida, já no Concílio Vaticano II, na “Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*”, diversas passagens abordam a questão da mulher afirmando que estas já trabalham em quase todos os setores de atividade e que é um dever de todos reconhecer e fomentar a

¹⁵⁴ Consultar “Carta Encíclica *Rerum Novarum*” em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html Acesso: 11/09/13.

necessária e específica participação das mulheres na vida cultural. Tal Constituição ainda afirma que é preciso superar e eliminar qualquer forma social ou cultural de discriminação, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão do sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião, e ressalta que é lamentável que esses direitos fundamentais da pessoa ainda não sejam respeitados em toda a parte, já que ainda se nega a muitas mulheres o poder de escolher livremente o esposo ou o estado de vida ou de conseguir uma educação e cultura iguais às do homem.¹⁵⁵

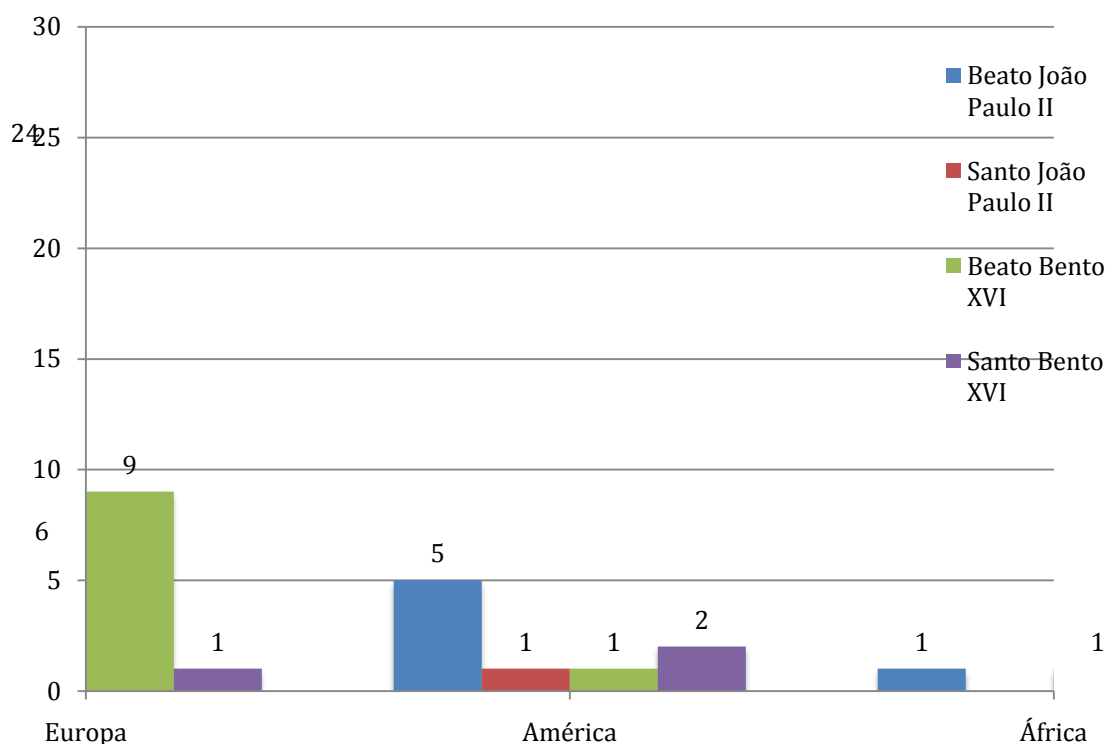
Todas estas questões sobre a mulher serão reafirmadas novamente na “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*” (1988), na qual João Paulo II, lembrando o Ano dedicado ao Laicato (1987), afirma que

49.Os Padres sinodais dedicaram uma atenção especial à condição e ao papel da mulher, num duplice objectivo: reconhecer e convidar a que todos e mais uma vez reconheçam o indispensável contributo da mulher na edificação da Igreja e no progresso da sociedade; e elaborar, além disso, uma análise mais específica acerca da participação da mulher na vida e na missão da Igreja. Reportando-se a João XXIII, que vê na tomada de consciência por parte da mulher da própria dignidade e no acesso das mulheres às actividades públicas um sinal dos nossos tempos,(176) os Padres do Sínodo afirmaram repetida e veementemente, perante as mais variadas formas de discriminação e de marginalização a que se submete a mulher pela simples razão de ser mulher, a urgência de defender e de promover a dignidade pessoal da mulher e, portanto, a sua igualdade com o homem. (*Christifideles laici*, 1998, s/p).

Embora o status da mulher tenha melhorado, sendo refletido no aumento do número de leigas confessoras, de sua participação nos Movimentos Eclesiais, Novas Comunidades, na liturgia, no incentivo dos trabalhos seculares, e em diversos âmbitos da Igreja Católica, a santidade da mulher ainda é muito associada ao casamento e a maternidade como veremos nesta tese.

Como demonstramos anteriormente, grande parte dos santos e beatos dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI tem origem europeia. Dos 2739 santos e beatos (1978-2013), 2051 são de algum país europeu. Quanto a nacionalidade dos leigos confessores, mais uma vez os modelos de santidade leiga advém da Europa e mais especificamente da Itália como veremos no gráfico a seguir.

¹⁵⁵ Consultar “Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* Sobre a Igreja no mundo actual” em:http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html Acesso: 11/09/13.

Gráfico 10: Nacionalidade dos Beatos e Santos leigos confessores: Total 51

O gráfico demonstra que não há um só santo na África, tendo apenas um beato em João Paulo II e outro em Bento XVI.¹⁵⁶ Com relação às Américas temos cinco beatos e um santo em João Paulo II, e um beato e dois santos em Bento XVI.¹⁵⁷ Contudo, aqui tem um detalhe que demonstra um interesse maior do Vaticano em julgar mais rapidamente a causa de leigos, já que João Paulo II concedeu o “*Concessionem Missae et Officii*” (beatificação) em 1979 a Edwiges da Polônia canonizando-a em 1997, do mesmo modo beatificou em 1990 Juan Diego Cuauhtatoatzin (México) canonizando-o doze anos depois em 2002. Virginia Centurione Bracelli (Itália) e Pedro de San Betancourt (Espanha), Gianna Beretta Molla (Itália) também foram beatificados e canonizados por este papa. Do mesmo modo, Narcisa de Jesus Martillo Morán (Equador) e Kateri Tekakwitha (EUA), foram beatificados por João Paulo II e canonizadas por Bento XVI.

¹⁵⁶ São eles: Vittoria Rosoamanarivo beatificada por João Paulo em 1989 e Raffaele Luigi Rafiringa beatificado em 2009 por Bento de XVI.

¹⁵⁷ Os Beatos de João Paulo II são: Kateri Tekakwitha (EUA-1980), Laura Vicuña (Chile-1988), Juan Diego Cuauhtatoatzin (México-1990), Narcisa de Jesus Martillo Morán (Equador-1992), Carlo Emanuel Cecilio Rodríguez Santiago (EUA-2001). Santos de João Paulo II: Juan Diego Cuauhtatoatzin (México-2002). Beatos de Bento XVI: Zeferino Namuncurá (Argentina-2007). Santos de Bento XVI: Narcisa de Jesus Martillo Morán (Equador-2008), Kateri Tekakwitha (EUA-2012).

É da Europa por sua vez, como afirmamos anteriormente, o maior número de leigos confessores. São 40 beatos e santos deste continente, ou seja, 78,43%. Temos 24 beatos e 6 santos para João Paulo II e 9 beatos e uma santa para Bento XVI que nasceram na Europa. A Itália novamente tem o maior percentual, são 10 beatos e 3 santos no pontificado de João Paulo II e 5 beatos italianos e nenhum santo no pontificado de Bento XVI.¹⁵⁸

Como afirmamos anteriormente um dos fatores para a Itália e Europa possuírem o maior número de beatos e santos é que eles são hábeis na confecção de todo o processo (experiência, dinheiro, e grupos de pessoas empenhado em ver o servo de Deus canonizado). Apesar da maioria dos santos e beatos leigos confessores serem do continente europeu, sem dúvida nos pontificados dos dois papas houve uma expansão maior da santidade para outros continentes. A exemplo podemos citar a beatificação de Kateri Tekakwhita. A prioridade de João Paulo II em beatificá-la trazia dois elementos importantes. Só havia até então uma santa leiga e confessa nos EUA – Santa Elizabeth Ana Bayley Seton (beatificada em 1963 e canonizada em 1975) e desta forma era preciso que este país, no qual a maior parte de sua população é protestante, tivesse mais exemplos de santos e beatos católicos. João Paulo II não somente deu mais beato ao EUA, mais este era uma mulher e índia da etnia Mohawk, juntando, portanto, duas prioridades, expandir a santidade para fora da Europa e beatificar um indivíduo que represente determinados povos.

6.3 Algumas considerações sobre as canonizações e beatificações em João Paulo II e Bento XVI

Como afirmamos anteriormente, para o caso de João Paulo II, as canonizações e beatificações são mais que preferência ou sintonia, ocorrendo na verdade uma leitura política destas, já que este papa iniciou um processo de expansão da santidade, que abarcou uma relativa ‘democratização’ geográfica e de estado de vida. Contudo isso não quer dizer que João Paulo não nutria certas preferências, já que como aponta Woodward (1992), uma vez que

¹⁵⁸ Beatas de João Paulo II da Itália: Virginia Centurione Bracelli (1985), Elisabeta Caroni Mora (1994), Gianna Beretta Molla (1994), Maria Corsini (2001), Pina Suriano (2004). Beatos de João Paulo II da Itália: Bartolo Longo (1980), Pier Giorgio Frassati (1990), Giuseppe Tovini (1998), Luigi Beltrame Quattrocchi (2001), Artemide Zatti (2002), Alberto Marvelli (2004). Santas de João Paulo II da Itália: Virginia Centurione Bracelli (2003), Gianna Beretta Molla (2004). Beatas de Bento XVI da Itália: Eurosia Fabris (2005), Tereza Maganiello (2010), Chiara Luce Badano (2010), Cecilia Eusepi (2012). Beatos de Bento XVI da Itália: Giuseppe Toniolo (2012).

uma causa chegava ao Vaticano com todos os requisitos, João Paulo II e a Congregação para as Causas dos Santos, poderiam sim, dependendo das circunstâncias da época, se empenhar mais fortemente para um do que para outro candidato.¹⁵⁹

Em se tratando do *modus operandi* de Bento XVI e da Congregação para as Causas dos Santos, as análises ainda são incipientes devido à proximidade histórica do fim de seu pontificado. Ressaltamos, que em nossa análise, observamos que é difícil pensar as canonizações de Bento XVI como um instrumento de governo necessariamente voltado para (re)evangelização via santidade, devido ao número bastante reduzido. Em nossa opinião Bento XVI restringiu a santidade àqueles servos de Deus aos quais julgou ter uma mensagem mais universal, enquanto João Paulo II priorizou a expansão da santidade a tal ponto que seu pontificado ficou conhecido como uma “fábrica de santos”.

Mas sem dúvida, nos dois pontificados subsiste os tradicionais modelos de santidade, já que o martírio continua a ser a exemplaridade maior nas beatificações e canonizações, como também o estado de vida religioso. Contudo, é preciso salientar que com o pontificado de João Paulo II houve um esforço por parte deste em expandir a santidade em todos os seus níveis que foi seguido relativamente por Bento XVI. Outros tradicionais modelos de santidade como os místicos (Anna Schäffer, Alexandrina Maria da Costa) visionários (Jacinta e Francisco, Videntes de Nossa Senhora de Fátima; Juan Diego Cuauhtlatoatzin Vidente da Virgem de Guadalupe), e os fundadores de ordem (Josemaría Escrivá de Balaguer/ Opus Dei; Madre Tereza de Calcutá/Missionárias da Caridade) também estão representados nos pontificados destes papas.

Com relação a geografia da santidade, cabe lembrar que houve um esforço destes papas em expandir as fronteiras da santidade. Neste contexto, temos causas da Tailândia (Nicola Bunkerd Kitbamrung), Vietnã (Andrea di Phu Yen), Filipinas (Peter Calungsod), Cuba (José Olallo Valdés), Índia (Lázaro Pillai), Jerusalém (Marie-Alphonsine Danil

¹⁵⁹ Woodward (1992, p. 113) observa que João Paulo II por ter sido um papa viajante, gostava de apresentar novos beatos às igrejas locais, principalmente às novas igrejas da África e da Ásia. Uma vez que seus planos de viagem estavam definidos, os funcionários da congregação ouviam relatores e postulantes, a fim de descobrir que candidatos dos países que o papa visitaria estariam prontos para beatificação. Nessas condições, uma *positio* sobre um candidato de pouca prioridade ou do país ‘errado’ poderiam esperar anos a fio enquanto outras eram julgadas rapidamente. WOODWARD (1992) ainda observa para o caso de João Paulo II a Congregação para as Causas dos Santos desenvolveu certas prioridades administrativas: (1) quanto mais perto uma causa estivesse de seu fim, maior a sua prioridade; (2) os candidatos a beatos mártires por não carecem de um milagre passavam à frente dos não-mártires; (3) um não-mártir que tinha um milagre a seu crédito passava à frente de uma causa que não a tinha; (4) para além das viagens de João Paulo II, houve também ocasiões ou festividades em que o papa quis “presentear” beatos e santos com intuito de evangelização. A exemplo podemos citar o Sínodo Mundial dos Bispos que teve como o tema o laicato.

Ghattas), Austrália (Mary of the Cross (Mary Helen) MacKillop), Brasil (Lindalva Justo de Oliveira, Albertina Berkenbrock, Irmã Dulce), etc.

Esta expansão também priorizou as beatificações e canonizações de servos de Deus, tentando distribuí-los em novas categorias como, profissões (Giuseppe Moscati – primeiro santo médico da Igreja –, Giuseppe Toniolo – economista e sociólogo – Frederico Ozanam – professor de literatura estrangeira na Sorbonne) e etnias (a índia Mohawk Kateri Tekakwhita, o índio mapuche Zeferino Namacurá, o cigano Rom Ceferino Giménez Malla, a judia convertida ao cristianismo Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)).

As beatificações e canonizações de grupos étnicos não deixaram de suscitar polêmica. Claramente algumas causas tiveram como objetivo a estratégia de evangelização de povos nos quais a religião católica não tem predominância. Exemplo claro desta polêmica ocorreu na santificação da primeira ameríndia da Igreja Católica, Kateri Tekakwhita, que faz parte da etnia Mohawk dos EUA e que foi beatificada por João Paulo II e Canonizada por Bento XVI.

De acordo com algumas reportagens em jornais e revistas seculares¹⁶⁰, a canonização de Kateri Tekakwhita não gerou unanimidade entre a etnia Mohawk. Para alguns, Kateri contribuiu, involuntariamente, contribuiu para a destruição de seu povo e foi instrumentalizada e persuadida a se converter à força. Alguns veem a história de Kateri como mais um lembrete das atrocidades coloniais e opressão religiosa, já que segundo os Mohawk, em vários escritos da Igreja, ela é descrita pela perseverança de sua fé apesar das oposições do seu povo. Tais escritos, segundo os Mohawks, polarizam-nos em “bons” – aqueles que se converteram – e “maus” – aqueles nos quais se opuseram a sua conversão. Portanto, para alguns Mohawks, Kateri é a personificação do colonialismo europeu, e estes temem que o título de santa possa ser um incentivo aos nativos americanos a evitar os seus valores e religiosos ancestrais.

Apesar da santidade de cunho clerical ser a tônica das canonizações e beatificações tanto em João Paulo II como em Bento XVI, houve um aumento da santidade secular, embora, boa parte dos leigos sejam mártires e não confessores. Cresce o número de mulheres, e em particular de santos e beatos pais e mães como santa Gianna Beretta Molla, os beatos Ladislau Batthyány – Strattmann, Eurosia Fabris Barban e Elisabetta Canori Mora etc. Do

¹⁶⁰ Consultar: (1) “Primeira santa ameríndia gera debate nos EUA” em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/primeira-santa-amerindia-gera-debate-nos-eua> Acesso: 16/09/13. (2) “1st Native American saint stirs pride, skepticism” em: <http://www.usatoday.com/story/news/nation/2012/10/28/catholic-native-american/1664599/> Acesso: 16/09/13.

ponto de vista histórico, temos as primeiras beatificações conjuntas de casais leigos e confessores como Luigi Beltrame Quattrocchi e Maria Corsini, e Martin e Marie Azelia Guérin, pais de Santa Teresinha de Lisieux.

Contudo, cabe ressaltar que as mulheres, pais e mães, e casais são os menos representados na santidade e dentre estes os casais são ainda os menos lembrados, já que a moral cristã tem certa dificuldade em compatibilizar satisfações emocionais e sexuais próprias do matrimônio com as virtudes heroicas exigidas de um santo.

O casal mais famoso beatificado, sendo este o exemplo sempre ressaltado na Igreja trata-se dos pais de Santa Tereza de Lisieux – Martin e Marie Azelia Guérin –. Segundo Woodward (1992, p. 399), o casamento e a exemplaridade destes ainda “cheiram muito a convento – e a um tipo de cultura católica que ainda não relaciona santidade com sexualidade”, já que Martin e Marie Azelia Guérin preferiam a vida religiosa ao matrimônio e só renunciaram ao celibato após o casamento, aconselhados por um padre, que afirmou que a missão do matrimônio era ter filhos para glória de Deus.

Isto foi de fato seguido a risca, já que o casal teve nove filhos. Das cinco que chegaram à vida adulta, todas se tornaram freiras carmelitas, e dentre estas uma virou santa Tereza de Lisieux.

Em se tratando das mulheres, a maioria é de religiosas conventuais e fundadoras de ordens ou instituições religiosas. Grande parte das leigas são mártires ou de causas conjuntas ou ainda nas causas singulares são mártires da pureza e castidade. Há também algumas leigas beatificadas e canonizadas pelo empenho na caridade. Sobressai, ainda, entre as mulheres o modelo de santidade ligado a maternidade (Gianna Beretta Molla) e ao casamento abnegado (Elisabetta Canori Mora). Na homilia de beatificação das duas, João Paulo II informa que estas são duas mulheres possuem um heroico amor, são modelo cristão de perfeição, esposas e mães exemplares que se empenharam em testemunhar o evangelho na vida cotidiana. Mães corajosas que se dedicaram sem reserva a família.¹⁶¹

Gianna Beretta Molla, teve sua santidade construída em torno da recusa em abortar, tema este caro a Igreja, já Elisabetta Canori Mora tornou-se beata como exemplo de mãe e esposa, pois foi capaz de manter um casamento em meio infidelidade conjugal do marido e demonstrando segundo o Vaticano um compromisso total com o sacramento do matrimônio e

¹⁶¹ Consultar: “Concelebrazione Eucaristica per la Beatificazione di Isidore Bakanja, Gianna Beretta Molla ed Elisabetta Canori Mora. Omelia di Giovanni Paolo II” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1994/documents/hf_jp-ii_hom_19940424_beatificazioni_it.html Acesso: 16/09/13.

as responsabilidades daí decorrentes. Elisabetta Canori Mora foi tão insistente em sua fé e compromisso matrimonial que conseguiu a conversão de seu marido. O fato é que ainda persiste na Igreja Católica uma certa desconfiança com relação as mulheres, ao casamento e principalmente a sexualidade. Como informa, Valentina Ciciliot (2008) nestas duas mulheres sobressai o acento sobre a defesa da família cristã

... célula sociale e religiosa fondamentale, nella quale il ruolo della donna è essenziale in quanto moglie e madre, e sulla contrapposizione ai valori offerti dai consorzi umani secolarizzati. La salvaguardia dell'istituto familiare si immette, infatti, nella più ampia battaglia che la chiesa wojtyliana conduce a favore della dignità dell'uomo e del diritto alla vita contro le istanze laiciste sempre più pressanti nelle società occidentali. L'attenzione al mondo femminile diventa prioritaria anche in ambito agiografico proprio qualora le questioni etiche centrali e più dibattute diventino l'aborto, la fecondazione assistita o il matrimonio. Accanto a queste problematiche permane l'ottica evangelizzatrice, rivolta soprattutto ai paesi extraeuropei, e quella più propriamente teologica, rappresentata da una cifra non trascurabile di contemplative e mistiche elevate agli onori degli altari. (CICILIOT, 2008, p.131).¹⁶²

Esta ideia que liga a mulher ao casamento e maternidade persiste também no pontificado de Bento XVI, já que mesmo quando a mulher se destaca por sua profissão como Hildegard Burjan¹⁶³, suas virtudes como mãe e esposa, parecem ter mais destaque já que esta beata é retratada no *Angelus* como uma leiga, mãe de família, que fundou um Instituto de caridade, mas nada cita sobre seu exemplar papel enquanto deputada do Partido Democrático Cristão da Áustria.¹⁶⁴

¹⁶² Tradução livre: "... célula social e religiosa fundamental, na qual o papel da mulher é essencial enquanto esposa e mãe, e em oposição aos valores oferecidos pelos consórcios humanos secularizados. A preservação da instituição familiar está inserida, de fato, na batalha mais ampla que a igreja Wojtyliana conduz em favor da dignidade do homem e do direito à vida contra as instâncias laicistas sempre mais prementes nas sociedades ocidentais. A atenção ao mundo feminino torna-se uma prioridade e também no âmbito hagiográfico as questões éticas tornam-se centrais e o debate sobre o aborto, concepção assistida e casamento aumentam. Paralelo a esta problemática continua a ótica da evangelizadora, visando principalmente os países não europeus, e aumenta a representação de uma cifra não negligenciável de contemplativas e místicas elevadas aos altares."

¹⁶³ Beatificada em 2012 por Bento XVI, Hildegard Burjan nasceu em 1883 e é de origem judia. Um ano após o casamento, Hildegard Burjan em consequência de uma enfermidade se converteu ao cristianismo. Após o nascimento de sua primeira filha se transferiu para Viena e começou um trabalho com as mulheres em estado de vulnerabilidade social. Este compromisso a levou a política, sendo eleita deputada pelo Partido Social Cristão, onde impulsionou diversas iniciativas com relação a proteção da maternidade, dos recém-nascidos, e a formação permanente de mulheres. Partiu dela ainda a lei pioneira de proteção as trabalhadoras domésticas. Após o fim do seu mandato como deputada Hildegard Burjan fundou a Associação Cristã de trabalhadoras domésticas. Ajudou ainda a população que passava fome, criando uma rede de apoio às famílias, lutando ainda contra o trabalho infantil. Em 1919 Hildegard Burjan ainda fundou a "*Caritas Socialis*" um instituto religioso dedicado a assistência a famílias e jovens marginalizados, o qual se dedicou até sua morte em 1933 ano de ascensão de Hitler ao poder.

¹⁶⁴ Consultar *Angelus* de 29 de Janeiro de 2012 em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_ang_20120129_it.html Acesso: 15/09/13.

Foi nesta expansão da santidade em suas mais variadas dimensões, que ganha notoriedade as beatificações de crianças e jovens. Se por um lado temos inúmeros trabalhos que tratam dos santos que fizeram parte de ordens religiosas ou que são leigos, mulheres ou mártires, quando se trata de investigar sobre quem são e qual mensagem o Vaticano quer passar com o aumento na santidade dos jovens, esbarramos em análises escassas e distribuídas em livros em que o tema central não é este.

Este incentivo maior em beatificar e canonizar jovens ganha força no pontificado de João Paulo II fazia uma alusão a juventude chamando-os de “Primavera da Igreja”, estação esta responsável pela esperança e renovação, creditando a estes jovens o futuro de uma igreja que sofre como já apontou Hervieu-Lèger (2005) de uma crise de transmissão na descendência da fé. Assim, nada mais estratégico do que dar a estes jovens exemplos de santidade nos quais estes pudessem se espelhar e se identificar. Se anteriormente a maioria dos exemplos de santidade apresentados pela Igreja Católica diziam respeito a figuras míticas que possuíam virtudes sobre-humanas e realizavam feitos e milagres mais que extraordinários, ou se retiravam da vida para viver em contemplação em mosteiros, com o pontificado de João Paulo II pudemos observar uma diversificação maior dos candidatos, e dentre estas diversificações estão estes jovens que em sua maioria eram pessoas comuns que iam a universidades, escolas, passeavam como amigos, etc.

Para tanto, após uma análise mais geral sobre os santos e beatos do pontificado de João Paulo II e Bento XVI iremos no próximo capítulo começar a traçar as bases sobre como o Vaticano tem pensado a juventude nos últimos anos principalmente com relação a santidade.

7 JUVENTUDE E SANTIDADE

No capítulo precedente, informamos que houve nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI um esforço de redistribuir a santidade para além da Europa e do estado de vida clerical. Cresce o número de beatos e santos extraeuropeus, como também aumenta o número de leigos, muito embora, grande parte deles sejam mártires e não confessores. Nesta expansão da santidade, em suas mais variadas dimensões, um modelo de santidade ganha força a partir

do pontificado de João Paulo II, ou seja, a de jovens que alcançaram a santidade neste ciclo de vida entre a vida infantil e a adulta.

Como exemplificamos no capítulo I, a conceituação de juventude, seu surgimento e características não é ponto comum nas ciências humanas. A situação juvenil remete como aponta Abramo (2008) a uma etapa do ciclo da vida entre a infância e a vida adulta, muitas vezes associada a transição, interregno, ambiguidade e propensa a tensão potencial.

Se por um lado, temos estudos que apontam uma queda no número de fiéis na Igreja Católica ao longo dos anos, ocorrendo simultaneamente um relativo reavivamento religioso acompanhado por uma intensificação da diversidade na experiência de ser católico (MARIZ, 2006b), onde os jovens têm desempenhado grande papel neste reavivamento e virtuosismo religioso juvenil (Mariz, 2005b, Alves, 2009, Sofiati, 2009 Fernandes, 2010) por outro, podemos observar também como aponta Regina Novaes (2006), que diante das transformações da globalização, e as suas possíveis consequências na esfera do sagrado, os jovens parecem ter maiores chances de atualizar os novos sentidos e funções da religião na sociedade. Para tanto, “... a juventude, vista como espelho retrovisor da sociedade atual, explora as várias possibilidades, faz novos arranjos e dá nova visibilidade à religião, ressemantizando-a sem pudores e ocultações...” (NOVAES, 2006:137). Este fato também foi observado por Danièle Hervieu-Léger (2005b), quando esta observa na modernidade a figura do convertido e a do peregrino. Este último marcado por uma intensa destradicionalização e desinstitucionalização religiosa e por uma relativização das identidades cuja contrapartida religiosa se encontra numa cultura errante ou peregrina, em que os “crentes modernos reivindicam o seu direito ao *bricolage* ao mesmo tempo que o de escolher as suas crenças” (HERVIEU-LÉGER, 2005b:72).

Nesse sentido, questões como a diminuição do peso da autoridade religiosa e o aumento das possibilidades de escolhas e sínteses pessoais, parecem ser mais amplamente refletidas no comportamento dos jovens, ou seja, há entre estes também aquilo que Luis Fernando Dias Duarte observou sobre um subjetivismo nas atitudes religiosas em todos os domínios confessionais, que propicia uma gestão da vida privada relativamente independente dos ditames religiosos. (DUARTE, 2006a, b, 2005). A questão é diversa e multifacetada já que não há um modelo coeso de religiosidade juvenil, tendo em vista que como abordamos no parágrafo anterior, os jovens ao passo que são responsáveis por um avivamento católico, também atualizam novos sentidos e funções da religião através de bricolagens, sincretismos,

etc, e há ainda entre estes um alto grau de secularização como apontam os estudos de Novaes (2006, 2005, 2004) e Rodrigues (2009).

Sobre a questão da secularização, Danièle Hervieu-Léger (2005a), ainda argumenta que na base de toda crença religiosa existe efetivamente a crença da descendência de fé e que com a diferenciação do campo religioso especializado, com a pluralização progressiva das instituições, comunidades e sistemas de pensamento religioso a memória social total tem se transformado numa memória de “meios de memória” especializados. Portanto, tem ocorrido uma progressiva diferenciação no campo religioso, acrescido da explosão da memória coletiva em memórias especializadas. Estas instituições nas quais se inscreviam a continuidade das gerações (escola, a universidade os partidos políticos, os sindicatos, as igrejas) tem perdido, portanto, a capacidade de incutir valores, e a família, instituição de socialização por excelência, não ficou alheia a estas transformações, ocorrendo no seio desta, entre outras coisas, uma crise na transmissão de valores religiosos.

Obviamente, o Vaticano e a Igreja Católica estavam atentos a todas essas questões concernentes a secularização, pluralização da esfera religiosa e a crise na transmissão¹⁶⁵ de valores religiosos. A resposta a estas questões foi a *produção institucional da “descendência de fé”* e a *remodelação da memória católica* principalmente a partir do pontificado de João Paulo II, como aponta Danièle Hervieu-Léger (2005a), tendo como ponto central as viagens efetuadas por João Paulo II pelo mundo. Nestas viagens, segundo Hervieu-Léger (2005a), João Paulo II reconhece de maneira explícita a diversidade do mundo católico e a importância das igrejas locais.

É nesse sentido, de *produção institucional da “descendência de fé”* e *remodelação da memória católica*, que devemos situar também a questão das canonizações e beatificações no pontificado de João Paulo II. Claramente, estas santificações, como abordamos no capítulo anterior, fazem parte de uma política de revangelização, que busca remodelar a memória católica e, conseqüentemente, através da exemplaridade dos santos, produzir uma descendência da fé católica entre os fiéis. Para tanto, o grande empenho de João Paulo II na evangelização da juventude via Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) e nas beatificações e santificações de jovens aparecem como uma das estratégias de barrar o secularismo e remodelar a memória produzindo conseqüentemente – entre esta geração que acompanha até

¹⁶⁵ Tanto que Bento XVI em 2005 se refere explicitamente a crise de transmissão e suas correlações com a família e modernidade na “Abertura do Congresso Eclesial Diocesano na Basílica de São João de Latrão”. Consultar: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050606_convegno-famiglia_po.html Acesso: 01/10/13.

mais que outras as transformações na modernidade e na religião – a descendência da fé. Esta estratégia, de conter secularismo via santificação da juventude, em momentos de efervescência, como as Jornadas Mundiais da Juventude, fica clara na mensagem de João Paulo II aos jovens na XVII edição deste evento, quando este pontífice afirmou que

“En el contexto actual de secularización, en el que muchos de nuestros contemporáneos piensan y viven como si Dios no existiera, o son atraídos por formas de religiosidad irracionales, es necesario que precisamente vosotros, queridos jóvenes, reafirméis que la fe es una decisión personal que compromete toda la existencia. ¡Que el Evangelio sea el gran criterio que guíe las decisiones y el rumbo de vuestra vida! De este modo os haréis misioneros con los gestos y las palabras y, dondequiera que trabajéis y viváis, seréis signos del amor de Dios, testigos creíbles de la presencia amorosa de Cristo. No lo olvidéis: ¡"No se enciende una lámpara para ponerla debajo del celémín" (cf. Mt 5,15).

Así como la sal da sabor a la comida y la luz ilumina las tinieblas, así también la santidad da pleno sentido a la vida, haciéndola un reflejo de la gloria de Dios. ¡Con cuántos santos, también entre los jóvenes, cuenta la historia de la Iglesia! En su amor por Dios han hecho resplandecer las mismas virtudes heroicas ante el mundo, convirtiéndose en modelos de vida propuestos por la Iglesia para que todos les imiten. Entre otros muchos, baste recordar a Inés de Roma, Andrés de Phú Yên, Pedro Calungsod, Josefina Bakhita, Teresa de Lisieux, Pier Giorgio Frassati, Marcel Callo, Francisco Castelló Aleu o, también, Kateri Tekakwitha, la joven iraquesa llamada la "azucena de los Mohawks". Pido a Dios tres veces Santo que, por la intercesión de esta muchedumbre inmensa de testigos, os haga ser santos, queridos jóvenes, ¡los santos del tercer milenio!"¹⁶⁶

Para tanto, em sua análise sobre as Jornadas Mundiais da Juventude, Danièle Hervieu-Léger (2005b) informa que um dos resultados da JMJ foi criar manifestações mais ou menos duradoras de um *cristianismo afetivo*, que se constrói se ativa e reativa pela intensificação emocional do sentimento de pertença comunitária.

¹⁶⁶ Tradução livre: “No atual contexto de secularização, em que muitos dos nossos contemporâneos pensam e vivem como se Deus não existisse, ou são atraídos por formas irracionais de religiosidade, é necessário precisamente de vocês, queridos jovens, que reafirmeis que a fé é uma decisão pessoal que envolve toda a sua vida. Que o Evangelho seja o grande critério que guie as decisões e o rumo de vossa vida! Deste modo vocês serão missionários com os gestos e as palavras e, onde quer que trabalhem ou vivam, sereis signos do amor de Deus, testemunhas credíveis da presença amorosa de Cristo. Nunca se esqueça: “Ninguém acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire” (Mt 5:15). Assim como o sal dá sabor a comida e a luz ilumina as trevas, assim a santidade dá sentido pleno à vida e faz refletir a glória de Deus. Com muitos santos, incluindo entre os jovens, conta a história da Igreja! Em seu amor por Deus há feito resplandecer as mesmas virtudes heroicas brilhar diante do mundo, convertendo-se em modelos de vida propostos pela Igreja para que todos lhes imitem. Entre muitos outros, basta recordar de Inês de Roma, André de Phu Yen, Pedro Calungsod, Josefina Bakhita, Teresa de Lisieux, Pier Giorgio Frassati, Marcel Callo, Francisco Castelló Aleu e ainda Catarina Tekakwitha, o jovem Iroquois chamado “a flor dos Mohawks”. Peço a Deus três vezes Santo que, por intercessão deste grande exército de testemunhas, fazer você ser santo, queridos jovens, os santos do terceiro milênio!. Consultar “Mensaje del Santo Padre Juan Pablo II para la XVII Jornada Mundial da Juventud” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_20010731_xvii-world-youth-day_sp.html Acesso: 01/10/13.

7.1 Os jovens no centro da Igreja Católica: evangelização e pedagogia da santidade

Esta preocupação pastoral com a juventude pela Igreja Católica é algo relativamente novo e decorrente dos problemas típicos da modernidade. Apesar de se convencionar que foi no pontificado de Pio XI (1922-1939), especialmente com o surgimento da Ação Católica¹⁶⁷, que os jovens ganham força como objeto pastoral, e certa autonomia na difusão e proclamação do evangelho, já em período anterior existiam movimentos de juventude, tais como a Juventude Católica Italiana (JCI), a Associação Católica da Juventude Canadense (JCJC), a Associação Católica da Juventude Belga (ACJB) e na Alemanha, o *Jugendverband* e o *Gesellenverein*, floresceram desde o período anterior à primeira grande guerra ou dos primeiros tempos que seguiram ao armistício, sob o pontificado de Bento XV (1914-1922) como aponta Agenor Brighenti (2007).

Estes grupos de juventude começaram a se reunir entre si em busca de uma prática religiosa que incorporasse vivências que são comuns a sua geração, mas neste momento estes movimentos partem mais do desejo dos jovens do que de uma estratégia própria de apostolado destes pela Igreja, até porque o estatuto dos leigos e entre estes os jovens, só ganharia força maior e por um viés positivo, a partir do Concílio Vaticano II, principalmente na “Constituição Dogmática *Lumen Gentium*” e no “Decreto *Apostolicam Actuositatem* (Apostolado dos leigos)”, nos números 9, 12, 30 e 33, que falam diretamente aos jovens. É sintomática que a última mensagem de conclusão dos trabalhos do Concílio Vaticano II seja direcionada aos jovens. No dia 08/12/65 o papa Paulo VI afirma que é finalmente para a juventude de todo mundo

... que o Concílio quer dirigir a sua última mensagem – pois sereis vós a recolher o facho das mãos dos vossos antepassados e a viver no mundo no momento das mais gigantescas transformações da sua história, sois vós quem, recolhendo o melhor do exemplo e do ensinamento dos vossos pais e mestres, ides constituir a sociedade de amanhã: salvar-vos-eis ou perecereis com ela. A Igreja, durante quatro anos, tem estado a trabalhar para um rejuvenescimento do seu rosto, para melhor responder à intenção do seu fundador, o grande vivente, o Cristo eternamente jovem. E no termo desta importante «revisão de vida», volta-se para vós. É para vós, os jovens, especialmente para vós, que ela acaba de acender, pelo seu Concílio, uma luz: luz que iluminará o futuro, o vosso futuro. A Igreja deseja que esta sociedade que vós ides constituir respeite a dignidade, a liberdade, o direito das pessoas: e estas pessoas, sois vós. [...] Tem confiança que vós

¹⁶⁷ Como afirma Agenor Brighenti (2007) é de praxe afirmar que a Ação Católica nasceu sob a inspiração de Pio XI, entretanto, com sua Encíclica *Ubi Arcano Dei* (1922), mais do que uma novidade para a Igreja, a Ação Católica passa a ser uma instituição de Igreja, com mandato e controle da hierarquia.

encontrareis uma força e uma alegria tais que não chegareis a ser tentados, como alguns dos vossos antepassados, a ceder à sedução das filosofias do egoísmo e do prazer, ou às do desespero e do nada, e que perante o ateísmo, fenómeno de cansaço e de velhice, vós sabereis afirmar a vossa fé na vida e no que dá um sentido à vida: a certeza da existência de um Deus justo e bom.¹⁶⁸

Na exortação do papa Paulo VI, na qual afirma que foi para os jovens que a Igreja se renovou via Concílio, é que veremos um empenho cada vez maior na promoção e na evangelização da juventude, tanto que em 1968, na II Conferência Geral do Episcopado, que aconteceu Medelín, além da opção pelos pobres se optou também pela juventude. O documento publicado desta conferência informa que a juventude é tema “digno do máximo interesse e de grandíssima atualidade” já que “os jovens são mais sensíveis do que os adultos aos valores positivos do processo de secularização” e desta forma é preciso reverter entre estes a ideia de que a Igreja é formada de bispos e sacerdotes, já que “por não terem sido chamados a uma plena participação na comunidade eclesial, não se consideram como integrantes da Igreja.” O documento destaca ainda uma série de recomendações pastorais, entre elas destacamos “a necessidade de elaboração de uma pedagogia orgânica da juventude para dar-lhes uma sólida formação humana e cristã”, “que se tenha muito em conta a importância das organizações e movimentos católicos de juventude, em particular os de caráter nacional e continental”, “que se apoiem seus esforços no sentido da formação de líderes da comunidade.”(CONCLUSÕES DE MEDELIN, 1968), ou seja, em Medelín se convida mais uma vez os jovens a serem parte e protagonistas na Igreja através de um apostolado que lhe é próprio.

A partir desta exortação, disseminam ou ganham força por todo mundo uma série de associações, comunidade e instituições de leigos jovens, e dentre estas, cabe aqui abrir um parêntese e destacar, o surgimento em 1967 do Movimento GEN (Geração Nova), ligado ao Movimento dos Focolares¹⁶⁹, do qual Chiara Luce fez parte. O GEN nasce do apelo de Chiara Lubich em 1967 aos adolescentes e jovens que faziam parte do Movimento dos Focolares,

¹⁶⁸ Consultar “Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II -Aos Jovens” em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani_po.html Acesso: 17/09/13.

¹⁶⁹ O Movimento dos Focolares (Obra de Maria) surge em 1943 em meio a II Guerra Mundial na Itália tendo como fundadora Chiara Lubich. Este movimento está colocado a partir de quatro pilares básicos: o ecumenismo, o diálogo e comunhão entre os Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades da Igreja Católica além do diálogo inter-religioso e com indivíduos de convicções não religiosas. Hoje, o Movimento dos Focolares está presente em 182 países e tem cerca de dois milhões de membros e simpatizantes, predominantemente católicos, mas não só, pois há seguidores de várias religiões, incluindo judeus, muçulmanos, budistas, hindus, sikhs, etc, além das pessoas sem convicções religiosas. Em: <http://www.focolare.org/it/movimento-dei-focolari/storia/> Acesso: 18/09/13.

propondo-lhes lançar uma grandiosa revolução de amor com finalidade de realizar o testamento de Jesus “Que todos sejam um”.¹⁷⁰ Dentro do Movimento GEN foram se delineando, progressivamente, as seguintes distinções, por faixa etária: o GEN 2 perfaz o ciclo etário dos 17 aos 30 anos que fica alocado, na ramificação denominada “Movimento Jovem por um Mundo Unido”¹⁷¹, o GEN 3 engloba os participantes de 9 a 17 anos, alocados no “Movimento Juvenil pela Unidade”¹⁷² o GEN 4, por sua vez, engloba crianças de 4 a 8 anos e o GEN 5 crianças menores de 4 anos. A passagem e confirmação de uma GEN para outra é muito comemorada e oficializada nos congressos regionais e nacionais que acontecem por todo ano.

Como veremos no próximo capítulo a beatificação de Chiara Luce se deu em grande medida em decorrência da espiritualidade do Movimento dos Focolares e de sua intensa participação enquanto GEN, e esta espiritualidade também foi responsável pela abertura de outras causas de beatificação de jovens focolarinos.¹⁷³ Desde sua criação o Movimento GEN tem ganhando atenção especial do Vaticano, tanto que os papas Paulo VI¹⁷⁴, João Paulo II¹⁷⁵ e Bento XVI¹⁷⁶ já se dirigiram em diversas ocasiões a eles através homilias, mensagens ou audiências.

Em 1978, Karol Wojtyla é eleito papa João Paulo II e no mesmo ano acontece, em Puebla no México, sob seu auspício, a III Conferência Episcopal, que mais uma vez escolhe os pobres e a juventude como opção preferencial. Dentre as tarefas prioritárias que constam no seu discurso de abertura da III Conferência Episcopal¹⁷⁷ estão a “família”, “as vocações

¹⁷⁰ Consultar história do GEN em: <http://www.focolare.org/pt/movimento-dei-focolari/scelte-e-impegno/gen/> Acesso: 18/09/13.

¹⁷¹ Consultar Movimento Jovem por um Mundo Unido em: <http://www.focolare.org/pt/movimento-dei-focolari/un-popolo/giovani-per-un-mondo-unito/> Acesso: 18/09/13.

¹⁷² Consultar Movimento Juvenil pela Unidade em: <http://www.focolare.org/pt/movimento-dei-focolari/un-popolo/rpu/> Acesso: 18/09/13.

¹⁷³ Do mesmo modo que Chiara outros integrantes do Movimento GEN tem causas abertas de beatificação. São eles: Maria Orsola Bussone (Serve de Deus/16 anos), Daniela Zanetta (Serve de Deus/24 anos) Santa Scorese (Serve de Deus/23 anos), Alberto Michelotti e Carlo Grisolia (Servos de Deus/22 e 20 anos respectivamente) que é a primeira causa conjunta de confessores não são casados como Luís Martin e Zélia Guérin, pais de Santa Tereza de Lisieux, que se tem notícia na Congregação para a Causa dos Santos.

¹⁷⁴ Consultar “Convegno di “Gen” Gerazione Nuova – Homilia del Santo Padre Paolo VI” em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19750302_it.html Acesso: 19/09/13.

¹⁷⁵ Consultar “Santa Messa Per I Focolarini - Omelia Di Giovanni Paolo II” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800518_focolarini_it.html Acesso: 19/09/13.

¹⁷⁶ Consultar “Benedetto XVI – Udienza Generale” em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120905_it.html Acesso: 19/09/13.

¹⁷⁷ Consultar “Discurso do Papa João Paulo II na Solene Sessão de Abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano” em:

sacerdotais e religiosas”, e “a juventude”. O texto de conclusão de Puebla no seu capítulo II “Opção preferencial pelos jovens” trás uma série de informações sobre a Igreja e juventude e conclama a todos a se engajarem no que viria a ser chamado a Pastoral da Juventude.¹⁷⁸ Dois anos depois, em 1980, em viagem apostólica pelo Brasil, em sua Homilia aos jovens de Belo Horizonte em 1º de Julho, João Paulo II faz uma reflexão sobre a III Conferência Episcopal de Puebla e afirma que sabendo que metade da população brasileira tem menos de 25 anos, entende melhor o porquê dos bispos de Puebla terem optado preferencialmente pelos jovens.¹⁷⁹ Mais tarde, em 1998, na “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*”, João Paulo II irá informar que os jovens são a esperança da Igreja e que estes “não devem ser considerados simplesmente como o objeto da solicitude pastoral da Igreja: são de facto e devem ser encorajados a ser sujeitos ativos, *protagonistas da evangelização e artífices da renovação social*.”

Sabe-se que desde quando Karol Wojtyła era sacerdote na Polônia que ele desempenhava um papel bastante intenso entre os jovens principalmente no grupo denominado Srodowisk (Ambiente), cujo objetivo era colocar estes em contato com a natureza, o melhor jeito de alcançar Deus, segundo o padre Karol (AGENZIA FIDES, 2009). É de seu tempo enquanto sacerdote, da sua vivência no Concílio Vaticano II e das experiências adquiridas nas Conferências Episcopais e nos encontros com jovens em 1983 em Roma, que estão o cerne das Jornadas Mundiais da Juventude que o papa João Paulo II criou em 1985.

Em 1983, foi celebrado “O Ano Santo da Redenção” e entre as atividades jubilares João Paulo II fixou uma reunião com os jovens no Domingo de Ramos. A organização do encontro previa a presença de 60.000 participantes, contudo, vieram a Roma 250 mil jovens.¹⁸⁰ Em 1985 a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou o “Ano Internacional da Juventude” e o papa desejando manifestar a atenção da Igreja para as novas gerações, convoca novamente os jovens a Roma para participar do Domingo de Ramos, dedicando ainda a estes a uma Carta Apostólica denominada “Ai giovani e alle giovani del

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam_po.html Acesso: 18/09/13.

¹⁷⁸ Para uma análise mais detalhada sobre os movimentos católicos juvenis anteriores a Pastoral da Juventude sobre este movimento consultar: Dick, H (s/d) O Caminho se faz: História da Pastoral da Juventude do Brasil. Em: http://www.casadajuventude.org.br/media/caminho_hilario.pdf Acesso: 18/09/13.

¹⁷⁹ Consultar “Homilia do Papa João Paulo II aos jovens de Belo Horizonte” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800701_youth-brazil_po.html Acesso: 19/09/13.

¹⁸⁰ Consultar “Giovanni Paolo II –Angelus” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/angelus/1983/documents/hf_jp-ii_ang_19830327_it.html Acesso: 19/09/13.

mondo in occasione dell'Anno Internazionale della Gioventù" (Aos jovens, e aos jovens de todo mundo em ocasião do Ano Internacional da Juventude), na qual afirmou compreender o porquê da Igreja atribuir especial importância a juventude, etapa chave da vida do homem, e complementou afirmando que estes são

... la giovinezza delle nazioni e delle società, la giovinezza di ogni famiglia e dell'intera umanità; voi siete anche la giovinezza della Chiesa. Tutti guardiamo in direzione vostra, poiché noi tutti, grazie a voi, in un certo senso ridiventiamo di continuo giovani. Pertanto, la vostra giovinezza non è solo proprietà vostra, proprietà personale o di una generazione: essa appartiene al complesso di quello spazio, che ogni uomo percorre nell'itinerario della sua vita, ed è al tempo stesso un bene speciale di tutti. È un bene dell'umanità stessa.¹⁸¹

Desta vez, a resposta foi ainda maior e participaram deste encontro mais de 300 mil jovens na Praça de São Pedro no Vaticano.¹⁸² Após estas duas reuniões, percebendo que os jovens tinham a necessidade de se reunir e vendo ainda a possibilidade de colocar em prática o que o Concílio Vaticano II, por meio do papa Paulo VI tinha afirmado, que a Igreja se renovara via Concílio para eles, João Paulo anunciou no final de 1985 a instauração das Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), a cada dois anos, em países diferentes. A primeira JMJ foi celebrada em 1986, ainda a nível diocesano (Roma) e em 1987 ela seguiu para Argentina, sendo realizada com o lema "Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele (1 Jo 4, 16)."

Em 1989, a Jornada Mundial da Juventude foi celebrada em Santiago de Compostela (Espanha), um famoso santuário de fé na Europa, atraindo uma peregrinação maciça de jovens todo o mundo. Em 1991, a JMJ teve sede na Tchecoslováquia (Polônia) e foi o primeiro grande encontro entre os jovens da Europa Ocidental e Oriental após a queda do Muro de Berlim. No ano de 1993 a JMJ voltou para América e aconteceu na cidade de Denver (Estados Unidos). Em 1995, seguiu para Ásia e aconteceu na cidade de Manila nas Filipinas, em 1997 retornou a Europa acontecendo em Paris. No ano do Grande Jubileu, 2000, as Jornadas Mundiais da Juventude, retornaram a Roma, onde o Papa João Paulo II, apesar do progresso

¹⁸¹ Tradução livre: "... A juventude das nações e das sociedades, a juventude de cada família e de toda a humanidade, vocês são antes a juventude da Igreja. Todos nós estamos em sua direção, porque nos todos, graças a vocês, em certo sentido nos transformamos em jovens novamente. Portanto, a vossa juventude não é apenas vossa, propriedade pessoal, ou de uma geração: ela pertence a todo aquele espaço, que todo homem atravessa em sua vida, e é ao mesmo tempo um benefício especial de todos. É bem da própria humanidade." Consultar http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_31031985_dilecti-amici_it.html Acesso: 19/09/13.

¹⁸² Consultar "Solenne Celebrazione della Domenica delle Palme - Omelia di Giovanni Paolo II" em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1985/documents/hf_jp-ii_hom_19850331_domenica-palme_it.html Acesso: 19/09/13.

da doença de Parkinson, recebeu com a alegria dois milhões de jovens, chamando-os de “sentinelas da manhã”. Em 2002, na Jornada Mundial da Juventude em Toronto (Canadá), João Paulo II chamou os jovens deste país de “pessoas de bem-aventuranças”, que estavam anunciando Cristo em um país moderno e multicultural. Em 2005, logo após a morte de João Paulo II, Bento XVI presidiu para um milhão de peregrinos a sua primeira Jornada na cidade de Colônia (Alemanha). Da Alemanha, a JMJ seguiu, em 2008, para ser realizada pela primeira vez na Oceania, em Sydney na Austrália, com o lema “Recebereis a força do Espírito Santo, que virá sobre vós, e sereis minhas testemunhas (Atos 1, 8).” Em agosto de 2011, cerca de dois milhões de jovens se reuniram para celebrar a 26ª Jornada Mundial da Juventude, realizada em Madri, na Espanha, com o lema “Enraizados e edificados em Cristo, firmes na fé” (cf. Cl 2, 7). Por fim, a última edição aconteceu no Rio de Janeiro no Brasil entre os dias 23 e 28 de Julho de 2013, já sob o pontificado do papa Francisco com o lema “Ide e fazei discípulos entre todas as nações! (cf. Mt 28, 19).

Principalmente nestes eventos – as Jornadas Mundiais da Juventude – mais em outros nos quais os interlocutores são em sua maioria jovens, que podemos extrair elementos para buscar o significado dado a santidade pelos papas João Paulo II e Bento XVI, e mais especificamente que tipo de santidade é requisitada a juventude. Como estes eventos servem como espaço de evangelização e possuem cunho altamente pastoral, estes papas por diversas vezes se dirigiram aos jovens em linguagem simples e instrutiva, informando-os o que é santidade, como se tornar um santo, e qual santidade se pede a juventude.

A frase principal que marca esse ensinamento é “Giovani, non abbiate paura di diventare santi, ”¹⁸³, que foi dita tanto por João Paulo II¹⁸⁴, quanto por Bento XVI.¹⁸⁵ Este medo que o jovem sente de ser santo no cotidiano e na sua individualidade, primeiro passo para ser um santo na universalidade do termo, deve-se muitas vezes como informa José Saraiva Martins, ex-Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, numa interpretação errada do que é a santidade. Martins observa que é preciso que os jovens entendam que a santidade não é “... una cosa astratta, generica quasi contraria all’umanità. No, non è contraria all’umanità, per me è una realtà sovrapposta all’umanità, è una cosa che completa l’umanità

¹⁸³ Tradução livre: “Jovens, não tenham medo de se transformar em santos.”

¹⁸⁴ Consultar “Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião da XV Jornada Mundial da Juventude” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_29061999_xv-world-youth-day_po.html Acesso: 19/09/13.

¹⁸⁵ Consultar “Messaggio di Sua Santità Benedetto XVI per la XXIII Giornata Mondiale della Gioventù” Em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20070720_youth_it.html Acesso: 19/09/13.

che è l'umanità piena.” (AGENZIA FIDES 2009, p. 22).¹⁸⁶ O mesmo ideal tem o papa Bento XVI sobre a santidade ser algo que não é contrário a humanidade, tanto que em 2011 na Alemanha numa vigília de oração com os jovens este pontífice afirmou que

... a imagem dos santos foi repetidamente objecto de caricatura e apresentada de modo distorcido, como se o ser santo significasse estar fora da realidade, ser ingénuo e viver sem alegria. Não é raro pensar-se que um santo seja apenas aquele que realiza acções ascéticas e morais de nível altíssimo, pelo que se pode certamente venerar mas nunca imitar na própria vida. Como é errada e desalentadora esta visão! Não há nenhum santo, à excepção da bem-aventurada Virgem Maria, que não tenha conhecido também o pecado e que não tenha caído alguma vez. Queridos amigos, Cristo não se interessa tanto de quantas vezes vacilamos e caímos na vida, como sobretudo de quantas vezes nós, com a Sua ajuda, nos erguemos. Não exige acções extraordinárias, mas quer que a sua luz brilhe em vós. Não vos chama porque sois bons e perfeitos, mas porque Ele é bom e quer tornar-vos seus amigos. Sim, vós sois a luz do mundo, porque Jesus é a vossa luz. Sois cristãos, não porque realizais coisas singulares e extraordinárias, mas porque Ele, Cristo, é a vossa, a nossa vida. Vós sois santos, nós somos santos, se deixarmos a sua graça agir em nós.¹⁸⁷

Neste contexto, a santidade sai do terreno do sobrenatural e passa a se localizar nas acções ordinárias, como informa o texto acima de Bento XVI e a coletânea produzida pelo Vaticano intitulada, “I giovani e la santità: *“Utopia o possibilità?”*”(2009). Num dos artigos denominado “Santità nella quotidianità” é informando que

... la santità non consiste in fare cose strane o eccezionali, ma è vivere cercando sempre “quel qualcosa di divino” presente in ogni aspetto della vita ordinaria. Dio non è lontano, è nelle nostre vite di tutti giorni, lì ci aspetta: se siamo studenti nello studio, se lavoriamo nella nostra professione. Nel fare bene queste cose, fino in fondo, con atteggiamento di servizio, siamo più vicini a Lui. Questa è la santità: cercare sempre, qualsiasi cosa facciamo, di approfondire e alimentare il nostro rapporto personale e autentico con Dio (AGENZIA FIDES, 2009, p. 14).¹⁸⁸

Além de estar localizada no âmbito das acções cotidianas, seja nos estudos ou trabalho, esta mesma coletânea no artigo “Giovani e santità: misura alta e vita quotidiana” informa que a santidade deve ser pensada, não como um atributo, e sim como um caminho, ressaltando

¹⁸⁶ Tradução livre: “... uma coisa abstrata, genérica quase contrária a humanidade. Não, não é contrária, para mim é uma realidade complementar a humanidade, é uma coisa que completa a humanidade que é humanidade plena.

¹⁸⁷ Consultar “Vigília de oração com os jovens - Discurso do Papa Bento XVI” em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110924_vigil-freiburg_po.html Acesso: 20/09/13.

¹⁸⁸ Tradução livre: “... A santidade não consiste em fazer coisas entranhas e excepcionais, mas é viver buscando sempre “alguma coisa divina” presente em cada aspecto da vida comum. Deus não está longe, é na nossa vida todos os dias, ele espera por nós: se somos estudantes no estudo, se trabalharmos em nossa profissão. Ao fazer essas coisas bem, até o final, com uma atitude de serviço, estamos mais perto Dele. Esta é a santidade: busca-lo sempre, em qualquer coisa que façamos, de aprofundar e alimentar a nossa relação pessoal com Deus e autêntico.”

ainda, que há uma pedagogia da santidade, termo este utilizado por João Paulo II em 2001, no Jubileu da Igreja Católica na “Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*” quando este informa que

... os percursos da santidade são pessoais e exigem uma verdadeira e própria *pedagogia da santidade*, capaz de se adaptar ao ritmo dos indivíduos; deverá integrar as riquezas da proposta lançada a todos com as formas tradicionais de ajuda pessoal e de grupo e as formas mais recentes oferecidas pelas associações e movimentos reconhecidos pela Igreja.¹⁸⁹

Esta pedagogia da santidade, principalmente para os jovens, está obviamente ligada aquilo que Danièle Hervieu-Léger (2005b) informa sobre *produção institucional da “descendência de fé”* e a *remodelação da memória católica*, que em nossas pesquisas João Paulo II lançou os frutos e Bento XVI criou as bases. No pontificado deste papa, dois documentos foram elaborados para serem o ponto de partida para esta desta pedagogia. O primeiro deles que citamos acima, foi produzido pela Agenzia Fides, chamado “I giovani e la santità: *“Utopia o possibilità?”*” (2009). Este documento é uma coleção de artigos sobre santidade e juventude e ao final trás uma pesquisa com jovens católicos e de outras religiões com intuito de estudar a fundo o que estes pensam sobre os santos, sua vida e ópera de um posto de vista sociológico. O segundo documento, sob auspícios de Bento XVI foi produzido pelo Pontificio Consiglio per i Laici chamado “Evangelizzare i giovani oggi: Il contributo di Benedetto XVI” (2006).

Destes documentos, principalmente dos artigos “La ‘chiamata’ alla santità giovanile di Papa Benedetto XVI” (AGENZIA FIDES, 2009) e do “Mostrare il Cammino dell’amore vero” (PONTIFICIO CONSIGLIO PER I LAICI, 2006) é que podemos extrair dados do que é solicitado aos jovens neste percurso da santidade.

Este último artigo inicia tratando das dificuldades no mundo contemporâneo de se estabelecer como afirma Bento XVI, uma “... base da formação da pessoa cristã e da transmissão da fé” devido a um

... um obstáculo particularmente insidioso [...] constituído pela presença maciça, na nossa sociedade e cultura, daquele relativismo que, nada reconhecendo como definitivo, deixa sozinho, como última medida, o próprio eu com as suas decisões, e sob a aparência da liberdade torna-se para cada um uma prisão, porque separa uns dos outros, reduzindo cada um a permanecer fechado dentro do seu “Eu. [...] Por conseguinte, é claro que não só devemos procurar superar o relativismo no nosso trabalho de formação das pessoas, mas estamos chamados também a contrastar o seu predomínio

¹⁸⁹ Consultar “Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte_po.html Acesso: 20/09/13.

destruidor na sociedade e na cultura. Por isso, é muito importante que, paralelamente com a palavra da Igreja, haja o testemunho e o compromisso público das famílias cristãs, especialmente para reafirmar a intangibilidade da vida humana desde a sua concepção até ao seu fim natural, o valor único e insubstituível da família fundada no matrimónio e a necessidade de disposições legislativas e administrativas que defendam as famílias na tarefa de gerar e educar os filhos, tarefa essencial para o nosso futuro comum.¹⁹⁰

A questão do relativismo, muito cara a Igreja Católica, foi alvo de inúmeras mensagens destes pontífices. Em setembro de 1998, João Paulo II escreveu a “Carta Encíclica *Fides et Ratio*”, na qual ele discute sobre fé e razão e alerta para os perigos do relativismo, ecletismo, historicismo, pragmatismo, niilismo e etc, informando que “... um dos dados mais salientes da nossa situação atual consiste na “crise de sentido””, e que “credenciada pelo fato de ser depositária da revelação de Jesus Cristo, a Igreja deseja reafirmar a necessidade da reflexão sobre a verdade.”¹⁹¹

Essa ‘crise de sentido’ na modernidade, que Hervieu-Léger (2005b) analisou, não deixou também de ser sentida pela Igreja Católica, como demonstra os textos de Bento XVI e João Paulo II. Tais empreendimentos (cartas, mensagens, exortações) podem ser entendidos como uma reafirmação da memória total, no qual a Igreja Católica é levada a reagir contra a ameaça em massa que relativiza seu comando fundado sob o reconhecimento da detenção de um poder exclusivo de controlar a prática da fidelidade de crença e sua observância não apenas aos fiéis, mas também a toda a humanidade. Porém, em um mundo onde prevalecem os direitos da subjetividade individual, a Igreja vê-se obrigada a compensar a perda de autoridade de seu próprio discurso, rotulando-o com um caráter “profético” e de verdade. Mas essa recarga, como aponta Hervieu-Léger (2005b), só funciona até certo ponto em círculos cada vez mais restrito de fiéis. No caso, um dos grupos que a Igreja tem focado com grande afinco são os jovens, fazendo destes, objetos de uma evangelização no sentido de uma normatização de condutas que possam afastá-los do relativismo, instaurando, assim, uma santidade moralizadora, que possa levar a uma santidade instituída e “oficial”.

Por isso, o primeiro passo que Bento XVI propõe na pedagogia da santidade e que também foi enfocado por João Paulo II é o pedido para que os jovens não tenham medo de ir contracorrente e coloquem a humildade acima do orgulho e não escutem

¹⁹⁰ Consultar “Discurso do Papa Bento XVI na abertura do Congresso Eclesial Diocesano na Basílica de São João de Latrão” em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050606_convegno-famiglia_po.html Acesso: 21/09/13.

¹⁹¹ Consultar “Carta Encíclica *Fides et Ratio*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_15101998_fides-et-ratio_po.html Acesso: 23/09/13.

... as vozes interessadas e sedutoras que hoje, de muitas partes, difundem modelos de vida caracterizados pela arrogância e pela violência, pela prepotência e pelo sucesso custe o que custar, pelo aparecer e pelo ter, em detrimento do ser. Sede vigilantes! Sede críticos! Não sigais a onda produzida por esta poderosa acção de persuasão. Prezados amigos, não tenhais medo de preferir os caminhos "alternativos", indicados pelo amor autêntico; um estilo de vida sóbrio e solidário; relacionamentos afectivos sinceros e puros; um compromisso honesto no estudo e no trabalho; e o profundo interesse pelo bem comum. Não tenhais medo de ser diferentes e criticados por aquilo que pode parecer uma derrota ou estar fora de moda...¹⁹²

Esta humildade, segundo Bento XVI, na referida mensagem acima citada, não deve ser vista como renúncia e sim coragem, e que os jovens devem ter a ousadia de seguir Cristo e Maria e alguns santos como exemplaridade, citando como modelos Francisco de Assis, Catarina de Siena, e também

... jovens esplêndidos, como Santa Gema Galgani, São Gabriel dell'Addolorata, São Luís Gonzaga, São Domingos Sávio, Santa Maria Goretti, [...], e nos Beatos Piergiorgio Frassati e Alberto Marvelli. E penso inclusive nos numerosos rapazes e moças que pertencem à plêiade dos Santos "anónimos", mas que para Deus não são anónimos. Para Ele, cada pessoa individualmente é única, com o seu nome e o seu rosto. Todos nós, e vós bem o sabeis, somos chamados a ser santos!

Em outras ocasiões, os papas solicitaram aos jovens que fossem vigilantes com àqueles que praticam a “fruição egoísta do sexo”, ou tentam “silenciar o vazio interior na fuga para o alcoolismo e as drogas”, pedindo ainda cautela com as tentações “do ganho fácil que renuncia ao esforço do trabalho e da solidariedade fraternal”. Para estes “infelizes companheiros”, os jovens devem “oferecer um testemunho límpido de pureza, de castidade, de sacrifício alegre, de espírito de serviço e de caridade cristã.”¹⁹³ Ao passo que é preciso ir contracorrente, nesta pedagogia da santidade também é requerido aos jovens que sejam “profetas de uma nova era na construção de um futuro de esperança e caridade”.¹⁹⁴

Para que isso ocorra, outros caminhos são apontados por Bento XVI no documento “Evangelizzare i giovani oggi: Il contributo di Benedetto XVI” (2006). Dentre eles, Bento XVI chama a atenção para questão missionária, informando que cabe a todos os leigos

¹⁹² Consultar “Visita pastoral do Papa Bento XVI a Loreto por ocasião do Ágora dos jovens italianos” em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070902_loreto_po.html Acesso: 23/09/13.

¹⁹³ Consultar “Discurso do Papa João Paulo II aos jovens no Encontro no Palácio de Esportes da Universidade Federal do Mato Grosso” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1991/october/documents/hf_jp-ii_spe_19911016_giovani_po.html

¹⁹⁴ Consultar “Celebrazione Eucaristica per la XXIII Giornata Mondiale della Gioventù” em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080720_xxiii-wyd_it.html Acesso: 24/09/13.

e principalmente aos jovens o exercício de ser portador dos valores cristãos e de comunicar a todos a alegria da fé como solicitou o “Decreto Conciliar *Ad Gentes*”¹⁹⁵, promulgado por Paulo VI e a “Carta Encíclica *Redemptoris Missio*” de João Paulo II, quando este afirma que “a universal vocação à santidade está estritamente ligada à universal vocação à missão” e que “todo o fiel é chamado à santidade e à missão.”¹⁹⁶ Para tanto, Bento XVI em sua mensagem na XXIII Jornada Mundial da Juventude solicita aos jovens para que não tenham

... medo de ser santos missionários, como São Francisco Xavier, que percorreu o Extremo Oriente para anunciar a Boa Nova até ao extremo das suas forças, ou como Santa Teresa do Menino Jesus, que foi missionária, contudo sem jamais ter deixado o Carmelo: ambos são “Padroeiros das Missões”. Estai prontos a pôr em jogo a vossa vida, para iluminar o mundo com a verdade de Cristo; para responder com amor ao ódio e ao desprezo pela vida; e para proclamar em todos os cantos da terra a esperança de Cristo ressuscitado.¹⁹⁷

Dentre os caminhos para evangelização juvenil, com o intuito de fazer florescer a santidade entre estes, o documento “Evangelizzare i giovani oggi: Il contributo di Benedetto XVI” (2006), ainda aponta a importância do voluntariado que ajuda os jovens a entrar em contato com a caridade, a necessidade de transformar o sofrimento em amor, a importância de ensiná-los a rezar e terem uma educação e formação cristã. Sobre este último tema, Bento XVI despendeu grande esforço numa série de documentos, discursos e atividades como o encontro com alunos das escolas católicas britânicas, no qual ele afirmou que tinha esperança de estar entre os futuros santos do século XXI.¹⁹⁸ Em resumo, o ponto de partida e de chegada nesta pedagogia da santidade trata da ideia de que é preciso santificar para tornar-se santo. Santificar o corpo, as ações cotidianas, o trabalho, estudos, ser acima de tudo um missionário da fé cristã e uma exemplaridade para os demais. É, portanto, requerido aos jovens, através de diversos documentos, discursos e iniciativas que eles sejam virtuosos no sentido que é requerido pela Congregação para as Causas dos Santos.

¹⁹⁵ Consultar “Decreto *Ad Gentessobre a atividade missionária da Igreja*” em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html Acesso: 24/10/13.

¹⁹⁶ Consultar “Carta Encíclica *Redemptoris Missio*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio_po.html Acesso: 24/09/13.

¹⁹⁷ Consultar “Mensagem do Papa Bento XVI para a XXIII Jornada Mundial da Juventude” em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20070720_youth_po.html Acesso: 24/09/13.

¹⁹⁸ Consultar “Encontro do Santo Padre com os alunos das escolas católicas britânicas” em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2010/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20100917_mondo-educ_po.html#ENCONTRO DO SANTO PADRE COM OS ALUNOS DAS ESCOLAS CAT%3DLICAS BRIT%C2NICAS Acesso: 24/09/13.

7.2 O chamado universal a santidade: quem são as exemplaridades juvenis?

Se por um lado temos inúmeros trabalhos que tratam dos santos que fizeram parte de ordens religiosas ou que são leigos, mulheres ou mártires, quando se trata de investigar sobre quem são e qual mensagem o Vaticano quer passar com o aumento na santidade dos jovens, esbarramos em análises escassas e distribuídas em livros em que o tema central não é este. Este fenômeno, a beatificação e canonização de jovens, parece ter sido relegado a importância menor diante de pesquisas que tratavam das mais variadas questões.

Um dos livros que aborda esta temática é o do historiador Joachim Boufflet que publicou em 2005 o livro “*Les Printemps de Dieu: les saints de la génération Jean-Paul II*” e que traz uma análise sociológica sobre santidade e juventude no pontificado de João Paulo II, elencando 72 jovens que nasceram e morreram no século XX, e que já foram ou estão em processo de beatificação e canonização. De acordo com Boufflet, que também é postulador e consultor da Congregação para as Causas dos Santos o pontificado de João Paulo II buscou olhar atentamente para os jovens organizando iniciativas, que vão desde a criação das Jornadas Mundiais da Juventude, como a promoção de beatificações e canonizações. João Paulo II fazia uma alusão a juventude chamando-os de “Primavera da Igreja”, estação esta responsável pela esperança e renovação, creditando a estes jovens o futuro de uma igreja, que sofre como já apontamos, de uma crise de transmissão na descendência da fé. Assim, nada mais estratégico do que dar a estes jovens exemplos de santidade nos quais estes pudessem se espelhar e se identificar.

Se, anteriormente, a maioria dos exemplos de santidade apresentados diziam respeito a figuras míticas que possuíam virtudes sobre-humanas e realizavam feitos e milagres mais que extraordinários, ou se retiravam da vida para viver em contemplação em mosteiros, com os pontificados de João Paulo II e de Bento XVI pudemos observar uma diversificação maior dos candidatos, e dentre estas diversificações estão as santificações juvenis que seguem, por assim dizer, alguns modelos tradicionais de santidade, mais também trazem alguns elementos de novidade.

Cabe ressaltar que a temática da santidade juvenil não surge no pontificado de João Paulo II, já que temos exemplares de santos e beatos nos pontificados precedentes. A exemplo desta discussão, em 1968 na beatificação da jovem italiana Clelia Barbieri, o papa Paulo VI, em sua homilia, aborda a questão da santidade na juventude afirmando que

... sembra a Noi un fenomeno umano ed agiografico degno del più grande interesse, per la sua precocità (non è una delle curiosità moderne quella dei «fanciulli-prodigio», o dei giovanissimi atleti, o artisti, o scienziati, o eroi, che, superando gli indugi dello sviluppo e i ritmi del tempo, raggiungono in anticipo una pienezza naturale sbalorditiva?); e sembra un fenomeno mirabile per la ricchezza di doni soprannaturali, che l'acerbità stessa dell'età mette in evidenza. Chi non ricorda, ad esempio (e restiamo nel giardino femminile), l'elogio di S. Ambrogio per Agnese, la giovinetta vergine e martire da lui magnificata: «Ella, come si narra, aveva dodici anni quando subì il martirio» (*Haec duodecim annorum martyrium fecisse traditur - De virgin. 1, 7*). [...] Ma ora ci basta fermare lo sguardo sulla nostra Beata, traendo conferma dalla brevità stessa del suo passaggio nel tempo che la santità, anche quella meritevole del suffragio ufficiale della Chiesa, è possibile alla gioventù; ed inoltre, a tutto ben considerare, quando i carismi della grazia e l'intelligenza del Vangelo le siano assicurati, potremmo dire che meglio si addice la perfezione cristiana alla giovane età che non ad altro periodo dell'umana esistenza.¹⁹⁹

Nesta homilia do papa Paulo VI fica clara a importância dada a questão da santidade juvenil, não apenas em termos humanos, como também hagiográfico devido a precocidade na manifestação da santidade. A santidade na Igreja Católica parece não haver limite de idade, tendo em vista a grande quantidade de crianças e até bebês que foram considerados mártires. No já citado documento, da Agenzia Fides (2009) “La ‘chiamata’ alla santità giovanile di Papa Benedetto XVI”, há uma discussão sobre a questão da idade *versus* santidade que informa que

l'esperienza della Congregazione delle Cause dei Santi dice anche che la santità non conosce limiti di età. Ogni persona, che raggiunge l'uso della ragione, può percepire questa universale chiamata alla santità. Il 13 maggio 2000 sono stati beatificati Francesco e Giacinta Marto, i veggenti di Fatima. Ci sono altre Cause di adolescenti: il 19 aprile 2004 è stata dichiarata l'eroicità delle virtù di Maria Pilar Cimadevilla y López-Dóriga morta a dieci anni a Madrid nel 1962, mentre anche per Maria Carmen González

¹⁹⁹ Tradução livre: “... Parece-nos um fenômeno humano e hagiográfico digno do maior interesse, por sua precocidade (é uma das curiosidades modernas aquela da «criança-prodígio» ou dos juveníssimos atletas ou artistas ou cientistas, ou heróis, que, superando o atraso do desenvolvimento e os ritmos do tempo, atingem com antecedência natural deslumbrante?) e parece ser um fenômeno maravilhoso para a riqueza de dons sobrenaturais, que a aspereza desta idade coloca em evidência. Quem não se lembra, por exemplo (e vamos ficar no jardim do sexo feminino), do louvor de S. Ambrose para Agnese, a garota virgem e mártir: “Ela, como se narra, tinha doze anos de idade, quando foi submetida ao martírio” (*Haec duodecim annorum martyrium fecisse traditur - De Virgin 1, 7*). [...] Mas agora nos basta simplesmente parar nosso olhar sobre nossa beata, tendo a confirmação da brevidade da sua passagem através do tempo, que a santidade, mesmo aquela anterior ao sufrágio oficial da igreja, é possível para a juventude, e é bom considerá-lo, quando os dons da graça e inteligência do Evangelho são segurados, poderíamos dizer que são mais adequados a perfeição cristã na idade jovem do que outro período da existência humana.” Consultar “Solenne Beatificazione di Clelia Barbieri - Omelia di Paolo VI” em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1968/documents/hf_p-vi_hom_19681027_it.html Acesso: 01/10/13. Nesta mesma homilia Paulo VI cita ainda como exemplos de santidade juvenil a italiana Ismelda Lambertini (13 anos) beatificada por 1826 no pontificado de Leão XII e proclamada Patrona das Primeiras Comunhões em 1910 pelo Papa São Pio X, a francesa Joana D’ Arc (19 anos) beatificada em 1909 por Pio X e canonizada em 1920 por Bento XV a italiana Tereza de Lisieux beatificada em 1923 e canonizada em dois anos depois pelo papa Pio XI.

Valerio — nove anni — e Antonietta Meo detta “Nennolina” — sei anni e dieci mesi — si sono registrati alcuni passi avanti nella procedura canonica (AGENZIA FIDES, 2009, p. 11).²⁰⁰

Embora haja alguns exemplares de beatos e santos jovens anteriores a João Paulo II, como citamos anteriormente é preciso ressaltar que beatificar e canonizar ressaltando primeiramente a condição juvenil, seguida das virtudes ou martírio, é algo relativamente novo e intimamente ligado a um processo maior na Igreja, que busca uma maior “democratização da santidade” nos diversos estados de vida. Com isso, não queremos dizer que não houve santos e beatos jovens antes do Concílio Vaticano II. Pelo contrário, já demonstramos alguns exemplos de santidade juvenil advindas de pontífices anteriores a João Paulo e ao próprio Vaticano II. Porém, grande parte destas beatificações e canonizações fizeram parte de um processo de busca de uma maior universalidade do santo e de sua mensagem. Uma das formas de tornar determinados santos mais “universais” reside em recursos pós-santificação, ou seja, designando-os de Patrono²⁰¹, Doutor da Igreja²⁰² e mais recentemente como Intercessor (a

²⁰⁰ Tradução livre: “A experiência da Congregação para as Causas dos Santos também diz que a santidade não tem limites de idade. Cada pessoa que chega à idade da razão, pode perceber este chamado universal à santidade. Em 13 de maio de 2000 foram beatificados Francisco e Jacinta Marto, os videntes de Fátima. Existem outras causas de adolescentes: 19 de abril de 2004 foi declarado as virtudes heroicas de Maria Pilar López y Cimadevilla-Dóriga morta aos dez anos em Madrid em 1962, e também Maria Carmen González Valerio – nove anos – e Antonietta Meo chamado de “Nennolina” - seis anos e 10 meses -são alguns avanços no procedimento canônico.”

²⁰¹ André Vauchez (1989) no seu artigo intitulado “O Santo” observa que desde os primeiros séculos do cristianismo a ideia de um patronato especial exercido pelo povo de Deus no local onde se encontravam as suas relíquias tinha obtido grande sucesso. Assim, a partir do século XII, o desejo de arranjar um patrono aumentou, entendendo-se às comunidades profanas, cidades pequenas e modestas, até chegar as confrarias que desejavam também ter um santo patrono próprio (VAUCHEZ, 1989, p. 228). Atualmente a patronagem é amplamente empreendida pelo Vaticano. Contudo, nossa pesquisa no site do Vaticano não obteve resultado sobre as regras e procedimentos para tornar um santo patrono. Sabemos apenas que a Congregação para a Doutrina da Fé é responsável pelos pedidos de *nihil obstat* (nada impede) para as várias nomeações e honrarias. Por outro lado pesquisando no site “Presbíteros: um site de referência católica para o clero católico” (<http://www.presbiteros.com.br/site/campanha-cura-dars/> Acesso: 01/07/13), encontramos uma campanha que traz uma petição para que São João Maria Vianney seja considerado patrono dos sacerdotes. Acreditamos, portanto que o pedido para Patronato de um santo, pode ser tanto solicitado pela comunidade eclesial e fieis como designado pela Santa Sé como é o caso dos patronos das Jornadas Mundiais da Juventude. Portanto, há inúmeras atribuições que podem ser dadas aos patronos e que podem ampliar a sua fama de santidade, como os exemplos a seguir: Patrono dos negros (São Benedito), da Ecologia (São Francisco de Assis), da Juventude Católica (São Luís Gonzaga), dos Trabalhadores (São José) da televisão (Santa Clara), da internet (São Isidoro), etc. Para o caso dos leigos temos como Patrono da “justiça social” o peruano São Martinho dos Porres (1579-1639).

²⁰² Os Doutores da Igreja são aqueles aos quais seus pensamentos, pregações, escritos enalteceram as doutrinas cristãs. A única leiga Doutora da Igreja é a italiana Catarina de Siena (1347-1380). Novamente não achamos regras claras no site do Vaticano sobre esta honraria. Contudo na “Carta Apostólica São João de Ávila, sacerdote diocesano é proclamado Doutor da Igreja Universal” é possível observar algumas regras e procedimentos, embora a falta de dados nos impeça de fazer uma generalização que afirme ser este o procedimento oficial para tornar um santo Doutor da Igreja. Os passos foram os seguintes: (1970) o cardeal Benjamín de Arriba y Castro, arcebispo de Tarragona, na XII Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola pediu à Santa Sé que o declarasse Doutor da Igreja Universal. Este pedido foi novamente feito por ocasião do 25º aniversário da sua Canonização (1995) e do V centenário do seu nascimento (1999). A

exemplo dos escolhidos nas Jornadas Mundiais da Juventude – JMJ/2013 no Brasil).²⁰³ Tanto que diversos santos que são designados como modelos de santidade juvenil no documento “I giovani e la santità: “*Utopia o possibilità?*” (2009) ou são mártires lembrados por sua fé e heroísmo, ou se tornam patronos da juventude, estudantes, coroinhas, após sua canonização.²⁰⁴

Portanto, é preciso salientar que os modelos de santidade juvenil, que enfocaremos aqui não são estanques, são *tipos ideais*, que podem cumprir seu efeito de causar mimetismo a determinados grupos (no caso os leigos jovens) e que foram anteriormente construídos pelo Vaticano através da *Positio*, como também a revelia da Santa Sé, ser abraçado pela comunidade eclesial. Esta “ultrapassagem” pode numa busca de universalidade ser calculada pelo Vaticano já na construção da *Positio*, como também, através de outros métodos pós-santificação como informamos anteriormente.

A exemplo, podemos citar a própria Chiara Luce que é bastante cultuada pela juventude, mais que também tem grande adesão entre clérigos e religiosos. O contrário também pode ocorrer, e geralmente ocorre, ou seja, um santo religioso ser modelo de

Congregação para a Doutrina da Fé por sua vez começou o “*Estudo recapitulativo sobre a doutrina eminente reconhecida nas obras de São João de Ávila*”, concluindo-o de modo afirmativo. Em 2003 inúmeros cardeais, arcebispos, bispos, presidentes de Conferências Episcopais, Superiores-Gerais de Institutos de vida consagrada, Responsáveis de Associações e Movimentos eclesiais, Universidades e outras instituições, uniram-se à súplica da Conferência Episcopal Espanhola através de Cartas Postulatórias, que manifestavam ao Papa João Paulo II o interesse e a oportunidade do título de Doutor a São João de Ávila. O próximo passo foi restituir o processo à Congregação para as Causas dos Santos nomear um relator para esta Causa, e elaborar a correspondente *Positio*. Após a conclusão deste trabalho, o Presidente e o Secretário da Conferência Episcopal Espanhola, juntamente com o Presidente da Junta *Pró-Doutorado* e com a Postuladora da Causa assinaram, a 10 de Dezembro de 2009, a Súplica definitiva (*Supplex libellus*) do título de Doutor para o Mestre João de Ávila. Em 18 de Dezembro de 2010 realizou-se o Congresso Peculiar dos Consultores Teólogos da mencionada Congregação, relativo ao título de Doutor ao Santo Mestre. Os votos foram afirmativos. A 3 de Maio de 2011, a Sessão Plenária de Cardeais e Bispos membros da Congregação decidiu, com voto unanimemente afirmativo, propor-nos a declaração de São João de Ávila, se assim o desejássemos, como Doutor da Igreja Universal. Desta forma, em 7 de Outubro de 2012 Bento XVI declarou de São João de Ávila Doutor da Igreja Universal. Consultar http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_giovanni-avila_po.html Acesso: 01/07/13.

²⁰³ São eles os Intercessores das JMJ/2013 Santa Rosa de Lima (Peru), Beato Pier Giorgio Frassati (Itália), Beata Chiara Luce Badano (Itália), Beato Frederico Ozanam (Itália), Beato Adílio Daronch (Brasil), Santa Teresa de los Andes (Chile), Beato José de Anchieta (Espanha), Beato Isidoro Bakanja (África), Beata Irmã Dulce (Brasil), São Jorge, Beata Laura Vicuña (Chile), Santo André Kime seus companheiros (Coreia), Beata Albertina Berkenbrock (Brasil). Assim, fazer de um santo ou beato Intercessor numa Jornada Mundial da Juventude ajuda a tornar a sua exemplaridade mais evidente e mundializada já que fieis de outros países terão acesso a sua mensagem durante um evento mundial da Igreja Católica.

²⁰⁴ Alguns desses jovens foram santificados e somente após isto foram proclamados Patronos da Juventude e afins. Como exemplos podem citar: São Luís Gonzaga (canonizados em 1729/Declarado Patrono da Juventude em 1926. Consultar: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/apost_letters/documents/hf_p-xi_apl_19260613_singulari-illud_it.html Acesso: 04/10/13), São Tarcísio (mártire morto em 257 d.C/ declarado Patrono dos Coroinhas em 1800 e em 1900 Patrono dos Aspirantes Menores da Juventude Italiana da Ação Católica), São Gabriel de Nossa Senhora das Dores (canonizado por Bento XV (1920), declarado Co-Padroeiro da Juventude Católica Italiana (1926) e Padroeiro da Juventude Passionista.

santidade para os fiéis leigos. Peguemos como exemplo a jovem chilena de 20 anos, Santa Teresa de Jesus dos Andes (1900-1920) que foi monja carmelita sendo beatificada e canonizada por João Paulo II.

Indagamos, então, qual exemplaridade Santa Teresa de Jesus dos Andes pode propor ao conjunto de fiéis leigos e jovens, que vivem no mundo e que mime-se uma monja de clausura pode oferecer àqueles que não fazem parte do status religioso da Igreja? Esta questão vai depender de como sua santidade foi construída.

Ela poderia, sem dúvida, ser mais uma santa que é cultuada apenas dentro dos muros do monastério de sua ordem religiosa. Mas na construção da santidade de Santa Teresa de Jesus dos Andes (1900-1920) houve determinadas características que foram ressaltadas, que a fez se tornar um modelo de santidade não apenas para os religiosos, como também, para determinados fiéis – leigos e jovens. Ou seja, não basta apenas ser jovem para torna-se exemplaridade para estes. Nossa ideia ficará mais clara quando apresentarmos a biografia escrita pelo Vaticano sobre Santa Teresa de Jesus dos Andes. A biografia sobre sua canonização ressalta que

A jovem que hoje a Igreja glorifica com o título de Santa é um profeta de Deus para os homens e mulheres do nosso tempo. [...] Tinha intuído, havia muito, que morreria jovem. Melhor, o Senhor tinha-lho revelado, como comunicou ao confessor um mês antes da sua partida para Ele. [...] Assumiu este anúncio com alegria, serenidade e confiança, certa de que na eternidade continuaria a sua missão de fazer conhecer e amar a Deus. [...] Mas, que fez ela de importante? Para tal pergunta, uma resposta igualmente desconcertante: viver, crer, amar. [...] Assim, aos 15 anos fez voto de virgindade por nove dias, que renovou depois continuamente. A santidade da sua vida resplandeceu nos actos ordinários de cada dia em qualquer ambiente onde viveu: a família, o colégio, as amigas, os vizinhos com quem passava parte das suas férias e a quem, com zelo apostólico, catequizou e ajudou. [...] Jovial, alegre, simpática, atraente, desportista, comunicativa. Adolescente ainda, alcançou perfeito equilíbrio psicológico e espiritual, como fruto de ascese e oração. A serenidade do seu rosto era o reflexo do Deus que nela vivia (Grifos nosso).²⁰⁵

Desta breve biografia de Santa Teresa de Jesus dos Andes podemos ressaltar que sua santidade profética serve para homens e mulheres, que sua morte foi recebida com serenidade e alegria, evidenciando que devemos aceitar os desígnios de Deus, que sua missão foi amar a Deus, enfocado o mandamento de “Amar a Deus sobre todas as coisas”. Sobressai ainda, a premissa da santidade que resplandece nos atos ordinários e que esta santidade começa a se delinear já na adolescência através da ascese e oração, convidando os jovens a se santificar

²⁰⁵ Consultar: “Biografia de Teresa de Jesus dos Andes” em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_19930321_teresa-de-jesus_po.html Acesso: 26/06/13.

diariamente nos atos cotidianos. Tanto que, de monja carmelita de clausura Santa Teresa de Jesus dos Andes, foi também oferecida como modelo de santidade juvenil, sendo uma das Intercessoras das Jornadas Mundiais da Juventude ocorrida em Julho de 2013 no Brasil.

Portanto, é preciso deixar claro o fato de que a santidade pode ser moldada de acordo com premissas que tratam da universalidade, da particularidade, etc, ou como método eficaz de evangelização das Igrejas locais como veremos adiante. Assim, torna-se evidente, ressaltarmos o caráter não dócil da santidade, já que por ser uma construção coletiva que envolve os mais diversos atores, seus efeitos, adesões e ressignificações acompanham o devir histórico. Para tanto, e aqui é um bom momento para se ressaltar, que os modelos de santidade não devem ser pensados de forma evolucionista, no qual um modelo cessa e outro surge. O que vemos, portanto, são atualizações de modelos pré-existentes que se misturam a outros ou reaparecem através dos tempos, a exemplo, podemos observar no modelo de santidade que perfaz a Idade Moderna (XVI – XVII). Este período conhecido pela Reforma Protestante, Concílio de Trento e Contra Reforma, trouxe de volta ao ideário os modelos das três primeiras eras cristãs (mártires). Novamente, os séculos XIX e XX podem ser considerados o século dos mártires.

Dentre os santos jovens anteriores a João Paulo II, que tem grande destaque na Igreja, estão Santa Tereza de Lisieux, Santa Maria Goretti e Santo Domingos Sávio. Estes santos servirão como uma bússola de orientação da santidade para os subsequentes santos, onde sua santidade será construída numa aproximação destes três (numa busca da universalidade) ou irão se afastar ou acrescentar novos dados a este modelo plural de santidade juvenil (numa busca da particularidade de cada santo ou beato).

Teresa de Lisieux ou Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, nasceu na França em 1873. Seus pais, quando jovens, tinham planos de servir a Deus, contudo, devido a circunstâncias especiais, se casaram com a promessa de sua mãe, Zelia Guerin, que cumpriria seu papel de genitora terrena, mas que suas filhas trilhariam o caminho da fé. Deste casamento nasceram nove filhos, e dos filhos que chegaram a vida adulta, as cinco mulheres se tornaram freiras carmelitas, e dentre estas uma foi canonizada - Tereza de Lisieux. Após todas as irmãs entrarem no convento, tendo 15 anos, conseguiu permissão para entrar no Carmelo, em Lisieux, permissão concedida de forma especial pelo papa Leão XIII (1878-1903), dada a sua pouca idade. No seu último ano de vida, já bastante debilitada pela tuberculose, sua irmã Paulina (madre Inês), que era monja no mesmo Carmelo, começou a organizar os escritos de Teresa, que morre aos 24 anos em 1897. Um ano após sua morte,

Paulina lança o livro “História de uma alma”, um manuscrito que retratava seus valores evangélicos.

De uma forma ou de outra, os papas consecutivos a Leão XIII do século XX, foram tocados pela vida de Teresa. Segundo Giovanni Ricciardi (2003), em seu artigo para o periódico católico “*30 Giorni*”, a primeira intuição da excepcionalidade de Teresa deve-se, sem dúvida, a Pio X (1903-1914), que a considerou “a maior santa dos tempos modernos”, após ter lido o livro “História de uma alma”, dez anos após a morte de Teresa. Em consequência disto, Pio X não hesitou em acelerar a introdução da causa de beatificação, que data de 1914 e foi um dos últimos atos do seu pontificado. O sucessor de Pio X, Bento XV (1914-1922) acelerou a causa e em 1921 proclamou o decreto sobre as heroicidades das virtudes. Pela primeira vez, um papa usou a expressão “infância espiritual” para se referir à “doutrina” de Teresa, termo este é a tônica do livro “História de uma alma”.

É, portanto, no pontificado de Pio XI, que se dá a beatificação em 1923 de Teresa de Lisieux, e em 1927 dois anos após, o mesmo papa a canoniza. Em 1927, Pio XI ainda a nomeia, juntamente com São Francisco Xavier, padroeiros universais das missões católicas. Com base na questão da “infância espiritual”, que faz referência ao “Evangelho de Mateus”, quando este afirma que “se vocês não se tornarem como crianças, não entrarão no reino dos céus” é que a santidade de Teresa de Lisieux foi construída, ou seja, em Teresa, os papas viram, baseados no livro organizado por sua irmã Paulina, a ideia de que o cristão deve buscar a consciência plena do *nada* que é, e abandonar-se como as crianças nos braços do Pai. Esta ideia de infância espiritual foi, portanto, a tônica da homilia de canonização de Tereza de Lisieux²⁰⁶ e somada a esta questão, outra virtude foi bastante anunciada: o fato de não haver nela nada de extraordinário, senão um irrestrito amor a Deus, que pode ser demonstrado por gestos ou atos triviais, corriqueiros, ordinários, marcados pela obediência e humildade.²⁰⁷

²⁰⁶ Consultar “Homilia de Canonização de Santa Teresa Do Menino Jesus” em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/homilies/documents/hf_p-xi_hom_19250517_benedictus-deus_it.html Acesso: 03/10/13.

²⁰⁷ Mais recentemente, em 2012, Gianni Gennari, profundo conhecedor da santa francesa, publicou o livro “*Teresa di Lisieux, il fascino della santità. I segreti di una “dottrina” ritrovata*” dedicado ao papa Bento XVI, no qual ele afirma que nos escritos originais de Teresa, a santa nunca usou a expressão “infância espiritual” e, embora tenha citado diversos textos da Bíblia, não havia citado São Mateus. A polêmica envolve sua irmã Paulina organizadora da publicação “História de uma Alma” que segundo o autor teria induzido ao erro os papas construindo uma Teresa que não correspondia com seus escritos originais tardiamente publicados. Na polêmica não é questionada a santidade de Teresa mais o fato de que madre Paulina teria manipulado em texto e até diminuído a espiritualidade de Teresa. Esta premissa que não foca na questão da “infância espiritual” de Teresa já haviam sido levantadas no pontificado de Pio XI o que fez este papa e o papa Pio XII reagirem negativamente a proposta de nomeação de Teresa como Doutora da Igreja. Consultar polêmica em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515378-a-verdadeira-teresa-de-lisieux-e-as-cartas-manipuladas> Acesso: 03/10/13. Estes dados servem para reafirmarmos a ideia que a santidade é uma construção coletiva e subjetiva

Os papas subsequentes a Pio XI também retornaram aos ensinamentos de Santa Teresa de Lisieux, e em 1997, já no pontificado de João Paulo II, esta santa foi proclamada Doutora da Igreja universal.²⁰⁸ Portanto, o modelo de santidade de Teresa de Lisieux recai sobre sua maturidade espiritual em tenra idade, que se manifesta nas ações cotidianas e no na aceitação do sofrimento e no amor incondicional a Jesus. Por diversas vezes os papas João Paulo II e Bento XVI, em suas homilias, exortações e mensagens vão se referir a Teresa como um modelo ao qual os jovens devem mirar.

A outra santa, bastante difundida pela Igreja como exemplo para juventude, é Maria Goretti. Nasceu em Ancona (Itália) em 1880, filha de Luigi Goretti e Assunta Carlini, terceira de sete filhos de uma família pobre. Os pais emigram para Lazio (Itália) e foram morar e trabalhar na fazenda do Conde Mazzolen. Com a morte do pai, a mãe de Goretti passa a trabalhar cada vez mais no campo para sustentar a família. Goretti, por sua vez, fica em casa cuidando dos irmãos e dos afazeres domésticos, até que um dia um dos moradores da fazenda chamado Alessandro tenta estuprá-la. Goretti resiste bravamente afirmando que aquilo era pecado. Alessandro inconformado disfare inúmeras facadas na menina. No leito de morte, o padre que realiza sua última comunhão pergunta se ela já havia perdoado Alessandro. Ela responde que sim e que quer vê-lo também no paraíso, morrendo com 12 anos de idade. Preso, Alessandro se converte, perde perdão a Deus e a família pelo crime e é aceito como terciário e porteiro na ordem terceira de São Francisco.

Em 1935, quando a causa de canonização de Maria Goretti foi aberta, Alessandro foi convocado como testemunha do processo. Em 1947, o papa Pio XII beatifica²⁰⁹ Maria Goretti, em Roma, afirmando que ela é fruto da família cristã, comparando-a a outras mártires da

que envolve diversos atores sociais. O fato é que a Igreja reagiu de forma positiva à polêmica e acolheu a ideia de uma revisão da doutrina de Teresa feita por Gianni Gennari em seu livro, tendo em vista, que o *L'Osservatore Romano*, periódico mensal do Vaticano fez uma resenha sobre o livro intitulando o artigo de “Os segredos de uma doutrina reencontrada.” Consultar:

<http://www.osservatoreromano.va/portal/dt?JSPTabContainer.setSelected=JSPTabContainer%2FDetail&last=false&path=/news/cultura/2013/130q13-In-un-volume-di-Gianni-Gennari-la-guida-all.html&title=Os%20segredos%20de%20uma%20doutrina%20reencontrada&locale=pt> Acesso: 03/10/13. Em 2013 nas Jornadas Mundiais da Juventude no Rio de Janeiro que contaram com as relíquias de Santa Teresa, o papa Francisco portava o livro de Gianni Gennari.

²⁰⁸ Consultar “Carta Apostólica «*Divini Amoris Scientia*» de Sua Santidade Papa João Paulo II -*Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face é proclamada Doutora da Igreja*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_19101997_divini-amoris_po.html Acesso: 03/10/13.

²⁰⁹ Consultar Homilia de beatificação de Maria Goretti em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/speeches/1947/documents/hf_p-xii_spe_19470428_beata-maria-goretti_it.html Acesso: 04/10/13.

castidade e pureza como Santa Agnes.²¹⁰ Três anos após sua beatificação, Goretti foi canonizada pelo mesmo papa em 1950.²¹¹ A santificação de Maria Goretti pode ser considerada um marco na contemporaneidade. A celebração teve que ser realizada do lado de fora da Basílica de São Pedro no Vaticano, devido a imensa participação de fiéis, contando ainda com a presença de sua mãe e de Alessandro. Esta santa não será apenas um marco por sua grande fama de santidade na Igreja Católica, mas porque ela é a representação moderna de dois modelos bastante antigos e considerados sublimes para Igreja Católica, ou seja, ela é mártir, e seu martírio acontece na defesa de determinada virtude cristã: a virgindade e castidade, tanto que ela é considerada a Santa Agnes (Santa Inês) moderna. Ela será, portanto, lembrada pela pureza, castidade e pela escolha do martírio, sendo considerada em muitas das Jornadas Mundiais da Juventude modelo e intercessora.

Domingos Sávio, por sua vez, é filho de Carlos Sávio e Brígida Agagliate e nasceu em Riva (Itália) em 1842. Foi admitido à Primeira Comunhão, aos sete anos, quando na época a idade mínima para tal era 12 anos. Já na escola Domingos Sávio leva um vida de oração e obediência. Era aluno salesiano e teve como professor e orientador espiritual, João Bosco, que a Igreja declarou santo em 1934. Em 1856, o estudante Domingos Sávio fundou com os amigos a “Companhia da Imaculada”, inspirado na proclamação em 1954 do dogma da Imaculada Conceição. Segundo biógrafos de Domingos Sávio, este jovem tinha dois sonhos: torna-se sacerdote e ser santo. O primeiro sonho não pode realizar devido a sua doença e morte precoce em 1857. Foi beatificado em 1950 e canonizado²¹² quatro anos depois pelo papa Pio XII. Domingos Sávio, é portanto, o santo confessor mais jovem da Igreja Católica, tendo apenas 15 anos quando morreu. Domingos Sávio é fruto da espiritualidade salesiana, chegando a ser considerado – modelo de espiritualidade festiva juvenil –, já que Dom Bosco lhe proibiu penitências e afirmou que o caminho da santificação salesiana, é resultado de uma espiritualidade alegre. Em vez de fazer penitências, Dom Bosco solicitou a Domingo Savio a dedicação de fazer o bem a seus colegas.

²¹⁰ Santa Inês ou Santa Agnes nasce em Roma em 281a.C. Segundo Monique Augras (2005, p. 157) quando Inês tinha 13 anos inspirou uma paixão violenta pelo prefeito de Roma. Contudo Inês não almejava casar já que sua intenção era consagrar sua virgindade a Jesus. Por sua recusa Inês é finalmente degolada em praça pública.

²¹¹ Consultar “Discurso di Sua Santità Pio XII ai fedeli convenuti a Roma per la Canonizzazione di Santa Maria Goretti” em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/speeches/1950/documents/hf_p-xii_spe_19500624_santa-maria-goretti_it.html Acesso: 26/09/13.

²¹² Consultar “Homilia de Beatificação de Domingos Sávio” em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/speeches/1954/documents/hf_p-xii_spe_19540612_canonizzazione_it.html Acesso: 04/10/13.

Após esta síntese sobre os três principais modelos de santidade juvenil anteriores a João Paulo II, e que inspirarão o caminho de alguns dos santos e beatos posteriores, mostraremos a seguir os dados referentes a João Paulo e Bento XVI.

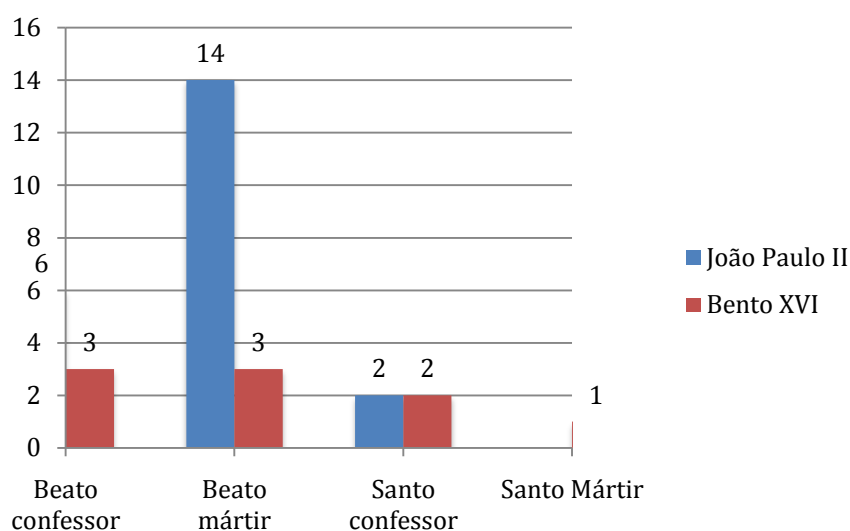
7.3 Dados gerais sobre beatos e santos jovens nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI

Como informamos na parte metodológica desta tese, decidimos considerar a faixa etária entre 12 e 30 anos como jovens. Em nossas pesquisas, chegamos aos seguintes dados: Houve 20 beatificações e 2 canonizações de jovens no pontificado de João Paulo, e 6 beatificações e três canonizações no pontificado de Bento XVI.²¹³ É preciso salientar que os dois papas beatificaram e canonizaram muito mais do que os 31 indivíduos listados aqui, chegando em nossa pesquisa a número total de 71 pessoas. Contudo, boa parte destes beatos e santos jovens fazem parte de cerimônias coletivas de martírio, nos quais o máximo que se fala deles é local de nascimento e morte, ou seja, não há nenhuma informação, seja no martirológio ou em homilias, mensagens, etc, subsequentes que liguem tais indivíduos a modelos de santidade juvenil, ou seja, o que se sobressai é martírio em si como modelo. Do mesmo modo, alguns confessores jovens também não foram incluídos nesta lista sob o mesmo pretexto – os documentos disponibilizados pelo vaticano ressaltam diversas questões, mais não fazem referência ao fato destes serem jovens, ou deles serem exemplaridade juvenil ou modelo para estes –. Além das beatificações e canonizações, há ainda um número relativamente alto daqueles jovens que estão em via de serem beatificados, ou seja, que são servos de Deus e veneráveis. Para estes, torna-se ainda mais complexa a quantificação já que a Congregação para as Causas dos Santos não os listam em seu site. O conhecimento destes advém de páginas diversas em sítios da internet e em alguns livros sobre santidade juvenil que temos conhecimento.

²¹³ Duas questões devem ser salientadas sobre este total. A primeira é que o número de beatos pode ser maior devido à incipiente catalogação dos dados de Bento XVI. A outra questão é que, quatro indivíduos foram beatificados e canonizados no período dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI. Teresa de Jesus dos Andes foi beatificada e canonizada por João Paulo II e Rafael Arnáiz Barón, Kateri Tekakwitha, Pedro Calungsod foram beatificados por este papa e canonizados por Bento XVI. Foram portanto, 26 beatificações e 5 canonizações no total de 27 indivíduos nos dois pontificados.

O primeiro dado que destacamos é que o subgrupo santidade juvenil segue a tendência geral na qual, os mártires possuem o maior percentual. Dos 31 indivíduos beatos e santos jovens nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI a maioria deles é mártir num total de 18 indivíduos, enquanto que os confessores totalizam 13.

Gráfico 11: Confessores e mártires jovens (1978-2013)

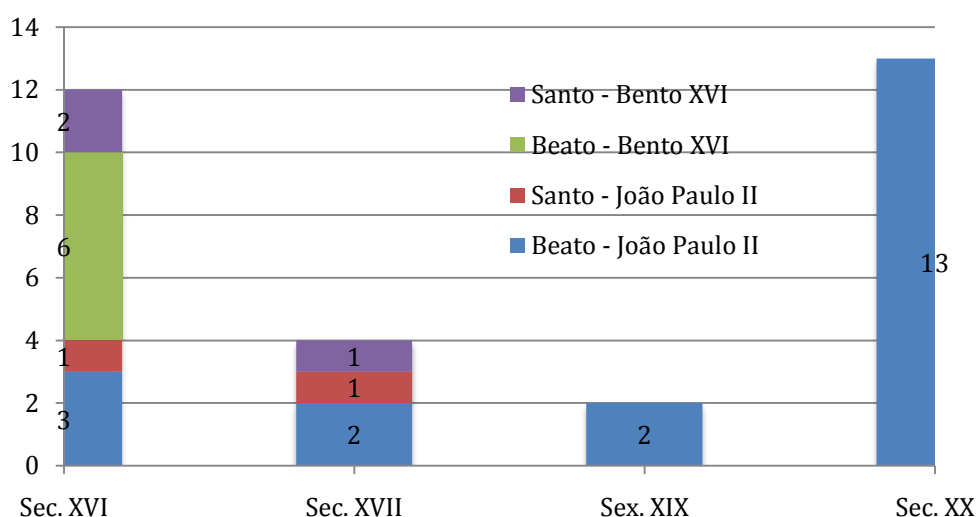


Por outro lado, confirma-se a tendência geral na qual a maioria dos santos e beatos advém da Europa. São 14 no total, 12 beatos e dois santos. Novamente, a geografia da santidade, e neste caso a juvenil, parte da Itália, com um total de 5 beatos e um santo em João Paulo II e 2 beatos e um santo em Bento XVI. A América, por sua vez possui 10 beatificações e 2 canonizações, a África quatro beatos e Ásia um beato e um santo.

Grande parte destes santos e beatos jovens viveram no século XX. Este dado aponta alguns fatores: O primeiro deles é que houve por parte da comunidade católica uma preocupação maior com a questão da evangelização da juventude, que ganha força no final do século XIX e começo do XX. Os jovens passaram a ser percebidos como modelos de santidade tendo como ponto impulsionador as diretrizes do Concílio Vaticano II, quando este aborda positivamente os leigos e chamamento universal à santidade nos diversos estados de vida. Em decorrência, os fieis católicos passaram a ver nos outros, e no caso os jovens,

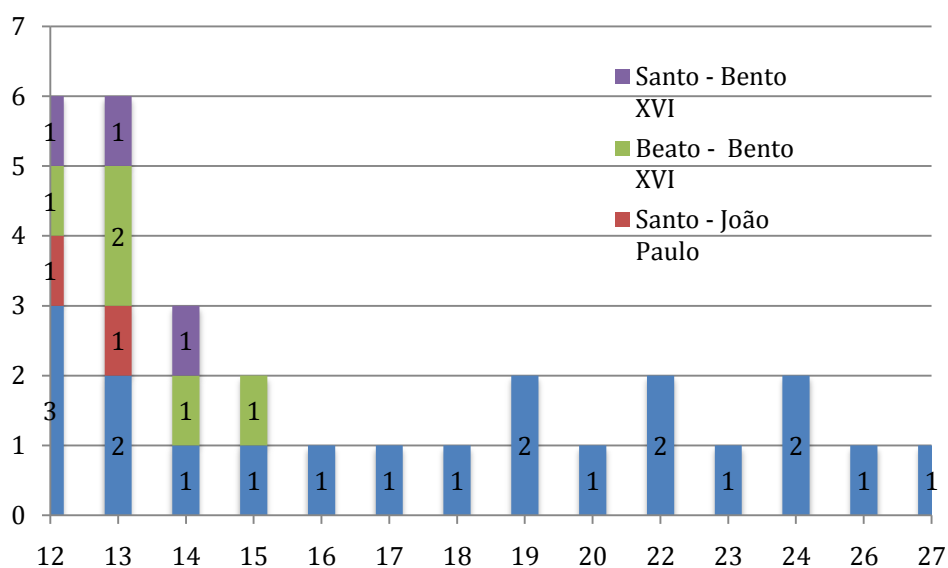
exemplos de santidade, organizando assim, o primeiro momento de qualquer santificação, ou seja, um movimento de delegar a alguém uma *fama sanctitas*. Os bispos, por sua vez, os primeiros na cadeia institucional da canonização, já que eles que dão início formal aos processos, começaram a abrir as causas de forma mais segura, tendo em vista toda uma orientação para colher casos de santidade entre os leigos como aponta diversos documentos, como a “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*.” Por fim, tornou-se evidente para o Vaticano que era preciso dar aos jovens exemplos de santidade nos quais eles pudessem se inspirar, e uma das formas, é que haja uma continuidade entre a *fama sanctitas* e a beatificação ou canonização deste servo de Deus. Para tanto, como mostra o gráfico abaixo, dos 31 beatos e santos jovens, 21 (67,74%) deles viveram no século XX. São portanto são 13 beatos e um santo em João Paulo II e seis beatos e um santo em Bento XVI.

Gráfico 12: Século em que viveram os beatos e santos jovens (1978-2013)



Outro dado relativo aos beatos e santos jovens é que a maior parte deles tem a idade de 12, 18 e 19 anos cada, uma dessas faixas etárias com 4 indivíduos.

Gráfico 13: Faixa etária dos beatos e santos jovens (1978-2013)



Os mais novos, de doze anos, três são mártires e uma é confessa, o que informa que apesar da Congregação para as Causas dos Santos afirmar que a santidade não conhece limite de idade, os mártires ainda são o modelo maior para os mais jovens, embora haja nesta Congregação causas em transcurso de confessores com pouquíssima idade como as servas de Deus, Odetinha, brasileira que tem nove anos, ou a italiana de seis anos Antonietta Meo. Estes quatro jovens de 12 anos são todos beatos. Dois dos mártires viveram no século XVI e são mexicanos (Antonio e Giovani). A outra mártir é a brasileira Albertina Berkenbrock, que viveu no século XX. E por fim, a confessa que também viveu no século XX, é a chilena Laura Vicuña.

Os santos, por sua vez, como demonstra o gráfico acima, estão entre a faixa etária entre 18 e 27 anos. São eles: a italiana Clelia Barbieri (23 anos, século XX), a chilena Teresa de Jesus dos Andes (19 anos, século XX), a estadunidense Kateri Tekakwitha (24 anos, século XVII), o filipino Pedro Calungsod (18 anos, século XVII) e o espanhol Rafael Arnáiz Barón (27 anos, século XX). Destes apenas Pedro Calungsod é mártir.

Por fim, nesta parte sobre os dados gerais, resta informar o gênero dos beatos e santos, e o estado de vida destes. São 4 santas, 8 beatas, totalizando 12 mulheres e, com relação aos homens, são 2 santos e 17 beatos totalizando 19 homens. O estado de vida, por sua vez, surpreende já que grande parte dos jovens são leigos, num total de 23 indivíduos. Os outros cinco, fazem parte do estado clerical da igreja sendo todos eles ligados a ordens ou congregações religiosas. Apesar de haver um número maior de leigos, estes são em sua

maioria beatos, já que dos cinco santos dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, três deles são religiosos, Clelia Barbieri, Teresa de Jesus dos Andes e Rafael Arnáiz Barón.

7.4 Modelos de santidade juvenis nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI

7.4.1 A Exemplaridade dos jovens mártires

Levando em consideração o debate que fizemos no anteriormente sobre modelos de santidade como “*tipos ideais*” é que analisaremos alguns beatos e santos jovens. Nesta análise, estaremos atenta ao fato que a santidade é algo polissêmico e, que servindo à evangelização, ela pode ser manipulada de acordo com o contexto histórico. Por mais que estes indivíduos tenham sido beatificados e canonizados, ressaltando o fato destes terem alcançando a santidade em plena juventude, outros fatores também se cruzaram ou foram ressaltados em suas biografias, como gênero, etnia, geografia, como também modelos de santidade amplamente conhecidos, como o martírio, fundadores de ordem, virgens consagradas ou não, etc.

É justamente pelo modelo de santidade juvenil que ocorreu em decorrência da castidade que começaremos nossa análise. Como afirmamos acima, nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI foram canonizadas 4 santas, 8 beatas, totalizando 12 mulheres. Destas 12 mulheres, seis são beatas e chegaram a santidade via martírio em defesa da pureza e castidade. Todas nasceram no século XX e cinco delas são leigas. Apenas Maria Clementina Alfonsina Anuarite Nengapeta, que nasceu no Congo, é religiosa. Começemos, então, a análise deste subgrupo, mártires da castidade, por esta religiosa.

Alfonsina Anuarite Nengapeta nasceu em 29 de dezembro de 1939, e era a quarta das seis filhas do casal Amisi e Isude. Sua família era da etnia Wadubu e não professavam a fé católica. Mais tarde, sua mãe e irmãs se converteram ao catolicismo e Anuarite se sentiu inclinada a torna-se religiosa, o que ocorreu em 1957, entrando na Congregação da Sagrada Família. Em 1959, vestiu o hábito e emitiu os votos definitivos, tomando o nome de Maria Clementina. Por volta de 1960, o Congo era governado por brancos e fervilhava ódio racial. Em 1964, o conflito aumenta e o convento da Congregação da Sagrada Família é invadido. Maria Clementina Alfonsina Anuarite Nengapeta e mais 29 religiosas foram levadas para cidade de Isiro. Na noite do dia 1º de dezembro de 1964, o coronel Olombe tentou seduzi-la, mas como ela se recusou ele a matou com um tiro de fuzil, quando ela tinha 23 anos. Antes de

morrer e elaperoou o agressor e clamou ao Pai para que o perdoasse. Em 1985, João Paulo II a beatificou e na homilia desta celebração, informou que esta religiosa havia meditado sobre os exemplos das virgens mártires e tinha ficado impressionada com o sacrifício de Maria Goretti e dos mártires da Uganda, e que ela, por ter respondido a vocação da virgindade e morrido na castidade se unia

... al lungo corteo di quelle vergini che, dall'epoca romana, all'inizio del primo millennio, avevano dato la loro vita per il Cristo: Blandina, Agata, Lucia, Agnese, Cecilia, Pelagia, Solange . . . Con le vergini martiri che l'hanno preceduta, la beata Anuarite incoraggia coloro che si impegnano alla castità rispondendo alla loro vocazione religiosa.²¹⁴

Por fim, na mesma homilia, João Paulo II definiu Anuarite como modelo de fidelidade para todos os católicos do mundo e para as jovens religiosas, enaltecendo sua castidade, afirmando que ainda que “Anuarite é a Inês do continente africano”. Dois anos após a beatificação de Anuarite, ocorreu em 1987, o Ano dedicado ao Laicato, e nesta comemoração mais três beatificações de mártires da castidade foram realizadas. Em Junho de 1987 em viagem apostólica a Polônia, sua terra natal, João Paulo II beatificou a jovem, mártir da castidade, Carolina Koska, que nasceu em Tamów (Polônia), e foi a quarta de onze filhos de João Kozka e Maria Borzecka. Em 1914, um cossaco russo, sob o pretexto de indagar o caminho que tinham seguido os soldados austríacos, bateu à porta dos Kozkas e, de arma em punho, forçou-a ir até ao bosque vizinho. Pouco depois, alguns rapazes viram Carolina lutando com o cossaco e avisaram a família. Somente um mês após o ocorrido o corpo de Carolina foi encontrado. Na homilia de sua beatificação, João Paulo II afirmou que seu exemplo, vida e morte serve, sobretudo, aos jovens e

parla della grande dignità della donna: della dignità della persona umana. Della dignità del corpo, anche se in questo mondo è soggetto alla morte e corruttibile così come anche il suo giovane corpo è stato sottoposto alla morte dall'assassino, ma questo corpo umano porta in sé il segno dell'immortalità che l'uomo deve raggiungere in Dio eterno e vivo mediante Cristo.²¹⁵

²¹⁴ Tradução livre: “à longa procissão daquelas virgens que, da época romana, tempos romanos, no início do primeiro milênio, deram suas vidas para Cristo: Blandina, Agatha, Lucy, Inês, Cecília, Pelagia, Solange... Com as virgens mártires que a precederam a beata Anuarite encoraja aqueles que se comprometem a castidade respondendo à sua vocação religiosa.” Consultar “Solenne Beatificazione di Maria Clementina Anuarite - Omelia Di Giovanni Paolo II” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1985/documents/hf_jp-ii_hom_19850815_beatificazione-kinshasa_it.html Acesso: 08/10/13.

²¹⁵ Tradução livre: “fala da grande dignidade da mulher: da dignidade da pessoa humana. A dignidade do corpo, embora neste mundo esteja sujeito à morte e corrupção, bem como também seu corpo jovem foi submetido à morte pelo assassino, mas este corpo humano carrega o sinal da imortalidade que o homem deve alcançar e viver para sempre em Deus através de Cristo.” Consultar “Messa per la Beatificazione della Giovane

No mesmo ano (1987), em 4 de outubro, mais duas mártires foram beatificadas por João Paulo por ocasião do Ano do Laicato, são elas, Antonia Messina e Pierina Morosini, que são italianas. Estas duas beatificações, juntamente com a de Marcello Callo, foram um marco na Igreja, pois João Paulo II começava a colocar em prática a ideia de elevar os números de beatos e santos leigos no seu pontificado, tanto que fez de 1987 o ano do laicato. Para além destes três beatos serem leigos, eles ainda eram jovens, algo que João Paulo II enfocou em sua homilia afirmando que

tutti e tre sono *laici*, sono *giovani*, sono *martiri*! Figli di questo nostro secolo, difficile ma appassionante, hanno condiviso l'ora del Figlio di Dio, rimanendo intimamente uniti a Lui nel mondo. Con trepidazione e gioia li presentiamo al popolo cristiano e a tutti gli uomini di buona volontà come “germogli scelti” che il divino Agricoltore ha coltivato nel nostro tempo attraverso le loro famiglie, le loro associazioni, specialmente l'Azione Cattolica e la JOC, attraverso il lavoro in casa e in fabbrica, attraverso il martirio. Nella *prima domenica del Sinodo*, che s'è raccolto per riflettere sul tema “Vocazione e missione dei laici nella Chiesa e nel mondo a vent'anni dal Concilio”, acquista una singolare eloquenza il fatto che tre laici ottengano la gloria dei Beati. Li presentiamo a tutti come “fedeli laici”, come giovani e coraggiosi “cittadini della Chiesa e del mondo”, fratelli di un'umanità nuova, costruttori liberi e non-violenti di una civiltà pienamente umana, segno profetico della Chiesa del terzo millennio, resa “sale” del mondo grazie anche alla presenza di laici santi.²¹⁶

Pierina Morosiera a mais velha dos nove filhos do casal Roque e Sara Morosini, que eram italianos. Nasceu no dia 7 de janeiro de 1931. Desde cedo mostrou aptidões para a vida religiosa, desejando ser missionária franciscana. Aos 16 anos, com licença do confessor, fez voto de castidade e depois acrescentou os votos particulares de pobreza e obediência fazendo parte da associação das Filhas de Maria e da Ordem Terceira Franciscana, que é o ramo dos

contadina martire Carolina Kózka - Omelia di Giovanni Paolo II” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19870609_beatificaz-carolina-kozka_it.html Acesso: 09/10/13.

²¹⁶ Tradução livre: “todos os três são leigos, são jovens, são mártires! Filhos deste século, difícil, mas emocionante, eles dividiram seu tempo com o Filho de Deus, permanecendo intimamente unidos com Ele no mundo. Com ansiedade e alegria lhes apresentamos ao povo cristão e todas as pessoas de boa vontade, como “brotos escolhidos” que o divino agricultor cultivou em nosso tempo através de suas famílias, associações, especialmente a Ação Católica e a JOC, através do trabalho em casa e na fábrica, através do martírio. No primeiro domingo do Sínodo, nos reunimos para refletir sobre o tema “Vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo a vinte anos do Concílio”, o tema adquiriu uma particular eloquência já que três leigos obtiveram a glória de beatos. Apresentamos a todos como “fiéis leigos”, como jovens e corajosos “cidadãos da Igreja e do mundo”, irmãos de uma nova humanidade, construtores livres da não-violência de uma civilização plenamente humana, um sinal profético da Igreja do terceiro milênio, feito “sal” do mundo, graças à presença de leigos santos.” Consultar “Rito di Beatificazione dei Giovani Laici Marcel Callo, Antonia Mesina e Pierina Morosini - Omelia di Giovanni Paolo II”. Em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19871004_nuovi-beati_it.html Acesso: 10/10/13.

leigos. Com o pai doente, Pierina teve que desistir do sonho de entrar no convento, para ajudar nas despesas da família. Em 1957, quando saía da fábrica que trabalhava, foi atacada por um jovem. Resistindo a ameaça, o rapaz a atingiu na cabeça com uma grande pedra e Pierina morreu aos 26 anos. Antônia Mesina também nasceu na Itália em 1919 e era a segunda de dez filhos de Agostinho Mesina e de Graça Rubanu. Se formou na escola da Juventude Feminina da Ação Católica e, de 1929 a 1931, fez parte dela como ‘benjamina’, e de 1934 a 1935, como sócia efetiva. Em 1935, após ter assistido missa foi ao bosque dos arredores para recolher lenha, quando um jovem da sua região a abordou. Com sua resistência, o rapaz a agrediu com violência, matando-a aos 16 anos, com uma pedra do mesmo modo que aconteceu a Pierina.

O ano dedicado ao laicato (1987) por João Paulo II demonstra, como afirmamos no capítulo anterior, a dificuldade até hoje persistente na Igreja Católica de lidar com a questão do leigo e sua inserção no trabalho família e sexualidade, já que dos quatro leigos e jovens (Carolina Kozka, Pierina Morosini, Antonia Mesina e Marcello Callo) beatificados, todos eram mártires, e as três mulheres morreram em virtude da defesa da castidade. O único confessor e que foi santificado no ano do laicato, Giuseppe Moscatti, foi um médico solteiro e celibatário.

Após as beatificações das três jovens mártires da castidade no Ano do Laicato, onze anos depois, em 1998, João Paulo II beatifica outra italiana, Teresa Bracco, que morreu também defendendo sua castidade. Teresa Bracco nasceu em 1924, e foi a penúltima de sete filhos. Tendo que ajudar no custeio da família, pastoreando os animais, Teresa teve que largar os estudos no quarto ano do primeiro grau. Em 1944, em plena 2ª Guerra Mundial, um militar alemão a sequestrou e tentou estuprá-la. Como Teresa resistiu, o militar desferiu um tiro em seu coração, matando-a com apenas 20 anos. Em maio de 1998, Teresa foi beatificada e em sua homilia João Paulo II afirmou:

Que significativo testemunho evangélico para as jovens gerações que se aproximam do Terceiro Milênio! Que mensagem de esperança para quem se esforça por ir contra a corrente em relação ao espírito do mundo! Indico sobretudo aos jovens esta moça que a Igreja hoje proclama Beata, a fim de que dela aprendam a fé límpida testemunhada no empenho quotidiano, a coerência moral sem compromissos, a coragem de sacrificar, se for necessário, até a vida, para não atrair os valores que dão sentido à existência.²¹⁷

²¹⁷ Consultar “Visita Pastoral à Arquidiocese de Vercelli e de Turim – Homilia do Santo Padre João Paulo II durante o rito de beatificação de três Servos de Deus” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_24051998_po.html Acesso: 10/10/13.

Neste discurso, João Paulo II renova mais uma vez a ideia, que será seguida por Bento XVI, na qual é solicitado aos jovens irem contracorrente em relação ao ‘espírito do mundo’ e se sacrificarem para manter as doutrinas cristãs. A última jovem mártir da castidade é a brasileira, Albertina Berkenbrock, que nasceu em 1919 na cidade de Imaruí em Santa Catarina, e que foi beatificada por Bento XVI em 2007. Albertina Berkenbrock é filha do casal de agricultores, Henrique e Josefina Berkenbrock e teve mais 8 irmãos e irmãs. Aos 12 anos de idade, em 1931, Albertina saiu a procura de um boi que havia se perdido no pasto e acabou encontrando com Maneco Palhoça, que a atacou. Albertina lutou contra o agressor dizendo que não queria pecar, mas Maneco, furioso com a recusa dela, a matou com um golpe de canivete no pescoço.²¹⁸ Na homilia de beatificação de Albertina realizada no Brasil, pelo então prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, José Saraiva Martins, afirmou que

A nossa inocência, a nossa pertença a Deus, a nossa santidade hoje, tem necessidade da voz forte e tenaz da Beata Albertina que ao seu assassino disse: eu não quero o pecado. Não queria perder o seu bem mais precioso, não o podia trocar com a riqueza maior da sua vida, não podia trair Aquele que a tinha chamado à existência. Este Amor divino foi defendido pela pequena Albertina com o preço do seu sangue: não cedais às ameaças dos ímpios! Isto ensina-nos, particularmente aos jovens, onde procurar a felicidade verdadeira. Sim, porque o pecado não dá nenhuma felicidade. A Beata Albertina com o seu exemplo radical de vida, lança uma forte mensagem a tantos adolescentes e jovens de hoje que, facilmente, podem procurar a felicidade nos tanto fátuos quanto destrutivos, paraísos artificiais da droga ou dos divertimentos finitos em si mesmos, ou inclusive, para além de toda e qualquer regra moral e respeito pela dignidade da pessoa humana. Tais géneros de vida não podem dar a verdadeira alegria: *"A verdade é que as coisas finitas podem dar vislumbres de alegria, mas só o Infinito pode preencher o coração"* (Bento XVI, Encontro com os Jovens, Assis, 17 de Junho de 2007).²¹⁹

Esta homilia de beatificação de Albertina Berkenbrock, como das demais mártires da pureza, fazem parte de uma temática ou modelo bastante difundido na Igreja Católica desde o tempo do cristianismo primitivo. A questão da virgindade na Igreja Católica advém desde as “Epístolas de Paulo aos Coríntios”, na qual começamos a ver um claro delineamento da moral cristã que trata da mortificação, aniquilação das afeições e ódio ao corpo, onde a virgindade e o celibato é hierarquicamente maior do que o casamento. Na referida Epístola no item III, capítulo 7, Paulo vai afirmar que o solteiro cuida das coisas do senhor, enquanto que os

²¹⁸ Consultar biografia de Albertina Berkenbrock feita pelo Vaticano em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20071020_berkenbrock_po.html Acesso: 18/10/13.

²¹⁹ Consultar “Homilia do Cardeal José Saraiva Martins durante o Rito de Beatificação da mártir Albertina Berkenbrock” em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20071020_beatification_berkenbrock_po.html Acesso: 18/10/13.

casados se preocupam com as coisas do mundo. Complementa, ainda, informando que para o caso das mulheres que se o pai decide casar a filha é de todo abençoado por ele, mais se um pai por sua vez guarda a virgindade desta, é melhor ainda.

Todas estas questões sobre virgindade, celibato, casamento serão discutidas ao longo dos séculos na Igreja Católica, ganhando força substancial com o advento do monaquismo na Idade Média, tendo seu ápice no século XX no papado de Pio XII (que canonizou Maria Goretti) em dois documentos principais: a “Constituição Apostólica *Sponsa Christi*”²²⁰, que trás um apanhado histórico sobre a questão da virgindade e dos tipos de consagração através dos tempos regulando ainda e dando provimentos a questão de como deve ser conduzido nos tempos modernos o celibato das esposas de Cristo, e o segundo documento, que data de 1954, denominado “Carta Encíclica *Sacra Virginitas*”²²¹ que abre afirmando que “a sagrada virgindade e a perfeita castidade consagrada ao serviço de Deus contam-se sem dúvida entre os mais preciosos tesouros deixados como herança à Igreja pelo seu Fundador.” Esta constituição reafirma ainda, a ideia do Apóstolo Paulo na “Carta aos Coríntios” sobre a virgindade ser maior que o casamento e repudia a ideia que a santidade via ajuda mútua dos esposos é mais fácil de ser conseguida do que na virgindade.

Atualmente, a questão da sexualidade, virgindade, condição da mulher, violência e relações hierárquicas de gênero e suas correlações com a religião estão cada vez mais em voga, não somente para os pesquisadores das ciências humanas, como também para própria Igreja Católica. Nestas beatificações e canonizações sobressai uma série de mensagens principalmente aos jovens, já que são para estes que as homilias são direcionadas. Tais mensagens são contextualizadas a partir de uma situação específica: as transformações que Igreja Católica vem passando na modernidade que envolvem questões como atualização do sagrado e ressemantização da religião, principalmente no concerne aos princípios morais apregoados por esta, e assim o peso da autoridade religiosa diminui ao passo que aumenta o as sínteses pessoais, que propiciam uma gestão da vida privada, relativamente independente dos ditames religiosos, como bem observou Luis Fernando Dias Duarte (2006a, 2006b, 2005).

Para tanto, é pedido aos jovens que se espelhem nos modelos de mártires da castidade e persigam a inocência, pureza, a virgindade e a moral cristã, fugindo de uma vida de pecado,

²²⁰ Consultar “Constituição Apostólica *Sponsa Christi*” em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501121_sponsa-christi_sp.html Acesso: 02/10/13.

²²¹ Consultar “Carta Encíclica *Sacra Virginitas*” em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_25031954_sacra-virginitas_po.html Acesso: 02/10/13.

e da relativização das condutas morais do cristianismo. É importante salientar que há uma clara diferença de gênero entre homens e mulheres com relação a virgindade, que transparece nas escolhas dos beatificados e canonizados, uma vez que nas biografias destas mártires sempre é enfocado que estas resistiram ao estupro e que foram feitos exames que atestaram que estas morreram virgens. Não temos dados nem em livros, nem no site do vaticano que informem se uma mulher que foi de fato estuprada pode se tornar beata ou não, contudo, em todas as biografias, sobressai a afirmação que morreram virgens. O fato é que a questão da virgindade parece aos olhos do Vaticano ser requisito mais para mulheres do que para os homens, já que, em 2007 o papa Bento XVI beatificou o mártir e leigo Franz Jägerstätter, que teve uma relação enquanto era solteiro com uma empregada doméstica de sua casa, nascendo deste relacionamento uma filha²²², fato este, que acreditamos que seria um impedimento a uma mulher, no quando da análise de suas virtudes pela Congregação para as Causas dos Santos.

Portanto, deste modelo de santidade dado aos jovens, que tem um número considerável de indivíduos, sobressai um discurso subliminar que sai propriamente da esfera do religioso e se mistura com a vida privada no qual as virtudes que são ressaltadas como a virgindade, são contextualizadas como uma das formas de criticar a modernidade e seus efeitos na esfera íntima das pessoas. A condição da mulher, as questões como maternidade, virgindade, trabalho, relações de poder e violência tem sido debate constante em inúmeros documentos da Igreja e na “Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*” de 1988, João Paulo discorre sobre a dignidade da mulher, observando que é preciso considerar no contexto mais amplo que a virgindade pode ser também um caminho para mulher, no qual ela pode realizar a sua personalidade informando ainda que

para compreender este caminho é preciso ainda uma vez recorrer à idéia fundamental da antropologia cristã. Na virgindade livremente escolhida, a mulher confirma-se como pessoa, isto é, como criatura que o Criador desde o início quis por si mesma, e contemporaneamente realiza o valor pessoal da própria feminilidade, tornando-se «um dom sincero» para Deus que se revelou em Cristo, um dom para Cristo Redentor do homem e Esposo das almas: um dom «esponsal». *Não se pode compreender corretamente a virgindade, a consagração da mulher na virgindade, sem recorrer ao amor sponsal: é, de fato, num amor como esse que a pessoa se torna um dom para o outro. De resto, de modo análogo deve ser entendida a consagração do homem no celibato sacerdotal ou no estado religioso. A natural disposição sponsal da personalidade feminina encontra uma resposta na virgindade assim compreendida. A mulher, chamada desde o « princípio » a amar e a ser amada, encontra na vocação à virgindade, antes de tudo, Cristo como o*

²²² Consultar biografia de “Franz Jägerstätter” disponibilizada pelo Vaticano em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20071026_jagerstatter_po.html Acesso: 18/10/13.

Redentor que « amou até o fim » por um dom total de si mesmo, e *ela responde a este dom por um « dom sincero »* de toda a sua vida. Ela doa-se, pois, ao Esposo divino, e esta sua doação pessoal tende à união, que tem um caráter propriamente espiritual: mediante a ação do Espírito Santo torna-se « um só espírito » com Cristo-esposo (cf. 1 Cor 6, 17).²²³

O que se observa, portanto, na “Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*” é que a virgindade livremente escolhida é vista pela Igreja como um dom sincero, que une as mulheres à Igreja, tornando-as, por assim dizer, “esposas de Cristo”, termo este bastante evocado nas beatificações e canonizações de mulheres. Por outro lado, o mesmo documento, não traz como pressuposto, a virgindade para os homens leigos, somente para aqueles que fazem parte do quadro clerical (sacerdotes e religiosos) e esta concepção de virgindade está intimamente ligada a ideia da mulher como aquela que tem como “dom natural”, como este documento informa, à disposição esponsal, seja no matrimônio, ou no casamento virginal com Cristo.

Se por um lado todas as mulheres jovens e mártires foram beatificadas por perseverarem em sua virgindade, as virtudes dos homens jovens não recaem sobre as questões morais do catolicismo, pelo contrário, a ‘coragem’ dos homens que os tornaram beatos e santos, está ligada a conduta destes na evangelização de países de minoria católica, ou no enfrentamento a perseguições religiosas seja em regimes autoritários ou não. Ao todo, João Paulo II beatificou 9 jovens mártires e Bento XVI dois, canonizando um leigo, o filipino Pedro Calungsod. Estas beatificações e canonizações são pautadas pela ideia fundadora do cristianismo que vê na expansão da palavra o seu cerne e base e está contida na passagem bíblica “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura (MC, 16, 15)”. Esta temática, a evangelização, ganha peso especial no Concílio Vaticano com o “Decreto Conciliar *Ad Gentes* e com a ”Carta Encíclica *Redemptoris Missio*” de João Paulo II e acaba, por assim dizer, tornando-se um modelo de santidade, que, embora antigo, ganha novos contornos na modernidade devido as novas formas de regime político, e, conseqüentemente, de martírio em consequência de tais regimes.

Destes doze beatos e mártires jovens que estão ligados a questão missionária, nove deles são leigos catequistas, ou seja, àqueles que se colocaram a serviço de expandir a mensagem cristã se tornando instrumento para que esta Palavra ecoe. Estes catequistas são

²²³ Consultar “Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_15081988_mulieris-dignitatem_po.html Acesso: 21/10/13.

todos leigos e a importância destes no catolicismo é demonstrada no “Guia para los catequistas”²²⁴, produzido pela Congregação para Evangelização dos Povos” no pontificado de João Paulo II. Entendendo que ao longo da história da Igreja os catequistas sempre foram de grande importância e que os leigos desempenharam grande destaque na evangelização dos povos, o “Guia para los catequistas” afirma que para estes,

bajo la guía de los sacerdotes, siguen anunciando con franqueza la "Buena Nueva" a sus hermanos no cristianos, preparándolos luego a ingresar en la comunidad eclesial con el bautismo. Mediante la instrucción religiosa, la preparación a los sacramentos, la promoción de la oración y de las obras de caridad, ayudan a los bautizados a crecer en el fervor de la vida cristiana. Donde los sacerdotes son escasos, a ellos es encomendada la guía pastoral de las pequeñas comunidades lejanas al centro. Y también, sosteniendo duras pruebas y dolorosas privaciones, ellos son frecuentemente llamados a testimoniar su propia fidelidad. La historia pasada y reciente de la evangelización ratifican esta coherencia que, siendo tal, no raramente los ha conducido a donar hasta la propia vida. (Verdaderamente los catequistas son un honor de la Iglesia misionera!)²²⁵

Por serem uma honra a Igreja missioneira, os catequistas jovens aqui catalogados ganham status ainda mais alto por serem santos e beatos e ainda mártires. Como afirmamos, a santidade pode ser construída enfocando questões como universalidade, particularidade, ou como método eficaz de evangelização das Igrejas locais. Nestas beatificações e canonizações de catequistas, sobressaem modelos que se mesclam: os dos jovens, o dos mártires e evangelizadores que são levados as honras dos altares através de um processo evangelizador, não só do santo ou do beato, mas da própria Igreja, que se utiliza de tais cerimônias como forma de unir as Igrejas particulares a Santa Sé, dando assim, a estas localidades, exemplaridades que possam ser mimetizadas mais facilmente.

Esta evangelização via santidade, com relação as Igrejas locais, aparece com toda força, quando vemos que boa parte dos catequistas/jovens fazem parte de países de minoria

²²⁴ Consultar “Guia para los catequistas” em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/documents/rc_con_cevang_doc_19971203_cath_sp.html Acesso: 24/10/13.

²²⁵ Tradução livre: “sob a orientação dos padres, são abertamente anunciados a “boa notícia” para os seus irmãos não-cristãos, em seguida, eles são preparados para ingressar na comunidade da igreja com o batismo. Através do ensino religioso, a preparação para os sacramentos, a promoção da oração e obras de caridade, eles ajudam os batizados a crescer no fervor da vida cristã. Onde os sacerdotes são escassos, a eles é confiada a orientação pastoral de pequenas comunidades distantes do centro. E também, segurando dolorosas provações e dificuldades, eles são frequentemente chamados a testemunhar a sua fidelidade. A história passada e recente de evangelização confirmam essa consistência que, como tal, raramente os conduziu a doar a própria vida. (Na verdade os catequistas são uma honra Igreja missionária!” Consultar “Guia para los catequistas” em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/documents/rc_con_cevang_doc_19971203_cath_sp.html Acesso: 24/10/13.

católica, ou que vivenciam disputas ou guerras religiosas em tempo recente ou não, a exemplo do filipino Pedro Calungsod, o vietnamita Andrea di Phu Yen, os mexicanos Cristobão, Juan e Antônio, os africanos Gildo Irwa, Daudi Okelo e Isidoro Bakanja, e o brasileiro Adilio Daronch. Os três outros jovens beatos mártires apesar de não serem catequistas, fizeram parte de associações de leigos que tem como base a evangelização, como o espanhol Francisco de Paula Castello y Aleu, o francês Marcello Callo e esloveno Lojze Grozde.

Os primeiros catequistas a serem beatificados por João Paulo II, em 1990, foram os mártires mexicanos que viveram no século XVI, Cristobão (13 anos), Juan (12 anos) e Antônio (12 anos). Em viagem apostólica ao México no mesmo ano, João Paulo II afirma que durante muito tempo o México recebeu a abnegada e generosa ação evangelizadora de tantas testemunhas de Cristo, e que alguns evangelizaram com o seu testemunho até a morte, como os beatos mártires de Tlaxcala, Cristóbal, Antônio e Juan.²²⁶ Bento XVI, por sua vez, em 2012, se reporta a estes três jovens afirmando a importância da catequese e dos grupos de apostolado como fizeram estes beatos, que “tendo conhecido Jesus no tempo da primeira evangelização do México, descobriram que não havia maior tesouro do que Ele. Eram crianças como vós, e deles podemos aprender que, para amar e servir, não há idade.”²²⁷ Assim, a estratégia da Igreja Católica de evangelizar via santidade, unindo as igrejas locais a Santa Sé, aparece na “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia In America*”, de 1999, quando João Paulo II informa uma série de beatos e santos do continente americano²²⁸, afirmando ainda que estes acompanharam

... com fraterna solicitude os homens e mulheres seus conterrâneos, entre alegrias e sofrimentos, até o encontro definitivo com o Senhor. Para facilitar uma sempre maior imitação deles e um mais freqüente e frutuoso recurso por parte dos fiéis à sua intercessão, considero muito oportuna a proposta dos Padres Sinodais de se preparar « uma coleção de breves biografias dos Santos e Beatos americanos. Isto poderá iluminar e estimular na América a resposta à vocação universal à santidade ».²²⁹

²²⁶ Consultar “Homilia do Santo Padre na Santa Missa celebrada no Autódromo «Hermano Rodríguez»” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1999/documents/hf_jp-ii_hom_19990124_mexico-autodromo_po.html Acesso: 25/10/13.

²²⁷ Consultar “Encontro com as crianças: Palavras do Papa Bento XVI” em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2012/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20120324_bambini-guanajuato_po.html Acesso: 25/10/13.

²²⁸ São ele: os mártires João Brebeuf e seus sete companheiros, Roque González e seus companheiros; os santos: Isabel Ann Seton, Margarida Bourgeoys, Pedro Claver, João del Castillo, Rosa Filippina Duchesne, Margarida d'Youville, Francisco Febres Cordero, Tereza Fernández Solar dos Andes, João Macías, Turibio de Mogrovejo, Ezequiel Moreno y Diaz, João Nepomuceno Neumann, Maria Ana de Jesus Paredes y Flores, Martinho de Porres, Afonso Rodriguez, Francisco Solano, Francisca Xavier Cabrini; os beatos: José de Anchieta, Pedro de S. José de Betancourt, João Diego, Catarina

²²⁹ Consultar “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia In America*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america_po.html 30/10/13.

Em 2000, João Paulo II beatifica mais dois catequistas. O primeiro deles é o Andrea di Phu Yequenaseu no Vietnã em 1626. Último dos filhos, Andrea foi educado somente pela mãe quando seu pai faleceu. Quando fez 16 anos, Andrea foi batizado e começou o curso de catequista com o padre jesuíta Alexandre de Rhodes. Em 1644, o governador Ong Nghe Bó emite a ordem de barrar a propagação do cristianismo. Diversos leigos e religiosos são presos e obrigados a renunciar ao catolicismo. Em recusa, Andrea é condenado e morre aos 18 anos de idade. Além da questão da juventude, martírio e evangelização/catequese, sobressai na beatificação de Andrea di Phu Ye a questão anteriormente citada, na qual, determinadas cerimônias são usadas como forma de unir as Igrejas particulares a Santa Sé, expandindo assim a mensagem cristã a países de minoria católica, como fica claro na homilia de João Paulo II, quando este afirmou que

“Todo aquele que der testemunho de mim diante dos homens, também Eu darei testemunho dele perante o meu Pai que está no céu” (Mt 10, 32). André de Phú Yên, no Vietnã, fez suas estas palavras do Senhor com uma intensidade heróica. Desde o dia em que recebeu o Baptismo, quando tinha 16 anos, dedicou-se ao desenvolvimento de uma profunda vida espiritual. No meio das dificuldades, às quais se submetem as pessoas que aderem à fé cristã, viveu como fiel testemunha de Cristo ressuscitado, anunciando incessantemente o Evangelho aos seus irmãos no seio da associação de catequistas denominada "Casa de Deus". Por amor ao Senhor, dedicou todas as forças ao serviço da Igreja, assistindo os sacerdotes na sua missão e perseverando até à dádiva do próprio sangue, para permanecer fiel ao amor d'Aquele que se tinha consagrado totalmente. As palavras que repetia, ao caminhar com decisão ao longo da via do martírio, são a expressão daquilo que animava toda a sua existência: "Paguemos o amor com o amor ao nosso Deus, e a vida com a vida". Hoje o Beato André, Protomártir do Vietnã, é apresentado como modelo à Igreja do seu País. Todos os discípulos de Cristo encontrem nele a força e o apoio na provação, tendo o cuidado de confirmar a sua intimidade com o Senhor, o seu conhecimento do mistério cristão, a sua fidelidade à Igreja e o seu sentido de missão! (Grifos nossos).²³⁰

Desta forma, além estar incluído no modelo de santidade que engloba jovens/leigos/mártires/catequistas-evangelizadores, Andrea di Phu Ye é ainda Protomártir do Vietnã, ou seja, termo utilizado para designar o primeiro mártir cristão em determinado país.

Pedro Calungsod, por sua vez, é o único mártir santo. Foi beatificado em 2000 por João Paulo II e canonizado em 2012 por Bento XVI. Nascido em 1654, na região de Visayas nas Filipinas, Pedro foi um dos catequistas que se juntou aos missionários jesuítas espanhóis para evangelizar os Chamorros das Ilhas Marianas. O seu trabalho de catequista, juntamente

²³⁰ Consultar “Homilia do Papa João Paulo II na Missa de Beatificação de 44 Servos de Deus” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000305_beatifications_po.html Acesso: 25/10/13.

com os evangelizadores jesuítas, gerou conflitos com um curandeiro chinês, que começou a espalhar que a água batismal era venenosa. Uma vez que as pessoas somente eram batizadas já em estado avançado de doença, e em seguida morriam, criou-se um mito que a água e o batismo eram responsáveis pelas mortes.²³¹ Desta forma, em uma das visitas a uma aldeia Chamorro para batizar uma criança, Pedro foi morto aos 18 anos e seu corpo foi atirado ao oceano.²³² Na homilia conjunta de sua beatificação, na qual outros 43 servos de Deus foram beatificados, João Paulo II cede espaço especial a Pedro Calungsod e afirma do mesmo modo que o fez para Andrea di Phu Ye, já que foram beatificados no mesmo dia, que aqueles que dão testemunho de Jesus aos homens, Jesus também dará testemunho desses ao Pai (Mt 10, 32), e complementa afirmando que

desde a sua infância, Pedro Calugsod declarou-se inabalavelmente em favor de Cristo e respondeu com generosidade à sua chamada. Os jovens de hoje podem haurir encorajamento e força do exemplo de Pedro, cujo amor a Jesus o inspirou a consagrar os anos da sua juventude à doutrina da fé como leigo catequista. Deixando a família e os amigos, Pedro aceitou de bom grado o convite que o Padre Diego de San Vitores lhe propusera, de partir com ele para a missão junto dos Chamos. Num espírito de fé, caracterizado pela vigorosa devoção eucarística e mariana, Pedro assumiu o exigente trabalho que se lhe pedia, enfrentando com coragem os inumeráveis obstáculos e dificuldades que encontrava. Diante do perigo iminente, Pedro não abandonou o Padre Diego mas, como um "bom soldado de Cristo", preferiu morrer ao lado do missionário. Hoje, o Beato Pedro Calugsod intercede pelos jovens, em particular por aqueles da sua pátria filipina, enquanto os desafia. Jovens amigos, não hesiteis em seguir o exemplo de Pedro, que "agradou a Deus, e Deus amou-o" (Sb 4, 10) e, tendo alcançado a perfeição em tão breve tempo, viveu uma vida plena (cf. *ibid.*, v. 13).

A homilia de sua canonização, já no pontificado de Bento XVI, reafirma a biografia, coragem e amor de Pedro a Jesus, levando-o ao martírio, enfocando ainda que é preciso que “... exemplo e o testemunho corajoso de Pedro Calungsod inspire o dileto povo das Filipinas a anunciar corajosamente o Reino e ganhar almas para Deus!”²³³

Mais uma vez, como as duas citações acima demonstram, este santo segue a diretriz contida no documento de referência à evangelização na Ásia chamado “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia In Asia*”. Neste, João Paulo II vai afirmar que não pode deixar de citar

²³¹ Fontes históricas para o caso das Américas também foram descritas no livro do Padre Martinho de Nantes intitulado “Relação de uma missão no Rio São Francisco”. Publicado pela primeira vez em 1706, este livro em sua página 10 relata o mesmo ocorrido com Pedro Calungsod sobre a relação entre batismo, água envenenada e morte.

²³² Consultar biografia de Pedro Calugsod no documento “Rito della Canonizzazione e Celebrazione Eucaristica - Presieduti dal Santo Padre Benedetto XVI” em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/libretti/2012/20121021.pdf Acesso: 30/10/13.

²³³ Consultar “Homilia do Papa João Paulo II na Missa de Beatificação de 44 Servos de Deus” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000305_beatifications_po.html Acesso: 30/10/13.

sobre a situação deste continente e o contributo dos mártires, que são um grande instrumento de evangelização. Estes, Segundo João Paulo II,

falam, silenciosa mas vigorosamente, da importância da santidade de vida e da prontidão em oferecer a própria vida pelo Evangelho. Eles são os mestres e protectores, a glória da Igreja da Ásia, no seu trabalho de evangelização. [...] Recordo, neste momento, o que escrevi na Encíclica *Redemptoris missio*: «Deus abre à Igreja os horizontes duma humanidade mais preparada para a sementeira evangélica». Esta perspectiva de novos e promissores horizontes, vejo-a desenhando-se na Ásia, onde Jesus nasceu e o cristianismo começou. [...] Por mais importantes que sejam os programas de formação e as estratégias de evangelização, em última análise é o *martírio que revela ao mundo a verdadeira essência da mensagem cristã*. A própria palavra « mártir » significa testemunha, e os que derramaram o próprio sangue por Cristo deram o testemunho supremo do verdadeiro valor do Evangelho. [...] Ao longo dos tempos, a Ásia deu à Igreja e ao mundo uma grande multidão destes heróis da fé, e do coração da Ásia levanta-se o grande canto de louvor: « *Te martyrum candidatos* ».²³⁴

Pedro Calungsod tem, portanto, sua juventude e martírio usado como forma de chamar atenção para as situações religiosas conflitantes neste continente, enfocando ainda, que seu exemplo deve inspirar a juventude a consagrar-se à doutrina da fé. Este mártir é ainda visto como mais um modelo de santidade que surge nas terras férteis, onde Jesus e o cristianismo nasceu. Sobressai, ainda, o caráter hierárquico contido na evangelização, já que um confessor ser evangelizador é de fundamental importância para missão da Igreja Católica, contudo, são os mártires como a própria citação acima afirma, que revelam a essência da mensagem cristã.

Por fim, com relação aos mártires catequistas, temos mais três beatos. Isidoro Bakanja, beatificado por João Paulo II em 1994, e Gildo Irwa e Daudi Okelo, beatificados conjuntamente em 2002 pelo mesmo pontífice. Isidoro nasceu no Zaire agora Congo/África em 1890, sendo da etnia Boangi. Seu pai Yonzwa e sua mãe Inyuka eram provenientes de um vilarejo de Pescadores e tinham quatro filhos, três homens e uma mulher. Em 1902, os belgas residentes no Congo abrem uma abadia trapista com intuito de inaugurar nestas terras uma missão. Em 1906 ele recebe o batismo pelos trapistas e começa a usar escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Numa África de segregação racial e religiosa, Isidoro vai trabalhar numa plantação de colonos onde é proibido de catequizar seus companheiros. Em 1909, o superintendente da plantação após rasgar o escapulário carmelita que Isidoro usava mandou açoitá-lo duramente. Em consequência dos açoites Isidoro falece sem jamais negar sua fé, morrendo aos 19 anos. Na homilia de sua beatificação João Paulo II informa que Isidoro

²³⁴ Consultar “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia In Asia*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_06111999_ecclesia-in-asia_po.html Acesso: 30/10/13.

Sei stato un uomo dalla fede eroica, *Isidoro Bakanja*, giovane laico dello Zaire. In quanto battezzato, chiamato a diffondere la Buona Novella, hai saputo condividere la tua fede e hai testimoniato Cristo con tanta convinzione che, ai tuoi compagni, sei apparso come uno di quei valorosi fedeli laici che sono i *catechisti*. Sì, beato Isidoro, pienamente fedele alle promesse del tuo battesimo, sei stato realmente un catechista, hai operato generosamente per “la Chiesa in Africa e la sua missione evangelizzatrice”. Nel corso dell’Assemblea speciale del Sinodo dei Vescovi, nel giorno in cui proclamiamo i tuoi meriti, vogliamo rendere omaggio a tutti i catechisti, questi collaboratori indispensabili per l’edificazione della Chiesa nel continente africano. I catechisti precedono, accompagnano e completano l’opera dei sacerdoti per il loro popolo. In numerose epoche storiche, essi hanno consentito alla fede di sopravvivere alle persecuzioni. Essi sanno essere Pastori veri, che conoscono le loro pecore e che le pecore conoscono; e, se necessario, difendono il gregge al prezzo della loro vita. I catechisti sono ben consapevoli che un gran numero di loro fratelli e sorelle non appartiene ancora al gregge e che attende dalla loro sollecitudine fraterna l’annuncio della Buona Novella. Mediante la loro opera, i catechisti rendono una testimonianza vera a Cristo, l’unico Pastore.²³⁵

Como os outros beatos acima citados, a questão da juventude e catequese é bastante enfocada como forma de espalhar a mensagem cristã, e em outro documento de João Paulo II sobre Isidoro Bakanja, este pontífice informa que a África deve ser como este beato “apóstolo de reconciliação, agente de diálogo e de paz oficiais.”²³⁶ Já na “Exortação Apostólica Pós-Synodal *Ecclesia In Africa*” João Paulo II relembra a lista de santos da África²³⁷ e afirma:

E como não recordar o Beato Isídoro Bakanja, mártir do Zaire, que teve o privilégio de elevar às honras dos altares durante a Assembleia Especial para a África? «Outras causas vão maturando. *A Igreja em África deve providenciar à redacção do seu próprio Martirológio*, juntando às magníficas figuras dos primeiros séculos (...) os mártires e os santos das épocas recentes». Defronte ao crescimento admirável da Igreja em África nos últimos cem anos, diante dos frutos de santidade que se obtiveram, não

²³⁵ Tradução livre: “Ele era um homem de fé heroica, Isidoro Bakanja, jovem leigo do Zaire. Quando batizado, foi chamado a anunciar a Boa Nova, sendo capaz de compartilhar sua fé e seu testemunho com Cristo com tanta convicção que, a seus companheiros, você apareceu como um desses bravos homens fiéis, que são catequistas leigos. Sim, o Beato Isidoro, totalmente fiel às promessas de seu batismo, foi realmente um catequista, e operou generosamente para “a Igreja da África e para sua missão evangelizadora.” Durante a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos, no dia em que proclamamos seus méritos, queremos prestar homenagem a todos os catequistas, esses funcionários são indispensáveis para a edificação da Igreja na África. Os catequistas precedem, acompanham e complementam o trabalho dos sacerdotes para o seu povo. Em numerosas épocas históricas, eles têm consentido à fé de sobreviver à perseguição. Eles sabem ser verdadeiros pastores, que conhecem as suas ovelhas e as procuram junto conosco, e se necessário, as defendem com o preço de suas vidas. Os catequistas estão bem cientes de que um grande número de seus irmãos e irmãs ainda não pertencem ao rebanho e com fraterna solicitude anunciam a Boa Nova. Através de seu trabalho, os catequistas rendem um verdadeiro testemunho de Cristo, o único Pastor.” Consultar “Concelebrazione Eucaristica per la Beatificazione di Isidore Bakanja, Gianna Beretta Molla ed Elisabetta Canori Mora” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1994/documents/hf_jp-ii_hom_19940424_beatificazioni_it.html Acesso: 30/10/13.

²³⁶ Consultar “Discurso di Giovanni Paolo II ai fedeli giunti per la Beatificazione di Isidore Bakanja, Gianna Beretta Molla ed Elisabetta Canori Mora”

²³⁷ Entres estes estão Clementina Anwarite, virgem e mártir do Zaire, Vitória Rasoamanarivo de Madagáscar e Josefina Bakhita do Sudão, todas beatificadas por João Paulo II.

há senão uma explicação possível: tudo isso é dom de Deus, porque nenhum esforço humano teria conseguido realizar semelhante obra, num período relativamente tão breve. Contudo, não há lugar para triunfalismos humanos. Lembrando o glorioso esplendor da Igreja neste Continente, os Padres Sinodais quiseram apenas celebrar as maravilhas operadas por Deus para a libertação e salvação da África.²³⁸

Assim, fica claro que os frutos da evangelização nos mais diversos países, principalmente naqueles aos quais o catolicismo não é a religião majoritária – já que disputa espaços com outras igrejas cristãs e monoteístas e ainda com as religiões nativas –, que os santos os beatos servem para consolidar a mensagem cristã, operando entre os fieis um mimetismo e convidando outros a se converterem a fé católica. Importante ainda salientar que a exemplaridade de Isidoro Bakanja o fez ser um dos intercessores das Jornadas Mundiais da Juventude, recebendo a designação de Mártir do Escapulário.²³⁹

Da África também veio mais dois catequistas, Gildo Irwa (13 anos) e Daudi Okelo (17 anos), beatificados por João Paulo II em 2002. Nascidos na Uganda, estes dois jovens faziam parte da etnia Acholi. Por volta de 1915, missionários Combonianos chegaram a região de Kitgum e começaram seu trabalho de evangelização com a ajuda de alguns catequistas. Por esta época (1917) na África explodia os movimentos anti-cristão e anti-colonial e, desta forma, quando morreu um dos catequistas Gildo Irwa e Daudi Okelo foram enviados a cidade de Paimol para evangelizar. Por causa da desconfiança com a fé destes, esses dois jovens foram instados a abandonarem o catolicismo, e em recusa foram assinados pelas autoridades coloniais. A beatificação destes é carregada de simbolismo já que a cerimônia foi realizada no Dia Mundial da Missão (20/10/2002). João Paulo II informou em sua mensagem que o pensamento dele se voltava nesta ocasião

... em primeiro lugar, para os dois jovens catequistas de Uganda, David Okelo e Jildo Irwa. Estas duas testemunhas corajosas eram ainda muito novos quando, com simplicidade e fé, derramaram o seu sangue por Cristo e pela sua Igreja. Com o entusiasmo juvenil pela sua missão de transmissão da fé aos seus compatriotas, em 1918 decidiram partir para o Norte de Uganda. Foi ali que, quando a evangelização ainda começava a espalhar-se nessa região, eles decidiram abraçar a morte em vez de abandonar essa área e renunciar aos seus deveres de catequistas. Verdadeiramente, nas suas vidas e nos seus testemunhos, podemos ver que eram "amados por Deus, e por Ele foram escolhidos" (cf. 1 Ts 1, 4). Hoje, David Okelo e Jildo Irwa são elevados às honras dos altares. São entregues a toda a comunidade cristã

²³⁸ Consultar “Exortação Apostólica Pós-Synodal *Ecclesia In Africa*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa_po.html Acesso: 30/10/13.

²³⁹ Consultar Patronos e Intercessores da JMJ 2013/Rio de Janeiro em: <http://www.rio2013.com/pt/a-jornada/patronos-e-intercessores> Acesso: 30/10/13.

como exemplos de santidade e de virtude, e como modelos e intercessores pelos catequistas no mundo inteiro, especialmente naqueles lugares em que os catequistas ainda sofrem pela fé, às vezes enfrentando a marginalização social e até mesmo o perigo pessoal. Que a vida e o testemunho destes dois servos do Evangelho inspirem muitos homens e mulheres em Uganda, na África e noutras partes a responderem com generosidade à vocação de serem catequistas, levando o conhecimento de Cristo aos outros e revigorando a fé daquelas comunidades que só recentemente receberam o Evangelho da salvação".²⁴⁰

Por fim, o último catequista vem do Brasil, do Rio Grande do Sul e foi beatificado por Bento XVI em 2007. Adílio Daronch nasceu em 1908, perto de Dona Francisca, na zona de Cachoeira do Sul (Rio Grande do Sul), no Brasil. Os seus pais, Pedro Daronch e Judite Segabinazzi, tinham oito filhos: em 1911, a família transferiu-se para Passo Fundo e em 1913, para Nonoai. Adílio fazia parte do grupo de adolescentes que acompanhava Padre Manuel nas suas longas e cansativas viagens pastorais, entre as quais, junto dos índios Kaingang. Fiel acólito, Adílio era também aluno da escola fundada pelo missionário. A pedido do bispo de Santa Maria, Padre Manuel foi enviado juntamente com Adílio para ir visitar um grupo de colonos teutónicos brasileiros, instalados na floresta de Três Passos. Avisados pelos indígenas dos perigos da floresta, os dois acabaram numa armadilha de chefes militares e foram fuzilados morrendo assim, por ódio à fé cristã e à Igreja Católica em maio de 1924.²⁴¹ Como Isidoro Bakanja, Adílio também foi elevado a intercessor nas Jornadas Mundiais da Juventude em 2013 no Rio de Janeiro.

Diferentemente dos demais beatos, e talvez pelo Brasil ser o país mais católico do mundo, na homilia de beatificação de Adílio o que é enfocado é sua missão em catequese, juventude e martírio. Este, não aparece nos documentos oficiais da Santa Sé como um exemplo que reafirma o empenho evangelizador da Igreja em Roma.

Os três últimos mártires não foram catequistas, mas participaram ativamente de associações de leigos, que tem como base a evangelização. O primeiro deles, Marcello Callo nasceu em 1921 em Rennes na França, numa família modesta de trabalhadores e profundamente cristã sendo o segundo filho de nove irmãos. Ainda adolescente entrou para a

²⁴⁰ Consultar “Beatificação de seis Servos de Deus no domingo dedicado ao Dia Missionário Mundial” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20021020_beatification_po.html Acesso: 30/10/13.

²⁴¹ Consultar “Homilia do Cardeal José Saraiva Martins na Solene Beatificação dos Mártires Manuel Gómez Gonzáles e Adílio Daronch” em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20071021_martiri-brasile_po.html Acesso: 30/10/13

JOC (Juventude Operária Cristã), onde começou um trabalho evangelizador no num mundo operário. Durante a ocupação da França pelos nazistas, apresentou-se voluntariamente, como informa Woodward (1992), para servir como missionário entre os trabalhadores franceses deportados para campos de trabalho forçado na Alemanha.

Em, 1944, Callo e seus companheiros católicos foram detidos pelos nazistas por atividades religiosas ‘prejudiciais ao povo alemão’. Testemunhas sobreviventes disseram que, mesmo confinado, Callo continuou a liderar os prisioneiros na oração e instrução religiosa. Como os outros, teve de trabalhar, alimentando-se de batatas borolentas e água cheia de areia. Nos seus últimos seis meses de vida, estava às vezes tão fraco que era deixado na mesma cama com os cadáveres. Acabou morrendo com a idade de 23 anos (WOODWARD, 1992, p. 143).

Ocorre que Marcello Callo não morreu diretamente pela mãos dos nazistas e sim de intensas dores de estômago e debilidade com os mal tratos no campo de concentração. Callo vai, então, ser o primeiro beneficiado das mudanças ocorridas no martírio a partir do pontificado de João Paulo II, que vai ampliar a conceituação para encaixar principalmente aqueles servos de Deus que morreram no regime nazista, e que de certa forma tinha pacto de respeito com o catolicismo.²⁴² Sua beatificação ocorreu justamente no Ano do Laicato em 1987 e João Paulo II na homilia da celebração informa que ele, juntamente com Pierina Morosini e Antonia Mesina, são filhos deste século e sal do mundo.

O enfoque dado para beatificação de Marcello Callo reside na sua responsabilidade religiosa e evangelizadora, mesmo ainda sendo leigo e muito jovem. Ele é, portanto, modelo e exemplo para os demais jovens por ser corajoso e colocar a sua vida e morte a serviço da Igreja e do mundo, ou seja, um “um sinal profético da Igreja do terceiro milênio”, porque soube com seu exemplo e fé madura ser um “*canto di speranza per le nuove generazioni che lo Spirito continua a chiamare alla radicalità del Vangelo.*”²⁴³ Mais sobressai ainda na homilia de sua beatificação uma outra questão bastante importante. Se, nos países de minoria católica, é preciso evangelizar e converter nos países europeus é preciso revangelizar e barrar o secularismo que é mais acentuado que em outros continentes. Assim, a beatificação do francês Marcello Callo aparece também como um apelo a “una santità e una gioventù spirituale di cui il nostro vecchio mondo occidentale ha tanto bisogno per continuare ad annunciare il

²⁴² Para uma análise mais aprofundada sobre a expansão conceitual do martírio consultar o capítulo “O testemunho dos mártires” no livro a “Fabrica de Santos” de Kenneth L. Woodward (1992).

²⁴³ Tradução livre: “um canto de esperança para as novas gerações que o Espírito continua a chamar a radicalidade do evangelho”. Consultar “Rito di Beatificazione dei giovani laici Marcel Callo, Antonia Mesina e Pierina Morosini” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19871004_nuovi-beati_it.html Acesso: 30/12/13.

Vangelo.”²⁴⁴

Da Espanha vem outro mártir jovem, Francisco Castelló Aleu, que nasceu em Alicante em 1914. Fez o bacharelado no Colégio dos Irmãos Maristas de Lleida e mais tarde foi estudar em Barcelona, no Instituto Químico de Sarriá, formando-se em Química pela Universidade de Oviedo. Foi membro da Congregação Mariana e da Ação Católica e, posteriormente, da Federação dos Jovens Cristãos da Catalunha. Em 1936 ingressou no exército permanecendo por dez semanas. Por fim, deu testemunho de sua Fé diante do Tribunal Popular, o que lhe valeu a pena de morte. Morreu mártir no cemitério de Lleida em 1936. Em 1958, iniciou-se sua causa de beatificação, que culminou, em março de 2001, com a declaração de Beato pelo Papa João Paulo II. Francisco Castelló Aleu foi beatificado numa cerimônia conjunta com mais de 222 mártires da perseguição espanhola na Espanha²⁴⁵, e embora sua exemplaridade, como ademais ocorre, pudesse ter sido esquecida em meio a tantos mártires, Francisco foi por diversas vezes citado como exemplo juvenil de seriedade cristã. Na homilia de sua beatificação, João Paulo II informa que

não menos edificante foi o testemunho dos demais mártires, como o jovem Francisco Castelló I Aleu, de vinte e dois anos, químico de profissão e membro da Ação Católica que, consciente da gravidade do momento não se escondeu, mas ofereceu a sua juventude em sacrifício de amor a Deus e aos irmãos.²⁴⁶

Além de mártir, jovem e participante de movimentos católicos juvenis, sobressai na biografia de Francisco um enfoque sobre a sua profissão, tanto que os profissionais da Química estão recolhendo assinaturas para torná-lo padroeiro desta profissão.

Por fim, fechando a análise sobre os jovens mártires, temos o esloveno Lojze Grozde, que foi beatificado em 2010 por Bento XVI. Nascido em 1923, numa relação não oficial entre seus pais, é criado pelos avós e uma tia, num meio altamente religioso, e aos 13 anos ingressa na Congregação Mariana, sendo presidente e mais tarde descobre a Ação Católica. Em 1943, em meio a 2º Guerra Mundial, após visitar um mosteiro cisterciense, é interceptado por guerrilheiros e preso com a suspeita de ser informante dos comunistas. Lojze Grozde foi

²⁴⁴ Tradução livre: “uma santidade e uma juventude espiritual na qual o nosso velho mundo ocidental necessita para continuar a anunciar o Evangelho” Consultar “Rito di Beatificazione dei giovani laici Marcel Callo, Antonia Mesina e Pierina Morosini” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19871004_nuovi-beati_it.html Acesso: 30/12/13.

²⁴⁵ Consultar “Beatificação de 233 mártires da guerra civil espanhola” em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20010311_sanz-compagni_sp.html Acesso: 31/12/13.

²⁴⁶ Consultar “Francisco de Paula Castelló Aleu” em: <http://www.franciscocastello.com.br/> Acesso: 31/10/13.

cruelmente torturado e morreu aos 19 anos de idade. A homilia de sua beatificação foi proferida pelo Secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Tarcísio Bertone. Em suas palavras, este cardeal solicita aos católicos e ao povo esloveno que fortaleçam o compromisso de testemunhar cada vez mais a caridade, seguindo o exemplo de muitos que em séculos passados expressaram sua fé em Jesus colocando-se a serviço da Igreja e que nesse sentido,

... possiamo ritenere un frutto della provvidenza divina il fatto che oggi io abbia potuto iscrivere tra i Beati un figlio di questa amata Nazione, Lojze Grozde. Egli, nella sua prima giovinezza, si era messo seriamente alla scuola di Gesù, presente nel Santissimo Sacramento e, in ginocchio, in una intensa e fedele pratica di adorazione eucaristica, aveva appreso che cosa significasse vivere la donazione totale, fino ad essere disposti a sacrificare la propria vita. Lojze, non ancora ventenne, è stato martirizzato per la sua fede, e così si è conformato in tutto a Gesù. Sia, quindi, il beato Lojze Grozde nostro modello e intercessore, e ci ottenga di essere sempre fedeli al Signore nella comunione fraterna della Chiesa.²⁴⁷

Para tanto, Lojze Grozde é elevado aos altares católicos por sua maturidade religiosa, mesmo ainda sendo muito jovem, maturidade esta, que aparece através do seu envolvimento com a eucaristia, inserção na Ação Católica e por ter dado a vida tornando-se mártir pela Igreja.

7.4.2 A exemplaridade dos jovens confessores²⁴⁸

Como demonstramos no capítulo anterior, dos 2739 beatos e santos dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI apenas 532 (19,42%) são de confessores. Grande parte dos beatos e santos são, portanto, mártires e fazem parte de cerimônias coletivas. Os dados sobre confessores jovens são ainda menores, tendo em vista que dos 31 elencados nesta tese, apenas 8 estão incluídos nesta categoria, sendo cinco leigos e três religiosos.

Os dois primeiros jovens, Laura Vicuña, de 12 anos, e Zeferino Namacurá, de 18 anos,

²⁴⁷ Tradução livre: “podemos assumir um fruto da providência divina o fato que hoje eu tenha podido registrar entre os beatos um filho desta amada nação, Lojze Grozde. Ele, em sua juventude, começou seriamente na escola de Jesus, presente no Santíssimo Sacramento e, de joelhos, numa intensa prática de adoração eucarística, aprendeu o que significava viver a doação total, e estar disposto a sacrificar sua própria vida. Lojze, ainda não tinha vinte anos, foi martirizado por sua fé, e por isso foi conformato com Jesus. Vamos todos, então, ter o beato Lojze Grozde como nosso modelo e intercessor, e que possamos sempre ser fiel ao Senhor na comunhão da Igreja.” Consultar “OmeliadelCard. Tarcisio Bertone, Segretario di Stato del Santo Padre” em: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2010/documents/rc_seg-st_20100613_congresso-slovenia_it.html Acesso: 31/10/13.

²⁴⁸ Na impossibilidade de falar de todos os beatos e santos confessores e modelos para a juventude, trataremos aqui apenas dos leigos e dos mais representativos. Teresa dos Andes, Rafael Arnaiz e Grimoaldo dela Purificazione por serem religiosos deixaremos de fora desta análise.

são fruto da espiritualidade salesiana e a beatitude deles faz parte de um modelo que advém do santo jovem Domingos Sávio, que falamos anteriormente. Laura nasceu no Chile, em 1891, e aos 2 anos de idade junto com a mãe foi morar na Argentina devido a Guerra civil que acontecia no Chile e que tirou a vida de seu pai. Em 1900, iniciou os seus estudos no colégio das irmãs Salesianas, filhas de Maria Auxiliadora. Quando completou 10 anos manifestou, para as filhas de Maria Auxiliadora, o desejo de se tornar uma religiosa, uma irmã Salesiana. Feito o pedido, o Bispo pediu que ela aguardasse um pouco mais. Contudo, Laura começou a perceber que a mãe sofria maus tratos pelo padrasto e em decorrência decidiu adiar sua entrada no estado religioso.

A biografia de Laura Vicuña informa que desde pequena esta menina rezava pela conversão da mãe que vivia em um casamento não oficial com seu padrasto. Em decorrência disto, Laura rezava e fazia inúmeras penitências com o intuito de garantir a salvação da mãe, tanto espiritual como física, já que sua mãe sofria violência doméstica. Assim,

desejando a conversão da mãe, ela ofereceu em troca sua vida a Deus e intensificou as orações. Logo depois, foi tomada por uma grave doença e voltou para os cuidados da mãe. Em uma noite de janeiro de 1904, o padrasto chegou bêbado em casa, agarrou Laura e a espancou. Depois desse dia, ela viu que sua vida terrena estava para terminar e decidiu confessar à mãe a oferta feita a Deus. No dia 22 daquele mês, a beata foi ao encontro do Senhor. Segundo João Paulo II, a história de Laura Vicuña deve fazer com que reflitamos sobre a importância da família na educação dos filhos e sobre os direitos que estes têm de viver em uma família normal, lugar de amor mútuo e de formação humana e cristã. “Este é um chamado a sociedade moderna, para que ela cuide cada vez mais da instituição familiar e da educação dos jovens”, acrescentou.²⁴⁹

Laura foi beatificada por João Paulo II em 1988, e é invocada como padroeira das pessoas vítimas de maus-tratos pelos parentes, e em julho de 2013, nas Jornadas Mundiais da Juventude, recebeu os títulos de “exemplo de vida para a juventude” e de “intercessora dos jovens” neste evento. Percebe-se na citação acima retirada do site das Jornadas Mundiais da Juventude, que a beatificação de Laura e sua biografia discute questões como as transformações familiares na modernidade, a educação dos filhos e dos jovens. Laura numa profética missão ofereceu sua vida em sacrifício pela libertação e conversão de sua mãe. Suas orações recaiam na possibilidade de chamar à atenção para situação de vulnerabilidade familiar que as duas viviam em decorrência de um matrimônio ‘não oficial’ e de uma situação

²⁴⁹ Consultar “Beata Laura Vicuña é exemplo de vida para a juventude” em: <http://www.rio2013.com/pt/notices/details/1078/Beata-Laura-Vicuna-e-exemplo-de-vida-para-a-juventude> Acesso; 02/11/13.

de violência e instabilidade doméstica muito comum nos casamentos de hoje. Estas questões, levantadas na beatificação de Laura Vicuña, estão intimamente associadas as mudanças na esfera da família e da religião, fruto da modernidade, e que foram discutidas em um longo documento de João Paulo II chamado “Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*”, de 1981, que trata, entre outras coisas, da “unidade indivisível da comunhão conjugal”, dos “direitos e função da mulher”, das “ofensas à dignidade da mulher”, dos “direitos da criança”, do “direito-dever dos pais de educar para os valores essenciais da vida humana”.

Em se tratando da importância da família na educação dos filhos, a “Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*” informa que as crianças e jovens “têm de viver em uma família normal, lugar de amor mútuo e de formação humana e cristã. “Este é um chamado a sociedade moderna, para que ela cuide cada vez mais da instituição familiar e da educação dos jovens” e desta forma, por Laura Vicuña viver num lar sem a presença paterna, que culminou num novo casamento, onde a mãe e ela própria sofriam violência doméstica, a beatificação dela serve como uma crítica do Vaticano a remodelação da família na modernidade, já que, segundo Jeni Vaistman(1994), a família conjugal moderna acompanhou os processos de modernização, urbanização e industrialização. O resultado foi um crescente número de separações e divórcios, da expectativa de vida, das migrações, dos lares unipessoais e liderados por mulheres e um decréscimo da taxa de natalidade a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho. Nesta transformação, a família conjugal começa apresentar características como redução, racionalização e individualismo.

Estas novas configurações familiares, analisadas por autores como Goldani (1993), Scott (2011a, 2011b, 2011c) Jelin (2005) não deixaram de ser percebidas pelo Vaticano, já que no processo de descendência de fé é a família e mais especificamente a mãe, como analisamos em nossa dissertação de mestrado (2009), que cabe o ensinamento dos valores religiosos. No caso específico de Laura Vicuña, foi ela, a partir de espiritualidade salesiana, que foi responsável pela conversão de sua mãe, o que tornou a sua exemplaridade um modelo para os jovens que passam por situações semelhantes à dela, principalmente por ser intercessora das crianças vítimas de maus-tratos por familiares.

Zeferino Namucurá, por sua vez, nasceu na Argentina em 1886 e era filho de um cacique mapuche da tribo dos Índios Araucanos, da terra da Patagônia. Aos onze anos foi enviado pelo pai para estudar no colégio salesiano da capital Buenos Aires. De acordo com a biografia disponibilizada pelo Vaticano,

a vida no colégio não foi muito fácil para esse filho do deserto, mas ele aceitou tudo em silêncio e, em contacto com os sacerdotes salesianos de

grande talento apostólico e cultural, iniciou uma rápida transformação que se tornou um propósito permanente na base da sua parábola de santidade: "*Vim estudar para ser útil ao meu povo*". A antiga sabedoria herdada dos seus antepassados encontrou-se e integrou-se admiravelmente com a sabedoria cristã, por ele percebida como o ápice, o complemento daquela do seu povo.²⁵⁰

Por esta época, desperta em Zeferino o desejo de consagrar a sua vida totalmente a Deus, como religioso, tendo como exemplo Domingos Sávio, que naquela época já era apresentado como modelo para os jovens alunos salesianos. Com dezesseis anos muda-se para Viedma (Argentina), para iniciar os estudos de Latim, mas, devido à sua saúde frágil fica pouco tempo por lá. Dom Cagliero resolve levá-lo para a Itália, onde julgava que o clima seria mais adequado para Zeferino. Na Itália, Zeferino conhece o Padre Miguel Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco, e o Papa Pio X (1892-1903), que o abençoa. Em seguida seguiu para estudar em Turim e em Frascati. Mas a tuberculose, não diagnosticada a tempo de ser tratada, chega de forma fatal. Internado em Roma, morre dois meses depois, no dia 11 de maio de 1905, aos dezenove anos. Sua beatificação aconteceu no dia 11 de novembro de 2007, sob o pontificado de Bento XVI e foi presidida pelo cardeal salesiano Tarcisio Bertone, secretário de estado do Vaticano e reuniu cerca de 200 mil pessoas na pequena Chimpay. Na homilia de sua beatificação duas questões principais são enfocadas: a primeira que tratamos acima, e que aborda a influência da espiritualidade salesiana e do modelo de santidade do jovem Domingos Sávio e a segunda do encontro entre tradições distintas como o catolicismo e a cultura e religião dos povos originários. Tarcisio Bertone, informa em sua homilia que

Apraz-nos ver no Beato Zeferino toda a história, frequentemente dramática, do seu povo. Ele resume em si os sofrimentos, as ansiedades, as aspirações dos Mapuches, que exactamente durante os anos da sua juventude se encontraram com o Evangelho e se abriram ao dom da fé.

Hoje, louvar o Senhor no Beato Zeferino significa também fazer memória viva e reconhecida das antigas tradições do povo mapuche, altivo e indómito; e ao mesmo tempo redescobrir a fecundidade do Evangelho, que nunca destrói os valores autênticos, dos quais uma cultura é portadora, mas assume-os, purifica-os e aperfeiçoa-os.

A própria vida de Zeferino é como uma "parábola" desta verdade profunda. Zeferino nunca esqueceu que era mapuche: o ideal supremo para ele era ser útil ao seu povo. Mas o encontro com o Evangelho fez crescer numa perspectiva nova a sua aspiração fundamental: alcançou assim o desejo ardente de se tornar salesiano, e sacerdote, "para mostrar" aos seus irmãos mapuches "o caminho do céu".²⁵¹

²⁵⁰ Consultar Zeferino Namacurá em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20071111_zefferino_po.html Acesso: 03/01/13.

²⁵¹ Consultar "Homilia do Cardeal Tarcisio Bertone na Cerimónia de Beatificação do Servo De Deus Zeferino Namuncurá, Chimpay (Argentina), 11 De Novembro De 2007" em: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2007/documents/rc_seg-st_20071111_beatiffirino_po.html Acesso: 03/02/13.

Nota-se que para o caso de Zeferino, a sua conversão ao cristianismo não aparece como algo contraditório, nem carregado de críticas pelos seus coetâneos, como foi o caso da santificação da índia iroquesa Kateri Tekakwitha. Enquanto Zeferino tem sua “santidade” construída a partir da exaltação de sua juventude e ligação aos salesianos, Kateri é tida como modelo de santidade juvenil e modelo para discussão entre fé/cristianismo e suas relações com culturas/religiões distintas. A leiga consagrada Kateri nasceu nos Estados Unidos em Orsenenon (Auresville), no território moicano, em 1656. Era filha de um chefe não cristão do clã Tartaruga. Aos dezenove anos pediu para ser batizada passando a ser motivo de desconfiança para seu povo. Em 1677, foi para Quebec no Canadá numa missão de conversão dos povos nativos, morrendo aos 24 anos de idade. Foi considerada venerável em 1943, pelo papa Pio XII (1939-1958), beatificada em 1980, pelo papa João Paulo II e santificada por Bento XVI em 2012. Sua beatificação e santificação serviram como base para que o vaticano discutisse ainda mais a relação entre missão e evangelização e seus efeitos em culturas distintas, a partir do termo Inculturação, que vem sendo discutido mais fortemente pelo Vaticano desde 1979, quando a Comissão Bíblica Pontifícia teve como plenária o tema “*A inculturação da fé à luz da Escritura*.” Em 1984, a Comissão Teológica Internacional também analisou o termo, e em 1985 foi tema do Sínodo extraordinário.²⁵² Obviamente que a base para discussão entre fé e cultura está contida no documento conciliar “*Gaudium et spes*”, no capítulo “*De culturae progressu rite promovendo*”. Segundo o Vaticano, a Inculturação da fé é “uma íntima transformação dos autênticos valores culturais mediante a sua integração no cristianismo e a encarnação do cristianismo nas várias culturas humanas.”²⁵³ Nas ciências humanas este termo foi analisado por diversos autores e segundo Marjo de Theije & Cecília Loreto Mariz (2008), ganha força na Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II e se mostra de forma mais específica na celebração da missa em vernáculo, o que reflete uma predisposição desta Igreja em discutir questões como diferenças culturais e singularidades locais. Desta forma,

in a period in which the world seemed to be achieving uniformity of cultures and societies as a result of intensified communication and increased economic connections, the Catholic Church—which for centuries promoted cultural homogenization through the use of its own language (Latin) in

²⁵² Consultar “Comissão Teológica Internacional Fé e Inculturação (*) (1988)” em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1988_fede-inculturazione_po.html Acesso: 03/02/13.

²⁵³ Consultar “Comissão Teológica Internacional Fé e Inculturação (*) (1988)” em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1988_fede-inculturazione_po.html Acesso: 03/02/13.

prayer and liturgy, its standardized rituals, and the provision of a uniform religious education worldwide—changed its policy and initiated the process of *aggiornamento*. This meant, for example, the pursuit of dialogue with other cultures and respect for cultural diversity and local forms of expression, at least at the level of discourse. The Vatican II shift clearly illustrates what sociological theories on the globalization process called its “double dimension” (Bauman 1999; Robertson 1993). Globalizing processes reinforce local distinctiveness and, at the same time, homogenize social life (THEJE & MARIZ, 2008, p. 33).²⁵⁴

Para tanto, o termo *Inculturação*, como informa Faustino Teixeira (2002), refere-se a um neologismo específico da linguagem cristã, usado comumente nas discussões missiológicas e que, embora tenha uma conotação antropológico-cultural, distingue-se de outros termos como *aculturação*, *enculturação* e *transculturação*. É também diferente dos conceitos de *adaptação* e *acomodação*, discutidos na teologia na década de 50. Teixeira (2002) complementa afirmando que o novo conceito foi fruto dos desdobramentos da elaboração teológico-missiológica ocorrida sobretudo na Ásia e na África. Já no Sínodo de 1974, com o tema “A evangelização no mundo de hoje”, é feita a primeira transição,

ao reconhecer cidadania para expressões como *inserção*, *indigenização* e *encarnação*. As intervenções dos Padres da Ásia e da África foram incisivas no diagnóstico da falta de *aculturação* da mensagem eclesial em outros quadros culturais que não os ocidentais, bem como no apelo em favor da justa autonomia e criatividade das igrejas particulares face aos novos desafios da pluralidade. A partir da XXXII congregação geral da Companhia de Jesus, ocorrida nos anos de 1974-1975, o termo *inculturação* passa a fazer parte do repertório usual da teologia e da pastoral. Uma referência importante foi a carta do então Superior Geral dos jesuítas, Pedro Arrupe, sobre a *inculturação* (1978): A *inculturação* é a *encarnação* da vida e da mensagem cristãs em uma área cultural concreta, de modo que não somente esta experiência se exprima com os elementos próprios da cultura em questão (o que ainda não seria senão uma *adaptação*), mas que esta mesma experiência se transforme em um princípio de *inspiração*, a um tempo norma e força de *unificação*, que transforma e recria esta cultura, encontrando-se assim na origem de uma “nova criação” (TEIXEIRA, 2002, p. s/p).

O imbróglio causado entre *inculturação* da fé e Kateri Tekakwitha tomou uma dimensão maior nos preparativos para sua canonização, que se confirmou em 2012. Logo de início, Kateri ganhou a alcunha de primeira santa nativa americana. Alguns Mohawks

²⁵⁴ Tradução livre: “Em um período em que o mundo parecia garantir a uniformidade das culturas e sociedades, como resultado da intensificação da uniformidade da comunicação e as conexões econômicas, a Igreja Católica -, que durante séculos promoveu a homogeneização cultural através do uso de uma linguagem própria (Latim), oração e liturgia, seus rituais padronizados, e a prestação de uma educação religiosa uniforme em todo o mundo, mudou-se sua política e iniciou o processo de atualização. Isso significava, por exemplo, a busca do diálogo com outras culturas e o respeito à diversidade cultural e formas locais de expressão, pelo menos no nível do discurso. A mudança do Vaticano II ilustra claramente as teorias sociológicas sobre o processo de globalização chamado de “dupla dimensão” (Bauman 1999, Robertson 1993). Processos Globalizantes reforçam especificidades locais e, ao mesmo tempo, homogeneizam a vida social.”

tradicionais trataram a sua nomeação com ceticismo e medo de que a Igreja Católica Romana pudesse usa-la para reforçar a sua imagem e marginalizar práticas espirituais tradicionais, já que para alguns, a história de Kateri Tekakwitha é mais um lembrete das atrocidades coloniais e opressão religiosa do que uma homenagem, pois a biografia de Kateri e vários escritos da igreja ela é descrita como uma convertida que manteve sua fé apesar do tormento e perseguição do seu povo.²⁵⁵

Contudo, para além de ser a primeira nativa americana santificada e tida como modelo pela Igreja Católica, em relação a Inculturação dos Povos, Kateri ainda foi escolhida como padroeira das Jornadas Mundiais da Juventude no Canadá em 2002, e o papa João Paulo II, em uma de suas homilias, afirma que “... a *santidade não é uma questão de idade*; trata-se de *viver no Espírito Santo*, precisamente como já fizeram Kateri Tekakwitha, aqui na América, e muitos outros jovens.”²⁵⁶

Se por um lado a santidade de Kateri levanta a questionamentos sobre a Inculturação, a próxima beata que trataremos faz parte de um modelo que tem ganhando amplo destaque na Igreja Católica nos últimos tempos, ou seja, dos fundadores de ordens, congregações ou institutos seculares. Clelia Barbieri nasceu na Itália em 1847. Aos vinte, sob a orientação espiritual do pároco Caetano Guidi, Clélia elaborou com as amigas um projeto de vida consagrada a Deus de catequistas leigas, chamada Congregação das Irmãs Mínimas de Nossa Senhora das Dores, sendo considerada a mais jovem fundadora da Igreja Católica. Morreu vítima de tuberculose com apenas vinte e três anos de idade, em 1870. Em 1989, o papa João Paulo II canonizou-a e, no ano seguinte, a proclamou Padroeira das Catequistas. Na homilia de sua canonização, João Paulo II afirmou que Clelia deve ser um exemplo e inspiração aos jovens, já que mesmo com pouca idade, esta santa viveu intensamente o Evangelho, fundando uma Congregação que até hoje rende frutos a Igreja.

Por fim, os dois últimos beatos que trataremos aqui fazem parte de um modelo de santidade no qual Chiara Luce também está inserida, ou seja, àqueles que participaram de Movimentos da Igreja, mais que sua santidade reside na busca do virtuosismo nas ações cotidianas, no qual os milagres e atitudes ascéticas ficam em segundo plano. Neste modelo, além de Chiara Luce, temos ainda Pier Giorgio Frassati e Cecilia Eusepi, que falaremos a seguir. Cecília Eusepi nasceu na Itália e fez parte da Ação Católica. Nasceu em Monte

²⁵⁵ Consultar “1st Native American saint stirs pride, skepticism” em: <http://www.usatoday.com/story/news/nation/2012/10/28/catholic-native-american/1664599/> Acesso: 03/01/13.

²⁵⁶ Consultar “Homilia do Papa João Paulo II Parque “Downsview” Domingo, 28 de Julho de 2002” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020728_xvii-wyd_po.html Acesso: 03/01/13.

Romano, em 1910, e em 1915, para que tivesse uma boa educação, sua mãe a deixou sob os cuidados de freiras de um mosteiro cisterciense da cidade de Nepi. Neste mesmo mosteiro começou a fazer parte da Ação Católica e ingressou na Ordem Terceira dos Servos de Maria (Ordem Secular dos Servos de Maria). Desde muito jovem, por ter mantido um diário, Cecilia comumente foi tida como irmã espiritual Santa Teresa de Lisieux. Devido a problemas pulmonares, Cecilia morreu, aos 18 anos de idade, com fama de santidade. Sua beatificação aconteceu em junho de 2012, sob o pontificado de Bento XVI e sua exemplaridade, além de ser ligada a juventude da Ação Católica, trás ainda elementos, como dissemos anteriormente, de uma santidade cotidiana e de relativa facilidade de imitação para os jovens. Tanto que em seu diário Cecilia escreveu que “essere santa è sempre stata la mia passione” - “la santità non consiste nella grandezza e straordinarietà delle opere, quella santità non è da tutti, ma bensì nel fare tutte le nostre azioni ordinarie, anche minime, allo scopo unico di piacere a Gesù.”²⁵⁷

Desta forma, a beatitude de Cecilia se baseia num tipo de santidade que começou a ganhar destaque no pontificado de João Paulo II e que teve como expoente maior o italiano Pier Giorgio Frassati. Este tipo de modelo no qual Chiara Luce também faz parte, busca partilhar modelos de santidade que possam ser imitados pelos jovens leigos da Igreja, ou seja, tais beatos, não são cultuados por atitudes extraordinárias, grandes milagres ou vidas ascéticas, e sim pelo virtuosismo das ações cotidianas.

Pier é considerado, portanto, o primeiro jovem leigo e confessor que o Vaticano investiu grande força, na tentativa de dar aos jovens católicos um modelos plausível de santidade a ser seguido. Nascido em 1901, em Turim na Itália, Pier era filho de Alfredo Frassati e Adelaide Ametis, família rica e dona do jornal La Stampa. Desde muito jovem se dedicou a obras sociais e de caridade e fez parte de vários grupos católicos de juventude, como o Apostolado da Oração e Ação Católica, e a Sociedade de São Vicente de Paulo. Ainda adolescente participou ainda da Juventude Mariana Vicentina e mais tarde de se tornou membro da Ordem Terceira de São Domingos. Além de suas atividades religiosas, Frassati era ainda um exímio esportista que gostava de alpinismo e montanhismo. Em decorrência de uma poliomielite, Pier Giorgio Frassati morre em 1925, aos 24 anos. Em 1932, a causa de canonização é aberta e antes mesmo de torna-se beato, João Paulo II, num discurso no Pontifício Conselho para os Leigos, fala de Frassati, lembrando que junto a memória de São

²⁵⁷ Tradução livre: “ser santa sempre foi minha paixão” – “santidade não consiste na grandeza e extraordinariedade da vida, esta santidade não é a de todos, mas sim no fazer todas as nossas ações ordinárias, embora mínimas, apenas o objetivo de conhecer Jesus.” Consultar “Cecilia Eusepi, una giovane beata di Ac” em: <http://www2.azionecattolica.it/cecilia-eusepi-una-giovane-beata-di-ac> Acesso: 03/01/13.

Damião, e de São Francisco de Assis, é importante lembrar deste jovem como um incentivo à luta por altos ideais deste jovem, que era moderno e aberto aos problemas da cultura, esporte, caridade, além de ser um jovem profunda fé.²⁵⁸

Em 1990, João Paulo II beatificou Pier Giorgio Frassati afirmando que o estilo de Pier Giorgio Frassati por ser um jovem moderno e cheio de vida, a primeira vista não apresenta muito do comum aos beatos da Igreja, mas que é a originalidade de sua virtude, que convida a todos e principalmente os jovens a refletir e imitá-lo e que o gosto que ele tinha pela beleza e arte, a paixão pelo esporte pelas montanhas, a atenção para os problemas da sociedade não impediram de comungar intimamente com Jesus. João Paulo II, ainda na homilia de beatificação, destaca que a vocação de Frassati como um cristão leigo foi realizada em todas as associações que fez parte e nos compromissos políticos que estabeleceu em uma sociedade em crise e por vezes indiferente e hostil à Igreja. Mesmo nesse contexto de indiferença, Pier Giorgio foi capaz de dar um impulso a vários movimentos católicos, especialmente a Ação Católica, bem como a FUCI (Federazione Universitaria Cattolica Italiana).²⁵⁹ Tamanha era estima que João Paulo II nutria por Pier Frassati, que em 2001 num discurso na Cracóvia ele considerou este beato como o homem das oito Bem-aventuranças, que leva consigo a graça do Evangelho.²⁶⁰ Por fim, ainda em 2001 num discurso aos jovens de Roma, João Paulo II pediu aos jovens para que estes não tivessem medo de ser as sentinelas da aurora do novo milênio, e que, ao lado de Jesus e Maria, eles se espelhassem e tivessem como intercessor o beato Pier Giorgio Frassati afirmando que na “... sua esistenza di giovane «normale» dimostra che si può essere santi vivendo intensamente l'amicizia, lo studio, lo sport, il servizio ai poveri, in un rapporto costante con Dio. A lui affido il vostro impegno missionario.”²⁶¹

²⁵⁸ Consultar “Il Centro San Lorenzo: una fucina di formazione di autentici giovani cristiani. OMELIA DI GIOVANNI PAOLO II NELLA MESSA DI INAUGURAZIONE. Domenica 13 marzo 1983” em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/laity_it/uffici/csl-omelia-gpii-1983_it.htm Acesso: 05/01/14.

²⁵⁹ Consultar “Beatificazione di Pier Giorgio Frassati. *Omelia di Giovanni Paolo II. Domenica, 20 maggio 1990*” em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1990/documents/hf_jp-ii_hom_19900520_beatificaz-frassati_it.html Acesso: 05/01/14.

²⁶⁰ Bem-aventuranças são os ensinamentos que, de acordo com o Evangelho de Mateus, Jesus pregou no Sermão da Montanha. São eles: “Felizes as pessoas que sabem que são espiritualmente pobres, pois o Reino do Céu é delas”; “Felizes as pessoas que choram, pois Deus as consolará.”; “Felizes as pessoas humildes, pois receberão o que Deus tem prometido.”; “Felizes as pessoas que têm fome e sede de fazer a vontade de Deus, pois ELE as deixará completamente satisfeitas.”; “Felizes as pessoas que têm misericórdia dos outros, pois Deus terá misericórdia delas.”; Felizes as pessoas que têm o coração puro, pois elas verão a Deus.”; Felizes as pessoas que trabalham pela paz, pois Deus as tratará como seus filhos. “Felizes as pessoas que sofrem perseguições por fazerem a vontade de Deus, pois o Reino do Céu é delas.”

²⁶¹ Tradução livre: “... sua existência de jovem «normal» demonstra que se podemos ser santos vivendo intensamente a amizade, o estudo, o esporte, o serviço aos pobres, num encontro constante com Deus. A ele confio vosso empenho missionário.” Consultar “Discorso di Giovanni Paolo II ai Giovani della Diocesi di Roma”

A partir deste apanhando de biografias de santos jovens, além da discussão sobre as estratégias de evangelização da Igreja Católica para com estes, fica claro que os modelos de santidade aos quais estes são inseridos, se mesclam com modelos existentes e comumente consagrados. Nossa análise demonstrou que o caminho para santidade juvenil ainda é mais fácil de ser alcançado via martírio e que este martírio possui distinções de gênero bem demarcadas, ou seja, todas as mulheres são mártires da castidade, enquanto os homens têm sua santidade exemplificada a partir do heroísmo decorrente das missões. Para o caso dos confessores, que estão em menor número, vemos um claro deslizamento da santidade ascética e miraculosa, para uma santidade que valoriza as ações cotidianas e vivência santificada nas mais diversas ações destes jovens. Boa parte deles também tiveram sua espiritualidade e santidade construída e formulada a partir de sua participação em Movimentos religiosos da Igreja.

Nesta pedagogia da santidade, é, portanto, solicitado aos jovens, que trilhem um caminho contracultural, que não sigam a corrente moderna que relativiza a moral sexual e a religião. Para ser santo, o jovem deve, portanto, estar ligado a caridade, fazer parte de movimentos religiosos e principalmente santificar o cotidiano para torna-se santo. Para tanto, no próximo capítulo analisaremos a construção da santidade de Chiara Luce. Nosso intuito será investigar os elementos em sua vida que propiciaram a sua fama de santidade.

8 A BEATA CHIARA LUCE COMO MODELO DE SANTIDADE JUVENIL

Neste capítulo faremos uma análise da construção da santidade de Chiara Luce através dos livros escritos dos seus biógrafos, dos documentos do Vaticano, entrevistas com fiéis, e mensagens endereçadas a ela que foram recolhidas em comunidades da internet dedicadas a esta beata. Nossa intenção neste capítulo é discutir os elementos fundantes da santidade de Chiara e como tais elementos estão associados a um modelo específico de santidade que tem ganhado força desde o pontificado de João Paulo II.

Apesar de ser uma beata de uma cidade interiorana da Itália, e ter apenas 19 anos quando morreu, e de não despertar ainda em vida uma grande fama de santa como o Padre Pio

de Pietrelcina²⁶², Chiara Luce foi considerada por muitos uma santa em vida, santidade esta que para alguns biógrafos a acompanha desde a infância e que para outros se manifestou apenas no quando de sua doença. O fato é que a jovem Badano fazia parte de um contexto propício para o florescimento da santidade. Nascida na Itália, país no qual os santos são vistos como parentes próximos, Chiara fazia ainda parte de uma família extremamente religiosa e participante dos serviços religiosos. Para, além disto, quando completou nove anos, conheceu o Movimento dos Focolares, que lhe deu um impulso maior de santificar seu cotidiano. Esse encontro com os Focolares, através do Movimento GEN a fez entrar em contato não só com a espiritualidade destes, mas também conhecer as histórias virtuosas de alguns jovens que tinham “partido para o céu” envoltos numa “*fama sanctitas*”. Como aponta Michele Zanzucchi (2010), principal biógrafo de Chiara, o Movimento dos Focolares, desde os anos de 1960 vinha colhendo frutos de sua espiritualidade através de exemplos de “santos em vida”, no qual a maior parte deles eram jovens, ou seja, o terreno havia sido arado e era propício para colheita de frutos da santidade.

Com este terreno preparado, a vida de Chiara e a forma como ela foi retratada por seus biógrafos, ajudou os fiéis sobretudo os jovens a se espelharem nela e conseqüentemente a manter a efervescência em sua devoção. Para tanto, neste primeiro item, nos iremos apresentar uma breve biografia de Chiara Luce.

8.1 Breve biografia de Chiara Luce

Chiara Badano (Luce) nasceu em 29 de outubro de 1971. Os seus pais, Maria Teresa e Ruggero Badano, já estavam casados há dez anos, mas não conseguiam ter filhos, quando Ruggero decidiu fazer mais uma visita ao Santuário de Nossa Senhora das Rocas, pedindo a graça de um filho. Um mês depois Maria Tereza, com a idade de trinta e sete anos engravidou. A biografia da Celebração Eucarística de sua beatificação destaca que Chiara

já no Jardim de Infância colocava as suas economias numa pequena caixa para as «*crianças de cor*»; e sonhava em poder um dia ir à África como médica para cuidar delas. Foi uma menina normal, mas com algo mais. Era dócil à graça e ao projeto que Deus tinha para ela que aos poucos foi se revelando. No dia da sua primeira Comunhão recebeu de presente o livro dos

²⁶² De acordo com Woodward (1992, p. 151-152) o Padre Pio teve toda a sua existência marcada por elementos que constituem santidade como: estigmas, visões com Jesus, a faculdade de “ler corações” e ainda a bilocação.

Evangelhos. Foi para ela um «magnífico livro» e «uma extraordinária mensagem»; como afirmou: «Para mim, é fácil aprender o alfabeto, deve ser a mesma coisa viver o Evangelho!». ²⁶³

Antes de completar nove anos, Chiara Badano tomou conhecimento, a partir de um grupo de garotas da sua idade, de um Movimento Eclesial da Igreja Católica, chamado Focolares, que falava de uma “espiritualidade da unidade” e que tem como objetivo contribuir para a realização da unidade e da fraternidade universal, tendo como lema a frase “Pai, que todos sejam um” (João 17, 21). Este encontro se tornou revelador, e em 1981, ela juntamente com seus pais, viajou de Sassello à Roma, para participar pela primeira vez de um evento dos Focolares, chamado Familyfest. No retorno da viagem escreveu em seu diário sobre as impressões deste evento, afirmando que “le bambine che ho incontrato erano buone, gentili, diverse da quelle di scuola, e insieme abbiamo cercato di vivere per Gesù” (MAGRINI, 2010, p.34). ²⁶⁴ A partir deste evento, Chiara passou a se dedicar cada vez mais a “espiritualidade da unidade” até entrar no Gen 3 inserido dentro “Movimento Juvenil pela Unidade”.

Em 1983, quando tinha cerca de 12 anos, Chiara Badano participa do Congresso Internacional do GEN3, em Rocca di Papa, e mais tarde em carta enviada a Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, ela informou que descobriu

... que Jesus abandonado é a chave da unidade com Deus e quero escolhê-lo como meu primeiro esposo e preparar-me para quando Ele vier. Dar preferência a Ele! Entendi que posso encontrá-lo nas pessoas distantes de Deus, nos ateus, e que devo amá-los de modo muito especial sem ser interesseira (ZANZUCCHI, 2010, p. 34).

Percebe-se que aos poucos Chiara Badano vai integrando a sua fé e religiosidade as premissas básicas do Movimento dos Focolares, ou seja, o entendimento cada vez mais claro do que é Jesus abandonado ²⁶⁵ e o diálogo para compor a unidade na diversidade com membros da Igreja Católica; com cristãos de diversas igrejas; com fieis de outras religiões e

²⁶³ Consultar “CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA A BEATIFICAÇÃO DA VENERÁVEL SERVA DE DEUS CHIARA BADANO” em: <http://pt.scribd.com/doc/181502962/Beatificacao-de-Chiara-Luce> Acesso: 14/01/14.

²⁶⁴ Tradução livre: “As crianças que eu encontrei eram boas, gentis, e diferentes daquelas da escola, e juntos nós procuramos viver para Jesus”.

²⁶⁵ Jesus abandonado é um dos alicerces da Espiritualidade da Unidade, ou seja, do Movimento dos Focolares. Num discurso em 2000 Chiara Lubich explica a ideia afirmando que “um fato, acontecido nos primeiros meses de 1944, nos levou a ter uma nova compreensão sobre Ele. Por uma circunstância viemos a saber que o maior sofrimento de Jesus, e portanto o seu maior ato de amor, foi quando, na cruz, experimentou o abandono do Pai: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). Ficamos profundamente tocadas com isso. E a jovem idade, o entusiasmo, mas principalmente a graça de Deus, nos impulsionaram a escolher justamente Ele, no seu abandono, como caminho para realizar o nosso ideal de amor. Desde aquele momento pareceu-nos encontrar o seu semblante em toda parte. Consultar: <http://www.focolare.org/pt/chiara-lubich/spiritualita-dellunita-gesu-abbandonato/> Acesso: 15/02/14

com pessoas de convicções não religiosas.²⁶⁶ Com 13 anos, Chiara recebe a primeira comunhão e aos 14 anos é crismada. Em 1985, com 14 anos no início do ensino médio, e por ocasião de um congresso GEN3 em Roma, ela escreve novamente à Chiara Lubich e afirma que

durante este Congresso, redescobri o Evangelho sob uma nova perspectiva. Entendi que eu não era uma cristã autêntica, porque não o vivia até as últimas consequências. Agora, quero fazer desse magnífico livro o único objetivo da minha vida. Não quero, e não posso, continuar analfabeta de uma mensagem tão extraordinária. Como para mim foi fácil aprender o alfabeto, também deve ser fácil viver o evangelho. Redescobri aquela frase que diz: ‘Dai e vos será dado’. Devo aprender a ter mais confiança em Jesus, a acreditar no seu imenso amor. Obrigada pela grande dádiva, que a cada dia redescubro sempre nova (ZANZUCCHI, 2010, p. 36).

Percebe-se que Chiara, com 14 anos, vivencia o que Danièle Hervieu-Léger (1997, p. 33) observa como uma conversão, no sentido revivalista do termo, que é proporcionada por um emocionalismo comunitário próprio das comunidades eclesiais ou de vida, ou seja, ela redescobre o evangelho por meio de uma nova forma de senti-lo e expressá-lo, que advém de um entendimento cada vez maior e radical das premissas do Movimento dos Focolares.

Quando chega à adolescência, Chiara experimenta sua primeira provação. Sobre esta época ela escreve: “Fui reprovada, e para mim foi um sofrimento muito grande. Não consegui oferecer essa dor imediatamente a Jesus. Demorei muito tempo para me recuperar um pouquinho e, às vezes, ainda hoje, quando penso nisso, sinto vontade de chorar. É Jesus abandonado (ZANZUCCHI, 2010, p. 41). Em uma entrevista com os pais de Chiara ao site da Canção Nova, Maria Tereza, quando questionada sobre um momento difícil de Chiara antes da doença, afirmou que

... o início da escola média foi um momento de desorientação para Chiara. Primeiramente, porque tínhamos nos mudado de Sassello para Savona. Muitas vezes ela dizia: “Mas mamãe, muitos estudantes viajam de ônibus. Por que temos que ir morar em Savona?”. A isso se acrescentou a incompreensão de um professor. Ele se comportava assim quase com toda a classe, mas com Chiara a situação era um pouco mais pesada. Ela procurava estudar, dava tudo de si, não com o objetivo de ser a primeira da turma, mas para poder dizer, diante de Deus: faço toda a minha parte. De fato, esse foi o seu primeiro grande sofrimento.²⁶⁷

Este fato se tornou extremamente marcante para Chiara, porque foi neste primeiro momento de dificuldade que ela tentou colocar em prática sua religiosidade, fraquejando por

²⁶⁶ Consultar LUBICH, C, 2003, p. 443.

²⁶⁷ Consultar “Entrevista com os pais de Chiara Luce Badano” em: <http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=277995> Acesso: 15/02/14.

vezes, mais oferecendo seu sofrimento a Jesus. Para além de ter importância para a beata, os fieis também apontam este momento como um dos mais significativos no caminho da santidade desta como informa B C, de 15 anos e residente em Roma. Em entrevista realizada na Facoltà di Scienze della Formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12, esta jovem nos afirmou que quando tinha 13 anos foi também reprovada na escola:

Eu chorava muito, era tanta tristeza, eu não me acostumava com isso. Minha mãe dizia: ‘filha não se desespere, no próximo ano você se sairá melhor’, mais nada me consolava... Aí eu comecei a ficar irritada, desobediente, comecei a mentir para os meus pais no período das férias, antes de retornar as aulas, sabe. Fiquei bastante revoltada, quase perdi o caminho. Uma amiga minha da escola disse: ‘Bruna, veja o que Chiara passou, ela também foi reprovada, ela fraquejou, chorou, mas no final ela ofereceu a Jesus, tente fazer o mesmo’. Então eu reli a biografia de Chiara e vi, isso não é o fim do mundo, olha só, nós temos uma santa que reprovou na escola, ela soube entregar a Deus a sua dor. Pra mim, quando penso em Chiara, penso nessa história, penso que a gente pode fazer como ela todos os dias, oferecer a dor a Jesus, ver ele em todas as coisas, e assim voltei a me comportar. Outro dia, uma outra amiga reprovou também, e eu já entreguei logo a biografia de Chiara e tudo melhorou.²⁶⁸

Para além destas dificuldades na escola, os pais de Chiara ainda relatam que no retorno a Sassello nos fins de semana, Chiara gostava de ficar na lanchonete até mais tarde com as amigas e que isso gerou uma certa preocupação nos seus pais e

... por isso, fizemos um acordo e fixamos um horário para ela. Não foi fácil: os amigos ficavam lá, conversando e saboreando um sorvete e ela ficava se remoendo em casa. Um dia nos disse: ‘Até parece que sou Cinderela que, quando bate meia-noite, tem que sair correndo e, depois perde o sapatinho’. Não tínhamos entendido que ela sofria por causa da proibição. Costumava nos perguntar dizendo assim: ‘Vocês confiam em mim ou não?’ E respondíamos: ‘Em você sim, Chiara, mas um pouco menos nos outros’. Depois, entramos num acordo: ‘Então, a responsabilidade é sua. Na noite em que estiverem tratando de um assunto sério, você fica até a meia noite. Mas na vez seguinte, você volta antes, lá pelas dez horas’. Ela ficou pensando: ‘Por mim, tudo bem’. Assim, encontramos de novo o equilíbrio, e ela ficou feliz (ZANZUCCHI, 2010, p. 42).

Aos dezessete anos, no verão de 1988, Chiara descobre que está em recuperação em matemática, o que lhe causa grande dor. Embora tivesse que se preocupar consigo mesma, ela não desiste de acompanhar a Roma as meninas da GEN4, para o primeiro Congresso delas. Nesta mesma época, Chiara encontra alguma dificuldade na passagem das GEN3 para GEN4²⁶⁹. Segundo Zanzucchi (2010), esta dificuldade foi fruto dos pequenos “dramas da adolescência”, já que se muda o grupo e muda também o adulto que as assiste, mais sobretudo,

²⁶⁸ Entrevista realizada na Facoltà di Scienze della Formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12,
²⁶⁹ As primeiras chegaram até os 17 anos e as segundas vão dessa idade em diante.

reflete um período de uma nova escolha cada vez com mais responsabilidade. Este “drama” se estende mais do que é esperado e Chiara decide não participar de dois encontros consecutivos no Movimento GEN, retornando posteriormente com toda força.

Contudo, fora a reprovação na escola, os ajustes sobre os horários de chegar em casa, a recuperação em matemática e o breve afastamento da GEN, Chiara é retratada por seus biógrafos como uma adolescente muito bonita, alegre, obediente, caridosa e de temperamento fácil, que gostava das coisas que todos os jovens gostam como passear com os amigos, ir a lanchonetes e principalmente praticar esportes. Era acima de tudo caridosa e visitava asilos, apoiava as pessoas humildes e doentes de sua cidade e cuidava como irmã mais velha das crianças do Gen 4 (ZANZUCCHI, 2010).

Mas, o ano de 1988, marco em sua vida, ainda não tinha acabado e traria mais atribulações. No período das férias, enquanto jogava tênis com amigos, Chiara sentiu uma dor muito aguda no ombro, que a impossibilitou de segurar a raquete. Depois de vários dias de dores e de exames detalhados o resultado chegou: Chiara tinha Sarcoma Osteogênico com Metástase, um dos tumores mais dolorosos e absolutamente incurável na época. Sua mãe, tentando evitar o pior, esconde de Chiara um diagnóstico tão severo. Ao passo que começaram os primeiros exames, internações e em seguida a cirurgia, Chiara foi percebendo a gravidade de sua doença. Quando questionou o médico que a tratava, ele disse que ela estava com um câncer bastante avançado e quase incurável. Michele Zanzucchi (2010) destaca que, em conversas com a mãe de Chiara, esta relembra o dia em que sua filha descobre a gravidade da doença afirmando que:

Estávamos em Turim, na casa de amigos, porque a operação tinha sido no Hospital Regina Margherita. Ainda a vejo, chegando no jardim enrolada em seu casaco verde. Tinha o olhar fixo no chão; aproximou-se, parecia ausente, entrou em casa. Perguntei-lhe como tinha sido. E ela: ‘Agora, não! Não fale agora’! Jogou-se de bruços na cama, com os olhos fechados. Ficou assim vinte e cinco minutos. Senti que eu ia morrer, mas o único modo de estar ao lado dela naquele momento era ficar calada, sofrer com ela. Era uma batalha, aquela que Chiara estava travando. Depois, ela se virou e me disse sorrindo: ‘Agora, pode falar’. Pronto! Disse novamente seu sim. E não voltou mais atrás” (ZANZUCCHI, 2010, p. 54).

São, portanto, os 25 minutos que os fieis mais enfocam na biografia e na santidade de Chiara Luce. Para alguns dos nossos entrevistados, Chiara soube dizer o seu sim a Jesus, aceitando os desígnios Dele e trilhando seguramente nesta hora um dos momentos mais críticos de sua existência como demonstra as entrevistas abaixo:

Foram só 25 minutos! Ela refletiu calada no quarto. Não sei o que passava na cabeça dela, é difícil ter a certeza da morte, não é? Eu nem sei se consigo

pensar nisso, quanto mais viver. Olhe que exemplo de maturidade espiritual, Jesus estava ali ao lado dela, e ela conseguiu ser forte, e transformou aquela dor, ofereceu aquela dor entende? Aqui ela colocou os dois pés na santidade, eu considero assim. (L I de 19 anos).²⁷⁰

Eu penso assim, cada um lida de um jeito com a dor, o sofrimento, com a morte mesmo. Nunca é fácil, tem pessoas que fazem a passagem ainda inconformados em desespero, é difícil demais. Chiara deu seu sim em 25 minutos e não olhou mais pra trás. Todos dizem que os olhos dela eram tão vivos, que ela era tão cheia de amor, que sabia que era amada por Jesus, que ninguém ficava triste quando a via. Veja se ela disse sim em 25 minutos, a gente que a visitava tinha que dizer sim também, não é? (G O, 23 anos).²⁷¹

Eu tenho uma amiga que também estava muito doente, com câncer também, um sofrimento... e resolvi ir visitá-la no hospital, levei a biografia de Chiara e disse: ‘leia a parte dos vinte cinco minutos, vai te fazer bem, te ajudar’. Dias depois retornei ao hospital e minha amiga estava melhor de confiança. Ela disse: ‘Irei tentar dar o meu sim também, é difícil mais sei que vou me sentir bem melhor’ (G R de 24 anos).²⁷²

Mariagrazia Magrini informa (2010, p. 89) que apenas uma vez Chiara se perguntou o porquê daquele sofrimento logo após uma cirurgia dizendo: “Perché Gesù? mais que em seguida falou: “Se lo vuoi tu, Gesù, lo voglio anch’io”.²⁷³ Contudo, mesmo diante de grave situação de saúde, Chiara não deixava de irradiar luz, como descreve Zanzucchi (2010), sobre as conversas que teve como os amigos de Chiara que a visitavam no hospital ou em casa. Segundo o biógrafo todos depoimentos começavam assim:

no início, tínhamos a impressão de ir visitá-la para dar-lhe apoio” – como lembra Fernando Garreto, um gen de Turim –, “mas logo percebemos que nós é que não podíamos mais ficar sem ela, porque nos sentíamos como que atraídos por um ímã”. E continua: “Cada vez que entrávamos no seu quarto, sentíamos que devíamos ‘pôr a alma em ordem’, mas depois, vinha a alegria pelos breves instantes passados com ela. Sentíamos-nos projetados na esplêndida aventura do amor de Deus, sem ter mérito algum nisso. No entanto, Chiara não dizia frases extraordinárias, não escrevia páginas e páginas de diário. Simplesmente amava”(ZANZUCCHI, 2010, p. 58).

Mas, o tratamento ia se mostrando cada vez mais inútil e Chiara após duas cirurgias perdeu os movimentos das pernas, e interrompeu o uso da morfina porque segundo ela “tira a lucidez, e eu só tenho a dor para oferecer a Jesus. Só me sobrou isso. Se não tiver lúcida, que sentido terá a minha vida?” (ZANZUCHI, 2010:64). Observando que não havia mais o que ser feito, Chiara Badano saiu de Turim e voltou a morar com sua família na sua cidade, Sassello. Foi neste período que seu relacionamento com a fundadora do Movimento dos Focolares, Chiara Lubich, se intensificou. Longas cartas foram trocadas e em uma de 19 de

²⁷⁰ Entrevista realizada em Rocca di Papa, sede do Movimento dos Focolares no dia 18/06/12.

²⁷¹ Entrevista realizada na Facoltà di Scienze della Formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12.

²⁷² Entrevista realizada na Facoltà di Scienze della Formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12.

²⁷³ Tradução livre: “Porque Jesus?” “Se tu queres, Jesus, eu quero também”.

Junho de 1990 Chiara Badano diz:

... suspendi a quimioterapia [...] mostrou-se inútil continuá-la: nenhum resultado, nenhuma melhora. E assim, a medicina depôs as suas armas! Interrompendo os tratamentos, as dores nas costas, devido as cirurgias e à imobilidade no leito, aumentaram e quase não consigo mais virar de lado. [...]... Muitas vezes, sinto-me esmagada pela dor. Mas é o esposo que vem ao meu encontro, não é? Sim, eu também repito junto com você: ‘Se é isso que queres, Jesus, eu também quero’. Ficaria feliz se você pudesse escolher para mim um ‘novo nome’ (ZANZUCCHI, 2010, p. 73).²⁷⁴

A resposta veio rápida e com surpresas. Chiara Lubich pede a Chiara Badano que não tenha medo de dizer o seu sim a Jesus todos os dias e que escolheu um nome para ela: “Chiara Luce²⁷⁵ é o nome que pensei para você. [...] É a luz do ideal que vence o mundo. Mando-o para você com todo o meu afeto. No dia de Santa Clara, você também estará presente” (ZANZUCCHI, 2010, p. 73). Com seu novo nome, Chiara pode finalmente preparar sua “festa de núpcias”, era assim que ela se referia a seu funeral. A história da vida mística, principalmente feminina, é constelada de mulheres que usam expressões de profundo enlace matrimonial com Jesus e com Chiara Luce não foi diferente. Mandou confeccionar seu vestido branco de noiva, escolheu os cânticos, e pediu a sua mãe que quando a estivesse preparando para o funeral, repetisse sempre: “Agora, Chiara Luce está vendo Jesus”.

Antes de partir, suas últimas palavras foram para sua mãe: “Tchau! Seja feliz, porque eu sou feliz!” Ao pai, que lhe perguntou se aquela frase servia também para ele, simplesmente lhe apertou a mão (ZANZUCCHI, 2010, p. 78). No dia 7 de outubro de 1990, Chiara morreu no seu quarto, na cidade de Sassello rodeada da família, de amigos e dos GENs.

A notícia de sua morte se irradiou por toda a cidade e foi declarado luto oficial. Cerca de duas mil pessoas de Savona, Turim, Gênova e de outras cidades acompanharam o funeral para olhar àquela que para muitos já era uma santa. A sua fama de “santidade” se espalhou de forma lenta e segura e a cada ano no seu aniversário de morte, uma multidão se dirige ao seu túmulo no cemitério de Sassello. Segundo Zanzucchi (2010), são, sobretudo jovens, rapazes e moças não só do Movimento dos Focolares, que na capela dos Badanos depositam flores e cartas com depoimentos de cura.

Por iniciativa do bispo de Acqui Terme dom Lívio Maritano, que acompanhou Chiara em sua jornada e celebrou seu funeral, foi aberto o processo de beatificação, no qual foram ouvidas 72 testemunhas, tendo seu término em agosto de 2000 com a confecção de 12

²⁷⁴ Entre as Gens 3 é comum pedir um novo nome a Chiara Lubich. Chiara Badano pediu três vezes mas ainda não tinha obtido resposta. Para as Gens é uma honra portar um nome designado por Chiara, mas nem todas recebem este adendo em seus nomes e personalidades. 8 O nome pode ser traduzido como Clara Luz.

²⁷⁵ O nome pode ser traduzido como Clara Luz.

volumes escritos pela vice-postuladora Mariagrazia Magrini e entregues ao Vaticano. Após esta fase,

riconosciuta la validità dell'inchiesta e aperti i sigilli, ha inizio la fase romana con la stesura della “Positio” che la vicepostulatrice redige sotto la guida del relatore p. Cristoforo Bove. Un lavoro analitico ed impegnativo si svolge intorno alla vita, alle virtù e alla fama di santità della Serva di Dio. Ne risultano 1400 pagine, raccolte in due volumi, depositati presso la stessa Congregazione.²⁷⁶

Em 11 de Junho de 1999, foi encaminhado o pedido diocesano e Chiara foi declarada “Serva de Deus”. No dia 7 de outubro de 2000, o processo passou para Congregação para as Causas dos Santos no Vaticano, e em 3 de julho de 2008 Chiara Luce foi declarada “Venerável”. Em 15 de janeiro de 2009, médicos foram convocados pela Congregação para as Causas dos Santos e analisaram o caso de um possível milagre de cura atribuído à intercessão de Chiara.²⁷⁷

Em 20 de maio de 2009, os Consultores teológicos examinaram a relação causal entre a invocação da Serva de Deus Chiara Badano e a pronta recuperação do miraculado, reconhecendo assim o evento como um milagre operado por Deus por intercessão da Venerável. Em 15 de dezembro de 2009, o relatório médico e o voto dos Consultores teológicos foram submetidos a uma “Congregação comum” de cardeais e bispos, que aprovaram com voto unânime os pareceres médicos e teológicos. No dia 19 de dezembro de 2009, o Papa Bento XVI assinou o decreto de aprovação do milagre atribuído à intercessão do Venerável Chiara Badano.

A beatificação, por sua vez, ocorreu no dia 25 de setembro de 2010 e contou com aproximadamente 24.000 jovens, inclusive de Recife, vindos dos cinco continentes e de mais de setenta países. A celebração foi presidida por Dom Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos e foi realizada em Roma, no Santuário Nossa Senhora do Divino Amor. Quem não pôde participar em Roma da beatificação, acompanhou a celebração pela Tv Canção Nova. Na homilia de sua beatificação, Dom Angelo Amato,

²⁷⁶ Consultar Sitio ufficiale della postulazione per la causa di canonizzazione della Beata Chiara Luce Badano em: http://www.chiaralucebadano.it/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=110&lang=it Acesso: 15/01/14. Tradução livre: “Reconhecida a validade da investigação e aberto o sigilo, iniciou-se a fase romana com a elaboração da “Positio” que a vice-postuladora redigiu sob a orientação do relator p. Christopher Bove. O trabalho analítico e exigente gira em torno da vida, virtudes e fama de santidade do Servo de Deus O resultado é 1400 páginas, recolhidas em dois volumes, depositadas na mesma Congregação.

²⁷⁷ Em 10 de Dezembro de 2009 foi proclamado o decreto pontifício sobre o milagre por intercessão de Chiara Badano: a cura imprevista e inexplicável de um rapaz de Trieste, Itália, com uma gravíssima forma de meningite fulminante. Os médicos haviam lhesdado apenas 48 horas de vida.” Em: <http://www.jovensconectados.org.br/entrevista-com-os-pais-da-beata-chiara-luce.html> Acesso 14/01/14.

citando os documentos oficiais do vaticano, ou seja, *Positio* e *Informatio Relatoris*, descreveu Chiara como uma jovem que “viveu ao pé da letra a palavra que Jesus nos dirigiu no Evangelho” e que “...mudou a dor em alegria, as trevas em luz, dando significado e sabor também ao molambo do seu corpo débil” e concluiu afirmando que

a Beata Chiara Badano é uma missionária de Jesus, uma apóstola do Evangelho como boa nova para um mundo rico de comodidades, mas muitas vezes doente de tristeza e de infelicidade. Ela nos convida a reencontrar a frescura e o entusiasmo da fé. O convite é dirigido a todos: antes de tudo aos jovens, mas também aos adultos, aos consagrados, aos sacerdotes. A todos é dada a graça suficiente para se fazer santos. Respondamos com alegria a este convite de santidade e agradeçamos ao Santo Padre Bento XVI pelo dom da Beatificação da nossa Chiara Luce. Se trata de um sinal concreto da confiança e da estima que o Papa tem nos jovens, nos quais vê o rosto.²⁷⁸

Na Itália, além das transmissões na Rádio e TV, foram ainda publicados cerca de 120 artigos sobre o evento. Os telejornais italianos Rai 1 e Rai 2 deram ampla cobertura a beatificação. No Brasil, houve dezenas de pontos de transmissão do evento, distribuídos por todos Estados do país e localizados nas casas dos focolares. Em muitas cidades foram realizadas programações paralelas para apresentar o ideal de vida de Chiara Luce, como um caminho acessível para todos os jovens.

Por meio das redes sociais houve também uma grande mobilização juvenil. O @MovimentoGen, perfil do Twitter da juventude focolar, lançou uma campanha na época da beatificação para que Chiara Luce fosse incluída nos Trending Topics desta rede de relacionamentos. No mesmo dia, frases para celebrar a santidade de Chiara, como estas, foram espalhadas por todo mundo: “Precisamos de santos sem véu ou batina”; “Precisamos de santos de calças jeans e tênis”; “Precisamos de santos que vão ao cinema, ouvem música e passeiam com os amigos”; “Precisamos de santos que coloquem Deus em 1º lugar e que às vezes também se “lascam” na faculdade.””

Em uma entrevista feita por Zanzucchi (2010), com o postulador da causa de beatificação de Chiara Luce, Dom Lívio Maritano, aquele pergunta o porquê deste ter abraçado a causa, já que Chiara não era uma freira devota e sim uma simples leiga, e bastante jovem se comparada a constelação de santas e santos católicos. Dom Lívio afirmou que achou que

²⁷⁸ Consultar “CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA A BEATIFICAÇÃO DA VENERÁVEL SERVA DE DEUS CHIARA BADANO” em: <http://pt.scribd.com/doc/181502962/Beatificacao-de-Chiara-Luce> Acesso: 18/01/14.

... seu testemunho era significativo, particularmente para os jovens. Basta considerar como viveu o período da doença, ver a repercussão que sua morte suscitou. Não se podia deixar cair no nada um exemplo de tais dimensões. Também hoje existe a necessidade de santidade. É preciso ajudar a encontrar uma orientação, um objetivo para a vida, ajudar os jovens a superar suas inseguranças, sua solidão, seus enigmas diante dos insucessos, da dor, da morte, de todas as suas inquietudes. Os discursos teóricos não os conquistam; é preciso o testemunho (ZANZUCCHI, 2010: 86).

E esse testemunho de Chiara parece ter suscitado grande admiração entre os jovens. Este fato pode ser verificado pela quantidade de sites que falam desta jovem. Chiara conta ainda com algumas páginas oficiais em sites de relacionamento como Twitter²⁷⁹, Facebook²⁸⁰ e Orkut²⁸¹, tendo ainda uma página no Youtube²⁸² e um Blog²⁸³. A sua fama de santidade deve-se em grande parte a esta revolução tecnológica dos meios de comunicação de massa, que são um dos principais espaços de sociabilidade dos jovens atualmente. A sua morte e os consequentes processos para sua beatificação se deram juntamente com a disseminação da internet e das redes sociais de relacionamento. Sem contar que o Movimento dos Focolares, diferentemente de outras comunidades eclesiais, observou imediatamente o grande valor que a internet teria na evangelização.

Desta forma, para João Paulo II e seu sucessor Bento XVI a juventude é o futuro da Igreja e por isso nada mais estratégico do que dar a estes jovens exemplos de santidade no qual eles são os protagonistas. Contudo, o Vaticano também aponta as características de seus eleitos. Não é qualquer um que pode integrar o rol de santidade, mas, sobretudo, àqueles que mesmo sem terem realizado grandes feitos, tiveram suas biografias marcadas por profundo enlace com Jesus e que obedeceram à alguns requisitos com caridade, temperança, bondade, e principalmente que obedeceram a moral sexual imposta pelo Vaticano.

8.2 A construção da santidade de Chiara Luce

Como informamos no capítulo anterior, a santidade possui um caráter não dócil, já que ela é uma construção coletiva que envolve os mais diversos atores sociais, ou seja, são *tipos ideais*, e seus efeitos, adesões e ressignificações acompanham o devir histórico. A santidade é, portanto, polissêmica, que parte primeiramente da *fama sanctitas*, que é necessariamente uma

²⁷⁹ Consultar <http://twitter.com/#!/LifeLoveLight> Acesso: 14/01/14

²⁸⁰ Consultar <http://www.facebook.com/home.php#!/pages/CHIARA-LUCE-BADANO/47314484804> Acesso: 14/01/14

²⁸¹ Consultar <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=5000840> Acesso: 14/01/14

²⁸² Consultar <http://www.youtube.com/user/ChannelChiaraLuce#p/u/5/wzn215oXUBE> Acesso: 14/01/14.

²⁸³ Consultar <http://www.chiaralucebadano.it/index.php?lang=it> Acesso: 14/01/14.

atribuição dada a alguém e que surge inicialmente pelos fieis. Neste processo, para o caso de Chiara Luce, surgem os primeiros grupos de oração, artigos, biografias, e por fim, nesta cadeia, transforma-se numa santidade autorizada pelo Vaticano e com um discurso próprio. Mas, como informamos nos capítulos anteriores, a mensagem de um beato e/ou santo construída pelo vaticano na *positio*, homilias, discursos e festividades podem cumprir seu efeito de causar mimetismo a determinados grupos ou ultrapassar estes. Pensando o caso de Chiara Luce, podemos perceber que sua mensagem ultrapassou os limites da comunidade dos Focolares, que tem um tipo de espiritualidade bem definida e particular, e alcançou uma grande parte de fieis católicos, fato esse que se deseja de todos santos e beatos.

Desta forma, nessa construção da santidade, iremos neste item, discutir alguns discursos construídos sobre a santidade de Chiara Badano, observando a polissemia existente neles. Para alguns, as manifestações de santidade de Chiara aparecem desde a infância e, para outros intérpretes, Chiara alcançou a santidade quando descobriu estar com câncer. O primeiro discurso é elaborado por Mariagrazia Magrini, biógrafa de Chiara, além de ser vice-postuladora da causa e redatora da *positio* juntamente com o relator da Congregação para as Causas dos Santos, Cristoforo Bove, e o segundo foi elaborado por Michele Zanzucchi, redator da Rivista Città Nuova, edição do Movimento dos Focolares. Para além desses dois discursos, existem uma série de outras atribuições dadas pelos fieis.

De início, um dos primeiros elementos de destaque em sua biografia é anterior ao seu nascimento. Como a personagem bíblica Isabel, prima de Maria, Maria Teresa, mãe de Chiara já estava casada há bastante tempo (dez anos) com Ruggero Badano, mas não conseguia ter filhos. Maria Teresa, segundo Zanzucchi (2010, p. 19) afirmava que “tudo o que acontecia comigo, eu considerava vontade de Deus. Ele me amava e, portanto, também aquela esterilidade era amor.”

Ruggero, por sua vez, relatou que “quando ia ao bar com os amigos da minha idade, via que eles tinham muitos filhos. E nós nada! Sentia que me faltava alguma coisa...” (ZANZUCCHI, 2010, p. 19). Ainda esperançoso com ideia de ter um filho, Ruggero visita pela enésima vez o Santuário de Nossa Senhora das Rocas e pede a graça de um filho. Um mês depois, aos 37 anos, Maria Teresa estava grávida. Com a gravidez de risco, Chiara Luce nasce em 29 de outubro de 1971, na cidade de Sassello, na Itália, após um parto muito demorado e crítico. Após olhar com afeição pela primeira vez sua filha, Maria Teresa relata que quando a pegou nos braços compreendeu de imediato “que aquela menina era, antes de tudo, filha de Deus, e não nossa” (ZANZUCCHI, 2010, p. 21).

Sendo, então, Chiara obra de Deus e nascida por intermédio de uma espécie de “milagre”, é que nos encontraremos diversos depoimentos nas comunidades dedicados a beata na internet²⁸⁴ de mães com dificuldades de engravidar. Paola Grissola, 38 anos, nascida em Roma, fez um relato comovente que diz o seguinte:

Querida luz, eu tive contato com sua história e vi que você está próxima a Deus. Como a sua mamãe eu também estou tendo dificuldade para engravidar. Sei que a vontade de Deus deve ser entendida. Mais sinto falta de crianças quando vejo minhas irmãs com as suas. Se você veio ao mundo depois de um pedido de seu pai, peço então a sua intercessão para que este meu filho também seja filho de Deus.²⁸⁵

Por outro lado, em conversas com participantes do Movimento dos Focolares em Roma, recolhemos um depoimento de um pai, A F, de 37, anos que nos afirmou a sua imensa alegria de hoje ter uma filha chamada também Chiara, após ter pedido a beata a graça de ser pai. A mãe desta menina, segurando-a nos braços no decorrer desta entrevista, nos afirmou que já havia desistido de engravidar quando o marido resolveu pedir a Chiara a graça de um filho. Meses depois L, mãe da menina Chiara estava grávida, tendo um parto tranquilo e uma filha, segundo ela, cheia de “*luce*” (luz).²⁸⁶

Após este relato do nascimento de Chiara por intermédio de graça alcançada pelo seu pai Ruggero, os dois principais biógrafos de Chiara Luce, Mariagrazia Magrini e Michele Zanzucchi escolhem pontos de vista distintos para falar dos sinais de santidade desta. Michele Zanzucchi é ligado ao Movimento dos Focolares há muitos anos e hoje é diretor-editorial da Revista Città Nuova, edição mensal que aborda questões religiosas e sócio-culturais, pelo viés da espiritualidade focolarina. Em Junho de 2012, tivemos a oportunidade de entrevistá-lo na sede da revista Città Nuova, que fica a 10 minutos da cidade do Vaticano.

Zanzucchi é jornalista e escritor e apesar de sua agenda muito atribulada nos recebeu prontamente quando afirmamos nosso interesse em escrever uma tese sobre Chiara Luce. Michele nos informou quando perguntamos sobre o surgimento do livro²⁸⁷ que havia conhecido a

²⁸⁴ Consultar “Chiara “Luce” Badano – pagina della Postulazione” <https://www.facebook.com/groups/62921883577/> Acesso: 06/02/14; e Chiara Luce Badano – Beata <https://www.facebook.com/groups/153669164665115/> Acesso: 06/02/14.

²⁸⁵ Consultar “Chiara “Luce” Badano – pagina della Postulazione” <https://www.facebook.com/groups/62921883577/> Acesso: 06/02/14

²⁸⁶ Entrevista realizada em Rocca di Papa, sede do Movimento dos Focolares no dia 18/06/12.

²⁸⁷ Os principais biógrafos de Chiara Luce são Michele Zanzucchi, Mariagrazia Magrini e Franz Coriasco. Em 2010 logo após sua beatificação, as biografias de Michele Zanzucchi e Franz Coriasco estavam no top 10 do ranking de livros religiosos. Consultar “Chiara Luce, tra i bestseller della fede” em: http://www.cittanuova.it/c/28405/Chiara_Luce_tra_i_bestseller_della_fede.html Acesso: 07/02/14.

... história de Chiara Luce fazendo parte do Movimento e seguindo toda a sua história. Então acontece que o Bispo de Acqui Termini informa a Chiara Lubich que iniciou o processo canonização, de beatificação diocesana. Chiara Lubich, então, me chamou dizendo para eu fazer uma entrevista com o bispo. Falando com o bispo veio a ideia de Chiara de fazer o livro. Depois Chiara disse escreve o livro. Agora, eu nunca havia escrito uma biografia, não era o meu forte. Contudo há certo ponto, como digo, Chiara insistiu muito, muito, muito, muito, forte, disse – “Deve escrevê-lo”, e aí eu escrevi. E estão eu estive um pouco com os genitores de Chiara Luce, estive com várias pessoas. É um pequeno livro, mas eu tenho visto que ele teve muita sorte, já que vendeu mais de 70 mil cópias.²⁸⁸

Assim, por insistência da fundadora do Movimento dos Focolares, Chiara Lubich, Zanzucchi começou a escrever o livro em 1999, já que em 11 de Junho deste ano, na festa do Sagrado Coração de Jesus, Monsenhor Maritano, bispo de Acqui Termini, (diocese que Sassello, cidade natal de Chiara faz parte) inicia oficialmente o inquérito diocesano para a beatificação da serva de Deus Chiara Badano, segundo as normas da Santa Sé para as Causas dos santos.

Michele ainda nos informa que quando Chiara Lubich leu o primeiro rascunho da biografia de Chiara Luce por ele feita, ficou um pouco decepcionada. Ele nos explicou afirmando que o livro que escreveu foi para contar a história de Chiara e

... não pelo processo, que era uma outra coisa, mas o processo busca uma forma de santidade. O fato deste livro ser traduzido em tantas línguas, e ter vendido 70 mil cópias, não tem ligação direta com o processo. Contudo, serve com uma biografia oficial, mas não é esta. A Mariagrazia Magrini fez vários livros. Então, existem dois aportes: que vem do Movimento e que vem de fora. O que vem de fora, digamos, Chiara Luce com seu desígnio universal para todos. Então existem dois aportes, mas como todos os santos, cada um vê eles de modos diversos, menos mal. Mas os dois aportes são bons.²⁸⁹

Perguntei, então, quais eram os dois aportes e qual o motivo do descontentamento de Chiara Lubich com sua biografia, quando ele me respondeu que

quando eu escrevi este livro eu mandei a Chiara Lubich, mandei a seis da tarde e as seis da manhã ela me ligou para dizer que não tinha gostado do livro. E eu disse porque? Ela disse: “Tu fez um teorema que ela se fez santa nos dois últimos anos, durante a doença. A mim não foi assim. Ela começou a se fazer santa no início de sua vida, já quando era menina já se via alguma coisa”. Agora o que faço eu! Seguramente eu não entendo muito, ela (Chiara Lubich) conhece mais do que eu das coisas de Deus. E, então, eu modifiquei qualquer coisa, mas pouco, a história era aquela, mas um pouco de algum capítulo eu modifiquei.²⁹⁰

²⁸⁸ Entrevista realizada em Roma, 20/06/12.

²⁸⁹ Entrevista realizada em Roma, 20/06/12.

²⁹⁰ Entrevista realizada em Roma, 20/06/12.

É justamente nessa resposta de Michele Zanzuchi que podemos observar as duas principais vertentes que tratam da santidade de Chiara. Segundo Zanzucchi, na entrevista feita por nós e transcrita acima, Chiara Lubich não havia gostado de seu aporte no qual o florescimento da santidade de Chiara Luce tinha aparecido nos dois últimos anos de sua vida, ou seja, na fase mais incisiva de sua doença. Esta linha de raciocínio, por sua vez, poderia dar margem a ideia de que Chiara talvez não tivesse vivido toda a sua existência de forma reta e santa e, mas somente quando foi colocada a prova. Talvez Michele, como muitos outros biógrafos contemporâneos de santos e de candidatos, estejam de alguma forma antecipando modelos de santidade que a Santa Sé concorde, mas ainda tenha dificuldade de lançá-los a massa de fieis. Mas que modelo seria este? Zanzucchi nos informa em outra passagem da entrevista quando questionado sobre o que é ser santo, que afirmando que: “ninguém nasce santo, torna-se.” Em sua concepção Chiara Luce é toda digna dos altares e glórias, mas que a seu ver, e isso não há nada de diminutivo no fato, sua santidade começou a aflorar mais fortemente quando a sua doença recrudescceu. Todas as ações antes da doença, dignas também de glória, faziam mais parte de educação religiosa sólida dada pelos pais do que manifestações de santidade.

Por outro lado, Mariagrazia Magrini, vice-postuladora, e relatora da *positio*, talvez por ter que escrever um texto para Congregação para as Causas dos Santos, que deve responder a determinados parâmetros estilísticos e teológicos, tenha fugido da premissa “ninguém nasce santo, torna-se” e tenha percebido indícios de santidade em Chiara Luce na mais tenra idade, tanto que em seu livro “Un raggio di Luce: Riflessioni sulla spiritualità di Chiara Badano” (2007), Mariagrazia tenha escrito que

la causa, le testimonianze, hanno mostrato che la santità non è cominciata il giorno dela malattia. Si è sviluppata nella sua quotidianità, piano, piano, giungendo a vette di spiritualità impressionante che ricordano, nella concreta schiettezza, la santità giovanile del beato Pier Giorgio Frassati.²⁹¹

Para tanto, as vertentes principais sobre a santidade de Chiara advém das biografias de Michele Zanzuchi (2010) e de Mariagrazia Magrini (2007, 2010). Enquanto que Michele construiu uma biografia que fala dos sinais de santidade de Chiara nos últimos tempos de sua vida, já quando ela estava acometida do câncer, Magrini constrói tanto a *positio*, como os seus

²⁹¹ Tradução livre: “A causa, as testemunhas demonstraram que a santidade não se começou no dia da manifestação de sua doença. Se desenvolveu no seu cotidiano aos poucos e lentamente, atingindo alturas impressionantes que lembram, na franqueza, a santidade juvenil do Beato Pier Giorgio Frassati.” (MAGRINI, 2007, p. 10).

demais livros enfocando os sinais de santidade de Chiara desde o início de sua infância, fazendo dela uma santa com desígnio universal como é desejado pelo Vaticano.

Por outro lado, Zanzuchi ainda na entrevista, informa que apesar de não ter focado em seu livro que Chiara se fez santa a partir da espiritualidade dos seus genitores, este fato acabou por se tornar um consenso não só entre os biógrafos como entre os fiéis. Ideia similar foi a do então Secretário de Estado do Vaticano, Tarcisio Bertone, na Missa de agradecimento pela beatificação de Chiara Luce, quando este afirmou que a beata é um desses exemplos brilhantes de santidade e que esta é resultado primeiramente de sua família que

... ha svolto perfettamente il suo compito educativo. Abbiamo fra noi i genitori di Chiara, la mamma Maria Teresa e il papà Ruggero, che fra non molto festeggeranno il 50° anniversario del loro matrimonio. Li saluto con particolare affetto, ringraziandoli per aver collaborato nel donare alla Chiesa un vero gioiello di santità.²⁹²

Esta ideia se confirma numa entrevista realizada por nós com um grupo de jovens partícipes do Movimento GEN na cidade de Rocca di Papa, sede do Movimento dos Focolares. Quando questionamos a este grupo o que fez Chiara Luce se tornar beata, L I de 19 anos, nos afirmou que

Assim..., Chiara tinha na sua vida uma mãe muito atenciosa, ela ensinou desde cedo os caminhos da santidade. Maria Tereza, que hoje também é nossa, é mãe de todos os GENs, lia a bíblia pra ela, levava ela para Igreja, e ensinava a Chiara a ser boa com todos. O papai dela também, sempre presente, sempre amoroso e bom. Sem essa base não floresce, não floresce a santidade, assim né, fica mais difícil, porque a gente vê que alguns santos na agonia que veio a iluminação. Eu penso, assim., sem uma mamãe como Tereza talvez fosse mais difícil para Chiara.²⁹³

Nesta entrevista observa-se claramente que L I credita aos pais de Chiara o caminho para florescimento da santidade desta beata. Contudo, nota-se ainda, que há uma clara hierarquização de gênero quando se fala deste ensinamento da santidade. Em sua entrevista, L deixa a entender que foi a mãe (Maria Tereza) que exerceu um papel predominante na educação religiosa, em detrimento do pai. Analisando as relações estabelecidas entre família e religião, Luis Fernando Dias Duarte (2006c) aponta a questão do gênero como fator importante de observação nesta dinâmica. Segundo o autor, é o gênero feminino que se apresenta como socialmente responsável pela religião e pela família, argumentando queno que

²⁹² Consultar “SANTA MESSA DI RINGRAZIAMENTO PER LA BEATIFICAZIONE DI CHIARA BADANO” em: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2010/documents/rc_seg-st_20100926_chiara-badano_it.html Acesso: 08/02/14. Tradução livre: ... cumpriu perfeitamente o seu papel educativo. Temos entre nós os pais de Chiara, a Maria Teresa e o pai Ruggero, que em pouco tempo irão comemorar o 50 ° aniversário de seu casamento. Saúdo com afecto especial, agradecendo-lhes por trabalhar conosco em dar à Igreja uma verdadeira jóia da santidade.

²⁹³ Entrevista realizada em Rocca di Papa, sede do Movimento dos Focolares no dia 18/06/12.

toca a religiosidade familiar, um dos pontos que distinguem a experiência feminina da masculina é o caráter mais sistemático da atitude da primeira. Os homens expressam frequentemente os sentimentos de comunhão e reverência aqui descritos, mas não se dedicam tanto ao culto e ao cultivo das formas e fórmulas rituais quanto as mulheres (Duarte, 2006c)

Interpretação similar, sobre a influência do gênero feminino nas questões religiosas, foi descrita por Maria das Dores Machado (2006), que observa que isto ocorre devido ao modelo hegemônico de família das sociedades latinas, em que cabe justamente às mulheres, a responsabilidade de educar as crianças e estimular a espiritualidade nos familiares.

Para além de ver os genitores como os principais responsáveis pelo florescimento da santidade de Chiara Luce, em outra entrevista, observamos o deslizamento ou ainda a inserção de novas características a estes. Se na entrevista acima, L I, vê os pais de Chiara como vetores de santidade, na entrevista abaixo de G R de 24 anos, os pais de Chiara ganham também uma ‘aura santa’ quando ele afirma que

eles são santos também, e quando eles morrerem eu tenho certeza que vão abrir um processo pra eles também. Eles são uma família santa, como Tereza de Lisieux, Chiara também terá os pais santificados. Nós teremos aqui na Itália a família santa como a França tem a sua com Santa Tereza e seus pais beatos juntos de Jesus e no altar. Veja, esses senhores pra mim são santos, eles viajam quase todos os meses do ano, já são velhos, estão cansados, mais viajam pelo mundo falando da espiritualidade da filha. A santidade encontrou aquela casa em Sasselo, encontrou aquela família sagrada, concorda comigo?²⁹⁴

Do mesmo modo, em 06 de agosto de 2012, numa visita de 65 bispos a cidade de Sasselo para conhecer os pais de Chiara, o bispo de Bangkok, Tailândia, Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, comentou que

la Chiesa ha ora un esempio molto attuale di cosa è il Vangelo vissuto e l'amore cristiano. Ma abbiamo visto anche che cos'è una famiglia cristiana e come si cammina nella vita di fede durante le prove, il dolore, la morte". "Forse siamo davanti ad altri due santi, vista la dirittura e la sapienza dei coniugi Badano..."²⁹⁵

Como informa Woodward (1992), existe uma tendência popular entre os católicos de atribuir santidade aos pais dos santos, impulso este que

²⁹⁴ Entrevista realizada em Rocca di Papa, sede do Movimento dos Focolares no dia 18/06/12.

²⁹⁵ Tradução livre: A Igreja tem agora um exemplo muito atual de que o Evangelho é vivido e no amor cristão. Mas vimos também o que é uma família cristã e como se caminha na vida de fé durante os testes, a dor, a morte. Talvez a gente esteja diante de dois outros santos, visto a retidão e a sabedoria dos cônjuges Badano... Consultar “65 vescovi alla scuola della giovane beata Badano” em: http://www.cittanuova.it/c/420891/65_vescovi_alla_scuola_della_giovane_beata_Badano.html Acesso: 07/01/14.

remonta à igreja primitiva e a sua atitude face a figuras da Bíblia. Santa Ana, mãe de Maria, é o caso clássico. Outro é Santa Isabel, mãe de São João Batista. Ambas seriam judias anônimas sem os filhos. Do mesmo modo, Maria e José não seriam venerados como santos sem Jesus (WOODWARD, 1992, p. 336).

Para tanto, é importante salientar que percebemos ao longo da pesquisa sobre santidade, que esta adjetivação, ou *fama sanctitas*, conferida aos beatos e santos em alguns casos, é também atribuída as pessoas próximas a estes, como pais, amigos e às vezes até ao próprio miraculado.

Outro consenso entre os biógrafos é a participação efetiva do Movimento dos Focolares no florescimento da santidade de Chiara Luce. Segundo Zanzuchi

algumas vezes podemos dizer que não se pode ser santa [Chiara Luce] sem a espiritualidade da unidade, do movimento, com uma espiritualidade diocesana. Existe uma espiritualidade franciscana, dominicana, ou Canção Nova, existem tantas espiritualidades que te ajuda a ser santa, a santidade é algo sempre pessoal, contudo, não se pode negar que aquela foi a constitutiva.

Do mesmo modo, no rito de sua beatificação, Dom Angelo Amato em sua homilia, citando partes da *Positio Summarium super virtutibus*, enfoca que

O vestido nupcial, com o qual Chiara foi ao encontro do Senhor Jesus, estava enriquecido pelos sete diamantes da espiritualidade cristã e focolarina: Deus Amor; fazer a vontade de Deus; Palavra de Vida vivida; amor para com o próximo; amor recíproco que realiza a unidade; presença de Jesus na unidade. Mas há um sétimo diamante, o mais precioso, que brilha mais do que os outros, é o amor a Jesus Crucificado e Abandonado. Este – afirma Chiara Lubich, a fundadora do Movimento dos Focolares – é o ponto principal que resume a espiritualidade focolarina e que a nossa Beata interpretou da melhor maneira.

Assim, a santidade de Chiara, construída pelo Vaticano a partir de um desígnio universal da espiritualidade cristã, também engloba e inclui uma espiritualidade específica que é a espiritualidade focolarina, o que é visto também pelos fieis como é o caso da entrevista abaixo de L T, de 24 anos:

Veja só, o encontro dela com os Focolares foi decisivo, você concorda? Eu mesma me sinto como Chiara, o Movimento me fez querer ainda mais Jesus, e eu tenho tantos amigos de outros Movimentos que dizem o mesmo que eu. Ajuda, ajuda muito o jovem se envolver com outras pessoas, com outras vivências além da paróquia. Foi decisivo pra ela e pra mim no meu rumo de católica praticante. Eu me encontrei no Movimento, lá eu pude ser eu, encontrar os meus, eu pude ser do jeito que eu queria, não precisava fingir para os outros ser jovem inconsequente, porque lá entre eles, eu podia ser religiosa e não iam me criticar, sei que Chiara também se sentiu a vontade

nos focolares. Pra mim o focolares ajudou Chiara no caminho da santidade, eu acho!²⁹⁶

O depoimento de L T, traz ainda informações sobre, o que Cecília Mariz (2006) observou sobre uma maior diversidade nas “campanhas” católicas, e como tais campanhas (movimentos religiosos) tem atraído cada vez mais os jovens, que buscam “experiências radicais” (MARIZ, 2005). Estas comunidades propiciam aos jovens religiosos um compartilhamento de códigos culturais que muitos almejam, ou seja, um tipo de vivência na qual eles possam se expressar religiosamente e moralmente, sem que para isso sejam criticados por seus comportamentos e ideias como indica a entrevistada L T.

Desta forma, por termos, portanto, três possíveis leituras sobre a santidade de Chiara que floresce na doença, que existe em detrimento da educação religiosa dos pais, e que se desenvolve desde a sua infância, seguiremos, então, as pistas de Magrini (2007, 2010) e elencaremos possíveis desígnios de santidade de Chiara ao longo de sua trajetória. A primeira característica que Magrini (2007, 2010) observa e destaca na trajetória de santidade de Chiara Luce é a sua **obediência** aos genitores. Em determinada fase de sua infância, Maria Tereza a convida para ajudá-la a limpar a mesa e Chiara responde:

... “Non mi va!”, fu la risposta dela bambina: già rivelava un temperamento deciso. Pochi istanti dopo le viene in mente una parábola di Gesù. Torna indietro e le disse: “Mama, com’è quella storia del Vangelo, di quel padre che aveva detto ai figli di recarsi nella vigna, e uno aveva detto di sì e non c’era andato, mentre l’altro aveva detto di no e poi ci erano andato? Mamma, mettimi il grembiolino” (MAGRINI, 2010, p. 17).²⁹⁷

Apesar de determinada e cheia de personalidade, como informam seus biógrafos, Chiara sempre foi uma criança amorosa e obediente aos pais e esta característica é sempre lembrada pelos seus fiéis. Em entrevista realizada em Roma, com um grupo de fiéis na Facoltà di Scienze della formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12, uma de nossas informantes de 23 anos chamada G O, nos afirmou que

a gente já pode ver a santidade de Chiara se manifestando desde a infância. O papa João Paulo II e também o papa Bento XVI sempre nos pedem para ir contra corrente, sempre nos pedem para obedecer nossos pais, orar, ajudá-los. E preste atenção, Chiara era cheia de atitude, não quis rezar com sua mãe e certa vez não quis ajudá-la com tarefas de casa, mais veja, ela refletia, pensava de forma caridosa, e sempre depois fazia o que a mãe queria. Então,

²⁹⁶ Entrevista realizada na Facoltà di Scienze della Formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12.

²⁹⁷ Tradução livre: “Eu não vou!”, Foi a resposta da criança: já revelava um temperamento decidido. Poucos instantes depois ela vem e surge com parábola de Jesus. Retorna e diz: “Mamãe, como é aquela história do Evangelho, do pai que tinha dito aos filhos para ir para a vinha, e um tinha dito sim e não se foi, enquanto o outro tinha dito que não depois foi? Mãe me coloque o avental” (Magrini, 2010, p. 17)”

eu acredito que pra ser santo, tem que santificar o cotidiano, e obedecer aos pais, isso já é começo dessa jornada de luz e santidade.²⁹⁸

Destaca-se, ainda, “nessa construção da santidade” de Chiara, observada por Magrini (2007, 2010), outro elemento que é ponto essencial na análise de qualquer candidato a santo confessor, ou seja, as virtudes cardinais e teologais, e dentre estas a **caridade** é a mais destacada quando se fala de Chiara Luce. Sobre esta qualidade, alguns casos são contados como no dia em que Maria Tereza pede a Chiara para arrumar seu quarto e aproveitar para se desfazer de alguns brinquedos quando a criança Chiara diz:

“sono miei!” Poco dopo, il silenzio è rotto da una vocina che ripete come una cantilena: “Questo sì, e questo no: questo sì, e questo no...” Cosa succede? Sta scegliendo tra i balocchi, e mette da parte i più belli, nos per stessa, ma perché: “io non posso dare ai bimbi poveri i giocattoli rotti!” ((MAGRINI, 2010, p. 18).²⁹⁹

Outros episódios sobre a **caridade** de Chiara também são lembrados como sua ajuda aos avós doentes, a uma senhora que tinha constantemente suas roupas roubadas do varal e Chiara Luce passou a lavar as roupas em sua casa, ou ainda no acolhimento em sua casa de uma amiga na qual a mãe estava hospitalizada devido a tumor. Mas nossos entrevistados têm uma ação de caridade de Chiara predileta. Para, M A B, milanês de 18 anos, entrevistado em Rocca di Papa no dia 18/06/12 o ato maior de caridade de Chiara foi quando

ela doou as córneas, a única parte do corpo que a doença não tinha atacado. Porque raciocine comigo, Chiara estava tão fraca, não se mexia mais, estava paralisada fazia muito tempo numa cama. Mais, assim, mesmo assim, aqueles olhos brilhavam, irradiavam, todos que viram disseram isso! Ah, aqueles olhos, de Luz, por isso Chiara Lubich deu o nome dela de Luce, eles estão hoje brilhando em alguém que precisava ver também Deus no dia a dia. Caridosa, demais! Porque depois de tanto cansaço e atribulação ela ainda pensava nos outros, pediu deitada na cama que aquele corpo cansado servisse a alguém. Pra mim isso é o Evangelho encarnado.³⁰⁰

No mesmo dia, numa outra conversa com uma GEN da Colômbia, que estava morando em Rocca di Papa, numa espécie de intercâmbio religioso, ela me disse que “Chiara desde a infância tinha muitas qualidades, a caridade era uma das mais notáveis”. Segundo a colombiana de 22 anos, A R, o que a chamou mais atenção foi quando

...descobriram na gaveta do quarto de Chiara um envelope com dinheiro para ser doado as crianças do terceiro mundo, para as crianças da África. Eu

²⁹⁸ Entrevista realizada na Facoltà di Scienze della Formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12.

²⁹⁹ Tradução livre: “São meus.” Pouco tempo depois, o silêncio é quebrado por uma voz que repete como um canto: “Este sim, este não: este sim, este não: ... “O que está acontecendo? Está escolhendo entre os brinquedos, e coloca de lado os mais bonitos, não para si, mas porque “eu não posso dar brinquedos quebrados para crianças pobres!” (MAGRINI, 2010, p. 18).

³⁰⁰ Entrevista realizada em Rocca di Papa, sede do Movimento dos Focolares no dia 18/06/12.

também venho de país pobre, lá tem pobreza e violência, as crianças ficam sem rumo, na África também. Mas ela pensava com o coração, ela deve ter pensado: esse dinheiro não serve mais pra mim, mais pode ajudar pequenas crianças. Era assim, caridosa, boa, pensava nos outros e tinha um desígnio, uma missão, sabe! Acho que desde pequena ela entendeu o amor, o caminho da santidade, e quando adoeceu esse amor multiplicou. Uma santa eu te digo, uma santa moderna, eu acho, é fácil segui-la, porque o que ela fez nós somos capazes também.³⁰¹

Outro tópico bastante destacado no caminho de santidade de Chiara é a sua **maturidade espiritual**. Como afirmamos acima, Chiara teve uma sólida educação religiosa, principalmente ofertada por sua mãe, que desde cedo lia para ela a Bíblia, a levava a igreja, e a convidava a rezar e praticar boas obras. Chiara é vista por muitos jovens como um grande exemplo de pessoa que soube conciliar as atribulações da juventude com a fé e a religião. Para L T, de 24 anos, genovesa que mora em Roma, e que entrevistamos na Facoltà di Scienze della formazione (Roma Tre), Chiara soube ser jovem e santa,

ela fez o que nosso amado João Paulo II pediu: “Não tenham medo de se transformarem em santos”, ela ia passear com as amigas, era esportista, e sua mãe conta que na adolescência, nessa fase que é difícil né, ela não deixava de mostrar Jesus. Ela não falava dele para as amigas, ela vivia Jesus. É no exemplo que a gente transforma, não é? Ela era comum, como eu, como você, mais era uma católica pelo exemplo, sempre comportada, não era chata não, era pessoa que possuía joia, ela sabia viver o Evangelho na lanchonete, na escola, conversando com os amigos. Era uma autêntica católica, muito praticante, como nos devemos ser.³⁰²

Esta maturidade espiritual, também é por vezes vista tantos por seus biógrafos como pelos fieis, a partir da relação entre sofrimento e aceitação deste. Por sofrer de uma doença extremamente dolorosa, que a fez passar por exames, internações, transfusões de sangue e cirurgias, Chiara, a certa altura, perde o movimento das pernas ficando confinada a sua cama. Quando a doença começou a vencer e as dores se tornam excruciantes, Chiara decidiu interromper o uso da Morfina que lhe amenizava as dores. Segundo Zanzuchi, quando Chiara Badano foi questionada sobre esta atitude, respondeu de forma tranquila, mas determinada: “Tira a lucidez, e eu só tenho a dor para oferecer a Jesus. Só me sobrou isso, se não estiver lúcida, que sentido terá a minha vida? (ZANZUCCHI, 2010, p: 64). Em outra ocasião, na prescrição de um tratamento o qual Chiara precisou ficar imóvel e tomar soro em suas veias enfraquecidas ela falou: “Cada gota pode ser comparada, ao menos um pouco, aos golpes de martelo nos pregos usados pra crucificar Jesus” (ZANZUCCHI, 2010, p: 68).

³⁰¹ Entrevista realizada em Rocca di Papa, sede do Movimento dos Focolares no dia 18/06/12.

³⁰² Entrevista realizada na Facoltà di Scienze della Formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12.

Neste contexto, emerge a questão do sofrimento na análise sobre a santidade de Chiara Luce. Como afirma Solange de Andrade, “a relação sofrimento/santidade é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento. A ideia de que o sofrimento purifica vem desde as religiões pagãs e foi absorvido pelo cristianismo” (ANDRADE, 2008: 241). Mauss e Hubert (2005), no livro *“Sobre o Sacrifício”*, apontam que há uma natureza e função social deste e elencam um tipo de sacrifício que tem a forma de redenção ou remissão. Ou seja, uma espécie de prestação de contas, na qual, normalmente é o corpo que deve se sacrificar para pagar a dívida, como se apresenta no caso de Chiara Luce e pode ser visto também nas promessas aos santos e no pagamento através de sacrifícios corporais como subir escadas de joelhos, etc.

Ian Wilkinson (2001) observa também que falta ainda a questão do sofrimento social um quadro de análise bem organizado que possa gerar uma explicação satisfatória sobre a temática, tendo em vista o desafio de conceitualizá-lo. Neste contexto, Kleinman, A. Das, V. & Lock, M (1997) observam que estamos lidando com um campo interdisciplinar de pesquisa que envolve antropólogos, sociólogos, filósofos, psicólogos, que se inclinam às mais diversas sub-temáticas da temática maior, que é a questão do sofrimento social. Na análise de Roberta Campos (2002) sobre Kleinman et al., (1997), a autora afirma que os autores argumentam que

o sofrimento é uma experiência social. Uma vez que o sofrimento ganha significado através de representações culturais, ele é ao mesmo tempo performance e representação da realidade. Portanto, o modo como o sofrimento é descrito nos leva a uma forma particular de como ele é vivenciado. O argumento dos autores é de que há diferentes formas de apropriação cultural do sofrimento. Aceito isso, afirmam os autores que os aspectos performativos da língua expressos localmente (diferenças de expressões por gênero, grupos etários, classe, etnia e etc.) têm um papel importantes na própria experiência do sofrimento (CAMPOS, 2002, p. 118).

Em outro estudo, Campos (2000) nos ajuda a pensar a questão do sofrimento quando observa que entre os Aves de Jesus, de Juazeiro do Norte-CE, há uma dramatização do sofrimento por meio do sofrimento corporal, que dá margem a narrativas que pressupõem sinais de santidade, submergindo, assim, uma espécie de disposição ou atitude psicológica provocada por uma experiência estética de dor semelhante à de Jesus, que foi abandonado e pregado na cruz, algo que foi mimetizado por Chiara, quando viu em cada gota de soro os pregos de Jesus na cruz.

Esta experiência estética e religiosa não deixou de ser percebida por A C de 21 anos e residente em Recife. Segundo A,

Chiara soube transformar a dor em amor. O sofrimento que ela vivenciou na cama imobilizada foi de uma beleza! Foi santidade ali, eu percebo assim.

Saber sofrer, saber morrer, aceitar os desígnios de Deus é trilhar o caminho da santidade. Quando ela viu em cada gota os pregos de Jesus, ela se transportou..., ela tornou a dor em beleza e se aproximou ainda mais de Jesus. O que nos falta nos dias de hoje é isso: oferecer a dor a Jesus, aceitar o sofrimento, e principalmente transformá-lo em beleza e exemplo.³⁰³

Do mesmo modo que os Ave de Jesus, Chiara Luce, ressalta que se deve sorrir ao invés vez de chorar, e que o sofrimento deve ser encarado como algo positivo e digno. Oferecer esse sofrimento, aceitá-lo, transformá-lo em caridade e fazer dele uma narrativa missionária é base de diversas religiões, do cristianismo, e principalmente da espiritualidade dos focolares, que tem como ponto fucral, “Jesus abandonado”. Ou seja, Chiara Luce, através da recusa da morfina e imitação de Cristo, corporificou seus valores religiosos através do sofrimento, ao passo que salientou ainda que este sofrimento não deve ser triste e sim belo.

Assim, como informa Steil (2001) e Campos (2013) para o caso das Romarias, mais que também serve para nossa análise, o ser católico se define não apenas pela adesão a um determinado corpo de verdades, mas também pela identificação com o sofrimento do Deus e

a mimesis da paixão (do próprio sacrifício do Deus) é o seu marco central. O sacrificante confunde-se com a vítima numa busca cotidiana por um self sagrado. A definição de si através das características do Deus – humilde, sofredor, misericordioso – faz-se tanto através do sacrifício de si como da caridade. E a caridade é ela mesma para alguns católicos a mimesis do Deus (CAMPOS, 2013, p. 118).

Esta identificação, ou mimesis com a paixão de Cristo que Campos (2013) cita, é algo também percebido pelos fiéis de Chiara Luce. L T de 24 anos, nos informou que Chiara vivenciou como Jesus “... a dor, o abandono e o sofrimento e soube transformá-lo em mensagem de amor e caridade.”³⁰⁴ A L C de 18 anos em entrevista realizada em Recife informa que

Apesar da pouca idade, ela tinha uma maturidade espiritual muito grande. Ela entendeu claramente a Paixão, entendeu que é na cruz, no sacrifício, na transformação da dor que a gente chega a santidade. E esse entendimento pra mim é pura caridade, é a mensagem encarnada.³⁰⁵

Entendimento semelhante teve o cardeal Tarcisio Bertone, na Missa de agradecimento pela beatificação de Chiara, quando citou uma mensagem de Bento XVI nas Jornadas Mundiais da Juventude sobre o significado da cruz.

Chiara Badano è stata ed è un esempio, che dà sostanza e concretezza alle

³⁰³ Entrevista realizada em novembro de 2011 na sede do Movimento dos Focolares em Recife.

³⁰⁴ Entrevista realizada na Facoltà di Scienze della Formazione (Roma Tre), no dia 21/05/12.

³⁰⁵ Entrevista realizada em novembro de 2011 na sede do Movimento dos Focolares em Recife.

parole scritte da Benedetto XVI nel suo recente messaggio rivolto ai giovani, in preparazione alla Giornata Mondiale della Gioventù di Madrid del 2011: “Cari amici, spesso la Croce ci fa paura, perché sembra essere la negazione della vita. In realtà, è il contrario! Essa è il “sì” di Dio all’uomo, l’espressione massima del suo amore e la sorgente da cui sgorga la vita eterna. Infatti, dal cuore di Gesù aperto sulla croce è sgorgata questa vita divina, sempre disponibile per chi accetta di alzare gli occhi verso il Crocifisso. Dunque, non posso che invitarvi ad accogliere la Croce di Gesù, segno dell’amore di Dio, come fonte di vita nuova”³⁰⁶.

Para além de introjectar a beleza de seu sofrimento, Chiara ainda pedagogicamente solicitou de seus amigos e familiares o mesmo que ela quando nas visitas e conversas com todos e nos preparativos do seu funeral conclamava os presentes que desviassem da tristeza e dor. A C F, recifense de 17 anos, aborda essa questão fazendo uma analogia com sua vida quando nos informa que

quando alguém está perto da morte a gente não sabe como lidar, a gente chora se desespera, não aceita o fim, não é isso? E, as vezes, quando alguém mais forte consegue lidar bem, algumas pessoas olham censurando. Assim, parece que a gente tem obrigação de sofrer para demonstrar que amamos alguém que está partindo. Quando uma prima minha estava muito doente eu me agarrei na mensagem de Chiara. Eu mostrei a minha prima também a sua biografia. Então eu tentei fazer como Chiara pediu a sua família e amigos. Busquei aceitar, busquei ficar feliz, minha prima estava mais perto de Deus, era isso. Chiara falou assim nas últimas palavras: ‘sejam felizes porque eu sou.’ Não é fácil encontrar essa força, mais eu pensei assim: Ela agora está mais perto de Deus! Como posso achar isso triste!³⁰⁷

Desta forma, a santidade de Chiara foi construída não só por seus biógrafos, fieis e Congregação para as Causas dos Santos, como um exemplo no qual o sofrimento é ressaltado e é transformado em beleza e aproximação de Deus, como demonstra a mensagem de Bento XVI no *Angelus*, um dia após a beatificação de Chiara Luce.

Queridos amigos, só o Amor com o «A» maiúsculo dá a verdadeira felicidade! Demonstra-o também outra testemunha, uma jovem, que ontem foi proclamada Beata aqui em Roma. Falo de Chiara Badano, uma jovem italiana nascida em 1971, que uma doença levou à morte com pouco menos de 19 anos, mas que foi para todos um raio de luz, como diz o seu sobrenome: «Chiara Luce». A sua paróquia, a diocese de Acqui Terme e o Movimento dos Focolares, ao qual pertencia, estão hoje em festa — é uma

³⁰⁶ Consultar “SANTA MESSA DI RINGRAZIAMENTO PER LA BEATIFICAZIONE DI CHIARA BADANO” em: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2010/documents/rc_seg-st_20100926_chiara-badano_it.html Acesso: 08/02/14. Tradução Livre: Chiara Badano foi e é um exemplo que dá substância e concretude às palavras escritas pelo Papa Bento XVI em sua recente mensagem aos jovens em preparação para a Jornada Mundial da Juventude Madrid 2011: “Queridos amigos, a cruz, muitas vezes nos assusta porque parece ser a negação da vida. Na verdade, é o contrário! É o “sim” de Deus ao homem, a expressão máxima do seu amor ea fonte da qual flui a vida eterna. Na verdade o coração de Jesus aberto na cruz é vida divina, sempre disponível para aqueles que concordam em elevar os olhos para o Crucificado. Então, só posso convidá-los para receber a Cruz de Jesus, sinal do amor de Deus como fonte de vida nova.”

³⁰⁷

Entrevista realizada em novembro de 2011 na sede do Movimento dos Focolares em Recife.

feita para todos os jovens, que podem encontrar nela um exemplo de coerência cristã. As suas últimas palavras, de adesão total à vontade de Deus, foram: «Mãe, adeus. Sê feliz porque eu sou feliz». Louvemos a Deus, porque o seu amor é mais forte que o mal e a morte; e agradeçamos à Virgem Maria que conduz os jovens, também através das dificuldades e dos sofrimentos, a apaixonar-se por Jesus e a descobrir a beleza da vida.³⁰⁸

Para tanto, nas palavras de Bento XVI, podemos observar que o sofrimento deve servir para mostrar a beleza de Deus, devendo ainda ser visto como oportunidade para se aproximar Dele e redescobrir a beleza da vida.

Outro dado valioso na nossa análise sobre a questão do sofrimento/juventude/santidade e que achamos indicações elucidativas na leitura de Joachim Boufflet (2005), foi a influência de Santa Terezinha de Lisieux na formação destes jovens beatos e santos. Esta influência se dá tanto na manifestação precoce de santidade como na aceitação do sofrimento e da morte como desígnio de santidade e vontade de Deus. Tereza, é portanto, parâmetro “ideal” de santidade “universal” que aflorou na juventude e de uma forma ou de outra os beatos e santos jovens subsequentes são balizados a partir de uma espiritualidade.

Tereza de Lisieux nasceu na França em 1873 e com quatro anos de idade relatou aos pais que seria uma religiosa de claustro. Aos quatorze anos solicita uma audiência com o Papa Leão XIII, que concede a sua entrada no Carmelo mesmo com pequena idade. Em 1888, após muitas dificuldades, consegue realizar seu sonho e é aceita na clausura do Carmelo. Recebe o hábito da Ordem da Virgem no ano seguinte e emite seus votos religiosos no dia 8 de setembro de 1890, na festa da Natividade da Virgem Maria. Em 3 de abril do ano seguinte, na noite entre a Quinta-feira e a Sexta-Feira Santa, tem uma primeira manifestação da doença que a levará à morte. Teresa não se rebela e acolhe sua enfermidade como a misteriosa visita do Esposo Divino. Serão vinte e sete meses de terrível sofrimento e de provações a sua fé, mas Tereza continua firme sem jamais se rebelar aceitando sua enfermidade com paciência e amor. Chega a dizer que jamais pensou que fosse capaz de sofrer tanto. Tendo piorado a sua saúde, em 8 de julho de 1897, é conduzida à enfermaria do Carmelo onde suas irmãs e as outras monjas, no afã de não perder nenhuma de suas palavras, anotam tudo que ela diz entre dores atrozes. Pouco antes de morrer em decorrência de tuberculose, exclamou: “Não me arrependo de haver-me entregue ao amor”. Em 30 de setembro de 1897, Terezinha de Lisieux morre com 24 anos de idade e em 1925 o Papa Pio XI concede o título de santa a esta

³⁰⁸ Consultar “PAPA BENTO XVI ANGELUS Palácio Apostólico de Castel Gandolfo Domingo, 26 de Setembro de 2010” http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2010/documents/hf_ben-xvi_ang_20100926_po.html Acesso: 07/02/14.

religiosa. Dentre os seus escritos³⁰⁹, a questão do sofrimento como algo redentor é amplamente discutido e Tereza se pergunta se "Não foi sofrendo e morrendo que Jesus resgatou o mundo?"

Esta rápida biografia sobre Santa Tereza nos ajuda a situar esses jovens nos modelos de santidade operados pelo Vaticano. Os dois pontos principais são a manifestação precoce na decisão de viver com radicalidade a fé cristã, e a aceitação e valorização do sofrimento e da morte como forma de chegar a santidade. Numa rápida análise dos livros de Cruz (2006), Ball (2004) e Bouflet (2005) observamos este padrão. A exemplo, podemos citar alguns candidatos como a beata leiga Claire de Castelbajac, que nasceu em 1953 na França e morreu aos 24 anos, depois de duas semanas de intenso sofrimento em decorrência de uma meningite, ou ainda da Serva de Deus Rebeca Rocamora Nadal, nascida em 1975 na Espanha e que morreu aos vinte anos depois de anos de luta contra tumores na hipófise e no sistema nervoso central. Estas jovens têm muito em comum com a beata que estudaremos Chiara Luce. As três despertaram para fé católica muito cedo, participaram ativamente da Igreja ou de Movimentos Eclesiais desta, e tiveram mortes precoces em decorrência de doenças extremamente debilitantes, que causaram extremo sofrimento, mas como apontamos anteriormente aceitaram seu sofrimento e fizeram dele caminho e exemplo para santidade.

Esta nossa análise, a qual Chiara é constantemente ligada a Tereza de Lisieux foi reforçada quando em 2013, Mariagrazia Magrini, a principal biógrafa de Chiara e vice-postuladora de sua causa na Congregação para as Causas dos Santos, lançou o livro "Thérèse e Chiara. Insieme sulla piccola via dell'amore" no qual é possível ler que:

Cosa hanno in comune santa Teresa di Gesù Bambino e la beata Chiara Badano? Mariagrazia Magrini guida il lettore in un percorso che intreccia vita e spiritualità delle due giovani "maestre di Vita". "Chi ci separerà dall'amore di Cristo? Forse la tribolazione, l'angoscia, la persecuzione (...)?" Ma in tutte queste cose noi siamo più che vincitori grazie a colui che ci ha amati" (Rm 8,35). Questa la via che hanno percorso santa Teresa di Gesù Bambino e la beata Chiara Badano. E la "piccola via dell'Amore": "Una piccola via bella dritta, molto corta, tutta nuova...". Un secolo separa le due giovani, ma la santità non ha limiti né di tempo né di spazio, perché la sua sorgente è l'amore di Dio. Lasciamoci prendere per mano da Thérèse e da Chiara, e condurre senza timore, certi che "Dio ci ama immensamente".³¹⁰

³⁰⁹ Santa Tereza escreveu três manuscritos. O primeiro em 1895 chamado "Historia de uma alma", em seguida uma autobiografia em 1987, e no mesmo ano as irmãs Carmelitas recolheram suas "Últimas conversações" no leito de morte e publicaram um terceiro manuscrito.

³¹⁰ Consultar: <http://www.ebay.it/itm/Therese-e-Chiara-Insieme-sulla-piccola-via-dellamore-Mariagrazia-Magrini-/271343646521> Acesso: 08/02/14. Tradução livre: O que há em comum Santa Teresa do Menino Jesus e a beata Chiara Badano? Mariagrazia Magrini guia o leitor num percurso que entrelaça a vida ea espiritualidade das duas jovens "maestras de vida". "Quem nos separará do amor de Cristo? Talvez as tribulações, a angústia, a perseguição (...)?" Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou' (Rm 8:35). Esta é a via que percorreu Santa Teresa do Menino Jesus e a beata Chiara Badano. "Uma pequena via

Esta analogia entre Santa Tereza de Lisieux e Chiara Luce também foi percebida pelos fiéis no quando de nossas entrevistas, J A de 19 anos afirmou que:

Chiara logo cedo teve maturidade espiritual como Santa Tereza. Santa Tereza é uma inspiração para todos nós que somos jovens e pra Chiara também. Tereza nos ensinou a transformar o sofrimento, desespero e dor em amor. As duas sofreram demais e entregaram essa dor a Jesus. As duas escolheram fazer de sua mensagem uma mensagem de amor, entrega... Como Tereza anteriormente, agora temos Chiara também para nos ajudar, ajudar nós que somos jovens, no caminho da santidade.³¹¹

Para além da questão do sofrimento, a beatificação de Chiara ainda é constantemente ressaltada em oposição a questões caras a Igreja Católica como o prazer mundano, a riqueza, egoísmo, relativismo e indiferença religiosa como aponta o discurso do cardeal Tarcisio Bertone quando afirma que:

Riascoltando il brano del Vangelo, che è stato proclamato poco fa, non c'è dubbio che la testimonianza di Chiara Badano è l'opposto del comportamento deplorabile del ricco epulone, simile alla condotta mondana dei gaudenti, che nel loro egoismo umiliano il prossimo. La sola cosa che li interessa è il piacere materiale. Nella loro squallida vita non c'è posto per Dio, né per la coscienza morale e per i valori autentici che nobilitano la persona umana. Purtroppo, non sono pochi coloro che considerano la vita come un tempo da consumare nell'egoismo, incuranti delle conseguenze negative sulla convivenza sociale. [...] Accettare la sfida della fede cristiana oggi, in un contesto socio culturale segnato da indifferenza religiosa e da relativismo morale è una scelta non facile. Tuttavia, l'inversione di marcia a certi modi di vivere è possibile quando si trovano esempi credibili di autenticità e di altruismo, che testimoniano la gioia vera e profonda della donazione di sé. Chiara Badano è uno di questi luminosi esempi...³¹²

Nesta afirmação do cardeal Tarcisio Bertone fica delineado claramente aquilo que nos referimos no capítulo anterior sobre uma “pedagogia ou ensinamento da santidade” que foi intensamente articulada por João Paulo II, e, principalmente, por Bento XVI, com as

de Amor”: “Uma pequena rua bela, reta, muito curta, toda nova ...” Um século separa as duas jovens, mas a santidade não tem limites de tempo ou espaço, porque a sua fonte é o amor de Deus. Desejamos segurara mão de Teresa e Chiara, e ser conduzidos sem medo, confiantes de que “Deus nos ama imensamente.”

³¹¹ Entrevista realizada em novembro de 2011 na sede do Movimento dos Focolares em Recife.

³¹² Consultar “SANTA MESSA DI RINGRAZIAMENTO PER LA BEATIFICAZIONE DI CHIARA BADANO” em: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2010/documents/rc_seg-st_20100926_chiara-badano_it.html Acesso: 08/02/14. Tradução Livre: Ouvindo o canto do Evangelho que foi proclamado há pouco tempo, não há dúvidas de que o testemunho de Chiara Badano é o oposto do comportamento deplorável do homem rico, similar à conduta mundana dos requerentes, que no seu egoísmo humilham o próximo. A única coisa que lhes interessa é o prazer material. Na sua esqualida vida não há lugar para Deus, nem para a consciência moral e para os verdadeiros valores que enobrecem a pessoa humana. Infelizmente há muitos que consideram a vida como um tempo de consumir o egoísmo, independentemente do impacto negativo na vida social. [...] Aceitar o desafio da fé cristã hoje, em um contexto sócio-cultural marcado pela indiferença religiosa e o relativismo moral não é uma escolha fácil. No entanto, a reversão de certas formas de vida é possível se encontramos exemplos de credibilidade, de autenticidade e de altruísmo, que testemunham à joia verdadeira e profunda da doação de si. Chiara Badano é um desses exemplos brilhantes ...

publicações “La ‘chiamata’ alla santità giovanile di Papa Benedetto XVI” (AGENZIA FIDES, 2009) e do “Mostrare il Cammino dell’amore vero” (PONTIFICIO CONSIGLIO PER I LAICI, 2006). Nestas publicações o cerne principal recai sobre a ideia de que na base da formação da pessoa cristã e da transmissão da fé e no caminho para santidade juvenil, é preciso buscar a Deus se afastando do egoísmo, relativismo, ecletismo, historicismo, pragmatismo, niilismo, etc, e, desta forma, segundo o cardeal Bertone Chiara soube aceitar o desafio da fé cristã mesmo diante de um cenário marcado pela indiferença e relativismo, dando assim exemplo autêntico de alegria e fé cristã.

Por fim, em nossa análise sobre Chiara Luce, resta-nos discutir uma questão que julgamos central sobre na construção da santidade de Chiara e que é extremamente ressaltado tanto pelos fieis, biógrafos e Vaticano. Trata-se do enfoque dado a ‘normalidade’ da santidade de Chiara, ou seja, esta beata é vista como uma exemplaridade possível de ser seguida e imitada. Sua santidade é constantemente associada a possibilidade, a contemporaneidade, ao que há de mais atual na vivência cristã. Em entrevista com os pais de Chiara Luce, na visita destes ao Brasil em Junho de 2013, nas Jornadas Mundiais da Juventude, o site “Jovens conectados” perguntou a estes o que é ser pais de uma beata e Maria Teresa respondeu afirmando que

Para nós significa muito, vemos com os olhos de Deus. Vivemos como nos ensinou Chiara. Ela viveu a doença normalmente, mesmo isso não sendo normal. Assim é para nós viver, então vivemos na normalidade, agradecendo a Deus a cada dia. Falamos sempre: Por que Deus escolheu a gente? Nós que não somos ninguém, nada. Mas depois dizemos: Para Deus tudo é possível.³¹³

Em determinado momento da entrevista que realizamos com o biógrafo de Chiara, Michele Zanzucchi, perguntamos sobre esta santidade cotidiana e ‘normalidade’ de Chiara e ele prontamente respondeu da seguinte maneira:

Esta é a santidade do Vaticano II. Quando fala de ‘Povo de Deus’, a Igreja como Povo de Deus, abre a estrada que é a santidade do povo, não uma santidade isolada de super homens, mas uma santidade acessível a todos. Porque gostamos de Chiara Luce? Porque no final eu posso me transformar também, tu também, tu também, todos. Isto é verdade, esta coisa é verdadeiríssima, e João Paulo entendeu muito bem esta necessidade. Porque ele entendia que era preciso modelos, modelos mais vizinhos, próximos, possíveis, principalmente para os jovens. Os jovens hoje, depois de Chiara, acham que a santidade é possível, e sabe porque? Porque podemos imitá-la, porque é uma santidade possível, porque ela ensina a normalidade, a santificar o cotidiano. Não precisa ser milagreiro, nem asceta, nem se afastar do mundo para ser santo. O jovem hoje em dia quer exemplos práticos, quer

³¹³ Consultar “Entrevista com os pais da Beata Chiara Luce” em: <http://www.jovensconectados.org.br/entrevista-com-os-pais-da-beata-chiara-luce.html> Acesso: 09/02/13.

se identificar com os santos, e não acha-los inatingíveis. João Paulo entendeu e Bento colocou em prática com a beatificação de Chiara. É essa a maior mensagem de Chiara, sejam santos no cotidiano, sejam normais, mais sejam cristãos autênticos.³¹⁴

Para os jovens, esta normalidade aparece como um dos fatos mais marcantes na biografia de Chiara como demonstra os depoimentos abaixo recolhidos da Revista Cidade Nova:

Ela nos mostra que podem existir jovens que bebem coca-cola, usam calça jeans, vão a festas, mas que sabem ter Deus em suas vidas. Deus que é Amor (Waddle Almeida, 19 anos, Castanhal-PA).

O que mais me toca em Chiara Luce é uma santidade cotidiana. Eu a vejo como um modelo e como uma possibilidade para que também eu chegue aonde ela chegou. Porém, começando agora, sem esperar. É possível ser santos numa família, com amigos, no trabalho (Lara Bethania Bianchi, 19 anos, Argentina).

Chiara Luce é um exemplo de vida não só para os jovens, mas para qualquer pessoa. Ela viveu tudo de uma forma muito intensa e torna a santidade mais próxima da gente (Adriano R. Linhares, 24 anos, Porto Alegre – RS).³¹⁵

Portanto, após esta explanação sobre a construção da santidade de Chiara, observamos alguns pontos que merecem ser destacados. O primeiro destaque de sua vida trata da narrativa do seu nascimento que já vem permeada de uma aura sagrada. Desejada por mais de 10 anos, Chiara nasce do pedido do seu pai a Nossa Senhora. Este fato foi também introjectado pelo fieis que passaram a pedir também a Chiara além de saúde a graça de ter um filho como demonstra o depoimento de P G, 38 anos.

Diferentemente de outros santos, que desde a infância já demonstravam sinais inequívocos de santidade, seja por visões, estigmas e êxtases, Chiara teve uma infância relatada pelos seus pais como “normal” sem muitas atribulações. Criada numa educação religiosa bem marcada, principalmente ofertada por sua mãe, Chiara tem um encontro que mudará a sua vida e lhe dará uma nova perspectiva: o ingresso no Movimento GEN, ramo do Movimento dos Focolares. Neste período crescem suas responsabilidades religiosas e seu entendimento sobre fé, caridade e Jesus. Quando chega a adolescência, Chiara passa por algumas provas como a reprovação no colégio, mas sua fé e a espiritualidade focolarina a ajuda a entender melhor o “Jesus abandonado”, entregando, assim, suas frustrações a Ele.

Por volta dos dezessete anos, Chiara descobre estar com câncer nos ossos começando

³¹⁴ Entrevista realizada em Roma no dia 20/06/12.

³¹⁵ Consultar “A LUZ DE CHIARA LUCE” em: <http://www.cidadenova.org.br/RevistaCidadenova/ArtigoDetalhe.aspx?id=4296> Acesso: 09/02/13.

assim a fase mais crítica de sua existência. Apesar das dores constantes e intenso sofrimento, Chiara, segundo familiares, amigos e biógrafos irradiava luz. Sua maturidade espiritual passa a ser demonstrada em diversas situações que chamam atenção dos que convivem com ela.

Para tanto, sua santidade é composta de uma polissemia de análises. Para alguns biógrafos as manifestações de santidade de Chiara aparecem desde a infância e para outros, Chiara alcançou a santidade quando descobriu estar com câncer. Em nossa opinião, acreditamos juntamente com Michele Zanzucchi que a santidade de Chiara aparece no quando de sua doença e que os sinais de virtuosismo de Chiara na infância e adolescência fazem parte na verdade de uma educação religiosa bastante sólida dada por seus pais, embora esta ideia seja contrária a discurso da *positio* empreendido por Mariagrazia Magrini. Vale ainda destacar que para muitos a mensagem maior de Chiara está na forma como ela aceitou o sofrimento e a morte, transformando-o em caridade e amor e exemplaridade. Sua exemplaridade ainda é vista por muitos e principalmente pelo Vaticano como uma forma de barrar o prazer mundano, a riqueza, egoísmo o relativismo e indiferença religiosa.

Por fim, e não menos importante, é a associação entre ‘normalidade’ e santidade na biografia de Chiara, ou seja, a partir de sua exemplaridade muitos jovens relataram o desejo de santificarem seu cotidiano e de ter agora uma beata que viveu todas as dificuldades da adolescência de forma reta e santa.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese se insere na perspectiva já iniciada por alguns autores sobre a análise propriamente dita dos santos e beatos católicos e como estes são usados como exemplos para se falar das novas perspectivas ou reatualizações dos modelos de santidade propostos pelo Vaticano.

Argumentamos ao longo desta tese que em todos os momentos da História, que homens foram consagrados santos, esta iniciativa correspondeu a modelos de santidade que vigoravam em determinada época. Ou seja, apesar dos santos coincidirem com o surgimento do cristianismo, as formas de santidade são históricas, correspondendo às situações teológicas

e sociais de um determinado contexto social. Para tanto, salientamos também que a santidade pode ser moldada de acordo com premissas que tratam da universalidade, da particularidade ou ainda como método eficaz de evangelização das Igrejas locais. Desta forma, a santidade não é dócil, é, portanto, uma construção coletiva que envolve diversos atores sociais e seus efeitos, e ressignificações acompanham o devir histórico.

Como demonstramos, no início da era Cristã ser santo era ser mártir, e somente no período de Constantino, o cristianismo passou a ser religião prioritária, o que diminuiu em grande medida a possibilidade de um cristão ser martirizado. Neste período, como argumenta Peter Brown (1981), os santos eram, portanto, aqueles defuntos de culto popular que eram venerados pelo seu poder e principalmente pelos martírios que sofreram. Brown (1981) observa ainda, que o culto aos santos tornou-se parte integrante do sucesso do cristianismo, pois, unificava céu e terra no túmulo do morto. Neste período, ou seja, entre os séculos V e X o controle da igreja sobre a santidade e as canonizações ainda era rudimentar, informal e pouco controlável pelos papas. Ainda nesta época, surgem modelos de santidade, que se voltam para àqueles que imitaram Cristo, ou seja, os solitários, eremitas, monges e etc.

A centralização do poder papal sobre a santidade só começa a ganhar força no pontificado de Gregório IX (1227-1241) com a publicação das *Decretais* de que desempenharam papel de extrema importância na racionalização dos processos de canonização. André Vauchez (1981) chamou à atenção para esta crescente racionalização dos procedimentos nesta época argumentando que a “*riserva pontificia*” de Inocêncio III (1198-1216) e as *Decretais* Gregório IX (1227-1241) incidiram na queda vertiginosa dos processos de canonização.

Já na Idade Média temos a Criação da Congregação dos Ritos que passa a regular de forma sistemática tudo que diz respeito à santidade. Nesta fase, a santidade é estendida aos clérigos letrados, fundadores de ordens religiosas, mulheres e homens que realizaram votos de pobreza, castidade e obediência e que em suas vidas eram um *continuum* de virtude, ou seja, de perfeição cristã. Ainda nesta época, por volta do XVI, o status das relíquias e dos santos começou a se transformar. Os reformadores protestantes repudiaram veemente a mediação e as relíquias e os santos foram vistos como idolatria ligada mais a magia e superstição do que a fé cristã.

Por volta do século XVIII, as regras e procedimentos de canonização foram finalmente aclaradas e publicadas pelo papa Bento XIV (1740-1758) no chamado —*Dei Servorum Dei beatificatione et Beatorum canonizatione*. Contudo, somente no século XX, no Código de

Direito Canônico de 1917, que todas as regras e procedimentos de beatificação e canonização provenientes dos papas Sisto V (1585-1590), Urbano VIII (1623-1644) e Bento XIV (1740-1758), foram organizadas e publicadas num documento único e universal.

As mudanças mais recentes no estatuto da santidade só começaram a surgir a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). Desta forma, muitos autores têm argumentado que as mudanças recentes nas causas dos santos fazem parte de um processo maior de reformulação na Igreja que teve como ponto de partida este Concílio. Dentre os documentos deste Concílio, um deles incide diretamente na questão da santidade, tema este central nesta tese. Este documento é a “*Constituição Dogmática Lumen Gentium*” que trata da “vocação universal a santidade”. Há, neste documento, uma mudança paradigmática no conceito de santidade e na sua aplicação, já que, a santidade passa a ser pensada não somente como algo extraordinário, místico, envolto numa atmosfera miraculosa, e sim como algo que cabe a todos em seus diferentes estados de vida (padres, religiosos, leigos, casados). Ou seja, os fieis devem exercer a santidade diuturnamente através da moralização da conduta, e a condição para ser santo não começa mais no milagre e sim termina. A santidade ganha por assim dizer um duplo significado: a que é exercida diariamente e outra na qual a Santa Sé faculta o direito de ser modelo universal para os demais fiéis. Para tanto, esta ideia de santidade em todos os estados de vida beneficiou as beatificações e canonizações que ainda representam pouco peso na Igreja Católica, como leigos, jovens, mulheres e pessoas casadas, em detrimento dos padres e religiosos.

Foi, portanto, João Paulo II que colocou em prática as premissas do Concílio Vaticano II (1962-1965) em relação a questão da santidade e suas regras. Em João Paulo II, as canonizações e beatificações são mais que preferência ou sintonia ocorrendo na verdade uma leitura política destas, que se deu a partir de uma expansão da santidade que abarcou uma relativa democratização geográfica, de estado de vida, gênero, e faixa etária.

Com relação a Bento XVI, devido à proximidade histórica do fim de seu pontificado e a falta de dados criteriosos no Vaticano sobre o seu trabalho canonizador e beatificador, ressaltamos, que em nossa análise, observamos que é difícil pensar as canonizações de Bento XVI como um instrumento de governo necessariamente voltado para (re)evangelização via santidade devido ao número bastante reduzido, fato este contrário ao pontificado de João Paulo II. Acreditamos que Bento XVI restringiu a santidade àqueles servos de Deus aos quais julgou ter uma mensagem mais universal, enquanto João Paulo II priorizou a expansão da santidade a tal ponto que seu pontificado ficou conhecido como uma fábrica de santos.

Apesar das mudanças na santidade empreendidas por estes dois papas subsiste ainda nos pontificados destes, os modelos tradicionais de santidade, já que o martírio continua a ser a exemplaridade maior nas beatificações e canonizações, bem como a maior parcela de santos ainda faz parte do estado de vida religioso.

Mas, houve nestes dois pontificados mudanças significativas. A primeira delas foi à expansão geográfica da santidade. Temos também as beatificações e canonizações de grupos étnicos que não deixaram de suscitar polêmica. Estas causas tiveram como objetivo a estratégia de evangelização de povos nos quais a religião católica não tem predominância. Embora a santidade de cunho clerical tenha sido a tônica das canonizações e beatificações, tanto em João Paulo II e Bento XVI, houve um considerável aumento da santidade secular, embora boa parte dos leigos sejam mártires e não confessores. Cresceu também o quantitativo de mulheres, pais e mães, e do ponto de vista histórico temos as primeiras beatificações conjuntas de casais leigos e confessores. Observamos ainda que entre os leigos, os casais são os que possuem o menor percentual, tendo em vista que a moral cristã e o Vaticano ainda não conseguem de forma satisfatória compatibilizar questões próprias do matrimônio com as virtudes heroicas exigidas de um santo.

No que tange as mulheres, a maioria ainda é de religiosas conventuais, fundadoras de ordens ou instituições religiosas. Boa parte das leigas são mártires e dentre as causas do martírio a preservação da castidade ganha singular importância nas beatificações e canonizações. Sobressai ainda entre as mulheres, os modelos de santidade ligados a maternidade (Gianna Beretta Molla) e ao casamento abnegado (Elisabetta Canori Mora).

Nesta relativa democratização e expansão da santidade ganha notoriedade as beatificações e canonizações de crianças e jovens. Como informamos ao longo desta tese, João Paulo II fazia uma alusão a juventude chamando-os de Primavera da Igreja e, creditando a estes jovens o futuro de uma religião que sofre como já apontou Hervieu- Lèger (2005) de uma crise de transmissão na descendência da fé.

Neste movimento de barrar o secularismo, João Paulo II e Bento XVI começaram a investir grande força na juventude. Um destes investimentos foi a criação de eventos voltados aos jovens como as Jornadas Mundiais da Juventude. Tais eventos servem como espaço de evangelização e possuem cunho altamente pastoral. A outra estratégia de barrar o secularismo foi o aumento gradativo das beatificações e canonizações de jovens. Nesse sentido, tornou-se estratégico para o catolicismo dar aos jovens exemplos de santidade nos quais estes pudessem se espelhar e se identificar.

Como vimos anteriormente, grande parte dos exemplos de santidade apresentados pelo catolicismo eram de figuras míticas, com virtudes sobre-humanas, ou que se retiravam da vida e passavam a viver em contemplação nos mosteiros. Com o pontificado de João Paulo II começamos a observar um deslizamento da santidade para esfera do “comum” e ordinário, ou seja, algumas das exemplaridades juvenis falam de indivíduos que são “comuns” e que iam a universidade, escola e passeavam com os amigos.

Portanto, as beatificações e canonizações de jovens, devem ser situadas naquilo que Hervieu-Léger (2005) chamou de *produção institucional da “descendência de fé” e remodelação da memória católica*, na qual a santidade deve ser pensada não como um atributo e sim como um caminho. Assim, a santidade que antes parecia quase que um atributo dado biologicamente, passa a ser pensada como algo que pode ser ensinado e aprendido por todos os católicos e principalmente para os jovens. Afirmamos isto, com base na “Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*” de João Paulo II, no qual este papa afirma que há uma pedagogia da santidade. Bento XVI por sua vez, investe grande força nesta pedagogia e no seu pontificado dois documentos são redigidos sobre esta questão. Estes documentos informam aos jovens que:

- 1- a santidade não é contrária a humanidade;
- 2- que os jovens não devem ter medo de ir contracorrente;
- 3- que sejam vigilantes com relação a fruição egoísta do sexo, das drogas e do alcoolismo;
- 4- que pratiquem a caridade;
- 5- que sejam missionários, evangelizadores e portadores da mensagem cristã.

Mas, qual a mensagem e exemplaridade dos jovens beatificados e canonizados por João Paulo II e Bento XVI? Em nossa pesquisa observamos que para o caso dos jovens podemos observar uma mescla entre os modelos tradicionais de santidade e modelos reatualizados. Nossa análise demonstrou que o caminho para santidade juvenil ainda é mais fácil de ser alcançado via martírio. Este martírio possui distinções de gênero bem demarcadas, já que, as mulheres são mártires da castidade enquanto os homens têm sua santidade exemplificada a partir do heroísmo decorrente das missões.

Com relação aos confessores, estes em menor quantidade, observamos um deslizamento da santidade ascética e miraculosa para uma santidade que valoriza as ações cotidianas. Boa parte destes jovens também tiveram sua espiritualidade e santidade construída em decorrência da participação destes em Movimentos religiosos da Igreja.

Estes elementos em nossa opinião foram sintetizados claramente na beatificação de Chiara Luce. Esta “santidade” de Chiara por sua vez, demonstrou ser é polissêmica, já que, como mostramos no capítulo dedicado a ela, há uma divergência sobre o início dos sinais de sua “santidade”. Por um lado temos a perspectiva de Michele Zanzucchi que entende que Chiara começou a dar sinais de santidade quando adoeceu, e por outro temos a perspectiva de Mariagrazia Magrini, vice-postuladora, e relatora da *positio*, que enfatiza que os sinais de “santidade” de Chiara aparecem desde sua infância, fazendo dela, portanto, uma santa com desígnio universal como é desejado pelo Vaticano.

Para tanto, Mariagrazia Magrini, elenca elementos de santidade em Chiara como a obediência aos genitores, a caridade, e a maturidade espiritual. Esta maturidade aparece a partir de dois elementos principais: o primeiro diz respeito ao claro entendimento que esta beata fez sobre o Jesus Abandonado e toda a espiritualidade do Movimento dos Focolares, e o segundo elemento aborda a questão do sofrimento e aceitação deste. Assim, a “santidade” de Chiara foi construída por seus biógrafos, fieis e Congregação para as Causas dos Santos, como um exemplo no qual o sofrimento é ressaltado e transformado em beleza e aproximação de Deus. Ao aceitar este sofrimento e transformá-lo em caridade, sua biografia foi convertida em narrativa missionária e evangelizadora. Para além da questão do sofrimento, a beatificação de Chiara tem como premissa central a ideia de que a santidade existe na normalidade, nas ações cotidianas, e que os santos podem sorrir, praticar esportes, reprovar no colégio, passear com os amigos, etc. Desta forma, a “santidade” de Chiara é vista por muitos jovens como passível de imitação, já que, esta beata soube conciliar os prazeres da juventude e as responsabilidades religiosas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**. São Paulo: Editora Scritta. 1994
- ABRAMO, H, W & MARTONI, P, P, B. (2008). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- AGENZIA FIDES (2009) **I giovani e la santità: “Utopia o possibilità?”** Agenzia della Congregazione per l’ Evangelizzazione dei Popoli. Dossie Fides.
- ALMODOVA, M, M.(2004) **O DIREITO CANÔNICO**. Monografia. Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo”. Presidente Prudente/SP.

- ALVES, M, de F, P. (2009). **UM/UMA JOVEM SEPARADO/A NO ‘MUNDO’: Igreja, Juventude e Sexualidade na perspectiva de Jovens da Assembléia de Deus em Recife – PE**. Tese. Universidade Federal de Pernambuco/CFCH.
- ANDRADE, S. R. DE. (2008) **A RELIGIOSIDADE CATÓLICA E A SANTIDADE DO MÁRTIR**. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez.
- ARIÈS, P. (1981) **História social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- _____. (2003). **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- ARMOGATHE, J, R. (2003) **La fabrique des saints Causes espagnoles et procédures romaines d’Urbain VIII à Benoît XIV (xviie-xviiiè siècles)**. Dossier des Mélanges de la Casa de Velázquez. Nouvelle série, 33 (2), pp. 15-31.
- AUGRAS, M. (2005) **Todos os santos são bem-vindos**. Rio de Janeiro: Pallas.
- BALL, A. (2004) **Young faces of holiness: Modern saints in photos and words**. Huntington: Our Sunday Visitor Publishing Division.
- BARROS, J, D.A. (2007). **SOBRE A FEITURA DA MICRO-HSTÓRIA**. OPSIS, vol. 7, n. 9, jul-dez.
- BASCHET, J. (2002) **A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo.
- BAUER, M, W & GASKELL, G. (2002) **Pesquisa quantitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- BEOZZO, J. O. (2001) **PADRES CONCILIARES BRASILEIROS NO VATICANO II: PARTICIPAÇÃO E PROSOPOGRAFIA 1959- 1965**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo/Faculdade de Ciências Letras e Ciências Humanas.
- BERGER, P. (1985) **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas.
- _____. (2001) **A Dessecularização do Mundo: Uma Visão Global**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1): 9-23.
- BERGER, P & LUCKMANN, T. (2004) **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: A orientação do homem moderno**. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BOUFLET, J. (2005) **Le printemps de Dieu: Le saints de la génération Jean-Paul II**. França: CLD Editions.
- BRIGHENTI, A. (2007) **La Acción Católica y el nuevo lugar de la Iglesia en la sociedad**. Concilium: Revista internacional de teologia. Nº 322, pg. 47-60.

- BORZESE, D & CHAPATO, C, L. (2008). **ENCUESTA DE JUVENTUDES EN ARGENTINA. Juventudes Sudamericanas: diálogos para la construcción de la democracia regional**. IBASE E PÓLIS.
- BOURDIEU, P. (1983) **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BOUREAU, A. (2002). **Droit naturel et abstratcion judiciaire : hypothèses sur la nature du droit medieval**. Annales HSS, Nov-déc, vol. 57, n.6, pp.1463-1488.
- BRITO, L, L. (2010) **Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina**. Revista Espaço Acadêmico. Nº 111, agosto.
- BROWN P, R L. (1981) **The cult of the saints: Its Rise and Function in Latin Christianity**. Chicago: The University of Chicago Press.
- CAMACHO, V, M (2012) **A construção do poder papal no século XII: o caso de Gregório IX e a santidade de Francisco de Assis**. Revista UNIABEU, Belford Roxo, V.5, Número 10/ maio-agosto.
- CAMPOS, R, B, C. (2001) **When Sadness is Beatiful: A study of the place of rationality and emotions whithin the social lfe of the Ave de Jesus**. St. Andrews, Escócia. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de St. Andrews.
- _____. (2002) **“A Compadecida no Juazeiro do Norte: performance de imagens bíblicas e emoções entre os Ave de Jesus”**. ILHA, vol.4, n.1:115-132.
- _____. (2003) **NOSSA SENHORA ANDOU POR JUAZEIRO DO NORTE: EXPLORANDO CRITÉRIOS DE VALIDAÇÃO NOS MILAGRES E “CAUSOS” DE JUAZEIRO DO NORTE (CE)** In STEIL, C, A & MARIZ, C, L, & REESINK, M, L (Orgs) **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre as aparições marianas no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- _____. (2013) **A gratuidade obrigatória: caridade como sacrifício e mimesis de Deus**. Algumas implicações teóricas. Realis-Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais, v. 3, p. 111-132.
- CAMPOS, R, B, C & CAMINHA, C, P, R. (2009) **A Obra de Maria: a redefinição da devoção mariana**. In CARRANZA, B & MARIZ, C & CAMURÇA, M (Orgs.) **Novas Comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, (Coleção Sujeitos e Sociedade).
- CARPANETO, D. (2006). **Santi e Patroni: Dizionario biografico dei Patroni d tutti i comuni italiani e di altri Santi**. Instituto Geografico De Agostini S.p.A Novara.

CARROZI, M, J. (2005) **Revisitando La Difunta Correa: nuevas perspectivas en el estudio de las canonizaciones populares en el Cono Sur de América.** *Revista de Investigaciones Folclóricas*. Vol. 20: 13-21.

CARRANZA, B & MARIZ, C, L. **Novas Comunidades católicas: por que crescem?** In CARRANZA, B & MARIZ, C & CAMURÇA, M (Orgs.) *Novas Comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, (Coleção Sujeitos e Sociedade).

CICILIOT, V (2008). **La politica delle canonizzazioni di Giovanni Paolo II.** Corso di Laurea specialista in Scienze delle Religioni. Università Ca' Foscari di Venezia e Università degli Studi di Padova.

_____ (2010) **L' EPISCOPATO DI ALBINO LUCIANI A VITTORIO VENETO (1959-1970)** In VIAN, G (Org.) **ALBINO LUCIANI: DAL VENETO AL MONDO.** Atti del convegno nel XX della morte di Giovanni Paolo I (Canale d'Agordo-Vicenza-Venezia, 24-26 settembre 2008), Viella.

_____ (S/D) **I modelli agiografici laicali proposti da Giovanni Paolo II.**(mimeo).

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO (1983) PROMULGADO POR S.S. O PAPA JOÃO PAULO II VERSÃO PORTUGUESA. 4a edição revista. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – LISBOA. EDITORIAL APOSTOLADO DA ORAÇÃO – BRAGA. Versão portuguesa: Copyright by Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa.

CONCLUSÕES DE MEDELIN (1968) II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 6ª Edição. Edições Paulinas.

CRUZ, J. C. (2006) **Saintly Youth of Modern Times.** Huntington: Our Sunday Visitor Publishing Division.

CUNNINGHAM, L, S. (2005). **Brief Histories of Religion.** MALDEN: BLACKWELL PUBLISHING.

CYMBALISTA, R. (2006) **Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna.** *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.14. n.2. p. 11-50. jul.- dez.

DESROCHE, H & VAUCHEZ, A. & MAÎTRE, J. **Sociologie de la sainteté canonisée.** *Arch. Sociol. Des Rel.*, 30, 1979, 109-115.

DUARTE, L, F, D. (2005) **Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira.** In HEILBORN, Maria Luíza ... [et al.]. *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.

- DUARTE, L, D; JABOR, J, de M; GOMES, E, C; LUNA, N. (2006a) **Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes**. In DUARTE, L,F, D & HEILBORN, M, L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (Orgs.) *Família e Religião*.Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- DUARTE, L, F, D. (2006b) **Ethos privado e modernidade o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação**. In DUARTE, L, F, D & HEILBORN, M,L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (Orgs.) *Família e Religião*. Rio de Janeiro: ContraCapa Livraria.
- FERNANDES, S, R, A. (2010) **Jovens Religiosos e o catolicismo: escolhas, desafios, e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quartet.
- FILARDO, V et al. (2008) **ENCUESTA DE JUVENTUDES EN URUGUAY. Juventudes Sudamericanas: diálogos para la construcción de la democracia regional**. IBASE E PÓLIS.
- FREITAS, E, T, M, de. (2006). **Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte**. Tese. – Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS.
- GAJANO, S, B. (2009) **“Santidade”**.In LE GOFF & SCHIMITT, J, C. (Org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, São Paulo: Edusc.
- GIUMBELLI, E. (1997) **O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 326pp.
- _____. (2002) **Para além do “trabalho de campo”: reflexes supostamente malinowskianas**. *Rev.bras.Ci. Soc.* Vol.17 no.48, São Paulo, Feb.
- GONZAGA, J, B, G. (1993). **A Inquisição em seu mundo**.São Paulo: Saraiva.
- GNAVIS, A. (1994) **Carriere e Curia romana: L’Uditorato di Rota (1472-1870)**. In *Mélanges de L’Ecole française de Rome. Italie et Méditerranée* T. 106, N°1. p. 161-202.
- GRITTI, J. (1984) **L’image de Paul VI et de son pontificat en France**. In *Paul VI et la modernité dans l’Église*. Actes du colloque de Rome (2-4 juin 1983). Rome École Française de Rome, pp. 185-207. (Publications de l’École française de Rome, 72).
- GUERRA, L. (2002) **A metáfora do mercado e a abordagem sociológica da religião**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 22(2): 135-166.
- HERVIEU – LÉGER, D. (1997) **Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?** *Religião e Sociedade*, nº. 18, 1997, 31 – 47.*Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 22(2): 135-166.
- _____. (2005a) **Catolicismo: A configuração da memória**. *Revista de Estudos da Religião – Rever*, N°. 2, 2005, pp. 87-107.

- _____. (2005b) **O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento**. Lisboa: Gradiva.
- GOLDANI, A, M. (1993) **As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação**. Cadernos Pagu, n.1, p.67-110.
- GONZÁLES & MANZI & SILVA. (2008). **Unidad 2 “Creencias que orientan la vida”** IN JÓVENES, CULTURA Y RELIGIÓN. Editora Alejandra Arratia Octubre, 2008.
- GOODICH, M. (1985). **The politics of canonization in the thirteenth century: Lay and Medicant saints**. In WILSON, S. Saints and Their Cults. London : Cambridge University Press.
- KLANICZAY, G. (2004). **Procès de Canonsation au Moyen Âge : aspects juridiques et religieux**. In KLANICZAY, G (Org.) Medieval Canonization Process : legal and religious aspects. Rome : École Française de Rome.
- KLEIMAN, A. DAS,V. & LOCK, M. (1997) **Introduction** In KLEIMAN, A. DAS,V. & LOCK, M. (org.). Social Suffering. University of California Press, Ltd, 1997.
- LE GOFF, J. (1987) **O NASCIMENTO DO PURGATÓRIO**. Portugal: Estampa.
- _____. (2001). São **Francisco de Assis**. São Paulo: Record.
- _____. (2006). **Santidade**. In LE GOFF, J. & SCHIMITT, J. C. (org.) Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Bauru, SP: Edusc.
- LEONI, F.(1992) **I processi di canonizzazione attraverso I secoli: problem e prospettive**. In OTRANTO, G & PALESE, S (Org.) Giacomo Varingez da Bitetto fra storia e culto popolare. Edipuglia, Bari, p. 75 a 88pp.
- LEVI, G & SCHMITT, J. C. (1996) **História dos jovens: da antiguidade à era moderna**. Vol.1, São Paulo: Editora Cia. das Letras.
- LIBÂNIO, J, B. (2002) **A Religião no Início do Milênio**. São Paulo: Edições Loyola.
- _____. (2005a) **Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento**. Cadernos Teologia Pública/ Instituto Humanitas Unisinos – IHU. no. 16, pp: 1-39.
- _____. (2005b) **Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão**. Edições Loyola: São Paulo, Brasil.
- LUBICH, C. (2003) **Ideal e luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido**. VANDELEENE, M, (Org.) São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova.
- LUTERO, M. (2004) **Martinho Lutero: obras selecionadas**, v.1, Primórdios – Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Corcórdia, Canoas: Ulbra.

JELIN, E. (2005) **Las familias latino-americanas en el marco de las transformaciones globales: Hacia una nueva agenda de políticas públicas**. REUNIÓN DE EXPERTOS “POLÍTICAS HACIA LAS FAMILIAS, PROTECCIÓN E INCLUSIÓN SOCIALES”. CEPAL, 28 y 29 de junio, Sala Medina.

MAGRINI, M. (2007) *Un raggio di Luce: Riflessioni sulla spiritualità di Chiara Badano*. Milano: San Paolo.

_____. (2010) *UNO SGUARDO LUMINOSO: Beata Chiara Badano*. Milano: San Paolo.

MACHADO, M, das D. (2006) **Religião, família e individualismo**. In DUARTE, L, F, D & HEILBORN, M, L & BARROS, M, L, de & PEIXOTO, C. (Orgs.) *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

MARIZ, C, L. & MACHADO, M, das D, C. (1994) **Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais**. Comunicações ISER, n.45.

_____. (1998) **Mudanças recentes no campo religioso brasileiro** In *Antropolítica*, Niterói, n. 5, p. 21 – 43.

MARIZ, C, L. (2005a) **‘De volta à dança do sincretismo’: um diálogo com Pierre Sanchis**. Mimeografado.

_____. (2003) **RAINHA DOS ANJOS: A APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA EM ITAIPU, NITTEÓI (RJ)** In STEIL, C, A & MARIZ, C, L, & REESINK, M, L (Orgs.) *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre as aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

_____. (2005) **Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião**. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v.17, n.2, pp. 253-273.

_____. (2006a) **Comunidades de Vida no Espírito: Um novo modelo de família?** In DUARTE, L, F et alli (Orgs.) *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, pp. 236-286.

_____. (2006b) **Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade**. In TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

MARTÍN, E. (2007) **Gilda, el ángel de la cumbia. Prácticas de sacralización de una cantante argentina**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 27(2): 30-54, 2007.

MATOS, S, S. (2005) **O Encontro para a Consciência Cristã – O que pensam seus adeptos sobre o Movimento Nova Era**. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Mimeografado.

- _____. (2009) **Tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos em Campina Grande – PB**. Dissertação. Universidade Federal de Recife – UFPE/CFCH.
- _____. (2010) **Comunidades de Vida e os novos modelos de família em trânsito** In: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, Belém.
- _____. (2011) **Juventude, virtuosismo religioso, e as novas formas de santidade no catolicismo** In: XVI Jornadas sobre Alternativas Religiosas en America Latina, 2011, Punta del Este: ACSRM.
- MAUSS, M & HUBERT, H. (2005) **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac & Naif.
- MENEZES, R, de C. (1996) **Devoção, Diversão e Poder: Um estudo antropológico sobre a Festa da Penha**. Dissertação. PPGAS/ MUSEU NACIONAL/ UFRJ.
- MIATELLO, A, L, P. (2010) **Retórica religiosa e cívica na Itália do século XIII: a composição e os usos das hagiografias mendicantes nas políticas de paz**. Tese de Doutorado. PPHS/USP.
- NOVAES, R. C. R. & MELLO, C. C. A (2002) (Org.) **Jovens do Rio: Circuitos, crenças e Cidadania**. Rio de Janeiro: Iser.
- NOVAES, R. C. R. (2004) **Os jovens sem Religião**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 52, p.321-330.
- _____. (2005) **Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos. Notas preliminares**. Revista Estudos Avançados, 18, 52, 2005, pp. 321-330.
- _____. (2006) **Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo**. In TEXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- OCAMPO, J, R. (2010) **JOVÉNES E RELIGIÓN EN UM MUNDO EN CAMBIO. EL CASO DOS JÓVENES CHILENOS**. Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 12, p. 147-156, outubro.
- PAIS, J. M. (1993) **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional de Casa da Moeda.
- PACIOCCO, R. (1997) **“Nondum post mortem beati Antonii annus effluxerat”. La santità romano- apostolica di Antonio e l’esemplarità di Padova nel contesto dei coevi processi di canonizzazione**. In: BERTAZZO, L (Org.). **“Vite” e Vita di Antonio di Padova**. Atti del Convegno internazionale sulla agiografia antoniana. Padova: Centro Studi Antoniani, p. 109-135.

- PEIXOTO, M, C, L. (2006) **“Santos da porta ao lado”: os caminhos da santidade contemporânea Católica**. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS.
- PELLISTRAND, B (2003) **La sainteté contemporaine**. Mélanges de la Casa de Velázquez. 33-2.
- POCHMANN, M. (1998) **Inserção Ocupacional e o Emprego dos Jovens**. São Paulo: UNICAMP/IE/ABET, v. 1.
- PONTIFICIO CONSIGLIO PER I LAICI (2006) **Evangelizzare i giovani oggi: Il contributo di Benedetto XVI**”. Pontificio Consiglio per i Laici, Libreria Editrice Vaticana. Marzo.
- REESINK, M, L. (2003) **NOSSA SENHORA DE ANGUERA, RAINHA DA PAZ E DO MUNDO CATÓLICO CONTEMPORÂNEO** In STEIL, C, A & MARIZ, C, L, & REESINK, M, L (Orgs.) **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre as aparições marianas no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- RIBEIRO, E. & NOVAES, R. C. R. (2009) **Introdução ao livro Sociedades Sul Americanas: o que dizem jovens e adultos sobre suas juventudes**. In: Oscar Dávila. (Org.). **Sociedades Sul-Americanas: o que dizem jovens e adultos sobre suas juventudes**. Rio de Janeiro: Milograph G e ED., p. 9-22.
- RICCARDI, A. (2000) **Il secolo del martírio**. Mondadori: Roma.
- RODRIGUES, D, S. (2009) **Os “sem religião” e a crise do pertencimento institucional no Brasil: o caso fluminense**. Tese. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- ROMUALDO, R. (1988) **Manual Para Instruir los Procesos de Canonización**. Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca. Salamanca.
- RUST, L. D & SILVA, A, C, L, F (2009). **A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito**. História da historiografia. Ouro Preto, número 03 /setembro, pp.135-152.
- SÁEZ, C. (2009) **O que os santos podem fazer pela antropologia?** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 29(2): 198-219.
- SALLMANN, J, M. (1995) **DU BOM USAGE DES SOURCES EM HSTOIRE CULTURELLE. ANALYSE COMPARÈE DES PROCÈS D’INQUISITION ET DES PROCÈS DE BÉATIFICATION**. Revista de História, 133, pp. 37-48.
- SANCHIS, Pierre. (2001) **Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro** In SANCHIS, P. (org.) **Fiéis e cidadãos: Percursos do sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

- SCOTT, P. (2006) **Etnografia, contextualização e comparação no estudo de jovens e famílias**. In: CAMPOS, R. B. C.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.) Pensando família, gênero e sexualidade. 1ª edição Recife: Editora Universitária - UFPE, v. 1, p. 147 - 167.
- _____. (2011a) **Família, gênero e poder no Brasil do século XX**. In SCOTT, Parry. Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- _____. (2011b) **Patriarcalismo e ideias salvacionistas**. In SCOTT, Parry. Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- _____. (2011c) **Família, moralidade e leis**. SCOTT, Parry. Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- SILVA, A. C. L. P. F.(2008) **Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do *Liber Sancti Iacobi* e das Vidas de Santos de Gonzalo de Berceo**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- SJ, B, P, C. (2005) **COLEGIALDADE EPISCOPAL NO VATICANO II: O CONCÍLIO CONVIDA-NOS A RESGATAR UM DADO FUNDAMENTAL NA TRADIÇÃO ECLESIAL**. Persp. Teol. (2005) 199-224.
- SOARES, R, H. & PINTO, S, F. (2010) **Santa Gianna Beretta Molla – um estudo sobre os novos modelos de santidade no catolicismo contemporâneo**. 27º Reunião de Antropologia. Belém.
- SOARES, R, H. (2007) **A produção social do Santo: um estudo do processo de beatificação do Padre Rodolfo Komórek**. Tese. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH.
- SOFIATI, F, M. (2009) **Religião e Juventude: os jovens carismáticos**. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- SUIRE, E. (1998) **La sainteté à l'époque moderne. Panorama des causes françaises (XVIe- XVIIIe siècle)** In Mélanges de l'Ecole française de Rome. Italie et Méditerranée. T. 110, N.2, pp. 921-942.
- _____. (2001) **La sainteté française de La Réforme catholique (XVIe-XVIIIe siècles)**. France : Presses Universitaires de Bordeaux.
- STARK, R & IANNACCONE, L, R. (1994) **“A Supply-Side Interpretation of the Secularization of Europe.”** Journal for The Scientific Study of Religion, 33:230-52.
- TAVARES, F.R.G [et al]. (2004). **Crenças e pertencas, moral e sexualidade na juventude mineira**. *Numen*: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 7, n. I, p. 63-80.

STEIL, C, A. (2001) **Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso**. Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 115-129, oct.

SUFFERT, G. (2001) **Tu és Pedro; santos, papas, profetas, mártires, guerreiros, bandidos**. A história dos primeiros 20 séculos da Igreja fundada por Jesus Cristo. Rio de Janeiro: Objetiva.

TEIXEIRA, F (2002) **INCULTURAÇÃO DA FÉ E PLURALISMO RELIGIOSO**. RELAMI (Rede Ecumênica Latino-Americana de Missiologia@s.

TEIXEIRA, I, S. (2009) **A pesquisa em História Medieval: relatos hagiográficos e processos de canonização**. Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, v.2, p-71-94.

_____ (2011) **HAGIOGRAFIA E PROCESSO DE CANONIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO TEMPO DA SANTIDADE DE TOÁS DE AQUINO (1274-1323)**. Tese de Doutorado. UFRGS/ PPH.

_____ (2012) **O tempo de santidade: reflexões sobre um conceito**. Revista Brasileira de História, v.32, p. 190-195.

THEIJE, M, de & MARIZ, C, L (2008). **Localizing and Globalizing Process in Brazilian Catholicism: Comparing Inculturation in Liberationist and Charismatic Catholic Cultures**. Latin American Research Review, vol 43, Number 1, pp. 33-54.

URBANO, C, M. (2004) **Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas**. Península. Revista de Estudos Ibéricos, nº 1, 2004:269-276.

_____. (2006) **FRANCISCO XAVIER E A POESIA HAGIOGRÁFICA NOVILATINA EM PORTUGAL**. Humanitas 58 (2006) 369-390.

_____. “Maffeo Barberini, Urbano VIII ou o Papa Poeta”, Humanitas 59 (2007) 165-184.

VAUCHEZ, A. (1981) **La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age : d’après les procès de canonisation et les documents hagiographiques**. 2ème éd. Roma : École française de Rome.

_____. (1987) **Santidade**. In ROMANO, R (Org.) 12. Mythos/Logos, Sagrado/Profano. Edição Portuguesa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Enciclopédia Einaudi.

_____ (1989) **O SANTO** In LE GOFF (Org.) O homem medieval. Lisboa: Editora Presença.

- _____ (1995) **A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- VERAJA, F. (1002) **Le cause di canonizzazione dei santi. Commento alla legislazione e guida pratica**. Libreria Editrice Vaticana.
- VILLAR, J. R. (2006) **EL SINODO DE 1985. EL CONCILIO 20 ANOS DESPUES**. SCRIPTA THEOLOGICA 38 (2006/1) 61-72.
- VIZUETE MENDONZA (2004), **La fiesta católica. De la diversidad a la uniformidad de las celebraciones religiosas** In William Christian... [et al.]; coordinadores, Palma Martínez-Burgos García, Alfredo Rodríguez González. La Fiesta en mundo hispánico. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2004.
- WEBER, M. (1980) **Rejeições religiosas do mundo e suas direções**. In Textos Seleccionados, Coleções Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- WILKINSON, I. (2001) **Thinking with Suffering**. Cultural Values. Volume 5 Number 4 October 2001 pp. 421–444.
- WOODWARD, K. (1992) **A fábrica de santos**. São Paulo: Siciliano.
- TERRAIN. (1995) **"La fabrication des saints"**. Terrain n°24 mars.
- ZANZUCCHI, M. (2010) **A Clara Luz de Chiara Luce**. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova.
- ZIEGLER, J. (1999). **Practitioners and saints: medical men in canonization process in the thirteenth to fifteenth centuries**. Social History of Medicine. 09/1999; 12(2): 191-225.
- ZUCCARELLO, U. **Le canonizzazioni e beatificazioni di Giovanni Paolo: quale politica papale della santità?** In Società e storia, 109.

APÊNDICE A - TABELAS

Tabela 9: Beatificações de João Paulo II (1978-2005)
--

Ano	P	C	B	S	R	L	T/A	M*	CR*	CC*	MO*
1979	-	-	-	3	1	1	5	-	5	1	1
1980	-	-	1	2	3	3	9	-	9	-	1
1981	-	-	1	11	5	4	21	16	5	-	-
1982	-	-	-	3	6	7	16	8	8	-	1
1983	-	-	1	4	5	-	10	2	8	-	-
1984	-	-	-	17	7	84	108	100	8	-	-
1985	-	-	-	5	10	1	16	2	14	-	-
1986	-	-	-	2	2	-	4	-	4	-	-
1987	-	2	3	67	9	25	106	94	12	-	-
1988	-	1	-	14	5	2	22	4	18	-	-
1989	-	-	1	27	18	2	48	35	13	-	-
1990	-	-	-	5	13	5	23	13	10	1	-
1991	-	-	1	3	6	-	10	-	10	1	-
1992	-	-	4	39	119	11	173	164	9	-	-
1993	-	-	3	4	18	-	25	12	13	1	-
1994	-	-	-	3	8	3	14	1	13	-	-
1995	-	-	3	48	73	3	127	110	17	-	-
1996	-	1	2	6	6	14	29	18	11	-	-
1997	-	-	3	6	7	1	17	4	13	-	-
1998	-	1	1	9	16	2	29	15	14	-	-
1999	-	-	4	95	19	11	129	117	12	-	-
2000	2	-	1	7	14	32	56	44	12	-	-
2001	-	-	15	142	85	46	288	264	24	-	-
2002	-	-	2	9	5	5	21	7	14	-	-
2003	-	-	1	5	13	2	21	2	19	-	-
2004	-	-	-	5	9	4	18	-	18	-	-
Total	02	05	47	541	482	268	1345	1032	313	04	03

LEGENDA: P - Papa; C - Cardeal; B - Bispo; S - Sacerdote; R - Religioso (a); L - Leigo (a); T/A - Total por ano; M – Márir; CR - Confessor; CC- Conferme di Culto; MO - Missae et officii.

* Os Mártires, Confessores, Conferme di Culto, Missae et officii não entram no somatório total de Beatos. Esta coluna serve apenas para distingui-los.

FONTES: (1) http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/avvenimenti/canonizzazioni-beatificazioni_statistiche_it.html

(2) http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ELENCO_BEATI_GPIL.htm

Acesso: 22/05/13

Tabela 10: Canonizações de João Paulo II (1978-2005)

Ano	P	C	B	S	R	L	Total/Ano	M*	C*	CC*
1982	-	-	-	1	3	-	4	1	3	-
1983	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-
1984	-	-	3	8	2	92	105	103	2	-
1985	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1986	-	1	-	1	-	-	2	-	2	-
1987	-	-	-	9	4	4	17	16	1	-
1988	-	-	8	25	33	59	125	120	5	-
1989	-	-	-	1	5	-	6	-	6	-
1990	-	-	-	-	1	-	1	-	1	-
1991	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-
1992	-	-	-	2	-	-	2	-	2	-
1993	-	-	1	1	2	-	4	-	4	1
1994	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1995	-	-	1	4	-	1	6	4	2	-
1996	-	-	-	1	2	-	3	1	2	-
1997	-	-	-	1	-	1	2	-	2	-
1998	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-
1999	-	-	-	5	11	-	16	10	6	-
2000	-	-	6	46	13	86	151	145	6	-
2001	-	-	1	2	6	-	9	-	9	-
2002	-	-	-	4	3	2	9	-	9	-
2003	-	-	2	4	5	1	12	1	11	-
2004	-	-	-	4	1	1	6	-	6	-
TOTAL		1	22	121	92	247	483	402	81	-

LEGENDA: P - Papa; C - Cardeal; B - Bispo; S - Sacerdote; R - Religioso (a); L - Leigo (a); T/A - Total por ano; M – Mártir; CR - Confessor; CC- Conferme di Culto; MO - Missae et officii.

* Os Mártires, Confessores, Conferme di culto, não entram no somatório total de Beatos. Esta coluna serve apenas para distingui-los.

FONTE: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ELENCO_SANTI_GPII.htm Acesso: 24/05/13

Tabela 11: Beatificações de Bento XVI (2005-2013)

Papa	Papa	Cardeal	Bispo	Sacerdote	Religioso	Leigo	Total	Mártir	Confessor
2005	-	1	-	14	5	11	31	22	9
2006	-	-	-	6	9	-	15	1	14
2007	-	-	3	30	472	11	516	504	12
2008	-	-	-	7	10	185	202	188	14
2009	-	1	1	1	3	1	7	1	6
2010	-	1	1	5	6	5	18	4	14
2011	1	-	2	9	36	1	49	35	14
2012	-	-	-	6	19	4	29	16	13
2013	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	1	3	7	78	560	218	867	771	96

FONTES:

Até o ano de 2009 consultado em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/index_blessed_po.html
Acesso: 24/01/13.

De 2009 em diante pesquisados nos sites:

Homilias de Bento XVI: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2013/index_po.htm acesso: 24/01/13

Angelus Regina Coeli de Bento XVI: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2013/index_po.htm

Discursos do Secretário de Estado Cardeal Tarcisio Bertone: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/index-bertone_po.html Acesso: 30/05/13.

Exortações Apostólicas de Bento XVI: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/index_po.htm Acesso: 30/05/13.

Audiências de Bento XVI: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/index_po.htm

Ufficio dele Celebrazioni Liturgiche del Sommo Pontefice: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/documents/ns_liturgy_archive_it.htm Acesso: 30/05/13.

Tabela 12: Canonizações de Bento XVI (2005-2013)

Ano	Papa	Cardeal	Bispo	Sacerdote	Religioso	Laico	Total	Mártir	Confessor
2005	-	-	1	3	1	-	5	-	5
2006	-	-	1	1	2	-	4	-	4
2007	-	-		3	2	-	5	-	5
2008	-	-	-	1	2	1	4	-	4
2009	-		1	3	6	-	10	-	10
2010	-		-	1	5	-	6	-	6
2011		-	1	1	1	-	3	-	3
2012	-	-	-	2	2	3	7	2	5
2013	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	-	-	4	15	21	4	44	2	42

FONTES:

Até o ano de 2009 consultado em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/index_blessed_po.html
Acesso: 24/01/13.

De 2009 em diante pesquisados nos sites:

Homilias de Bento XVI: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2013/index_po.htm acesso: 24/01/13

Angelus Regina Coeli de Bento XVI: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2013/index_po.htm

Discursos do Secretário de Estado Cardeal Tarcisio Bertone: http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/index-bertone_po.html Acesso: 30/05/13.

Exortações Apostólicas de Bento XVI: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/index_po.htm Acesso: 30/05/13.

Audiências de Bento XVI: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/index_po.htm

Ufficio dele Celebrazioni Liturgiche del Sommo Pontefice: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/documents/ns_liturgy_archive_it.htm Acesso: 30/05/13.

ANEXO A – FOTOGRAFIAS



Legenda 1: Chiara Luce aos 15 anos.



Legenda 2: Chiara Luce aos dezesseis anos.



Legenda 3:Quarto no sótão de Chiara Luce



Legenda 4:Igreja da Santíssima Trindade em Sassello/Itália.



Legenda 5: Cemitério de Sassello/Itália



Legenda 6: Mausoléu da Família Badano



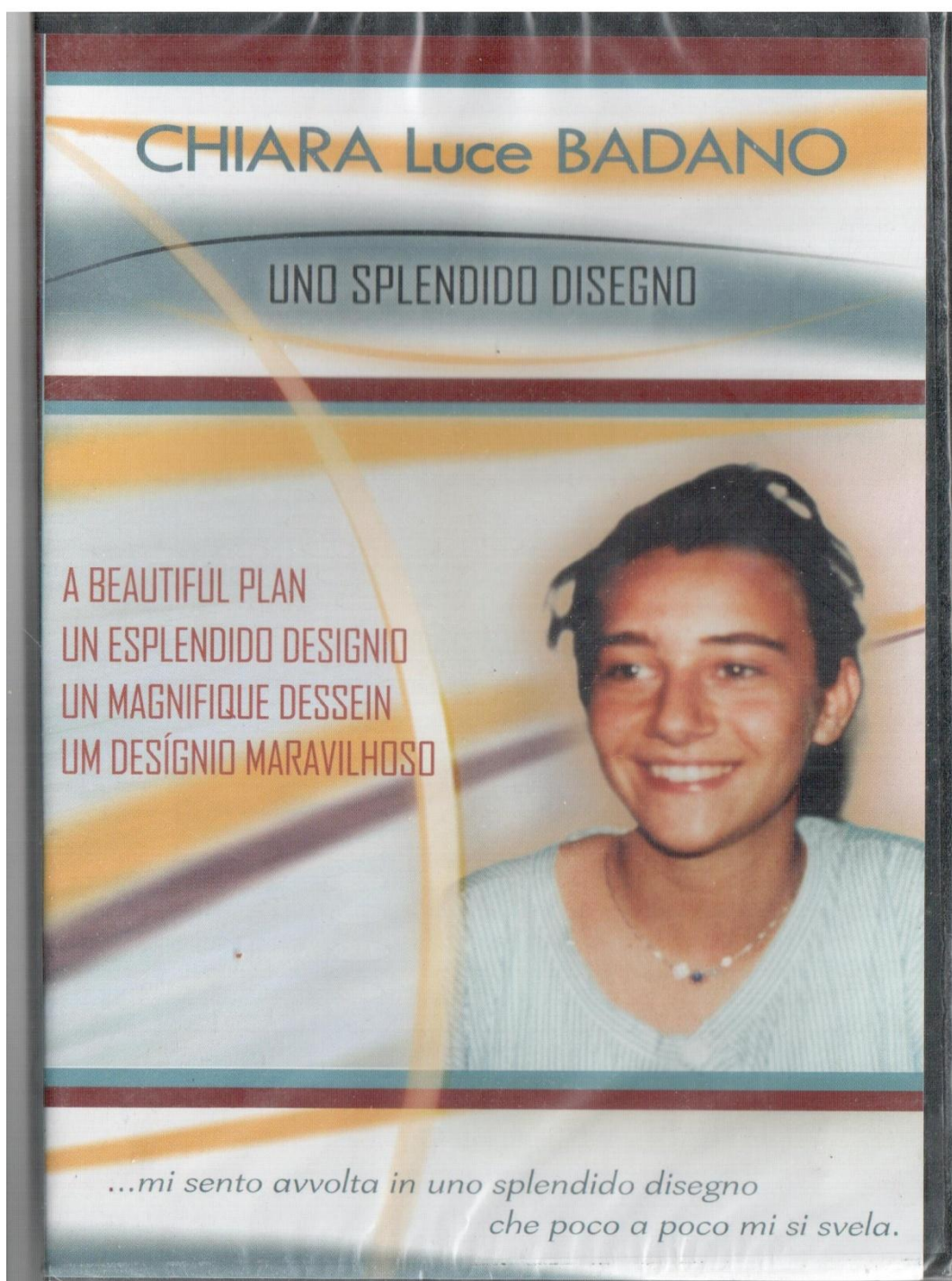
Legenda 7: Mausoléu da Família Badano



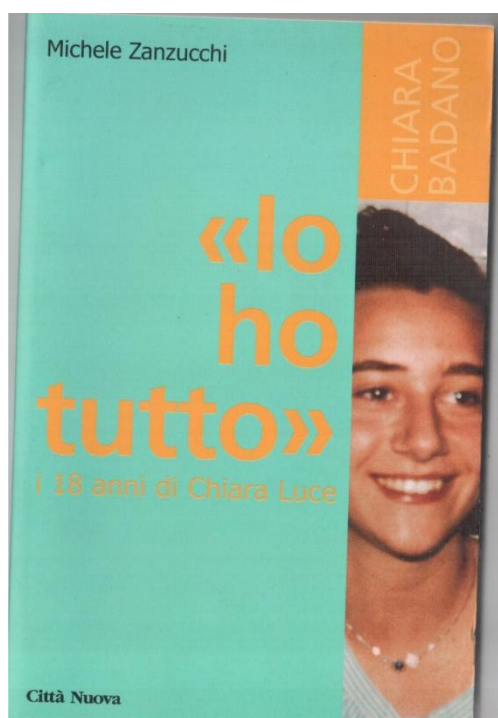
Legenda 8:CD com as músicas em homenagem a beata Chiara Luce.



Legenda 9:CD com as músicas da cerimônia de beatificação de Chiara Luce.



Legenda 10: Documentário sobre a vida de Chiara Luce.



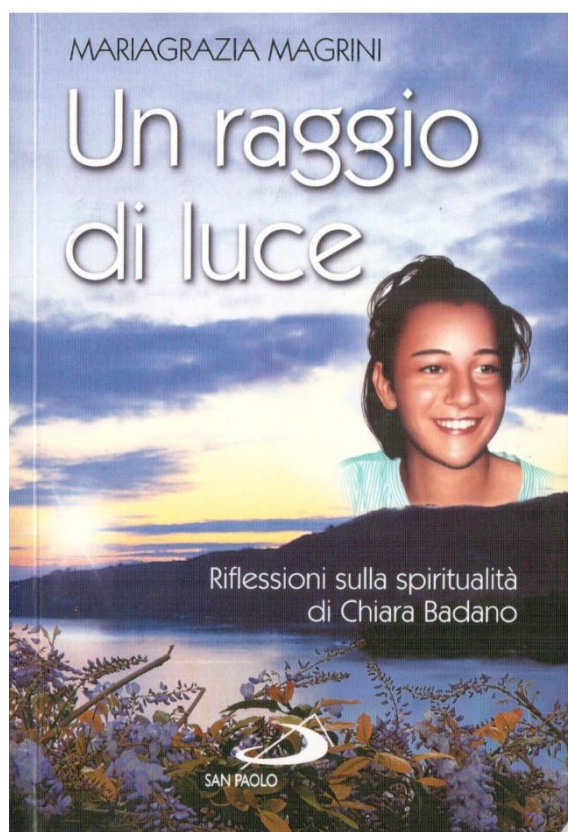
Legenda 11: Biografia de Chiara Luce escrita por Michele Zanzucchi



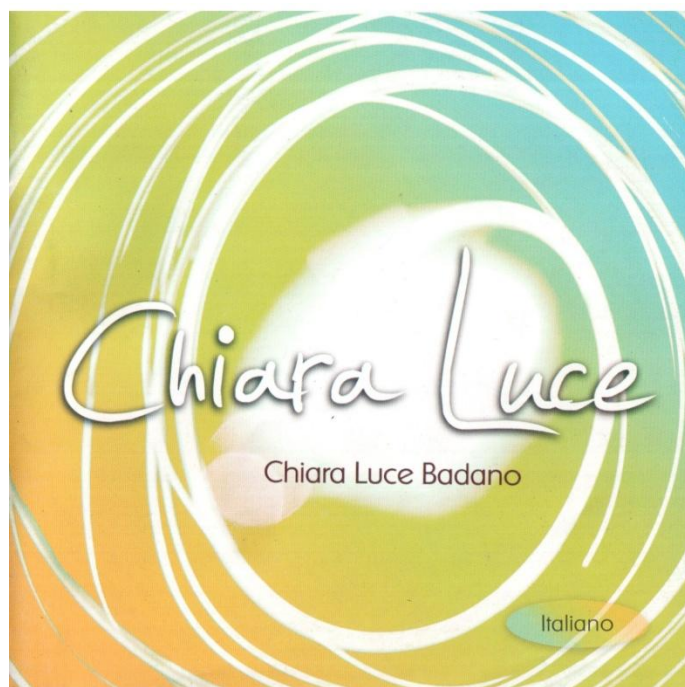
Legenda 13: Biografia de Chiara Luce escrita por Franz Coriasco



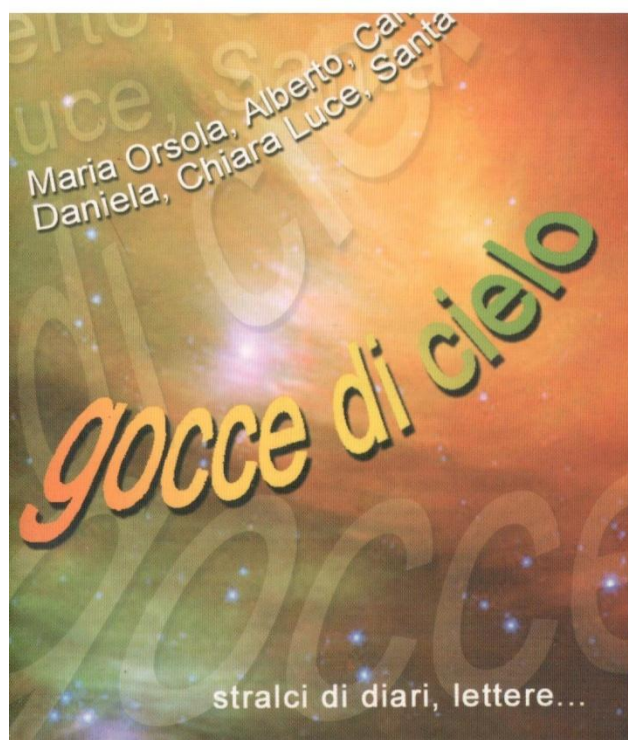
Legenda 12: Biografia de Chiara Luce scritta por Mariagrazia Magrini



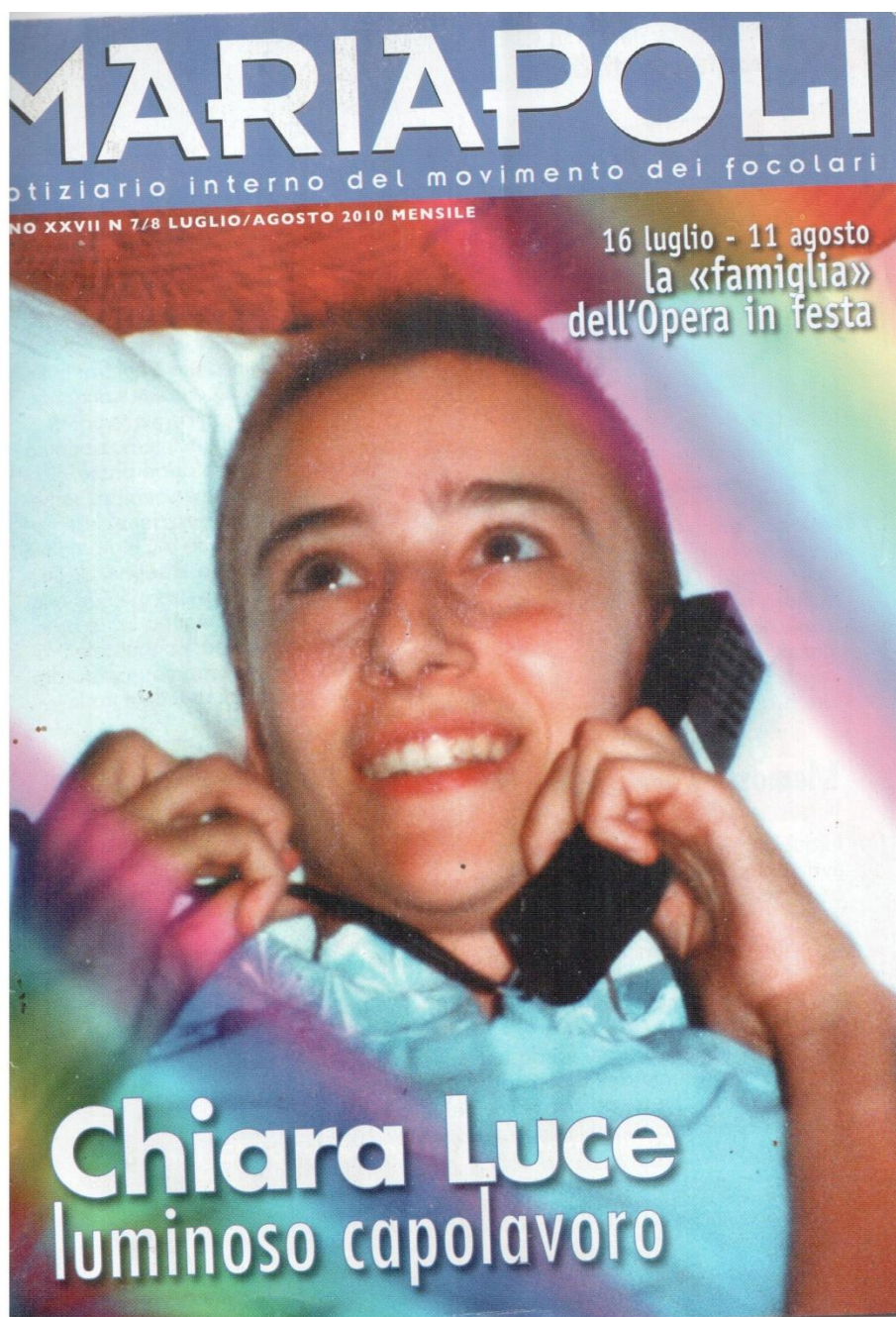
Legenda 14: Biografia de Chiara Luce scritta por Mariagrazia Magrini



Legenda 15: Biografia de Chiara Luce escrita pelo Movimento dos Focolares.



Legenda 16: Biografias dos jovens, veneráveis, servos de Deus e beatos do Movimento dos Focolares.



Legenda 17: Matéria sobre Chiara Luce na Revista Mariapoli



Legenda 18: Folder que conta a história de Chiara Luce.